

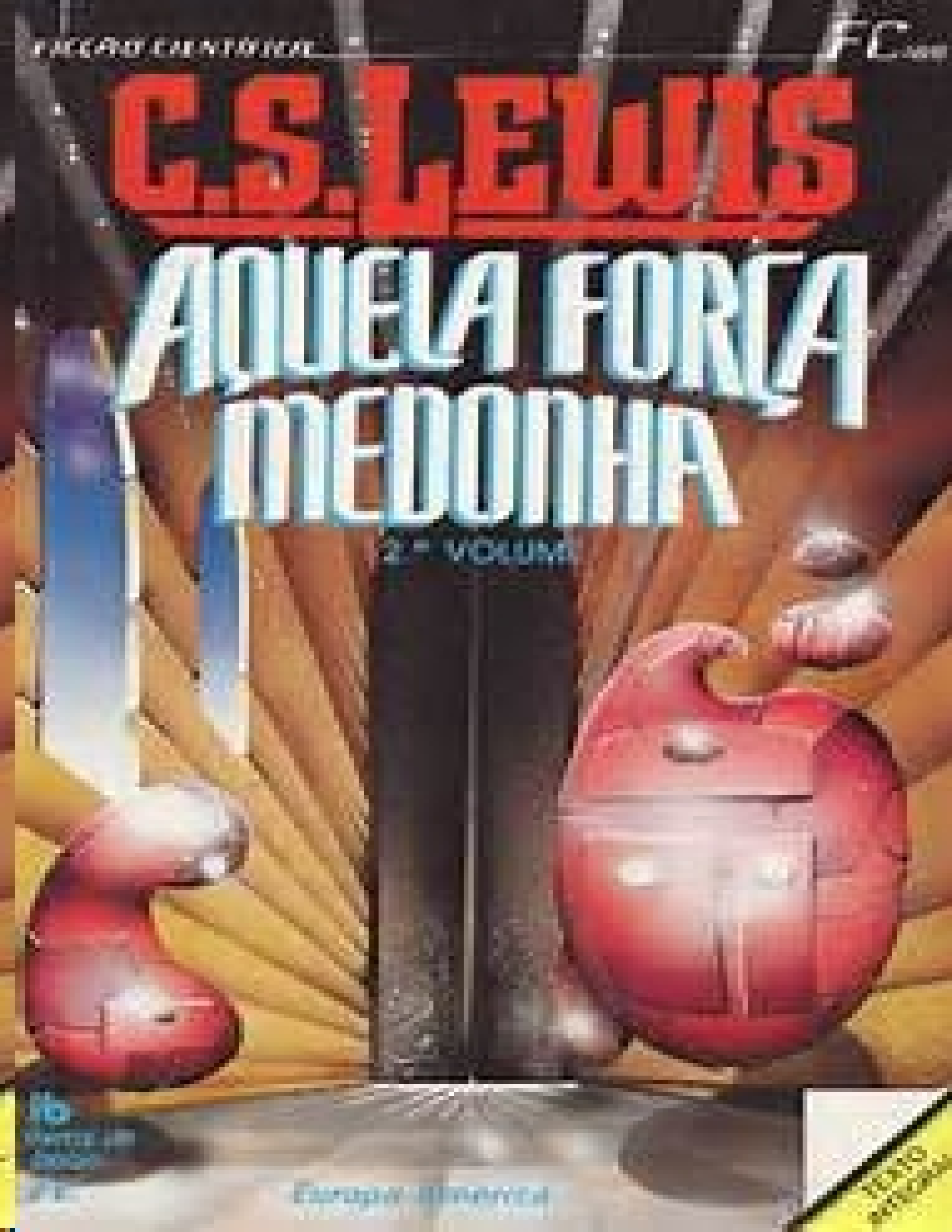
FACEBOOK.COM/FCBOOK

FCBOOK

# C.S. LEWIS

## AQUELA FORÇA MEDOUSA

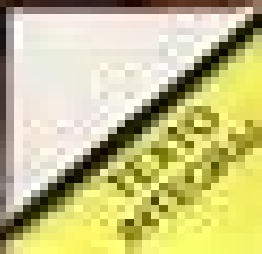
2 VOLUMES



Edição  
de 2014

100 páginas

Editora: *[illegible]*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.com](http://lelivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



A aprovação da própria consciência é uma poção muito forte, em especial para aqueles que não estão habituados a ela. Num espaço de dois minutos Mark passou daquela primeira e involuntária sensação de libertação para uma atitude consciente de coragem, e daí para o heroísmo sem limites. A imagem de si próprio como herói e mártir, como Jack, o matador de gigantes, jogando calmamente as suas cartas, ergueu-se perante ele, prometendo que podia apagar para sempre aquelas outras insuportáveis imagens de si próprio que o tinham perseguido durante as últimas horas. Não era qualquer um, afinal, que era capaz de resistir a um convite como o de Frost. Um convite que fazia apelo às pessoas do lado de lá das fronteiras da vida humana... para dentro de alguma coisa que as pessoas tinham tentado descobrir desde o princípio do mundo... um toque desse cordão infinitamente secreto que era o nervo real de toda a história. Como o teria atraído em tempos!

**C. S. LEWIS**

**AQUELA FORÇA MEDONHA II**

**Título original: That Hideous Strength Tradução de  
Silva Horta Capa: estúdios P. E. A. Depósito legal n.:  
51919/91**

*Publicações Europa-América*



[www.tocadacoruja.net](http://www.tocadacoruja.net)



*Digitalização: YUNA*

*– TOCA DIGITAL Revisão: SUSANA - PDL*

## **CAPÍTULO X A CIDADE CONQUISTADA**

### **I**

Até então, fossem como fossem os seus dias, Mark tinha usualmente dormido bem; naquela noite o sono lhe faltara. Não tinha escrito a Jane; tinha passado o dia a manter-se fora das vistas e a não fazer nada em particular. A noite passada em claro fizera deslocar os seus temores para um novo nível. Era, é claro, um materialista, em teoria; e (também em teoria)

passara da idade em que se podem ter terrores noturnos. Mas agora, com o vento fazendo bater a janela, hora após hora, sentia outra vez esses velhos terrores: o velho esquisito arrepio, como de dedos frios a caminharem delicadamente pelas costas abaixo. De fato, o materialismo não constitui proteção nenhuma. Aqueles que o procuram com essa esperança (não é uma quantidade desprezível) ficarão desapontados. Aquilo que tememos é impossível. Ótimo. Podemos por isso deixar de o temer? Não, aqui e agora. E então, o quê? Se temos de ver fantasmas, é melhor acreditar neles.

O chamaram mais cedo do que o costume, e junto com o seu chá veio uma nota. O diretor-adjunto mandava os seus cumprimentos e lhe pedia que fosse ir ter com ele imediatamente, devido a assunto muito urgente e preocupante. Mark vestiu-se e obedeceu.

Na sala de Wither encontrou este e Miss Hardcastle. Para surpresa de Mark e (nomeadamente) para seu alívio, Wither não mostrou qualquer recordação do último encontro entre os dois. Na realidade, os seus modos eram cordiais, diferentes mesmo, embora extremamente graves.

— Bom dia, bom dia, Sr. Studdock — disse ele. — É com o maior pesar que eu... err... em poucas palavras, não o teria afastado do seu café da manhã a não ser por sentir que, no seu próprio interesse, devia ser colocado a par dos fatos tão cedo quanto possível. Considere, é claro, tudo o que estou prestes a dizer como estritamente confidencial. O assunto é triste ou, pelo menos, embaraçoso. Tenho a certeza de que, à medida que a conversa prosseguir (queira sentar-se, Sr. Studdock) compreenderá, na sua presente situação, como fomos bem sábios ao garantir, desde o início, um serviço de polícia (para lhe dar esse nome infeliz) próprio.

Mark passou a língua nos lábios e sentou-se. — A minha relutância em levantar a questão — continuou Wither — seria, contudo, muito mais séria se não me sentisse em condições de lhe assegurar, adiantadamente, compreenda, a completa confiança que todos temos em si e à qual, eu muito esperava — (aqui, pela primeira vez olhou Mark nos olhos) — o senhor estava correspondendo. Consideramos que aqui somos como outros tantos irmãos e, err, irmãs, de forma que o que quer se passe entre nós, nesta sala, será tido como confidencial, no mais lato sentido possível do termo, e assumo que todos nos sentiremos com direito a discutir o assunto que estou em vias de referir da maneira mais humana e informal possível.

A voz de Miss Hardcastle, entrando subitamente na conversa, teve o efeito não muito diferente de um tiro de pistola.

— Você perdeu a carteira, Studdock? — disse ela.

— A minha, a minha carteira? — disse Mark.

— Sim. Carteira. Bolsa. A coisa onde se guardam cartas e notas.

— Sim. Perdi. Encontrou-a?

— Contém três libras e dez, um talão de vale postal de cinco xelins, cartas de uma mulher que assina Myrtle, do tesoureiro de Bracton, de G. Hernshaw, F. A. Browne, M. Belcher e uma conta de um traje, de Simons & Filho, 32, Rua do Mercado, Edgestow?

— Bem, mais ou menos isso.

— Aí está — disse Miss Hardcastle, apontando para a mesa. — Não, não faça isso! — acrescentou, quando Mark deu um passo em direção à mesa.

— Mas que diabo é tudo isto? — disse Mark. O tom da sua voz era aquele que quase todo e qualquer homem teria usado nas mesmas circunstâncias, mas que os policiais estão prontos a descrever como «esbravejando».

— Nada de mexer — disse Miss Hardcastle. — Esta carteira foi encontrada na relva, ao lado da estrada, a cinco jardas do corpo de Hingest.

— Meu Deus! — disse Studdock. — Não está querendo dizer... isso é um absurdo.

— Não serve de nada dirigir-se a mim — disse Miss Hardcastle. — Não sou advogada, nem júri, nem juiz. Sou apenas uma mulher-polícia. Estou a contar-lhe os fatos.

— Devo entender que sou suspeito de assassinar Hingest?

— Não penso realmente — disse o diretor-adjunto — que precise ter a mais leve apreensão de que exista, nesta altura, qualquer diferença radical entre os seus colegas e o senhor quanto à forma como deve ser encarado este assunto tão penoso. A questão é realmente constitucional...

— Constitucional? — disse Mark, zangado. — Pelo que percebo, Miss Hardcastle está me acusando de assassinato.

Os olhos de Wither fixaram-se nele como se estivessem a uma distância infinita.

— Oh — disse ele —, não acho realmente que isso faça justiça à posição de Miss Hardcastle. [Os elementos no Instituto que ela representa estariam](#) estritamente ultra vires<sup>1</sup> ao fazer qualquer coisa desse tipo dentro do NICE, supondo, mas, puramente para efeitos de discussão, que desejassem, ou viessem a desejar numa fase posterior, fazê-lo, em relação às autoridades externas, as suas funções, como as definimos, seriam absolutamente incompatíveis com qualquer ação do tipo; pelo menos, no sentido em que

entendo que está a usar as palavras.

— Mas é com as autoridades externas que estou preocupado, acho eu — disse Mark. Sua boca ficara seca e tinha dificuldade em fazer-se ouvir. — Tanto quanto consigo perceber, Miss Hardcastle quer dizer que vou ser preso.

— Pelo contrário — disse Wither. — Este é precisamente um daqueles casos em que se vê o enorme valor de possuímos o nosso próprio executivo. Este é um assunto que, receio, lhe podia causar consideráveis inconvenientes se a polícia comum tivesse descoberto a carteira ou se nós estivéssemos na posição de um cidadão comum que sentisse ser seu dever entregar-lhe a carteira, como nós sentiríamos ser nosso dever se alguma vez viéssemos a estar nessa situação tão diferente. Não sei se Miss Hardcastle o esclareceu claramente que foram os agentes dela, e eles apenas, que fizeram esta, err, descoberta embaraçosa.

— Que diabo quer dizer? — disse Mark. — Se Miss Hardcastle não pensa que existe, em princípio, um caso contra mim, por que então estou sendo acusado desta maneira? E se tem, como é que pode deixar de informar as autoridades?

— Meu caro amigo — disse Wither num tom antidiluviano —, da parte da Comissão não existe o mais leve desejo de insistir em definir, em casos desta natureza, os poderes de ação da nossa própria polícia, e muito menos (que é o que está aqui em causa) os seus poderes de inação. Não penso que ninguém tenha sugerido que Miss Hardcastle devesse ser obrigada, em qualquer sentido que limitasse a sua própria iniciativa, a comunicar às autoridades quaisquer fatos obtidos por ela e pelo seu pessoal, no decurso do seu funcionamento no interior do NICE. As autoridades, pela sua organização intrínseca, têm de se considerar ser menos ajustadas para lidar com inquéritos tão imponderáveis e quase técnicos.

— Se estou entendendo, — disse Mark — Miss Hardcastle pensa que está na posse de fatos que justificam a minha prisão pelo assassinato do Sr. Hingest, mas está amavelmente se oferecendo para os suprimir?

— Entendeu bem, agora, Studdock — disse a Fada. Um momento mais tarde, pela primeira vez na experiência de Mark, acendeu realmente o charuto, soprou uma nuvem de fumaça, e sorriu, ou pelo menos arreganhou os lábios de forma que os dentes ficaram visíveis.

— Mas não é isso que eu quero — disse Mark. Isto não era totalmente verdadeiro. A idéia de ter a coisa silenciada de qualquer maneira e em



quase quaisquer termos, quando pela primeira vez se apresentara, havia alguns segundos, chegara como o ar a quem está a sufocar. Mas alguma coisa como civismo estava ainda viva dentro dele e continuou, quase sem dar por esta emoção, a seguir uma linha diferente. — Não quero isso — disse ele, falando um tanto alto demais. — Sou um homem inocente. Acho que é melhor ir à polícia, quero dizer à polícia autêntica, imediatamente. — Se você quer ser julgado, correndo risco de vida — disse a Fada —, isso é outra questão.

— Quero ser inocentado — disse Mark. — A acusação cairia de uma vez. Não existia nenhum motivo concebível. E tenho um álibi. Todos sabem que dormi aqui essa noite.

— Realmente? — disse a Fada.

— Que quer dizer? — disse Mark.

— Há sempre um motivo, sabe — disse ela. — Para alguém matar alguém. A polícia é apenas humana. Quando a máquina é posta em movimento, naturalmente querem uma condenação.

Mark tentou convencer a si mesmo que não estava assustado. Se ao menos Wither não conservasse todas as janelas fechadas e um lume ardendo furiosamente.

— Há uma carta que você escreveu — disse a Fada.

— Que carta?

— Uma carta para um tal Sr. Pelham, da sua Faculdade, datada de há seis semanas, na qual diz: «Desejo que Bill, o Nevão, pudesse ser levado para um mundo melhor.»

A recordação dessa nota escrita às pressas voltou ao espírito de Mark, como uma dor física aguda. Era o tipo de divertimento tolo que se usava no Elemento Progressista, o tipo de coisa que podia ser dita uma dúzia de vezes por dia em Bracton, a respeito de um adversário ou até a respeito de um chato.

— Como é que essa carta veio parar nas suas mãos? — disse Mark.

— Penso, Sr. Studdock — disse o diretor-adjunto —, que seria muito impróprio sugerir que Miss Hardcastle prestasse qualquer espécie de exposição, em detalhe, quero dizer, do funcionamento da Polícia Institucional. Ao dizer isto, não quero nem por um momento negar que a mais inteira confiança entre todos os membros do NICE seja uma das mais valiosas características que este pode ter, e, na verdade, uma condição sine qua non dessa vida realmente orgânica e concreta que nós esperamos que

ele desenvolva. Mas existem, necessariamente, certas esferas, não nitidamente definidas, é claro, mas que se revelam inevitavelmente em resposta ao ambiente e obediência à intrínseca ethos ou dialética do conjunto, nas quais uma confidência que envolvesse o intercâmbio verbal dos fatos iria, err, iria destruir o seu próprio objetivo.

— Não está pensando — disse Mark — que alguém levaria a sério essa carta?

— Alguma vez já tentou fazer um policial compreender qualquer coisa? — disse a Fada. — Quero dizer, aquilo a que você chama um policial autêntico.

Mark nada disse.

— E não penso que o alibi seja especialmente bom — disse a Fada.—Você foi visto conversando com Bill ao jantar. Foi visto saindo com ele pela porta da frente quando ele foi embora. Ninguém o viu regressar. Nada se sabe dos seus movimentos até à hora do café da manhã na manhã seguinte. Se tivesse ido com ele de carro até à cena do assassinato, teria tido muito tempo para voltar a pé e ir para a cama por volta das 2 horas e 15 minutos. A noite estava gelada, sabe. Não havia razão para os seus sapatos estarem especialmente enlameados ou coisa do tipo.

— Se posso retomar um ponto levantado por Miss Hardcastle — disse Wither —, este é um exemplo muito bom da imensa importância da Polícia Institucional. Há tantas pequenas variáveis envolvidas que não seria razoável esperar que as autoridades normais as compreendessem, mas que, enquanto se mantiverem, por assim dizer, no nosso círculo familiar (eu considero o NICE, Sr. Studdock, como uma grande família) não necessitam desenvolver tendência alguma para conduzir a qualquer erro judiciário.

Devido a alguma confusão mental, que, antes disso, só o assaltava nas salas de tratamento dos dentistas e nos gabinetes dos diretores das escolas, Mark começou quase a associar a situação que parecia estar para metê-lo na prisão com a sua prisão, literalmente falando, pelas quatro paredes daquela sala quente. Se ao menos pudesse sair dali para fora, em quaisquer condições, lá para fora, para o ar livre e para a luz do sol, para o campo, para longe do estalar periódico do colarinho do diretor-adjunto e das manchas vermelhas na ponta do charuto de Miss Hardcastle e do retrato do rei que estava pendurado por cima da lareira da sala.

— Realmente me aconselha, Sr. Diretor — disse ele —, a não ir à polícia?

— A polícia? — disse Wither como se esta idéia fosse completamente nova.

— Não penso, Sr. Studdock, que alguém tenha efetivamente considerado que o senhor deveria tomar qualquer ação irrevogável dessa natureza. Poderá mesmo argumentar-se que por uma tal ação seria culpado, culpado sem intenção, apresso-me a acrescentar, de um certo grau de deslealdade para com os seus colegas e especialmente para com Miss Hardcastle. Estaria, é claro, a colocar-se fora da nossa proteção...

— Essa é a questão, Studdock — disse a Fada. — Uma vez nas mãos da polícia, está nas mãos da polícia.

O momento da decisão de Mark tinha passado por ele sem ele perceber.

— Bem — disse —, que é que propõe fazer?

— Eu? — disse a Fada. — Ficar sentado e quieto. Você teve sorte que fomos nós e não alguém de fora, que encontrou a carteira.

— Sorte não apenas para, err, o Sr. Studdock — acrescentou Wither, suavemente —, mas para o NICE em conjunto. Não poderíamos ficar indiferentes...

— Só há um obstáculo — disse a Fada — e é o fato de não termos apanhado a sua carta para Pelham. Apenas uma cópia. Mas com alguma sorte, não há de ser nada.

— Então não há nada que possa ser feito no momento? — disse Mark.

— Não — disse Wither. — Não. Nenhuma ação imediata de caráter oficial. É, claro, muito aconselhável que aja, como estou certo que o fará, com a maior prudência e, err err, cautela durante os próximos meses. Enquanto estiver conosco, a Scotland Yard há de ver, acho eu, os inconvenientes de tentar atuar, a não ser que tivessem na realidade um caso muito forte. É, sem dúvida, provável que uma certa, err, uma certa prova de força venha a ter lugar entre o executivo oficial e a nossa própria organização, dentro dos próximos seis meses; mas penso que é muito pouco provável que venham a escolher fazer deste caso essa prova. — A atitude de Wither era paternal.

— Mas, quer dizer que já suspeitam de mim? — disse Mark.

— Esperemos que não — disse a Fada. — É claro que querem ter um preso, isso é apenas natural. Mas iam querer um que não os obrigasse a uma busca nas instalações do NICE

— Mas, com os diabos! — disse Mark. — Você não tem esperança de apanhar o gatuno num dia ou dois? Não vai fazer qualquer coisa?

— O gatuno? — disse Wither. — Não houve qualquer sugestão, até aqui, de que o corpo tenha sido roubado.

— Quero dizer o gatuno que roubou a minha carteira.

— Oh, ah, a sua carteira — disse o outro, passando a mão muito suavemente pelo rosto refinado e simpático. — Percebi. Compreendo que está apresentando uma acusação de furto contra pessoa ou pessoas desconhecidas...

— Mas, santo Deus! — bradou Mark. — Não acreditam que alguém a roubou? Pensam que eu próprio estive lá? Ambos pensam que sou um assassino?

— Por favor — disse o diretor-adjunto —, por favor, Sr. Studdock, realmente não deve gritar. Além da indiscrição que constitui, devo lembrar-lhe que está na presença de uma senhora; nada foi dito da nossa parte sobre assassinato, e não foi feita acusação alguma de qualquer natureza. A minha única preocupação é tornar perfeitamente claro o que estamos todos a fazer. Existem, é claro, certas linhas de conduta e uma certa maneira de proceder, as quais são teoricamente possíveis de ser adotadas por si e que nos tornariam muito difícil continuar a discussão. Estou certo de que Miss Hardcastle concorda comigo.

— Para mim está tudo muito simples — disse a Fada. — Porque Studdock haveria de começar a berrar conosco por nós estarmos tentando livrá-lo da prisão, não sei. Mas ele é que tem de decidir. Tenho um dia ocupado e não quero ficar pendurada aqui a manhã toda.

— Realmente — disse Mark —, imaginei que fosse desculpável...

— Queira dominar-se, Sr. Studdock — disse Wither. — Como disse antes, consideramo-nos como uma família e não se exige nada parecido com um pedido de desculpa formal. Todos nos entendemos uns aos outros, e todos deploramos, err, cenas. Permita-me mencionar, da maneira mais amigável possível, que qualquer instabilidade de temperamento seria considerada pela Comissão como, bem, não muito favorável à confirmação da sua nomeação. Estamos todos falando, é claro, dentro da mais estrita confidencialidade.

Mark tinha ultrapassado a preocupação com o emprego pelo significado em si; mas compreendia que a ameaça de demissão era agora uma ameaça de força.

— Lamento se fui rude — disse por fim. — O que me aconselham a fazer?

— Não ponha o nariz fora de Belbury, Studdock — disse a Fada.

— Não penso que Miss Hardcastle lhe pudesse ter dado um conselho melhor — disse Wither. — E agora que a Sra. Studdock vem se juntar aqui, este cativo temporário, compreenda que estou usando essa palavra em

sentido figurado, não será uma privação grave. Tem de considerar este como o seu lar, Sr. Studdock.

— Oh... isso fez lembrar, Sr. Diretor — disse Mark. — Realmente, não estou completamente certo quanto a ter a minha mulher aqui. Efetivamente, ela não se encontra muito bem de saúde...

— Mas, seguramente, nesse caso, deve estar mais ansioso de tê-la aqui?

— Não creio que seja bom para ela, Sr. Diretor.

Os olhos do diretor-adjunto tornaram-se vagos e a voz mais baixa.

— Quase me esquecia, Sr. Studdock — disse ele —, de cumprimentá-lo pela sua apresentação ao nosso chefe. Isso marca uma importante transição na sua carreira. Todos nós sentimos agora que é realmente um de nós, num sentido mais profundo. Estou certo de que nada estará mais longe das suas intenções do que repelir a amigável, quase paternal, preocupação que ele tem consigo. Está muito ansioso por acolher a Sra. Studdock entre nós, na mais breve oportunidade.

— Porquê? — disse Mark subitamente.

Wither olhou para Mark com um sorriso indescritível.

— Meu caro rapaz — disse ele. — Unidade, sabe. O círculo familiar. Ela seria, seria uma companhia para Miss Hardcastle! — Antes que Mark pudesse recompor-se desta nova e surpreendente concepção, Wither ergueu-se e arrastou os pés a caminho da porta. Fez uma pausa com uma mão no puxador e pousou a outra no ombro de Mark.

— Deve estar com fome para o seu café da manhã — disse ele. — Não deixe que eu o retarde. Proceda com a maior das cautelas. E... — aqui o seu rosto alterou-se subitamente. A boca largamente aberta pareceu de repente a boca de um animal enraivecido: aquilo que tinha sido o aspecto vago e senil dos seus olhos tornou-se ausência de toda a expressão especificamente humana. — E traga a moça. Compreende. Agarre a sua mulher— acrescentou. — O chefe... não é paciente.

<sup>1</sup> Em latim no texto: fora dos limites. (N. do T.)

## II

Quando Mark fechou a porta atrás de si, pensou imediatamente «Agora! Estão ambos lá dentro. Em segurança pelo menos por um minuto.» Sem nem esperar para pegar o chapéu, caminhou rapidamente até à porta da

frente e pelo caminho de acesso abaixo. Nada, a não ser a impossibilidade física, o impediria de ir a Edgestow e prevenir Jane. Depois disso não tinha nenhum plano. Mesmo a vaga idéia de fugir para a América, que, numa época mais simples, confortara tantos fugitivos, lhe era negada. Já tinha lido nos jornais a calorosa aprovação a todas as obras do NICE por parte dos Estados Unidos e da Rússia. Algum pobre instrumento exatamente igual a ele os tinha escrito. As suas garras estavam cravadas em todos os países: no navio, se conseguisse partir; na lancha, se chegasse a algum porto estrangeiro; os seus ministros estariam à espera dele.

Já tinha passado a estrada; estava na cintura de árvores. Mal tinha decorrido um minuto desde que deixara o gabinete do diretor-adjunto e ninguém o tinha ultrapassado. Mas a aventura da véspera estava para acontecer outra vez. Uma figura alta, curvada, arrastando os pés, rangendo, entoando uma melodia, cortava-lhe o caminho. Mark nunca tinha lutado. Impulsos ancestrais alojados no seu corpo, esse corpo que era em tantos aspectos mais sábio do que o seu espírito, comandaram o soco que atirou à cabeça do seu senil obstrutor. Mas não houve qualquer impacto. A forma desvanecera-se subitamente.

Aqueles que sabem melhor, não chegaram a um acordo quanto à explicação deste episódio. Pode ter sido que Mark, por estar muito agitado tanto naquele momento, como no dia anterior, tenha visto uma alucinação de Wither onde Wither não estava. Pode ser que a contínua aparição de Wither, que quase a todas as horas assombrava tantos corredores e salas de Belbury fosse um fantasma, uma dessas impressões sensoriais que uma personalidade forte na sua desintegração final pode gravar, mais vulgarmente depois da morte mas por vezes antes disso, na própria estrutura de um edifício, e que são removidas não por exorcismos mas por alterações de arquitetura. Ou pode afinal ser que almas que perderam as capacidades intelectuais recebam, na verdade em compensação e por um curto período, o vão privilégio de assim se reproduzirem em muitos lugares como espectros. De qualquer forma, a coisa, qualquer que ela fosse, desapareceu.

O carreiro corria em diagonal através de um campo de relva, agora polvilhado de geada, e o céu era azul enevoadado. Depois vinham uns degraus, e depois disso o carreiro, por três campos ao longo do bordo de um pequeno bosque. Depois um pouco para a esquerda, passando pelos fundos de uma quinta, depois ao longo de um caminho para cavalos através de um bosque. Depois disso ficou à vista o alto da torre de Courthampton; os pés

de Mark estavam agora quentes e começava a sentir fome. Então atravessou uma estrada, passou pelo meio de uma manada de gado que baixava a cabeça e resfolegava na sua direção, passou um ribeiro por uma ponte para peões, e assim chegou aos sulcos gelados da azinhaga que o levou a Courthampton.

A primeira coisa que viu ao chegar à rua da aldeia foi uma carroça de quinta. Uma mulher e três crianças iam sentados ao lado do homem que a conduzia e na carroça estavam empilhados cômodas, armações de cama, colchões, caixas e um canário numa gaiola. Logo atrás seguiam um homem, uma mulher e uma criança, a pé, empurrando um carrinho de bebê; também empilhado com pequenos utensílios caseiros. Depois disso, vinha uma família empurrando um carro de mão, e depois um outro veículo pesadamente carregado, e depois um automóvel velho, a tocar incessantemente a buzina mas sem conseguir sair do seu lugar na procissão. Uma corrente constante de tráfego desta natureza estava passando através da aldeia. Mark nunca vira uma guerra; se tivesse visto, teria reconhecido imediatamente os sinais de fuga. Em todos aqueles cavalos e homens que caminhavam a custo e em todos aqueles veículos carregados teria lido claramente a mensagem: «Inimigo atrás de nós!»

O trânsito era tão contínuo que levou muito tempo para chegar ao cruzamento junto à taberna onde podia encontrar um horário de ônibus, encaixilhado e com vidro. Não havia ônibus para Edgestow até às 12 horas e 15 minutos. Deixou-se ficar por ali, nada percebendo do que estava a ver, mas meditando; Courthampton era normalmente uma aldeia muito sossegada. Por uma ilusão feliz e não pouco comum sentia-se menos em perigo, agora que Berbury estava fora das vistas, e pensava surpreendentemente pouco sobre o seu futuro. Pensava às vezes em Jane, e às vezes em ovos com presunto, peixe frito e grandes e cheirosas torrentes de café a encherem amplas xícaras. Às 11 horas e 30 minutos, a taberna abriu. Entrou e pediu uma caneca de cerveja e pão com queijo.

A princípio a loja estava vazia. Durante a meia hora seguinte, apareceram homens, um a um, até estarem presentes uns quatro. A princípio não falavam da infeliz procissão que continuava todo aquele tempo a passar pelas janelas. Durante um tempo, na verdade, não disseram nada. Então um homem muito baixo com uma cara como uma batata velha observou, sem se dirigir a ninguém em particular

— Vi o velho Rumbold na outra noite. — Ninguém replicou durante cinco minutos e então um homem muito novo, de grevas\*, disse:

— Acho que ele se arrepende de ter tentado. — A conversa sobre Rumbold arrastou-se neste estilo por algum tempo. Só quando o assunto sobre Rumbold ficou completamente esgotado é que a conversa, muito indiretamente e por frases graduais, começou a espalhar alguma luz sobre a corrente de refugiados.

— Continuam a sair — disse um homem. — Ah — disse outro. — Já não pode haver muitos por lá, agora. — Não sei onde é que todos se vão meter. Pouco a pouco a coisa foi aparecendo. Aqueles eram os refugiados de Edgestow. Alguns tinham sido postos fora das suas casas, alguns assustados pelos tumultos e ainda mais pela restauração da ordem. Algo parecido com o terror parecia ter sido estabelecido na cidade.

\* Grevas: bandas de feltro, lã, etc., com que militares e excursionistas resguardam as pernas até o joelho. (Nota da revisora).

— Disseram-me que ontem houve duzentas prisões — disse o patrão. — Ah — disse o rapaz novo. — São tipos duros, esses da polícia do NICE, todos eles. Meteram um susto a valer ao meu velho, é o que lhes digo. — Rematou com uma gargalhada.

— Pelo que ouço, a mácula é tanto da polícia como dos trabalhadores — disse um outro. — Nunca deviam ter trazido aqueles galeses e irlandeses. Mas isso era o máximo a que as críticas chegavam. O que impressionou profundamente Mark era a quase completa ausência de indignação entre os que falavam, ou sequer qualquer simpatia visível pelos refugiados. Cada um dos presentes sabia pelo menos de um abuso em Edgestow, mas todos concordavam que aqueles refugiados deviam estar exagerando um bocado.

— Diz aqui no jornal desta manhã que as coisas estão se acomodando bem — disse o patrão da loja.

— É isso mesmo — concordaram os outros.

— Sempre vai haver os que ficam mal dispostos — disse o homem com cara de batata — De que serve ficar mal disposto — perguntou um outro —, isto tem de continuar. Não pode ser parado.

— É o que eu digo — disse o patrão.

Fragments de artigos que o próprio Mark escrevera andavam para cá e para lá. Aparentemente ele e os da sua espécie tinham feito bem o seu trabalho; Miss Hardcastle tinha avaliado alto demais a resistência das classes trabalhadoras à propaganda.



Quando chegou o momento, não teve nenhuma dificuldade em pegar o ônibus: na verdade, estava vazio, pois todo o trânsito se deslocava na direção oposta. Desceu no alto da Rua do Mercado e pôs-se imediatamente a caminho até o apartamento. A cidade toda ostentava uma expressão nova. Uma casa em cada três estava vazia. Cerca de metade das lojas tinham as janelas tampadas com tábuas. À medida que ganhava altitude e entrava na região de amplas vilas com jardim, notou que muitas delas tinham sido requisitadas e tinham tabuletas brancas com o símbolo do NICE; um macho musculoso nu, segurando um raio. A cada esquina, e muitas vezes entre elas, preguiçava ou vagueava a polícia do NICE, de capacete, balançando os cacetetes, com revólveres em coldres nos seus cintos negros e brilhantes. Os rostos brancos, redondos, de boca aberta remexendo lentamente, enquanto mascavam chicletes, permaneceu muito tempo na sua memória. Havia também avisos por toda a parte que ele não parou para ler; eram intitulados «Regulamento de emergência» e traziam a assinatura: «Feverstone.»

Jane estaria em casa? Sentiu que não suportaria se Jane não estivesse em casa. Apalpava a chave na algibeira muito antes de chegar em casa. A porta da frente estava fechada. Isto queria dizer que os Hutchinsons que ocupavam o andar térreo estavam fora. Abriu a porta e entrou. Na escada parecia haver frio e umidade: frio, umidade e escuro no patamar.

— Ja-ane — gritou ao abrir a porta do apartamento, mas já tinha perdido a esperança. Logo que passou para dentro da porta soube que o lugar estava desabitado. Uma pilha de cartas por abrir jazia no tapete da entrada. Não havia som algum, nem o tique-taque de um relógio. Tudo estava em ordem: Jane devia ter partido, numa manhã qualquer, depois de ter arrumado todos os quartos. As toalhas de chá penduradas na cozinha estavam bem secas: nitidamente não tinham sido usadas, pelo menos, nas últimas vinte e quatro horas. O pão no armário estava duro. Havia uma jarra meio cheia de leite, mas o leite coalhara e não corria. Continuou a deambular de sala para sala bem depois de estar absolutamente certo da verdade, fitando a rancidez e o patético que invade os lares abandonados. Mas, obviamente, não ganharia nada ficando por ali. Uma barafunda de sentimentos pouco razoáveis de zanga subiu dentro dele. Por que diabo Jane não lhe tinha dito que ia embora? Ou alguém a tinha levado? Podia ser que houvesse um recado para ele. Pegou numa pilha de cartas de cima da pedra da lareira da sala, mas eram apenas cartas que ele próprio pusera lá para serem respondidas. Então

notou sobre a mesa um envelope endereçado à Sra. Dimble na sua própria casa, do outro lado do Wynd. Então aquela mulher danada estivera ali! Aqueles Dimbles nunca tinham, sentia ele, gostado dele. Provavelmente tinham pedido a Jane para ficar com eles. Tinham andado a interferir de qualquer maneira, sem dúvida. Tinha de ir lá abaixo a Northumberland e procurar Dimble.

A idéia de estar irritado com os Dimbles ocorreu a Mark quase como uma inspiração. Fanfarronar um pouco como um marido ofendido em busca da esposa seria uma mudança agradável em relação às atitudes que ele recentemente fora compelido a adotar. No caminho para a parte baixa da cidade, parou para tomar uma bebida. Quando chegou ao Bristol e viu lá o cartaz do NICE, quase disse: «Ora bolas» e virou as costas, antes de se lembrar subitamente que ele próprio era um alto funcionário do NICE e de forma alguma um elemento daquele público em geral que o Bristol agora excluía. Perguntaram-lhe quem era à porta e tornaram-se atenciosos quando lhes disse. Havia um lume agradável a arder. Depois do dia desgastante que tinha tido, sentiu-se justificado ao pedir um copioso whisky, e depois desse bebeu um segundo. Isso completou a mudança na sua meteorologia mental, que começara no momento em que primeiro concebera a idéia de ter uma razão de queixa contra os Dimbles. Todo o estado de Edgestow tinha algo a ver com isso. Havia nele um elemento para o qual todas aquelas exibições de poder sugeriam principalmente o quanto mais belo e mais conveniente, tudo visto e considerado, era ser parte do NICE do que estar do lado de fora. Mesmo agora... será que ele estaria levando demasiadamente a sério toda aquela diligência a respeito de um julgamento por assassinato? É claro, aquela era a forma de Wither conduzir as coisas: gostava de ter qualquer coisa pendente em cima de cada um. Era apenas uma maneira de o manter em Belbury e de o fazer mandar chamar Jane. E, ao pensar nisso, por que não? Ela não podia continuar indefinidamente vivendo sozinha. E a mulher de um homem que tencionava fazer carreira e viver no centro das coisas, teria de aprender a ser uma mulher do mundo. De qualquer modo, a primeira coisa era ir ver esse tal Dimble.

Deixou o Bristol, sentindo-se, como teria dito, um homem diferente. A partir dali até o momento da decisão final se lhe apresentar, os homens diferentes dentro dele apareciam com desconcertante rapidez e cada um deles parecia muito completo enquanto durava. Assim, deslizando

violentamente de um lado para o outro, a sua juventude aproximava-se do momento em que ele começaria a ser uma pessoa.

### III

— Entre — disse Dimble, nos seus aposentos em Northumberland. Tinha despachado o seu último aluno daquele dia e tencionava partir para St. Anne's dentro de uns minutos. — Oh, é você, Studdock — acrescentou, quando a porta se abriu. — Entre. — Procurou falar naturalmente mas ficara surpreendido com a visita e chocado pelo que viu. A cara de Studdock parecia ter mudado desde que se tinham encontrado pela última vez; tornara-se mais gorda e mais pálida e na expressão havia uma vulgaridade nova.

— Vim saber de Jane. — disse Mark. — Sabe onde ela está?

— Receio não poder lhe dar o endereço — disse Dimble.

— Quer dizer que não sabe?

— Não posso dá-lo — disse Dimble.

De acordo com o planejamento de Mark, era o ponto em que ele devia começar a tomar uma atitude firme. Mas já não se sentia o mesmo, agora que estava na sala. Dimble sempre o tratara com escrupulosa delicadeza e Mark sempre achara que Dimble não gostava dele. Isso não o fizera não gostar de Dimble. Apenas o fizera desconfortavelmente falador na presença de Dimble e ansioso por agradar. O espírito de vingança não era de forma alguma um dos defeitos de Mark. Pois Mark gostava que gostassem dele. Um tratamento soberbo o fazia se afastar, não sonhando com vingança mas imaginando graças e brilhantes sucessos que um dia haveriam de conquistar a boa vontade do homem que o tratara sobranceiramente. Se alguma vez fosse cruel, seria para baixo, para inferiores ou quem estivesse de fora e solicitasse a sua atenção, não para cima para aqueles que o rejeitavam. Havia nele muito do sabujo.

— O que quer dizer? — perguntou. — Não estou percebendo.

— Se tem alguma consideração pela segurança da sua mulher, não me pedirá que lhe diga para onde ela foi — disse Dimble.

— Segurança?

— Segurança — repetiu Dimble com severidade.

— Segurança em relação a quê?

— Não sabe o que aconteceu?

— O que aconteceu?

— Na noite do grande tumulto, a Polícia Institucional tentou prendê-la. Ela escapou, mas antes foi torturada.

— Torturada? O que quer dizer?

— Foi queimada com charutos.

— É por isso que eu vim aqui — disse Mark. — Jane... receio que ela esteja próxima de um colapso nervoso. Essa tortura na realidade não aconteceu, sabe.

— O médico que tratou as queimaduras pensa de outro modo.

— Santo Deus! — disse Mark — Então realmente fizeram isso. Mas, olhe... Sob o olhar fixo e silencioso de Dimble, achou difícil falar.

— Por que é que não me disseram nada sobre este ultraje? — bradou.

— Os seus colegas? — perguntou secamente Dimble. — É uma estranha pergunta para ser feita a mim. Deve conhecer melhor o funcionamento do NICE do que eu.

— Por que você não me disse? Por que nada foi feito sobre o caso? Já foi à polícia?

— A Polícia Institucional?

— Não, à polícia comum.

— Não sabe que realmente que não ficou nenhuma polícia comum em Edgestow?

— Suponho que ainda há alguns magistrados.

— Há o comissário para emergências, Lord Feverstone. Parece que não está entendendo. Esta é uma cidade conquistada e ocupada.

— Então por que, em nome do Céu, não entrou em contato comigo?

— Consigo? — disse Dimble.

Por um momento, o primeiro em muitos anos, Mark viu a si próprio exatamente como um homem como Dimble o via. Isso quase lhe tirou a respiração.

— Olhe lá — disse ele. — Você não... é demasiado fantástico! Você não vai imaginar que eu sabia disto. Não acredita realmente que eu mandei um policial maltratar a minha própria mulher! — Tinha começado em tom indignado, mas acabou tentando insinuar uma certa jovialidade. Se ao menos Dimble lhe desse a sombra de um sorriso, alguma coisa que levasse a conversa para um nível diferente.

Mas Dimble não disse nada e o seu rosto não se descontraiu. Na verdade, não tinha completa certeza de que Mark não pudesse ter afundado até

àquele ponto, mas, por caridade, não desejava dizê-lo.

— Sei que nunca gostou de mim — disse Mark. — Mas não sabia que era tanto assim. — E de novo Dimble ficou em silêncio, mas por uma razão que Mark não podia adivinhar. A verdade é que a sua seta atingira o alvo. A consciência de Dimble o acusara durante anos de falta de caridade para com Studdock, e tinha lutado para corrigir o fato; estava lutando agora.

— Bem — disse Studdock, num tom seco, depois do silêncio ter durado vários segundos —, não parece haver muito mais para dizer. Insisto que me diga onde está Jane.

— Quer que ela seja levada para Belbury?

Mark encolheu-se. Era como se o outro tivesse lido o pensamento que tivera no Bristol meia hora antes.

— Não vejo, Dimble — disse —, porque é que deva ser interrogado desta maneira. Onde está a minha mulher?

— Não tenho autorização para lhe dizer. Não está em minha casa nem sob a minha proteção. Está bem, feliz e em segurança. Se você ainda tem o mais ligeiro interesse na felicidade dela não fará qualquer tentativa de entrar em contacto com Jane.

— Sou alguma espécie de leproso ou criminoso para nem sequer poder saber o endereço dela?

— Me desculpe. Você é membro do NICE, que já a insultou, torturou e prendeu. Depois da sua fuga, ela foi deixada em paz, mas apenas porque os seus colegas não sabem onde ela está.

— Se foi realmente a polícia do NICE, você acha que eu não vou arrancar deles uma explicação muito completa? Que raio, por quem você me toma?

— Só tenho esperança de que não tenha nenhum poder no NICE. Se não tiver poder nenhum, então não pode protegê-la. Se tiver, então está identificado com a sua política. Em nenhum dos casos irei ajudá-lo a descobrir onde é que Jane está.

— Isto é fantástico — disse Mark. — Mesmo que eu, neste momento, tenha um emprego no NICE, você me conhece.

— Eu não o conheço — disse Dimble. — Não tenho qualquer idéia dos seus alvos ou objetivos.

Para Mark, parecia que Dimble olhava para ele, não com raiva ou com desprezo, mas com aquele grau de repugnância produzida por uma espécie de embaraço, como se ele fosse uma obscenidade que as pessoas decentes, por vergonha, eram obrigadas a fingir que não tinham notado. Mark estava

absolutamente enganado nisto. Na verdade a sua presença estava atuando sobre Dimble como um apelo a um rígido controle de si mesmo. Dimble estava simplesmente tentando, com muita força, não odiar, não desprezar, e acima de tudo, não saborear o odiar e o desprezar, e não fazia idéia de como este esforço imprimia ao seu rosto uma aparência de severidade. Todo o resto da conversa foi conduzido debaixo deste mal-entendido.

— Houve um engano ridículo qualquer — disse Mark. — Eu lhe digo que vou examinar tudo completamente. Vou fazer muito barulho. Suponho que algum policial recém alistado se embebedou ou coisa assim. Bem, será despedido. Eu...

— Foi o chefe da vossa polícia, a própria Miss Hardcastle, quem fez isso.

— Muito bem. Hei de despedi-la então. Pensa que ela ia ficar depois de uma coisa destas? Mas tem de haver um engano qualquer. Eu não posso...

— Conhece Miss Hardcastle muito bem? — perguntou Dimble. Mark ficou silencioso. E pensou (totalmente enganado) que Dimble estava lendo o seu pensamento e aí vendo a sua certeza de que Miss Hardcastle tinha mesmo feito e que ele não tinha mais poder de lhe exigir contas do que fizera, do que teria de fazer parar a rotação da Terra.

Subitamente a imobilidade da cara de Dimble modificou-se, ele falou num tom diferente.

— Você dispõe dos meios de fazê-la prestar contas? — disse. — Está tão próximo da cúpula de Belbury assim? Se é assim, então consentiu no assassinato de Hingest, no assassinato de Compton. Se é assim, foi sob as suas ordens que Mary Prescott foi violentada e espancada até à morte nos barracões atrás da estação. É com a sua aprovação que criminosos estão sendo retirados das prisões, para onde juízes britânicos os mandaram depois de condenados por júris britânicos, e enviados para Belbury para serem submetidos, durante um período indefinido, àquelas torturas e ataques à identidade pessoal a que vocês chamam «tratamento reparador». Foi você quem expulsou duas mil famílias dos seus lares para morrerem de frio em cada vala daqui até Birmingham ou Worcester. É você quem pode nos dizer porque é que Place e Rowley e Cunningham (com 80 anos de idade) foram presos, e onde eles estão. E se você está tão profundamente metido nisso, não só não entregarei Jane nas suas mãos, como não entregaria nem o meu cão.

— Realmente, realmente — disse Mark. — Isso é um absurdo. Sei que duas ou três coisas abusivas foram praticadas. Sempre entram alguns tipos

errados numa polícia, especialmente no início. Mas, quero dizer, eu jamais fiz algo, para você me responsabilizar por cada ato que qualquer funcionário do NICE tenha executado, ou tenha sido dito pela imprensa marrom?

— Imprensa marrom! — trovejou Dimble, que pareceu a Mark ficar até fisicamente maior do que era alguns minutos antes. — Que tolice é essa? Você acha que eu não sei que têm o controle de todos os jornais deste país com exceção de um? E que esse não saiu esta manhã? Os seus tipógrafos entraram em greve. Os pobres idiotas dizem que não vão imprimir artigos que atacam o Instituto do povo. Você sabe melhor do que eu de onde vêm as mentiras em todos os outros jornais.

Pode parecer estranho que Mark, tendo vivido tanto tempo num mundo sem caridade, raras vezes tivesse visto cólera autêntica. Tinha encontrado malícia em abundância, mas toda ela operava por atos de sobrançeria e de escárnio e facadas pelas costas. A testa e os olhos e a voz daquele homem idoso tinham sobre ele um efeito que era repressivo e enervante. Em Belbury usavam-se as palavras «lamuriar» e «vociferar» para descrever qualquer oposição que as ações de Belbury fizessem surgir no mundo exterior. E Mark nunca possuía imaginação suficiente para compreender o que seria realmente «lamuriar» se o encontrasse cara a cara.

— Eu lhe digo que não sabia de nada disso — bradou. — Raios me partam, eu sou a parte ofendida. Da forma como você fala, qualquer pessoa pensaria que foi a sua mulher que foi maltratada.

— E podia muito bem ter sido. E poderá ser. Pode ser qualquer homem ou mulher na Inglaterra. Era uma mulher e uma cidadã. Que importa de quem ela era mulher?

— Mas eu estou lhe dizendo que vou fazer um barulho dos diabos. Hei de correr com a cabra infernal que fez isso, nem que isso signifique correr com todo o NICE.

Dimble não disse nada. Mark sabia que Dimble sabia que ele estava dizendo tolices. Mark, porém, não conseguia parar. Se não fanfarronasse, não saberia o que dizer.

— Antes de aceitar uma coisa dessas — berrou —, abandono o NICE.

— Quer mesmo dizer isso? — perguntou Dimble com um agudo olhar de soslaio. E para Mark, cujas idéias todas eram agora uma confusão fluida de vaidade ferida, medos e vergonhas que o empurravam, aquele olhar pareceu, mais uma vez, acusador e intolerável. Na verdade, tinha sido um

olhar de esperança despertada, pois a caridade tem esperança em todas as coisas. Mas havia cautela nele; e entre esperança e cautela Dimble encontrou-se, outra vez mais, reduzido ao silêncio.

— Posso ver que não confia em mim — disse Mark, chamando ao rosto instintivamente a expressão ofendida e varonil que muitas vezes lhe servira bem nos gabinetes dos diretores de curso.

Dimble era um homem sincero.

— Não — disse ele depois de uma pausa meio prolongada. — Completamente, não.

Mark encolheu os ombros e virou as costas.

— Studdock — disse Dimble. — Não é momento para tolices ou cumprimentos. Pode ser que ambos estejamos a poucos minutos da morte. Provavelmente foi seguido até entrar na Faculdade. E eu, de qualquer maneira, não me proponho morrer com delicadas expressões de insinceridade na boca. Não confio em si. Por que confiaria? Você é (pelo menos em certo grau) cúmplice dos piores homens do mundo. A sua própria vinda até mim nesta tarde pode ser apenas uma armadilha.

— Não me conhece melhor do que isso? — disse Mark.

— Deixe de dizer tolices! — disse Dimble. — Deixe de atitudes e de representar, nem que seja por um minuto. Quem é você para falar dessa maneira? Eles já corromperam homens melhores do que você ou eu, até agora. Straik já foi um homem bom, Filostrato era pelo menos um grande gênio. Mesmo Alcasan, sim, sim, sei quem é o vosso chefe, era pelo menos um simples assassino, alguma coisa melhor do que aquilo que fizeram dele até agora. Quem é você para constituir exceção?

Mark susteve a respiração. A descoberta de quanto Dimble sabia tinha subitamente invertido a sua imagem da situação. Não lhe restava lógica alguma.

— Não obstante — continuou Dimble —, conhecendo tudo isto, sabendo que você pode ser apenas a isca na ratoeira, vou correr o risco. Vou arriscar coisas, que as nossas vidas, comparadas com elas, são uma trivialidade. Se você deseja seriamente abandonar o NICE, vou ajudá-lo.

Num momento era como as portas do paraíso se abrissem, então, logo a seguir, a cautela e o desejo incurável de ganhar tempo regressaram. A fenda fechara-se outra vez.

— Eu, eu teria de pensar isso bem — balbuciou.

— Não há tempo — disse Dimble. — E realmente nada há para pensar.



Estou lhe oferecendo um caminho de volta à família humana. Mas tem de vir já.

— É uma questão que afeta toda a minha carreira futura.

— A sua carreira! — disse Dimble. — É uma questão de condenação eterna, ou uma última oportunidade. Mas tem de vir já.

— Não estou compreendendo — disse Mark. — Você continua a sugerir uma espécie qualquer de perigo. Qual é ele? E de que poderes dispõe para me proteger, ou a Jane, se eu...

— Vai ter de se arriscar — disse Dimble. — Não posso lhe oferecer segurança alguma. Não compreende? Agora não existe segurança para ninguém. A batalha começou. Estou lhe oferecendo um lugar no lado certo. Não sei qual vai vencer.

— Na verdade — disse Mark —, estava pensando em sair. Mas tenho de pensar no caso. Você põe as coisas de uma forma bastante estranha.

— Não há tempo — disse Dimble.

— Suponhamos que venha me encontrar consigo outra vez amanhã?

— Sabe se o poderá fazer?

— Ou dentro de uma hora? Veja, isto é apenas razoável. Estará aqui dentro de uma hora?

— Que diferença uma hora pode fazer? Você está só à espera, na esperança de que o seu espírito fique menos claro.

— Mas estará aqui?

— Se insiste. Mas daí não pode vir nada de bom.

— Quero pensar. Quero pensar — disse Mark e saiu da sala sem esperar pela resposta.

Mark tinha dito que queria pensar; na verdade queria álcool e tabaco. Tinha pensamentos em abundância, mais do que desejava. Um pensamento o incitava a agarrar-se a Dimble, como uma criança perdida se agarra a um adulto. Outro murmurava: «Loucura. Não corte com o NICE. Vão vir atrás de si. Como é que Dimble pode salvá-lo? Vai ser morto.» Um terceiro implorava-lhe para não riscar de vez, como perda total, a sua posição ganha com esforço no Círculo Interior de Belbury; tinha, tinha de haver um caminho qualquer entre os dois extremos. Um quarto retraía-se com a idéia de voltar a ver Dimble de novo: a recordação de cada tom de voz que Dimble tinha usado causava-lhe um desconforto horrível. E queria Jane, e queria castigar Jane por ser amiga de Dimble, e queria não tornar a ver Wither outra vez, e queria arrastar-se de volta e acertar as coisas com

Wither de alguma maneira. Queria estar totalmente seguro e, contudo, ser também muito indiferente e arrojado, ser admirado entre os Dimbles pela sua honestidade varonil e ao mesmo tempo, porém, pelo realismo e esperteza em Belbury, beber mais dois grandes whiskies e também raciocinar muito clara e calmamente. E estava a começando a chover e a cabeça tinha começado a doer outra vez. Raios partissem aquilo tudo. Raios, raios os partissem! Por que é que ele tinha aquela hereditariedade doentia? Por que é que a educação dele fora tão ineficaz? Por que é que o sistema da sociedade era tão irracional? Por que é que ele tinha tão pouca sorte? Começou a andar rapidamente.

Estava chovendo com muita força quando chegou às instalações da Faculdade. Um carro parecia estar estacionado na rua, do lado exterior, e havia três ou quatro homens uniformizados, envergando capas. Lembrou-se mais tarde como o oleado molhado brilhava à luz da lâmpada. Um foco de luz foi apontado na sua cara.

— Desculpe-me, senhor — disse um dos homens. — Tenho de lhe perguntar o seu nome. — Studdock — disse Mark.

— Mark Gainsby Studdock — disse o homem —, é meu dever prendê-lo pelo assassinato de William Hingest.

## IV

O Dr. Dimble seguiu de carro para St. Anne's insatisfeito consigo próprio, perseguido pela suspeita de que se tivesse sido mais sensato ou mais perfeito na caridade para com aquele jovem tão miserável, podia ter feito alguma coisa por ele. «Deixei-me levar pelo meu gênio? Mostrei-me senhor da verdade? Disse-lhe tanto quanto me atrevia?», pensou. Depois veio a profunda desconfiança em si próprio que era habitual nele: «Não foste capaz de tornar as coisas claras por que realmente não o querias? Só querias magoar e humilhar? Saborear a tua própria retidão? Existe dentro de ti também um Belbury inteiro?» A tristeza que o cobriu trazia consigo um ar de novidade. «E assim», citou, do Irmão Lourenço, «assim farei sempre, todas as vezes que Tu me deixares comigo mesmo.»

Uma vez fora da cidade, dirigiu lentamente, quase vagueando sobre rodas. Para oeste o céu estava vermelho e as primeiras estrelas estavam à vista. Lá muito em baixo em relação a ele, num vale, via as luzes já acesas de Cure Hardy. «Graças aos céus fica suficientemente longe de Edgestow

para estar em segurança», pensou. A súbita brancura de um mocho branco, voando baixo, agitou-se através do crepúsculo arborizado à sua esquerda. Deu-lhe uma deliciosa sensação da noite a aproximar-se. Estava cansado de uma forma muito satisfatória; antecipava uma noite agradável e ir para a cama cedo.

— Ele está aqui! O Dr. Dimble chegou — bradou Ivy Maggs, enquanto ele conduzia o carro até à porta da frente do solar.

— Não arrume o carro, Dimble — disse  
Denniston.

— Oh Cecil! — disse a Sra. Dimble, e ele viu o medo na cara dela. Todos na casa pareciam ter estado à espera dele.

Alguns momentos mais tarde, piscando os olhos na cozinha iluminada, viu que aquela não ia ser uma noite normal. O diretor em pessoa estava ali, sentado perto do lume, com a gralha no ombro e com o Sr. Bultitude aos pés. Havia sinais de todos os outros terem jantado mais cedo e Dimble achou-se quase imediatamente sentado no extremo da mesa e a ser bastante excitadamente incitado a comer e a beber pela mulher e pela Sra. Maggs.

— Não pares para fazer perguntas, querido

— disse a Sra. Dimble. — Vai comendo enquanto te contam. Faz uma boa refeição.

— Vai ter de sair outra vez — disse Ivy  
Maggs.

— Sim — disse o diretor. — Vamos finalmente entrar em ação. Lamento mandá-lo sair no

momento em que entra, mas a batalha começou. — Já repetidamente aponte — disse MacPhee — o absurdo de enviar lá para fora um homem mais velho como você, que já teve o seu dia de trabalho, além disso, enquanto eu aqui estou, um sujeito grande e corpulento, sentado sem fazer nada. — Não serve de nada, MacPhee — disse o

diretor —, você não pode ir. Por um lado não conhece a língua. E por outro, sendo franco, nunca se colocou sob a proteção de Maleldil.

— Estou perfeitamente pronto — disse MacPhee —, nesta e para esta emergência, para aceitar a existência desses seus edils e de um ser chamado Maleldil que eles consideram como seu rei. E eu...

— Você não pode ir — disse o diretor. — Não vou mandá-lo. Seria como mandar uma criança de 3 anos combater um tanque. Ponha o outro mapa na mesa onde Dimble o possa ver enquanto vai prosseguindo a sua refeição. E agora, silêncio. Esta é a situação, Dimble. O que estava debaixo de Bragdon era um Merlin vivo. Sim, adormecido, se gostar de chamar àquilo sono. E ainda nada aconteceu que mostre que o inimigo o encontrou. Entendeu? Não, não fale, vá comendo. Na noite passada, Jane Studdock teve o sonho mais importante de todos que teve. Lembra-se que num sonho anterior ela viu (ou assim eu pensei) o próprio lugar onde ela estava, debaixo de Bragdon. Mas, e este é um ponto importante, não é alcançado por um poço e uma escada. Ela sonhou que ia por um túnel comprido com uma subida muito gradual. Ah, está a começar a ver a coisa. Tem razão. Jane pensa que pode reconhecer a entrada para esse túnel: debaixo de um monte de pedras no extremo de uma mata com... o que era, Jane?

— Uma cancela branca, senhor. Uma cancela comum, com quatro barras e uma peça atravessada. Mas esta peça estava partida a cerca de um pé do topo.

— Está percebendo, Dimble? Existe uma probabilidade muito boa de que este túnel vá dar fora da área nas mãos do NICE.

— Quer dizer — disse Dimble — que nós agora podemos chegar debaixo de Bragdon sem entrar em Bragdon.

— Exatamente. Mas isso não é tudo. Dimble, mastigando sem parar, olhava para

ele.

— Aparentemente — disse o diretor —, é quase tarde demais para nós. Ele já estava acordado. Dimble parou de comer.

— Jane encontrou o lugar vazio — disse Ransom.

— Quer dizer que o inimigo já o encontrou? — Não. Não é assim tão mau. Ninguém

forçou a entrada no lugar. Parece que ele acordou sozinho.

— Meu Deus! — disse Dimble.

— Tente comer, querido — disse a mulher dele.

— Mas o que isso quer dizer? — perguntou Dimble, cobrindo a mão dela com a sua.

— Penso que quer dizer que a coisa foi planejada e programada há muito, muito tempo —

disse o diretor. — Que ele saiu do tempo, entrou no estado paracrônico, com o propósito de voltar neste momento.

— Uma espécie de bomba-relógio humana

— observou MacPhee —, é por isso que... — Você não pode ir, MacPhee — disse o

diretor.

— Ele está fora? — perguntou Dimble. — A esta hora provavelmente está — disse o

diretor. — Diga-lhe como era, Jane.

— Era o mesmo lugar — disse Jane. — Um

lugar escuro, todo de pedra, como uma cave. Reconheci-o logo. E a placa de pedra estava lá, mas

ninguém deitado em cima dela; e desta vez não estava muito frio. Depois sonhei com este túnel...

subindo gradualmente desde o subterrâneo. E havia

um homem no túnel. É evidente que eu não podia

vê-lo: era escuro como breu. Mas era um homem

muito corpulento. Respirando pesadamente. No

princípio pensei que fosse um animal. À medida que

caminhávamos pelo túnel acima, ficou mais frio. Havia ar, um pouco de ar, vindo do exterior. Parecia terminar numa pilha de pedras. Ele estava a removê-las, logo antes do sonho mudar. Então eu estava fora, na chuva. Foi nesse momento que vi a cancela branca.

— Parece, percebe — disse Ransom —, que eles não teriam ainda, ou no momento, estabelecido contato com ele. Esta é agora a nossa única possibilidade, encontrar esta criatura antes que eles o façam.

— Todos terão observado que Bragdon é muito próximo de água — interpôs MacPhee. — Exatamente onde é que se iria encontrar uma cavidade seca, na qual um corpo pudesse conservar-se todos estes séculos, é uma pergunta que merece ser feita. Isto é, se algum de vós está ainda preocupado com provas lógicas.

— Essa é a questão — disse o diretor. — A câmara deve ficar debaixo da elevação, a crista pedregosa a sul do bosque onde ele sobe até Eaton Road. Perto do local onde Storey vivia. É ali que primeiro terá de procurar a cancela branca de Jane. Suspeito que dá para Eaton Road. Ou então para aquela outra entrada, olhe no mapa, a amarela que vai dar no Cure Hardy.

— Podemos estar lá dentro de meia hora — disse Dimble, a sua mão ainda agarrando a da mulher. Para todos na sala, a excitação nauseante dos últimos minutos antes da batalha tinha ficado mais próxima.

— Suponho que tem de ser esta noite? — disse a Sra. Dimble, algo envergonhada.

— Receio que tenha, Margaret — disse o diretor. — Cada minuto conta. Se o inimigo chegar a estabelecer contato com ele, teremos praticamente perdido a guerra. Todo o plano deles provavelmente

assenta nisso.

— É claro. Percebo. Desculpe — disse a Sra. Dimble.

— E qual é o nosso procedimento, senhor?

— disse Dimble, afastando o prato de si e começando a encher o cachimbo.

— A primeira questão é se ele está fora — disse o diretor.

— Não parece provável que a entrada para o túnel tenha estado escondida durante todos estes séculos por nada mais que um monte de pedras soltas. E se esteve, elas não estarão nesta altura muito soltas. Ele pode levar horas para sair. — Vai precisar de pelo menos dois homens

com picaretas... — começou MacPhee.

— Não serve de nada, MacPhee — disse o diretor. — Não vou deixá-lo ir. Se a boca do túnel ainda estiver selada, tem mesmo de esperar lá. Pode ser, porém, que ele tenha poderes que não conhecemos. Se ele tiver saído, terá de procurar rastros.

Graças a Deus é uma noite lamacenta. Terá de o caçar, autenticamente.

— Se Jane vai, senhor — disse Camilla —, eu não podia ir também? Eu tive mais experiência deste tipo de coisas do que...

— Jane tem de ir porque ela é a guia — disse Ransom. — Receio que você tenha de ficar em casa. Nós nesta casa somos tudo que resta de Logres.

Você leva no corpo o seu futuro. Como estava dizendo, Dimble, você tem de caçar. Não penso que ele possa ir longe. O país será, é claro, absolutamente irreconhecível para ele, mesmo à luz do dia. — E... se nós encontrarmos, senhor? — É por isso que terá de ser você, Dimble.

Só você conhece a Grande Língua. Se houver poder dos eldils por trás da tradição que ele representava, ele poderá compreendê-la. «Mesmo que ele não a compreenda, a reconhecerá», penso eu. Isso o fará entender que está lidando com mestres. Existe a

possibilidade de que ele pense que você é da gente de Belbury, amigos dele. Nesse caso traga-o logo para cá.

— E se não?

O diretor falou severamente.

— Então você terá de mostrar o seu jogo.

Esse é o momento em que o perigo aparece. Nós não sabemos quais eram os poderes do velho círculo atlanteano: algum tipo de hipnotismo provavelmente cobria a maior parte deles. Não tenha medo; mas não o deixe tentar nenhuma manha. Conserve a mão no seu revólver. Você também, Denniston. — Eu tenho boa mão para o revólver —

disse MacPhee. — E porque é que, em nome de todo o senso comum...

— Você não pode ir, MacPhee — disse o

diretor. — Ele o colocaria a dormir em dez segundos. Os outros estão fortemente protegidos, você

não está. Compreende, Dimble? O revólver na mão, uma prece nos lábios, o espírito concentrado em

Maleldil. Então, se ele resistir, esconjure-o. — O que vou lhe dizer na Grande Língua? — Diga que veio em nome de Deus e de

todos os anjos e no poder dos planetas, da parte de alguém que se sente hoje no lugar do chefe supremo

e lhe ordena que venha consigo. Diga isto agora. E Dimble, que tinha estado sentado direito, e

bastante branco, entre os rostos brancos das duas mulheres, e com os olhos na mesa, ergueu a cabeça e

da sua boca saíram grandes sílabas de palavras que soavam como castelos. Jane sentiu o coração saltar e

tremer com elas. Tudo o mais dentro da sala parecia estar intensamente silencioso; mesmo o pássaro, o

urso e o gato estavam imóveis, olhando fixamente para quem falava. A voz não soava como a própria

voz de Dimble mas como se as palavras se pronunciassem sozinhas através dele, vindas de algum

lugar forte e distante, ou como se não fossem sequer palavras mas autênticas operações de Deus, os



planetas e o chefe supremo. Pois aquela era a linguagem falada antes da queda e para lá da lua e os significados não eram dados às sílabas por acaso, ou habilidade, ou longa tradição, mas eram-lhe verdadeiramente inerentes como a forma do grande sol é inerente à pequena gota de água. Aquela era a própria linguagem tal como saltou pela primeira vez, à ordem de Maleldil, do mercúrio fundido da estrela chamada Mercúrio na Terra, mas Viritilbia no Céu Distante.

— Obrigado — disse o diretor em inglês; e uma vez mais a quente atmosfera doméstica da cozinha fluiu a envolvê-los.

— E se ele vier consigo, está tudo bem. E se não vier, então, Dimble, tem de se apoiar no seu cristianismo. Não tente nenhum estratagemas. Ore as suas preces e conserve a sua vontade firmada na vontade de Maleldil. Não sei o que ele fará. Mas mantenha-se firme. Não pode perder a sua alma, aconteça o que acontecer; pelo menos, por qualquer ação dele, não.

— Sim — disse Dimble. — Compreendo. Houve uma pausa algo prolongada. Depois o diretor falou outra vez.

— Não fique desanimada, Margaret — disse ele. — Se matarem Cecil, a nenhum de nós será permitido viver muitas horas depois dele. Será uma separação mais curta do que a que podia esperar no curso normal da Natureza. E agora, cavalheiros — disse ele — vão querer algum tempo para fazer as vossas orações e para dizer adeus às vossas esposas. Neste momento são 8 horas, tão próximo disso que não faz diferença. Suponhamos que todos se tornem a juntar aqui às 8 horas e 10 minutos, prontos a largar?

— Muito bem — responderam diversas vozes. Jane deu por si sozinha na cozinha com a Sr.<sup>a</sup>

Maggs e os animais, e MacPhee e o diretor. — Está bem, minha filha? —

disse Ransom. — Creio que sim, senhor — disse Jane. O seu estado de espírito real era tal que não podia analisá-lo. A sua expectativa fora levada ao máximo; algo que seria terror se não fosse a alegria, e alegria se não fosse o terror, tomara posse dela, uma tensão absorvente, de excitação e obediência. Tudo o mais na vida dela parecia pequeno e comum comparado com aquele momento.

— Coloque a si mesma em obediência —

disse o diretor —, em obediência a Maleldil. — Senhor — disse Jane —, nada sei de Maleldil. Mas me coloco em obediência a vós. — Isso basta, neste momento — disse o diretor. — Esta é a delicadeza do Céu Distante: que

quando se tem boa intenção, Ele entende que se teve melhor intenção do que se sabia. Não será suficiente para sempre. Ele é muito ciumento, Ele a terá para Ele e mais ninguém, no fim. Mas nesta noite, basta.

— Esta é a coisa mais louca que jamais ouvi

— disse MacPhee.

## **CAPÍTULO XI COMEÇOU A BATALHA**

### **I**

Não consigo ver coisa alguma — disse Jane. — Esta chuva está acabando com o plano todo — disse Dimble, do banco de trás. — Ainda é a Eaton Road, Arthur?

— Creio... sim, lá está a casa da peagem — disse Denniston que ia dirigindo.

— Mas de que é que serve? — disse Jane. — Não consigo ver, mesmo com o vidro abaixado. Podemos já ter passado o lugar não sei quantas vezes. A única coisa a fazer é descermos e seguirmos a pé.

— Acho que ela tem razão, Sr. Professor — disse Denniston.

— Olhem! — disse Jane, subitamente. — Olhem! Olhem! Que é aquilo? Pare.

— Não vejo nenhuma cancela branca — disse Denniston.

— Oh, não é isso — disse Jane. — Olhem para além.

— Não consigo ver nada — disse Dimble.

— Quer dizer aquela luz? — disse Denniston.

— Sim, é claro; aquilo é lume.

— Que lume?

— É a luz — disse ela —, o lume no interior do bosque pequeno. Tinha-me esquecido de tudo a respeito dele. Sim, eu sei: nunca contei a Grace nem ao diretor. Tinha esquecido essa parte do sonho até este momento. Foi assim que ele acabou. Realmente era a parte mais importante. Foi aí que eu encontrei Merlin, sabem. Sentado junto ao fogo num pequeno bosque. Depois de eu ter saído do lugar debaixo da terra. Oh, venham depressa!

— Que acha, Arthur? — disse Dimble.

— Acho que devemos ir onde quer que Jane nos conduza — respondeu Denniston.

— Oh, andem depressa — disse Jane. — Há um portão aqui. Depressa! Fica só a um campo daqui.

Os três atravessaram a estrada, abriram o portão e entraram no campo. Dimble não dizia nada. Interiormente vacilava debaixo do choque e da vergonha do imenso e nauseante medo que surgira dentro dele. Tinha, talvez, uma idéia mais clara do que os outros da espécie de coisas que podiam acontecer quando chegassem ao local.

Jane, como guia, ia primeiro, e Denniston ao lado, dando-lhe o braço e mostrando um ocasional clarão da sua lanterna sobre o terreno desigual. Dimble fechava a retaguarda. Nenhum deles se sentia inclinado a falar.

A mudança da estrada para o campo era como se se tivesse passado de um mundo real para um fantasmagórico. Tudo se tornava mais escuro, mais úmido, mais incalculável. Cada pequena descida era como se se pudesse estar chegando à beira de um precipício. Estavam seguindo por um carreiro ao lado de uma sebe; tentáculos molhados e cheios de espinhos pareciam tentar agarrá-los à medida que avançavam. Sempre que Denniston usava a lanterna, as coisas que apareciam dentro do seu círculo de luz, tufos de erva, sulcos cheios de água, folhas amarelas e sujas, aderindo ao molhado negrume de pequenos ramos cheios de ângulos, e uma vez os dois lumes amarelo-esverdeados dos olhos de um pequeno animal qualquer, tinham o ar de serem mais comuns do que deveriam ter sido; como se, ao ficarem expostas naquele momento, tivessem assumido um disfarce que sacudiriam de novo no momento em que fossem deixadas sós. Pareciam, além disso,

curiosamente pequenas; quando a luz desaparecia, a escuridão fria e ruidosa parecia uma coisa imensa.

O medo que Dimble sentia desde o princípio começou a escorrer para dentro do espírito dos outros, à medida que prosseguiam, como água a penetrar num navio por uma entrada lenta. Compreendiam que não tinham realmente acreditado em Merlin até aquela altura. Tinham pensado que estavam crendo no diretor na cozinha, mas tinham estado enganados. O choque estava ainda para vir. Ali fora, só com a luz vermelha que mudava na frente deles e o negro em toda a volta, é que se começava a aceitar como realidade aquele encontro com algo que morrera e, todavia, não estava morto, algo desenterrado, exumado desse negro poço da História que se situa entre os antigos romanos e o começo dos ingleses. «A Idade das Trevas», pensou Dimble; com que ligeireza se tinham lido e escrito essas palavras. Mas agora iam penetrar exatamente nessa escuridão. Era uma época, não um homem, que os esperava no horrível valezinho.

E, subitamente, toda aquela Grã-Bretanha, que há tanto tempo lhe era familiar como estudioso, ergueu-se como qualquer coisa sólida. Podia vê-la toda. Pequenas cidades decadentes onde a luz de Roma ainda permanecia, pequenos lugares cristãos, Camalodunum, Kaerleon, Glastonbury, uma igreja, uma moradia ou duas, um amontoado de casas, uma fortificação de terra. E depois, começando à distância escassa de uma pedrada para lá dos portões, os bosques molhados, emaranhados e infindáveis, sedimentados com a decomposição acumulada de Outonos que têm vindo a fazer cair as folhas desde antes da Grã-Bretanha ser uma ilha; lobos escapulindo-se, castores construindo, vastos pântanos pouco profundos, trompas em surdina e toques de tambor, olhos dentro das matas, olhos de homem não apenas pré-romanos mas também pré-britânicos, criaturas antigas, infelizes e desapossadas, que se tornaram nos duendes e nos bichos-papões e nos espíritos dos bosques da tradição posterior. Mas pior do que as florestas, as clareiras. Pequenas fortalezas com reis de quem nunca se ouviu falar. Pequenas escolas e templos dos druidas. Casas cuja argamassa fora ritualmente misturada com o sangue de crianças pequenas. Tinham tentado fazer isso a Merlin. E agora, toda essa época, horrivelmente deslocada, arrancada do seu lugar na série do tempo e obrigada a regressar e a desempenhar mais uma vez o seu papel, com dobrada monstruosidade, fluía em direção a eles e, dentro de alguns minutos, ia recebê-los dentro de si própria.

Então houve uma parada. Tinham se enfiado numa sebe. Perderam um minuto para libertar o cabelo de Jane, com o auxílio da lanterna. Tinham chegado ao fim do campo aberto. A luz do lume, que continuava a tornar-se mais forte e mais fraca em alternâncias caprichosas, dificilmente era visível dali. Nada mais havia a fazer a não ser procurar um intervalo ou uma cancela. Afastaram-se muito do caminho em que iam, antes de encontrar. Era uma cancela e não abria: ao descerem do outro lado, depois de pularem por cima dela, enfiaram-se até os tornozelos dentro de água. Durante alguns minutos, arrastando os pés na subida ligeira, perderam o lume de vista, e quando reapareceu estava bem para a esquerda e muito mais longe do que qualquer deles supusera.

Até ali Jane mal tinha tentado pensar no que podia estar na frente deles. À medida que prosseguiam, o significado real daquela cena da cozinha começou a despertar dentro dela. Ele tinha mandado os homens dizerem adeus às esposas. Tinha-os abençoado a todos. Era provável, então, que esta caminhada aos tropeções numa noite de chuva através de um campo lavrado, significasse morte. Morte, a coisa de que sempre se tinha ouvido falar (como o amor), a coisa a respeito da qual os poetas tinham escrito. Então era assim que ia ser. Mas esse não era o ponto principal. Jane estava procurando ver a morte à nova luz de tudo o que tinha ouvido desde que deixara Edgestow. Há muito deixara de sentir qualquer ressentimento contra a tendência do diretor para dispor dela, para a entregar, em dada altura ou em certo sentido, a Mark, e no outro a Maleldil, nunca, em caso algum, para a guardar para si próprio. Ela aceitava isso.

E não pensava muito em Mark, porque pensar nele fazia surgir de uma maneira crescente sentimentos de piedade e de culpa. Mas Maleldil... Até aquela altura não tinha pensado em Maleldil. Não duvidava que os eldils existissem, nem duvidava da existência desse ser mais forte e mais obscuro ao qual eles obedeciam... a quem o diretor obedecia, e através dele todos da casa, até mesmo MacPhee. Se alguma vez lhe tivesse ocorrido que estas coisas poderiam ser a realidade por trás daquilo que lhe tinham ensinado na escola como «religião», tinha posto o pensamento de lado. A distância entre aquelas realidades operacionais e alarmantes e a recordação de, digamos, a gorda Sra. Dimble a orar as suas preces, era vasta demais. Para ela, as coisas pertenciam a mundos diferentes. De um lado, o terror dos sonhos, o êxtase da obediência, a luz e o som que vinham por debaixo da porta do diretor, o grande combate contra um perigo iminente; no outro, o cheiro do

estanho, litografias horríveis do Salvador (aparentemente com sete pés de altura, com a cara de uma moça tísica), o embaraço das aulas de catequese, a nervosa afabilidade dos eclesiásticos. Mas desta vez, podia ser realmente a morte, o pensamento não podia ser posto de lado. Porque agora realmente parecia que quase qualquer coisa podia ser verdade. O mundo já mostrara ser muito diferente daquilo que ela tinha esperado. O velho anel defensivo fora completamente esmagado. Podia acontecer o que quer que fosse a uma pessoa. Maleldil podia ser, crua e simplesmente, Deus. Podia ser que houvesse uma vida depois da morte: um Céu, um Inferno. A idéia luziu no seu espírito por um segundo, como uma faísca que caiu no meio de aparas e depois, um segundo mais tarde, tal como essas aparas, toda a sua mente era um braseiro, ou só com o bastante fora do braseiro para pronunciar uma espécie qualquer de protesto. «Mas... mas isto é insuportável. Tinham de ter me dito.» Não lhe ocorria nesse momento sequer duvidar que, se tais coisas existissem, lhe seriam total e imutavelmente adversas.

— Cuidado, Jane — disse Denniston. — Isso é uma árvore.

— Eu, eu penso que é uma vaca — disse Jane.

— Não. É uma árvore. Olhe. Ali está outra.

— Ssh — disse Dimble. — Este é o tal bosque pequeno de Jane. Já estamos muito perto.

O terreno subia na frente deles por cerca de vinte jardas e fazia uma espécie de barreira em relação à luz do lume. Podiam ver o bosque muito claramente agora, e também as caras uns dos outros, brancas e a piscar os olhos.

— Eu vou primeiro — disse Dimble.

— Invejo a sua coragem — disse Jane.

— Ssh — disse Dimble outra vez.

Caminharam devagar e silenciosamente até o bordo e pararam. Abaixo deles ardia um grande fogo de lenha, no fundo de um pequeno vale estreito. Havia mato por toda a parte, cujas sombras mudavam à medida que as chamas subiam e desciam, e tornavam difícil ver claramente. Para lá do fogo parecia haver um tipo qualquer de tenda grosseira feita de sacas e Denniston pensou ver uma carroça virada de rodas para cima. Em primeiro plano, entre eles e o lume, havia certamente uma chaleira.

— Tem alguém ali? — murmurou Dimble para Denniston.

— Não sei. Espere uns segundos.

— Olhe! — disse Jane subitamente. — Ali! — Quando as chamas se

inclinaram para o lado.

— O quê? — disse Dimble.

— Não o está vendo?

— Não vi nada.

— Pensei ver um homem — disse Denniston.

— Vi um vagabundo comum — disse Dimble. — Quero dizer, um homem em roupas modernas.

— O que ele parecia?

— Não sei.

— Temos de ir lá abaixo — disse Dimble.

— Pode-se ir lá abaixo? — disse Denniston.

— Não neste lado — disse Dimble. — Parece que uma espécie de carreiro vem até ali à direita. Temos de seguir ao longo da orla até encontrarmos o caminho para baixo.

Tinham estado a falar todos em voz baixa e o crepitar do lume era agora o som mais alto, pois a chuva parecia estar passando. Cautelosamente, como tropas que temem os olhos do inimigo, começaram a ladear o bordo da clareira, seguindo furtivamente de árvore para árvore.

— Pare! — sussurrou Jane, subitamente.

— Que é?

— Há alguma coisa se mexendo.

— Onde?

— Ali. Muito perto.

— Não ouvi nada.

— Agora não há nada.

— Vamos em frente.

— Pensa ainda que há alguma coisa, Jane?

— Agora está em silêncio. Havia qualquer coisa. Deram mais alguns passos.

— Ssh! — disse Denniston. — Jane tem razão. Há qualquer coisa.

— Devo falar? — disse Dimble.

— Espere um momento — disse Denniston. — Está ali mesmo. Olhe! Raios! É apenas um burro velho.

— É o que eu dizia — disse Dimble. — O homem é um cigano, um funileiro ou coisa assim. Este é o burro dele. Mesmo assim, temos de ir lá embaixo.

Seguiram. Dentro de uns momentos encontraram-se descendo um carreiro,

com sulcos de rodas e coberto de erva que serpenteava até que a clareira toda se abria diante deles, e agora o lume já não se encontrava entre eles e a tenda.

— Lá está ele — disse Jane.

— Pode vê-lo? — disse Dimble. Não tenho os seus olhos.

— Estou a vê-lo muito bem — disse Denniston. — É um vagabundo. Não é capaz de o ver, Dimble? Um velho de barba hirsuta e enfiado no que parecem ser os restos de um capote e um par de calças pretas. Não está vendo o pé esquerdo dele, estendido, e o dedo grande um pouco no ar?

— Isso? — disse Dimble. — Pensei que fosse uma lenha. Mas você tem melhores olhos que eu. Viu realmente um homem, Arthur?

— Bem, pensei ter visto, senhor. Mas agora não tenho certeza. Acho que os olhos estão ficando cansados. Ele está sentado absolutamente imóvel. Se é um homem, está dormindo.

— Ou morto — disse Jane com um arrepio súbito.

— Bem — disse Dimble. — Temos de descer.

E em menos de um minuto os três desceram para o interior do pequeno vale, passando pelo lume. E ali estava a tenda, e umas miseráveis tentativas de uma cama lá dentro, e um prato de estanho e alguns fósforos no chão e restos de tabaco de cachimbo, mas não conseguiam ver homem nenhum.

## II

— O que não posso entender, Wither — disse a Fada Hardcastle —, é porque não me deixa tentar a sorte com o cachorro. Todas essas suas idéias são tão do tipo de meias medidas: conservá-lo seguro a respeito do assassinato, prendê-lo, deixá-lo toda a noite na cela para pensar no caso. Por que é que continua a embrulhar-se com coisas que tanto podem, como não, dar certo, quando eu, com vinte minutos do meu tratamento, resolveria o assunto? Conheço o tipo.

Miss Hardcastle estava a falar, cerca das dez horas dessa mesma noite chuvosa, com o diretor-adjunto no gabinete dele. Havia uma terceira pessoa presente: o Prof. Frost.

— Garanto-lhe, Miss Hardcastle — disse Wither, fixando os olhos não nela mas na testa de Frost —, que não precisa duvidar de que as suas opiniões a este respeito, ou sobre qualquer outro assunto, vão receber sempre a mais completa consideração. Mas, se me permite dizer, este é um



daqueles casos em que, ahn, qualquer grau sério de interrogatório coercitivo podia derrotar os seus próprios objetivos.

— Porquê? — disse a Fada, de mau humor. — Perdoe-me — disse Wither — por lhe recordar, é claro, não por pensar que não esteja dando atenção a esse ponto, mas simplesmente em termos metodológicos, é tão importante deixar tudo claro, que precisamos da mulher, quero dizer, que seria muito importante acolher a Sra. Studdock entre nós, principalmente por causa da notável faculdade psíquica que dizem que ela possui. Ao usar a palavra psíquica, não estou, compreenda, a comprometer-me com qualquer teoria particular.

— Quer dizer aqueles sonhos.

— É muito duvidoso — disse Wither — qual o efeito que poderia ter nela se a trouxéssemos para aqui à força e depois encontrasse o marido, ahn, nas condições anormais, embora sem dúvida temporárias, que teríamos de antever como resultado dos seus métodos científicos de interrogatório. Correríamos o risco de uma profunda perturbação emocional da parte dela. A própria faculdade podia desaparecer, pelo menos durante muito tempo.

— Ainda não recebemos o relatório da major Hardcastle — disse o Prof. Frost, calmamente.

— Não deu em nada — disse a Fada. — Foi seguido até entrar em Northumberland. Só três pessoas deixaram a Faculdade depois dele: Lancaster, Lyly e Dimble. Ponho-os por essa ordem de probabilidade. Lancaster é um cristão e um homem muito influente. Está na Câmara Baixa de Convocação. Teve muito a ver com a Conferência de Repton. Está ligado a várias grandes famílias eclesiásticas. E escreveu uma quantidade de livros. Tem um interesse real no lado deles. Lyly é um tanto o mesmo tipo, mas tem menos de organizador. Como devem se lembrar, causou muitos prejuízos naquela comissão reacionária sobre educação no ano passado. Ambos eles são homens perigosos. São o tipo de pessoas que conseguem fazer coisas: dirigentes naturais do outro partido. Dimble é um tipo completamente diferente. Com exceção do fato dele ser um cristão, não há realmente muito contra ele. É puramente acadêmico. Não creio que o seu nome seja muito conhecido, exceto por outros estudiosos do seu próprio ramo. Não do tipo que daria um homem público. Não é prático... estaria muito cheio de escrúpulos para ser de alguma utilidade para eles. Os outros sabem uma ou duas coisas, Lancaster em particular. De fato, ele é um homem para o qual podíamos arranjar lugar no nosso próprio lado, se ele

tivesse as opiniões certas.

— Devia dizer à major Hardcastle que já temos acesso à maior parte desses fatos — disse o Prof. Frost.

— Talvez — disse Wither — em vista do adiantado da hora, não desejamos abusar das suas energias, Miss Hardcastle, podíamos passar às partes mais estritamente narrativas do seu relatório.

— Bem — disse a Fada —, eu tinha de seguir os três, com os recursos que eu tinha na altura. Compreendam que o jovem Studdock foi visto dirigindo-se para Edgestow, apenas por sorte. Foi uma bomba. Metade do meu pessoal já estava ocupado com o caso do hospital. Tive de usar todos os que podia. Coloquei uma sentinela e tinha outros seis fora das vistas, na Faculdade; à paisana, é claro. Logo que Lancaster saiu, mandei os três melhores para o vigiarem. Recebi um telegrama deles, há meia hora, de Londres, para onde seguiram Lancaster, de trem. Pode ser que tenhamos qualquer coisa aí. Lyly deu-nos um trabalho do diabo. Parecia estar visitando cerca de quinze pessoas diferentes em Edgestow. Temos todos eles anotados, mandei outros de meus rapazes tomar conta dele. Dimble foi o último a sair. Teria mandado o meu último homem segui-lo, mas nesse momento chegou uma chamada do capitão O'Hara, que queria outro carro. Assim decidi deixar Dimble em paz por esta noite e mandei o meu homem com o que o capitão já tinha. Dimble pode ser apanhado a qualquer momento. Ele vem à Faculdade regularmente todos os dias; e ele é realmente uma nulidade.

— Não compreendo inteiramente — disse Frost — porque é que não tinha ninguém dentro da Faculdade para ver qual a escada para onde foi Studdock.

— Por causa do seu danado comissário para a emergência — disse a Fada.

— Não estamos autorizados a entrar nas faculdades agora, se me dá licença. Eu disse na ocasião que Feverstone era o homem errado. Está tentando jogar dos dois lados. Está por nós contra a cidade, mas quando se trata de nós contra a Universidade, não é de confiança. Registre as minhas palavras, Wither, ainda vai ter problemas com ele.

Frost olhou para o diretor-adjunto.

— Estou longe de negar — disse Wither —, embora sem fechar o meu espírito a outras explicações possíveis, de forma alguma, que algumas das medidas de Lord Feverstone podem ter sido pouco judiciosas. Seria para mim indescritivelmente doloroso supor que...

— Será que precisamos manter aqui o major Hardcastle? — disse Frost.

— Deus lhe abençoe! — disse Wither. — Tem razão! Quase tinha esquecido, minha querida senhora, como deve estar cansada, e como o seu tempo é valioso. Temos de procurar guardá-la para essa espécie particular de trabalho na qual se tem mostrado indispensável. Não nos deve deixar abusar da sua boa disposição. Há uma quantidade de trabalho mais aborrecido e mais rotineiro do qual é razoável que seja poupada. — Levantou-se e abriu a porta para ela passar.

— Não acha — disse ela — que eu devia deixar os rapazes darem só um empurrão em Studdock? Quero dizer, parece tão absurdo estar com todos estes problemas para obter um endereço.

E, subitamente, enquanto Wither estava de pé com a mão no puxador da porta, palaciano, paciente e sorrindo, a expressão desapareceu totalmente do seu rosto. Os lábios pálidos, abertos a ponto de mostrar as gengivas, a cabeça branca e de cabelo ondulado, os olhos papudos, deixaram de apresentar qualquer expressão. Miss Hardcastle teve a sensação de que uma simples máscara de pele e carne estava a fitá-la. Um momento depois ela já tinha partido.

— Me pergunto — disse Wither, enquanto voltava para a sua cadeira — se não estamos a dar importância excessiva a esta mulher de Studdock.

— Estamos atuando de acordo com uma ordem datada de primeiro de Outubro — disse Frost.

— Oh... não estava a discuti-la — disse Wither com um gesto de quem pede desculpa.

— Permita-me que lhe lembre os fatos — disse Frost. — As autoridades tiveram acesso ao espírito da mulher durante apenas um curto espaço de tempo. Inspeccionaram apenas um sonho, um sonho muito importante, que revelou, embora com alguns pontos irrelevantes, um elemento essencial no nosso programa. Isso preveniu-nos de que, se a mulher caísse nas mãos de pessoas mal intencionadas que soubessem explorar a sua faculdade, ela constituiria um perigo grave.

— Oh, com certeza, com certeza. Nunca foi minha intenção negar...

— Esse era o primeiro ponto — disse Frost, interrompendo-o. — O segundo é que o seu espírito se tornou opaco para as nossas autoridades quase imediatamente a seguir. No presente estado da nossa ciência sabemos apenas de uma única causa para tais ocultações. Elas ocorrem quando o espírito em questão se colocou, por escolha própria e voluntária, embora

vaga, sob o controle de qualquer organismo hostil. A ocultação, por conseguinte, enquanto corta o nosso acesso ao sonho, também nos diz que ela, de uma forma ou de outra, ficou sob influência inimiga. Isto, só por si, é um perigo grave. Mas também quer dizer que descobri-la significaria provavelmente descobrir o quartel-general do inimigo. Miss Hardcastle tem provavelmente razão em dizer que a tortura rapidamente induziria Studdock a entregar o paradeiro da mulher. Mas, como o senhor salientou, uma rusga no seu quartel-general, uma prisão, e a descoberta do marido aqui nas condições em que a tortura o deixaria, iria produzir condições psicológicas na mulher que poderiam destruir a sua faculdade. Essa é a primeira objeção. A segunda é que um ataque ao quartel-general do inimigo é muito arriscado. Quase com certeza eles têm proteção de uma espécie com a qual não estamos preparados para lidar. E, finalmente, o homem pode não conhecer o endereço da mulher. Nesse caso...

— Oh — disse Wither —, não há nada que eu deplorasse mais profundamente. O interrogatório científico (não posso aceitar a palavra tortura neste contexto), em casos onde o paciente não conhece a resposta, é um erro fatal. Como homens de sensibilidade, nenhum de nós deveria... e depois, se se prosseguir, o paciente naturalmente não se recupera... e se se para, mesmo um operador experimentado é perseguido pelo receio de que afinal talvez ele soubesse mesmo. Seja como for, não é satisfatório.

— Não existe, de fato, maneira alguma de dar cumprimento às nossas instruções, exceto induzindo Studdock a trazer, ele próprio, a mulher para cá.

— Ou então — disse Wither, com ar um pouco mais sonhador do que o usual — se fosse possível, induzindo nele uma muito mais radical lealdade ao nosso lado do que ele tem mostrado até aqui. Estou falando, meu caro amigo, de uma real mudança de sentimentos.

Frost abriu levemente e estendeu a boca, que era muito comprida, de forma a mostrar os dentes brancos.

— Isso — disse — é uma subdivisão do plano que eu estava a referir. Estava eu a dizer que ele tem de ser induzido a mandar chamar, ele próprio, a mulher. Isso, é claro, pode ser feito de duas maneiras. Ou fornecendo-lhe algum motivo ao nível instintivo, seja por medo de nós ou desejo dela, ou então condicionando-o a identificar-se tão completamente com a causa que compreenderá o motivo real para nos apoderarmos da pessoa dela e atuará em conformidade.

— Exatamente... exatamente — disse Wither. — As suas palavras, como sempre, são um pouco diferentes daquelas que eu próprio escolheria, mas...

— Onde está Studdock, presentemente? — disse Frost.

— Numa das celas aqui — no outro lado.

— Sob a impressão de que foi preso pela polícia comum?

— A isso não posso responder. Presumo que sim. Não faz, talvez, muita diferença.

— E como é que se propõe atuar?

— Propusemos deixá-lo consigo mesmo umas tantas horas, para deixar amadurecer os resultados psicológicos da prisão. Aventurei-me... é claro, com toda a consideração pela Humanidade... a dar valor a algum ligeiro desconforto físico, não recebeu jantar. Teve os bolsos esvaziados. Não desejaríamos que o jovem aliviasse qualquer tensão nervosa, por meio do fumo. Desejamos que o espírito seja entregue aos seus próprios recursos.

— É claro. E a seguir?

— Bem, acho que vem um certo tipo de interrogatório. Este é um ponto sobre o qual consideraria bem-vindo o seu conselho. Quero dizer, quanto a saber se eu, em pessoa, devia aparecer na primeira fase. Estou inclinado a pensar que a aparência do exame pela polícia comum devia ser mantida um pouco mais tempo. Então, numa fase posterior, virá a descoberta de que ainda está nas nossas mãos. Provavelmente não compreenderá bem esta descoberta ao princípio, durante uns tantos minutos. Seria bom deixá-lo perceber só gradualmente que isto de forma alguma o liberta do, err, embaraço resultante da morte de Hingest. Acho que um entendimento mais completo da sua inevitável solidariedade com o Instituto se seguirá então...

— E então tenciona pedir-lhe outra vez para trazer a mulher?

— Eu não faria nada disso — disse Wither. — Se me permite dizer, uma das desvantagens dessa extrema simplicidade e rigor com que você habitualmente fala (por muito que nós os admiremos) é que não deixam lugar para variações delicadas. Ter-se-ia antes esperado por uma explosão espontânea de confiança da parte do próprio rapaz. Algo semelhante a uma exigência direta...

— O ponto fraco do plano — disse Frost — é que está confiando inteiramente no medo.

— Medo — repetiu Wither como se não tivesse ouvido antes a palavra. — Não estou acompanhando inteiramente a ligação das idéias. Dificilmente posso supor que está sugerindo a idéia feita uma vez, se bem me lembro,

por Miss Hardcastle.

— Qual era ela?

— Pois quê! — disse Wither — Se a compreendo bem, ela pensava tomar medidas científicas para tornar a companhia da sua mulher aos olhos do jovem. Algum dos recursos químicos...

— Quer dizer afrodisíacos?

Wither suspirou delicadamente e nada disse.

— Isso é uma tolice, disse Frost. — Não é para a esposa que um homem se volta sob a influência de afrodisíacos. Mas, como eu estava a dizer, acho que é um erro confiar inteiramente no medo. Observei, ao longo de um certo número de anos, que os seus resultados são imprevisíveis: especialmente quando o medo é complicado. O paciente pode ficar aterrado demais para se mexer, mesmo na direção desejada. Se tivermos de desanimar de ter a mulher aqui com a boa vontade do marido temos de usar a tortura e suportar as conseqüências. Mas existem outras alternativas. Existe o desejo.

— Não estou muito certo de o estar acompanhando. Você rejeitou a idéia de qualquer abordagem médica ou química.

— Estava pensando em desejos mais fortes.

Nem nesta fase da conversa, nem em qualquer outra, o diretor-adjunto olhou muito para a cara de Frost; os seus olhos, como de costume, vagueavam por toda a sala ou fixavam-se em objetos distantes. Por vezes estavam fechados. Mas quer Frost quer Wither, era difícil dizer qual, tinham ido deslocando gradualmente a respectiva cadeira, de forma que nesta altura os dois homens estavam sentados com os joelhos quase a tocar-se.

— Tive a minha conversa com Filostrato — disse Frost na sua voz baixa e clara. — Usei expressões que devem ter tornado clara a minha idéia, se ele tem alguma noção da verdade. O seu assistente principal, Wilkins, também estava presente. O fato é que nenhum deles está realmente interessado, segundo pensam, em manter viva a Cabeça e levá-la a falar. Aquilo que a lei diz não lhes interessa realmente. Quanto a qualquer questão sobre o que está efetivamente a falar, não têm curiosidade nenhuma. Fui muito longe. Levantei questões quanto à sua modalidade de consciência, as suas fontes de informação. Não houve resposta alguma.

— Está sugerindo, se entendi bem — disse Wither —, um movimento dirigido a este Sr. Studdock segundo essas linhas. Se bem me lembro, você rejeitou o medo com base em que os seus efeitos não podiam ser realmente

previstos com o rigor que se podia desejar. Mas, ahn, seria o método agora considerado mais de confiança? Mal preciso dizer que compreendo inteiramente um certo desapontamento que pessoas de espírito sério vão sentir face a colegas como Filostrato e o seu subordinado Sr. Wilkins.

— Aí é que bate o ponto — disse Frost. — Temos de evitar o erro de supor que a dominação política e econômica da Inglaterra pelo NICE é mais do que um objetivo acessório: o que nos interessa realmente são os indivíduos. Um núcleo duro e imutável de indivíduos realmente devotados à mesma causa que nós próprios, é isso de que nós necessitamos, e, na verdade, temos ordens para fornecer. Não temos até aqui tido êxito a trazer muita gente para o interior, realmente para o interior.

— Continua a não haver novidades nenhuma do parque de Bragdon?

— Não.

— E você acredita que Studdock podia realmente ser uma pessoa adequada?

— Não deve esquecer — disse Frost — que o valor dele não assenta apenas nas qualidades de vidente da mulher. O casal é eugenicamente interessante. E, em segundo lugar, penso que ele não pode oferecer resistência alguma. As horas de medo na cela e depois um apelo aos desejos que vão abalar o medo, terão um efeito quase certo num caráter daquele tipo.

— É claro — disse Wither — que nada é tanto para ser desejado como a maior unidade possível. Não me suspeitará de subestimar esse aspecto das nossas ordens. Cada novo indivíduo trazido para dentro dessa unidade seria uma fonte da mais intensa satisfação para, ahn, todos os interessados.

Desejo a ligação mais estreita possível. Acolheria uma interpenetração de personalidades tão apertada, tão irrevogável, que quase transcendesse a individualidade. Não precisa duvidar que eu abriria os meus braços para receber, para absorver, para assimilar este jovem.

Estavam agora sentados tão perto um do outro que as caras quase se tocavam, como se fossem amantes prestes a beijar-se. As lentes de Frost refletiam a luz de forma que tornavam invisíveis os olhos: apenas a boca, sorridente, mas não descontraída no sorriso, revelava a sua expressão. A boca de Wither estava aberta, o lábio inferior pendurado, os olhos úmidos, o corpo todo curvado e tombado na cadeira como se o tivessem abandonado. Um estranho teria pensado que tinha estado a beber. Então os ombros contorceram-se e gradualmente começou a rir. Frost não riu, mas o seu sorriso tornou-se de momento a momento mais brilhante e também mais

frio, e estendeu a mão e bateu levemente no ombro do colega. Subitamente naquela sala silenciosa houve um estrondo. O livro *Who's Who* tinha caído da mesa, escorregado para o chão, quando um rápido movimento convulsivo, os dois homens se precipitaram para a frente, em direção um ao outro, e ficaram sentados balançando para cá e para lá, apertados num abraço do qual cada um parecia estar a lutar por escapar. E à medida que balançavam e se arranhavam com mãos e unhas, ergueu-se, agudo e fraco ao princípio, mas depois cada vez mais alto, um ruído cacarejante, que no fim parecia mais um animal do que uma paródia senil do riso.

### III

Quando Mark foi tirado do carro da polícia para a escuridão e chuva e levado rapidamente para dentro de casa, entre dois guardas, e por fim deixado só numa sala pouco iluminada, não fazia idéia alguma de que estava em Belbury. Nem se teria importado muito se tivesse sabido, pois no momento em que fora preso, tinha se desesperado. Ia ser enforcado.

Nunca tinha, até então, estado a curta distância da morte. Agora, pousando os olhos à mão (porque as mãos estavam frias e tinha estado automaticamente a esfregá-las), veio-lhe à mente, como uma idéia totalmente nova, que aquela mesma mão, com as suas cinco unhas e a mancha amarela de tabaco na parte de dentro do segundo dedo, seria um dia a mão de um cadáver, e mais tarde a mão de um esqueleto. Não sentiu exatamente horror, embora ao nível físico tivesse a consciência de uma sensação de estrangulamento; o que lhe fazia vacilar o cérebro era o absurdo da idéia. Aquilo era qualquer coisa inacreditável, porém, ao mesmo tempo inteiramente certa.

Houve uma súbita erupção de lembranças de detalhes horrendos sobre a execução, fornecidos há muito tempo por Miss Hardcastle. Mas essa era uma dose demasiado forte para o consciente aceitar. Pairou em frente da sua imaginação durante uma fração de segundo, fazendo-o se angustiar até uma espécie de grito mental, e afundou-se a seguir numa mancha indistinta. A simples morte voltou a ser objeto de atenção. A questão da imortalidade apresentou-se. Não estava minimamente interessado. O que é que uma vida posterior tinha a ver com o caso? A felicidade em outro mundo incorpóreo qualquer (ele nunca pensava em infelicidade) era totalmente irrelevante para um homem que ia ser morto. O matar era a coisa importante. Visto da



maneira que fosse, aquele corpo, aquela coisa flácida, trêmula, desesperadamente vívida, tão intimamente sua, ia ser transformado num corpo morto. Se houvesse coisas como as tais almas, não se importava com elas. A sensação sufocante, asfixiante, dava a opinião do corpo sobre o assunto com uma intensidade que excluía tudo o mais.

Porque se sentia sufocando, olhou em toda a volta da cela em busca de algum sinal de ventilação. Existia na realidade um tipo de grade por cima da porta. Essa grade e a própria porta eram os únicos objetos onde os olhos se detinham. Tudo o resto era pavimento branco, teto branco, parede branca, sem uma cadeira, ou mesa ou livro ou cabide, e com uma forte luz branca no centro do teto.

Alguma coisa no aspecto do lugar sugeria-lhe agora, pela primeira vez, a idéia de que podia estar em Belbury e não numa delegacia de polícia comum. Mas a faísca de esperança levantada por esta idéia era tão breve a ponto de ser instantânea. Que diferença fazia se Wither e Miss Hardcastle e o resto tinham decidido ver-se livre dele entregando-o à polícia comum ou dando cabo dele em particular, como tinham sem dúvida feito com Hingest? O significado de todos os altos e baixos que tinha experimentado em Belbury parecia-lhe agora perfeitamente simples. Eram todos seus inimigos, jogando com as suas esperanças e receios para o reduzir a completa servidão, prontos a matá-lo se se desligasse, e prontos a matá-lo, a longo prazo, depois de ter servido o propósito para o qual o queriam. Parecia-lhe espantoso que ele alguma vez pudesse ter pensado outra coisa. Como podia ele ter suposto que podia ser alcançada qualquer conciliação real com aquela gente por alguma coisa que ele fizesse?

Que tolo, um tolo arrasado, infantil e crédulo, ele fora! Sentou-se no chão, pois sentia as pernas fracas, como se tivesse caminhado vinte e cinco milhas. Por que é que ele viera para Belbury da primeira vez? Não devia a sua primeira entrevista com o diretor-adjunto tê-lo prevenido, tão claramente como se a verdade estivesse a ser berrada através de um megafone ou impressa num cartaz em letras de seis pés de altura, que ali era o mundo da conjura dentro da conjura, da traição e da dupla traição, das mentiras e negociatas e punhaladas pelas costas, de assassinato e de uma gargalhada de desprezo pelo tolo que perdera o jogo? A gargalhada de Feverstone, naquele dia em que o chamara de «incurável romântico», voltou-lhe à idéia. Feverstone... fora assim que ele viera a acreditar em Wither: seguindo a recomendação de Feverstone. Aparentemente a sua

tolice ia mais atrás. Como diabo ele fora confiar em Feverstone, um homem com a boca de um tubarão, com os seus modos superficiais, um homem que nunca olhava para a cara de ninguém? Jane ou Dimble teriam visto como ele era, de imediato. Tinha «vigarista» escrito sobre todo ele. Apenas era capaz de ludibriar fantoches como Curry e Busby. Mas a verdade, na ocasião em que primeiro encontrara Feverstone, é que não considerava Curry e Busby fantoches. Com extraordinária clareza, com renovado espanto, lembrava-se do que pensara a respeito do Elemento Progressista em Bracton quando fora pela primeira vez admitido na sua confiança; lembrava-se, ainda mais incredulamente, como se sentira um assistente de muito baixa categoria enquanto estivera de fora, como olhara quase com reverência para as cabeças de Curry e Busby, inclinadas juntas, na Sala Geral, ouvindo ocasionais fragmentos da sua conversa em murmúrio, pretendendo entretanto estar ele próprio absorto num periódico, mas desejando, oh, quão intensamente desejando, que um deles atravessasse a sala e viesse falar com ele. E então, ao fim de meses e meses, acontecera. Tinha a imagem dele próprio, o odioso homenzinho que estava do lado de fora e queria passar para o lado de dentro, o tolo infantil, absorvendo as confidências sem importância, ditas em voz rouca, como se estivesse a ser admitido no governo do planeta. Não teria havido nenhum começo para a sua tolice? Teria ele sido sempre um completo tolo desde o dia do seu nascimento? Mesmo quando aluno da escola, quando arruinara o seu trabalho e quase se enchera de desgosto tentando entrar na sociedade chamada Garra, e ao fazê-lo perdera o seu único amigo autêntico? Mesmo criança, lutando com Myrtle porque ela ia falar coisas em segredo com Pamela, na porta ao lado?

Ele próprio não percebia porque é que isto tudo, que era tão evidente agora, nunca anteriormente lhe cruzara o espírito. Não tinha a percepção que tais pensamentos tinham muitas vezes batido à porta para entrar, mas tinham sido sempre excluídos pela muita boa razão de que uma vez que fossem aceitos isso envolveria rasgar a teia toda da sua vida, cancelar quase todas as decisões que a sua vontade alguma vez tomara, e realmente começar outra vez de novo como se fosse uma criança. A massa indistinta de problemas que teriam de ser enfrentados se ele admitisse tais pensamentos, as inumeráveis «várias coisas» acerca das quais «várias coisas» teriam de ser feitas, tinham-no dissuadido de levantar sequer essas questões. Aquilo que agora lhe tinha retirado a venda era o fato de que nada

podia ser feito. Iam enforcá-lo. A sua história estava no fim. Não fazia mal nenhum rasgar agora a teia, pois não ia usá-la nunca mais; não havia conta a pagar (na forma de decisão e reconstrução árduas) pela verdade. Era um resultado da proximidade da morte, que o diretor-adjunto e o Prof. Frost não tinham possivelmente previsto.

No espírito de Mark não havia naquele momento nenhuma considerações morais. Olhava para trás para a sua vida não com vergonha, mas com uma espécie de repugnância pela sua falta de conteúdo. Via-se como rapazinho de calções, escondido nos arbustos ao lado da cerca, para escutar a conversa de Myrtle com Pamela, e tentando ignorar o fato dela não ter o menor interesse por ele. Via-se fazendo de conta que apreciava aquelas tardes de domingo com os heróis atléticos da Garra, enquanto o tempo todo (como agora via) estava quase saudoso por um dos antigos passeios com Pearson, Pearson que ele tanto se empenhara em deixar para trás. Via-se, entre os 10 e os 20 anos, lendo laboriosamente novelas para adultos, que não prestavam para nada, e bebendo cerveja quando na verdade gostava de refresco de gengibre. As horas que tinha gasto a aprender a gíria própria de cada novo círculo que o atraía, o perpétuo assumir interesse em coisas que achava aborrecidas e conhecimentos que não possuía, o sacrifício quase heróico de quase todas as pessoas e coisas de que efetivamente gostava, a tentativa miserável de pretender que se podia gostar da Garra, ou do Elemento Progressista, ou do NICE, tudo isto o assaltava com uma espécie de angústia. Quando foi que ele alguma vez tinha feito aquilo que queria? Convivido com as pessoas de quem gostava? Ou mesmo comido e bebido aquilo que lhe apetecia? A insipidez concentrada de tudo aquilo enchia-o de pena de si mesmo.

Na sua condição normal, explicações que atribuíssem a responsabilidade de toda esta vida de pó e garrafas partidas a forças impessoais e exteriores a ele próprio lhe teriam prontamente ocorrido ao espírito e teriam sido logo aceitas. Teria sido «o sistema», ou «um complexo de inferioridade» devido aos seus pais, ou as peculiaridades da idade. Nenhuma destas coisas lhe ocorria agora. O seu modo de ver «científico» nunca fora uma filosofia autêntica em que acreditasse de corpo e alma. Vivera somente no seu cérebro, e era de parte daquele «eu» público que agora estava a se desfazer. Tinha a percepção, mesmo sem ter sequer de pensar nisso, de que era ele próprio, e mais nada em todo o universo, quem

tinha escolhido o pó e as garrafas partidas, o amontoado de latas velhas, os lugares áridos e sufocantes.

Uma idéia inesperada lhe veio à cabeça. Esta, esta sua morte, seria uma sorte para Jane. Myrtle há muito tempo, Pearson na escola primária, Denniston antes de se formarem, e ultimamente Jane, tinham sido as quatro maiores invasões da sua vida por alguma coisa vinda do lado de lá dos lugares áridos e sufocantes. Tinha conquistado Myrtle, tornando-se o irmão esperto que ganhava bolsas de estudo e convivia com pessoas importantes. Na verdade eram gêmeos, mas depois de um breve período na infância durante a qual ela aparecia como a irmã mais velha, tornara-se mais como uma irmã mais nova e assim se mantivera desde então. Tinha-a arrastado inteiramente para dentro da sua órbita: eram os seus grandes olhos maravilhosos e as ingênuas respostas aos seus relatos dos círculos em que se movimentava que tinham fornecido em cada fase a maior parte do prazer real da sua carreira. Mas pela mesma razão ela cessara de ser a intermediária da vida do lado de lá dos lugares áridos. A flor, uma vez plantada entre as latas, tinha-se ela própria tornado uma lata. Tinha deitado fora Pearson e Denniston. E sabia agora, pela primeira vez, aquilo que secretamente tencionara fazer com Jane. Se tudo tivesse corrido bem, se ele se tivesse tornado a espécie de homem que esperava ser, ela seria a grande anfitriã, a anfitriã secreta no sentido de que apenas alguns muitos esotéricos saberiam quem era aquela mulher fascinante e porque é que interessava imensamente alcançar a boa vontade dela. Bem... era uma sorte para Jane. Parecia-lhe que ela, quando agora pensava nela, tinha em si mesma profundas fontes e prados de felicidade que chegavam aos joelhos, rios de frescura, jardins encantados de lazer, nos quais não podia entrar mas podia ter estragado. Ela era uma daquelas outras pessoas, como Pearson, como Denniston, como os Dimbles, que eram capazes de apreciar as coisas por si mesmas. Não era como ele. Ainda bem que ela ia ficar livre dele.

Nesse momento ouviu o som de uma chave rodando na fechadura da porta da cela. Instantaneamente todos estes pensamentos desapareceram; o simples pavor da morte, secando-lhe a garganta, desabou de novo sobre ele. Pôs-se de pé de um salto e ficou de costas contra a parede mais afastada, olhando fixamente em frente, como se pudesse escapar à força se mantivesse constantemente à vista quem quer que entrasse.

Não foi um policial que entrou. Era um homem de traje cinzento cujos óculos, quando olhou de relance para Mark e para a luz, se tornaram janelas

opacas, escondendo-lhe os olhos. Mark reconheceu-o logo e soube que estava em Belbury. Não foi isto que o fez arregalar ainda mais os olhos e quase esquecer o terror, no seu espanto. Era a mudança na aparência do homem, ou antes a mudança nos olhos com os quais Mark o via. Num certo sentido, tudo no Prof. Frost era como sempre tinha sido, a barba em bico, a extrema brancura da testa, a regularidade das feições e o sorriso brilhante e gelado. Mas o que Mark não podia entender era como tinha alguma vez conseguido ignorar algo no homem tão óbvio que qualquer criança se teria afastado dele e qualquer cão teria recuado para o canto, de pêlo eriçado e dentes à mostra. A própria morte não parecia mais aterradora do que o fato de que apenas seis horas atrás teria, em certa medida, confiado naquele homem, acolhido com gosto a sua confiança e até feito de conta que a sua companhia não era desagradável.

## **CAPÍTULO XII NOITE DE VENTO E CHUVA**

### **I**

— Bem — disse Dimble. — Aqui não há ninguém.  
— Ele estava aqui há um momento — disse Denniston.  
— Tem certeza de que viu mesmo alguém? — disse Dimble.  
— Pensei que vi alguém — disse Denniston. — Não estou certo.  
— Se havia alguém, deve ainda estar muito perto — disse Dimble.  
— Que tal se chamássemos por ele? — sugeriu Denniston.  
— Ssh! Escutem! — disse Jane. Picaram em silêncio por alguns momentos.  
— É só o velho burro — disse Dimble por fim — que anda lá por cima.  
Houve outro silêncio.  
— Ele parece ter sido bastante extravagante com os fósforos — disse Denniston então, relanceando os olhos pela terra pisada, à luz do lume. — Seria de esperar que um vagabundo...  
— Por outro lado — disse Dimble —, não seria de esperar que Merlin tivesse trazido uma caixa de fósforos com ele, vindo do século v.  
— Mas o que nós faremos? — disse Jane.  
— É difícil gostar de pensar naquilo que MacPhee vai dizer se regressarmos sem mais êxito do que isto. Indicará logo um plano que deveríamos ter seguido — disse Denniston com um sorriso.  
— Agora que a chuva parou — disse Dimble —, é melhor voltarmos para o

carro e começar a procura da sua cancela branca. O que está vendo, Denniston?

— Estou olhando para esta lama — disse Denniston que se tinha afastado alguns passos do lume e na direção do carreiro pelo qual tinham descido para o valezinho. Tinha estado a curvar-se para o chão e a usar a lanterna. Agora, subitamente, endireitara-se — Olhem! — disse ele — aqui estiveram diversas pessoas. Não, não andem por cima dos rastros, que os confundem todos. Olhe. Não consegue ver, senhor?

— Não são as nossas próprias pegadas? — disse Dimble.

— Algumas apontam no sentido errado. Olhe para aquela, e aquela.

— Podiam ser do próprio vagabundo? — disse Dimble. — Se é que era um vagabundo.

— Ele não podia ter subido por aquele carreiro sem nós o vermos — disse Jane.

— A não ser que o fizesse antes de nós chegarmos — disse Denniston.

— Mas todos nós o vimos — disse Jane.

— Vamos — disse Dimble. — Vamos seguir os rastros até ao cimo.

Não parece que sejamos capazes de os seguir até muito longe. Se não, temos de regressar à estrada e ir à procura da cancela.

Quando chegaram à orla da clareira, a lama passou a erva debaixo dos pés e as pegadas desapareceram. Deram duas voltas ao valezinho e nada encontraram; então puseram-se a caminho para regressar à estrada. Tinha-se feito uma magnífica noite. Orion dominava o céu todo.

## II

O diretor-adjunto raramente dormia. Quando se tornava absolutamente necessário fazê-lo, tomava um medicamento, mas a necessidade era rara, pois a modalidade de estado de consciência que experimentava na maior parte das horas do dia ou da noite há muito tinha deixado de ser rigorosamente aquilo a que os outros homens chamam estar acordado. Tinha aprendido a retirar a maior parte do seu estado de consciência da tarefa de viver, e conduzir os seus afazeres, com apenas um quarto do seu espírito. As cores, sabores, cheiros e impressões tácteis sem dúvida bombardeavam-lhe os sentidos da forma normal, porém não lhe atingiam o íntimo. Os modos e a atitude exterior para com os homens, que adotara fazia meio século, eram agora uma organização que funcionava quase

independentemente, como um gramofone, e à qual podia entregar toda a sua rotina de entrevistas e comissões. Enquanto cérebro e lábios executavam o seu trabalho, e construía dia a dia, para os que o rodeavam, a personalidade vaga e formidável que tão bem conheciam, a parte mais íntima de si mesmo ficava livre para prosseguir a sua própria vida. Esta separação do espírito, não apenas dos sentidos, mas até da razão, que fora o objetivo de alguns místicos, era agora sua.

Daí que estivesse acordado, em certo sentido, isto é, não estava certamente dormindo, uma hora depois de Frost o ter deixado para visitar Mark na cela. Qualquer um que tivesse espreitado para o seu gabinete durante essa hora, o teria visto sentado e imóvel à sua secretária, com a cabeça curvada e as mãos entrelaçadas. Mas os olhos não estavam fechados. O rosto não tinha expressão alguma; o homem real estava muito longe, sofrendo, apreciando ou infringindo o que quer que almas assim sofrem, apreciam ou infligem quando a corda que os liga à ordem natural está esticada ao máximo mas ainda não reventou. Quando o telefone tocou junto ao seu cotovelo, o agarrou sem um sobressalto.

— Alô — disse ele.

— Aqui Stone, Sr. Diretor — disse uma voz.

— Encontramos a câmara.

— Sim.

— Estava vazia, senhor.

— Vazia?

— Sim, senhor.

— Tem certeza, meu caro Sr. Stone, que foi ao local certo? É possível...

— Oh sim, Sr. Diretor. É uma espécie de pequena cripta. Pedra trabalhada e alguns tijolos romanos. E uma espécie de placa no meio, como um altar ou um leito.

— E eu devo entender que não havia lá ninguém? Nenhum sinal de ocupação?

— Bem, Sr. Diretor, pareceu-nos ter sido recentemente perturbado...

— Peço-lhe que seja tão explícito quanto possível, Sr. Stone.

— Bem, Sr. Diretor, havia uma saída, quero

dizer um túnel, que seguia para sul. Fomos imediatamente por esse túnel acima. Vai sair a cerca de oitocentas jardas, fora da área do parque.

— Vai sair? Quer dizer que há um arco, um portão, a boca do túnel?

— Bem, o ponto é mesmo esse. Saímos para o ar livre. Mas, obviamente, alguma coisa fôra ali rebentada muito recentemente. Tinha o aspecto de ter sido feita por explosivos. Como se o fim do túnel tivesse sido emparedado e tivesse uma porção de terra por cima e alguém tivesse recentemente aberto caminho para o exterior com uma explosão. Havia uma confusão tremenda.

— Continue, Sr. Stone. O que fez a seguir? — Utilizei a ordem que me tinha dado, Sr.

Diretor, para reunir toda a polícia disponível e mandei grupos de busca procurar o homem que me tinha descrito.

— E como você o descreveu a eles? — Exatamente como o senhor fez: um velho

com uma barba comprida ou com a barba muito mal aparada, provavelmente usando um manto, mas com certeza com um tipo de roupa incomum. Ocorreu-me no último momento acrescentar que podia não ter roupa alguma.

— Por que acrescentou isso, Sr. Stone? — Bem, Sr. Diretor, eu não sabia quanto

tempo ele tinha estado lá dentro, e isso não é da minha conta. Ouvi coisas a respeito de roupas preservadas num lugar como aquele e que se fazem

todas em pedaços logo que o ar é admitido. Espero que não imagine nem por um momento que estou tentando descobrir alguma coisa que não tenha escolhido contar-me. Mas pensei apenas que seria conveniente...

— Estava com a razão, Sr. Stone — disse

Wither —, ao pensar que alguma coisa remotamente



semelhante a curiosidade da sua parte podia ter as mais desastrosas conseqüências. Quero dizer, para si, pois, é claro, são os seus interesses que eu tenho principalmente em vista na minha escolha de métodos. Asseguro-lhe que pode confiar no meu apoio na posição, err, muito delicada que, sem dúvida não intencionalmente, escolheu ocupar.

— Muito obrigado, Sr. Diretor. Estou tão satisfeito por ter achado que fiz bem ao dizer que ele podia estar nu.

— Oh, quanto a isso — disse o diretor —, há um grande número de considerações que não se podem discutir neste momento. E que instruções deu aos seus grupos de busca quanto ao que deveriam fazer ao encontrar tal, err, pessoa?

— Bem, essa foi outra dificuldade, Sr. Diretor. Enviei o meu próprio adjunto, o Pe. Doyle, com um grupo, porque ele sabe latim. E entreguei ao inspetor Wrench o anel que o Sr. Diretor me tinha dado e o fiz responsável pelo segundo grupo. O melhor que pude fazer pelo terceiro grupo foi certificar-me que ele continha alguém que soubesse galês.

— Não pensou em acompanhar em pessoa um dos grupos?

— Não, Sr. Diretor. Disse-me que lhe telefonasse, sem falta, no momento em que encontrássemos qualquer coisa. E eu não queria atrasar os grupos de busca até o contatar.

— Estou a ver. Bem, sem dúvida que a sua atuação (falando absolutamente sem preconceitos) podia ser interpretada segundo essas linhas. Tornou perfeitamente claro que esta, ahn, personagem, quando encontrada, era para ser tratada com a maior deferência e, se não me entende mal, cautela? — Oh, sim, Sr. Diretor.

— Bem, Sr. Stone, estou, no conjunto, e com certas e inevitáveis reservas, moderadamente satisfeito com a sua conduta deste caso. Creio que conseguirei apresentá-la a uma luz favorável àqueles meus colegas cuja boa vontade, infelizmente, não foi

capaz de manter. Se puder levá-lo a uma conclusão bem sucedida, reforçará grandemente a sua posição. Senão... é inexprimivelmente doloroso para mim, que haja estas tensões e recriminações entre nós. Mas compreende-me perfeitamente, meu caro rapaz. Se ao menos eu pudesse persuadir, digamos Miss Hardcastle e o Sr. Studdock, a partilhar o meu apreço pelas suas qualidades muito reais, não precisaria ter quaisquer apreensões acerca da sua carreira ou, ahn, da sua segurança.

— Mas o que é que quer que eu faça, Sr.

Diretor?

— Meu caro jovem amigo, a regra de ouro é simples. Existem apenas dois erros que seriam fatais para alguém colocado na situação peculiar que certas partes da sua conduta prévia infelizmente lhe criaram. Por um lado, qualquer coisa pareci da com uma falta de iniciativa ou de espírito empreendedor seria desastrosa. Por outro lado, a mais ligeira semelhança com uma ação não autorizada, qualquer coisa que sugerisse que estaria assumindo uma liberdade de decisão que, em todas as circunstâncias, não é realmente sua, podia ter conseqüências das quais até eu não poderia protegê-lo. Mas enquanto se conservar perfeitamente afastado destes dois extremos, não existe razão alguma (falando não oficialmente) para que não esteja perfeitamente seguro.

Então, sem esperar que o Sr. Stone respondesse, desligou o telefone e tocou a campainha.

### III

— Não devíamos estar quase na cancela por cima da qual pulamos? — disse Dimble.

Estava um bocado mais claro, agora que a chuva parara, mas o vento subira e rugia em redor deles de tal forma que só os comentários gritados se conseguiam ouvir. Os ramos da sebe ao lado da qual iam palmilhando balançavam e mergulhavam e erguiam-se outra vez, de forma que pareciam estar a vergastar as estrelas brilhantes.

— É um bocado mais comprido do que me lembrava — disse Denniston.

— Mas não tão enlameado.

— Tem razão — disse Denniston, parando subitamente. — É todo pedregoso. Não era assim no caminho para cima. Estamos no campo errado.

— Penso — disse Dimble em tom moderado — que devemos estar certos. Fizemos meia volta à esquerda ao longo desta sebe assim que saímos das árvores, e tenho a certeza de me lembrar...

— Mas será que saímos da mata no lado certo? — disse Denniston.

— Se começarmos a mudar de rumo — disse Dimble — vamos andar toda a noite às voltas. Vamos continuar a seguir em frente. Acabaremos chegando à estrada no fim.

— Olá! — disse Jane vivamente — O que é isto?

Todos escutaram. Devido ao vento, o ruído rítmico e não identificado que se esforçavam por ouvir parecia muito distante num momento, e então, no momento seguinte, com brados de «Cuidado!» «Vai-te embora, grande bruto!» «Sai daqui!» e coisas assim, todos se encolhiam contra a sebe enquanto o plosch-plosch de um cavalo a meio galope no terreno mole passava justo ao lado deles. Um pedaço frio de lama arremessado pelos seus cascos atingiu Denniston na cara.

— Oh, olhem! Olhem! — gritava Jane. Façam-no parar. Depressa!

— Fazê-lo parar? — disse Denniston, que estava a tentar limpar a cara. Para que diabo fazê-lo parar? Quanto menos vir desse enorme quadrúpede saltador e estúpido, melhor...

— Oh, grite-lhe Dr. Dimble — disse Jane, num desespero de impaciência.

— Vamos. Corram! Não viram?

— Vimos o quê? — arfou Dimble, enquanto todo o grupo, sob a influência da urgência de Jane, começava a correr em direção ao cavalo que se

afastava.

— Vai um homem em cima dele — arquejou Jane. Estava cansada e sem fôlego e tinha perdido um sapato.

— Um homem? — disse Denniston, e depois: — Valha-me Deus, Sr. Professor. Jane tem razão. Olhem, olhem para ali! Contra o céu... para a sua esquerda.

— Não conseguiremos alcançá-lo — disse Dimble.

— Hei! Pare! Volte para trás! Amigos, amis-amici — berrou Denniston.

Dimble não era capaz de gritar no momento. Era um velho, que já estava cansado antes de partirem, e agora o coração e os pulmões estavam a fazer-lhe coisas cujo significado o seu médico lhe tinha dito alguns anos atrás. Não estava atemorizado, mas não podia gritar muito alto (menos ainda na língua Solar Antigo) até ter respirado. E enquanto estava parado tentando encher os pulmões, todos os outros gritaram subitamente «olhe» ainda mais uma vez: pois alto no meio das estrelas, parecendo sobrenaturalmente grande e com muitas pernas, a forma do cavalo apareceu quando saltava uma sebe, a umas vinte jardas dali, e em cima dele, com um vestuário qualquer que se estendia, arrastado pelo vento, muito para trás dele, a figura grande de um homem. Pareceu a Jane que ele olhava para trás, por cima do ombro, como se estivesse a troçar. Depois houve um esparrinhar e um ruído surdo quando o cavalo aterrou no outro lado; e depois mais nada a não ser o vento e a luz das estrelas outra vez.

## IV

— Você está em perigo — disse Frost, quando acabou de fechar a porta da cela de Mark —, mas está também ao seu alcance uma grande oportunidade.

— Concluo — disse Mark — que estou no

Instituto, afinal e não numa delegacia da polícia. — Sim. Isso não faz diferença alguma quanto

ao perigo. O Instituto terá em breve poderes oficiais de eliminação. Já os antecipou. Hingest e Carstairs foram ambos eliminados. Tais ações nos são exigidas.

— Se vão me matar — disse Mark — para

que esta farsa de uma acusação de assassinato? — Antes de prosseguir — disse Frost —

devo pedir-lhe para ser estritamente objetivo. Ressentimento e medo são ambos fenômenos químicos.

Relações sociais são fenômenos químicos. Deve observar esses sentimentos em si próprio de um modo objetivo. Não permita que eles distraiam a sua atenção dos fatos.

— Estou vendo — disse Mark. Enquanto dizia isto, estava a representar —, tentando soar ao mesmo tempo levemente esperançoso e ligeiramente taciturno, pronto para ser manobrado. Mas, por dentro, a sua nova visão do interior de Belbury mantinha-o resolvido a não acreditar numa só palavra do que o outro dissesse, a não aceitar (embora pudesse fingir aceitar) qualquer oferecimento que ele fizesse. Sentia que devia a todo o custo agarrar-se ao conhecimento de que aqueles homens eram inimigos imutáveis, pois já sentia o velho apelo a ceder à semi-credulidade, dentro dele.

— A acusação de assassinato contra si e as alterações no seu tratamento fazem parte de um programa planejado, com uma finalidade bem definida em vista — disse Frost. — É um tipo de disciplina pelo qual todos passam antes de serem admitidos no círculo.

De novo Mark sentiu um espasmo de terror retrospectivo. Apenas alguns dias atrás teria engolido qualquer anzol com a isca e nada a não ser a iminência da morte podia ter tornado o anzol tão óbvio e a isca tão insípida como agora eram. Pelo menos, tão insípida comparativamente. Pois mesmo agora...

— Não estou vendo claramente o propósito disso — disse ele em voz alta.

— E, outra vez promover a objetividade. Um círculo unido por sentimentos subjetivos de confiança mútua e afeto seria inútil. Esses, como eu disse, são fenômenos químicos. Todos, em princípio, podiam ser produzidos por meio de injeções. Você foi forçado a passar por um certo número de sentimentos conflituosos em

relação ao diretor-adjunto e outros, a fim de que sua futura associação conosco não venha a ser baseada em nenhum sentimento. Na medida em que tenha de haver relações sociais entre os membros do círculo é, melhor que elas sejam baseadas em sentimentos de desafeto. Há menos risco de serem confundidas com o nexo real. — A minha associação futura? — disse Studdock, representando uma ansiedade trêmula. Mas era perigosamente fácil para ele representá-la. A realidade podia tornar a despertar a qualquer momento.

— Sim — disse Frost. — Você foi selecionado como possível candidato a admissão. Se não conseguir a admissão, ou se a rejeitar, será necessário destruí-lo. Não estou, é evidente, tentando manipular os seus temores. Eles apenas confundem a questão. O processo será totalmente indolor, e as suas reações atuais em relação a ele são inevitavelmente casos físicos. Mark considerou, pensativo, o que fora dito. — Parece uma decisão algo formidável — disse Mark.

— Isso é meramente uma proposição acerca do estado do seu próprio corpo neste momento. Se me permite, continuarei a dar-lhe as necessárias informações. Devo começar por lhe dizer que nem o diretor-adjunto nem eu somos responsáveis por definir a política do Instituto.

— A Cabeça? — disse Mark.

— Não. Filostrato e Wilkins estão absolutamente enganados a respeito da Cabeça. Eles levaram a efeito, na verdade, uma experiência notável ao preservá-la da decomposição. Mas a mente de Alcasan não é a mente com a qual estamos em contato quando a Cabeça fala.

— Quer dizer que Alcasan está realmente...

morto? — perguntou Mark. A sua surpresa com a última declaração de Frost não precisou de ser fingida.

— No presente estado dos nossos conhecimentos — disse Frost — não existe resposta alguma para essa pergunta. Provavelmente não tem nenhum

sentido. Mas o córtex cerebral e os órgãos vocais da cabeça de Alcasan são utilizados por uma mente diferente. E agora, por favor, preste atenção com muito cuidado. Provavelmente nunca ouviu falar de macróbios.

— Micróbios? — disse Mark, atônito. — Mas com certeza...

— Eu não disse micróbios, disse macróbios.

A formação da palavra explica-a por si própria.

Abaixo do nível da vida animal, há muito que sabíamos que existem organismos microscópicos. Os

seus resultados efetivos sobre a vida humana, no que respeita a saúde e doença, fizeram, é claro, uma grande parte da história: a causa secreta não era conhecida até inventarmos o microscópio. — Continue — disse Mark. Curiosidade voraz movia-se como uma espécie de vaga de fundo por baixo da sua determinação consciente de se manter em guarda.

— Tenho agora de o informar que existem organismos semelhantes acima do nível da vida animal. Quando digo «acima», não estou falando em termos biológicos. A estrutura do macróbio, tanto quanto sabemos, é de uma simplicidade extrema. Quando digo que está acima do nível animal, quero dizer que é mais permanente, dispõe de mais energia e tem maior inteligência.

— Mais inteligentes do que os antropóides mais elevados? — disse Mark. — Deve ser, então, mesmo quase humano.

— Não me compreendeu bem. Quando disse que transcendia os animais, eu estava, é claro, a incluir o animal mais eficiente, o homem. O macróbio é mais inteligente que o homem.

— Mas, nesse caso, como é que acontece que nós não tivéssemos qualquer comunicação com eles?

— Não é certo que não tenhamos. Mas nos tempos primitivos era espasmódica, e tinha a oposição de numerosos

preconceitos. Mais ainda, o desenvolvimento intelectual do homem não tinha atingido o nível em que as relações com a nossa espécie podia oferecer algum atrativo a um macróbio. Mas embora tenha havido poucas relações, tem havido uma influência profunda. A influência deles na história humana tem sido de longe maior do que a dos micróbios, embora, é evidente, igualmente não reconhecida. À luz do que hoje sabemos, toda a história terá de ser escrita de novo. As causas reais de todos os principais eventos são inteiramente desconhecidos dos historiadores; isso, na verdade, é a razão por que a história ainda não teve êxito em tornar-se uma ciência.

— Acho que vou me sentar, se não se importa — disse Mark, retomando ao seu lugar, sentado no chão. Frost permaneceu, durante toda a conversa, de pé, perfeitamente imóvel, os braços pendentes, direitos, aos lados. A não ser pela inclinação periódica da cabeça para cima e pelo relampejar dos dentes no final de uma frase, não usava gestos nenhuns.

— Os órgãos vocais e o cérebro tirados de Alcasan — continuou — tornaram-se os condutores de relações regulares entre os macróbios e a nossa própria espécie. Não digo que nós tenhamos descoberto esta técnica; esta descoberta foi deles, não nossa. O círculo ao qual você pode ser admitido é o órgão dessa cooperação entre as duas espécies que já criou uma nova situação para a Humanidade. A alteração, como verá, é de longe maior do que aquilo que transformou o sub-homem em homem. É mais comparável à primeira aparição da vida orgânica.

— Estes organismos, então — disse Mark —, são amistosos para com a Humanidade?

— Se refletir por um momento — disse Frost — verá que a sua pergunta não tem sentido, exceto ao nível do pensamento popular mais cru. A amizade é um fenômeno químico; como também é o



ódio. Ambos pressupõem organismos do nosso próprio tipo. O primeiro passo no sentido de relações com os macróbios é a compreensão de que se tem de sair inteiramente do mundo das nossas emoções subjetivas. É só à medida que se começa a fazê-lo que se descobre quanto daquilo que se tomou, por engano, por pensamento próprio era meramente um subproduto do sangue e dos tecidos nervosos.

— Oh, com certeza. Eu não queria, de todo, dizer «amistoso» nesse sentido. Eu realmente queria dizer: são os seus objetivos compatíveis com os nossos próprios?

— O que quer dizer por nossos próprios objetivos?

— Bem, suponho, a reconstrução científica da raça humana em direção à uma eficiência acrescida, a eliminação da guerra e da pobreza e outras formas de destruição, uma exploração mais completa da Natureza, a preservação e extensão da nossa espécie, na realidade.

— Não penso que essa linguagem pseudocientífica realmente modifique a base instintiva e essencialmente subjetiva da ética que está descrevendo. Voltarei ao assunto numa fase posterior. No momento, observaria simplesmente que a sua opinião sobre a guerra e a sua referência à preservação da espécie sugere uma concepção profundamente errada. São meras generalizações de sentimentos afetivos.

— Seguramente — disse Mark —, exige-se uma população bastante grande para a completa exploração da Natureza, que mais não seja? E seguramente a guerra não é eugênica e reduz a eficiência? Mesmo se a população necessitar um certo desbaste, não é a guerra o pior método possível para efetuar esse desbaste?

— Essa idéia é uma sobrevivência de condições que estão sendo

rapidamente modificadas.

Alguns séculos atrás, a guerra não operava da forma que descreve. Era essencial uma grande população agrícola, e a guerra destruía elementos que então eram ainda úteis. Mas cada avanço na indústria e na agricultura reduz o número da massa trabalhadora que é exigida. Uma população grande e não inteligente está agora se tornando um peso morto. A real importância da guerra científica é que os cientistas têm de ser preservados. Não foram os grandes tecnocratas de Koenisberg ou de Moscou que forneceram as baixas no cerco de Stalingrado: foram os camponeses supersticiosos bávaros e os trabalhadores rurais russos de baixo nível. O efeito da guerra moderna é eliminar os tipos retrógrados, ao mesmo tempo que poupa a tecnocracia e aumenta o seu domínio sobre os negócios públicos. Na nova era, o que até aqui foi meramente o núcleo intelectual da raça irá tornar-se, por fases graduais, na própria raça. Tem de conceber a espécie como um animal que descobriu como simplificar a nutrição e a locomoção a um ponto tal que os velhos órgãos complexos e o grande corpo que os continha já não são necessários. Esse grande corpo é, por conseguinte, para desaparecer. Apenas uma décima parte dele é agora necessária para apoiar o cérebro. O indivíduo é todo ele para se tornar cabeça. Toda a raça humana é para se tornar tecnocracia.

— Percebo — disse Mark. — Tinha pensado, um tanto vagamente, que o núcleo inteligente seria ampliado pela educação.

— Isso é pura quimera. A grande maioria da raça humana pode ser educada apenas no sentido de lhe serem fornecidos conhecimentos: não podem ser treinados até à total objetividade de espírito que agora é necessária. Vão sempre continuar animais, olhando para o mundo através da névoa das suas reações subjetivas. Mesmo que pudessem, o tempo das grandes populações já passou. Preencheu a sua função, atuando como casulo para o homem tecnocrata e objetivo. Agora, os macróbios e os humanos escolhidos que com eles podem cooperar, já não vêm nelas qualquer utilidade.

— As duas últimas guerras, então, não foram,

na sua opinião, desastres?

— Pelo contrário, foram simplesmente o início do programa, as duas primeiras das dezesseis guerras de grandes dimensões que estão programadas para ter lugar neste século. Tenho a noção das reações emocionais (isto é, químicas) que uma declaração como esta produz em si, e está perdendo seu tempo tentando ocultá-las de mim. Não espero que as controle. Não é esse o caminho para a objetividade; as fiz surgir deliberadamente a fim de você ficar acostumado a encará-las sob uma luz puramente científica e a distingui-las, tão nitidamente quanto possível, dos fatos.

Mark estava sentado com os olhos fixos no chão. Sentira, na realidade, muito pouca emoção ao ouvir o programa de Frost para a raça humana; na verdade, descobrira quase nesse momento quão pouco alguma vez se importara com aqueles benefícios universais e com o futuro remoto sobre os quais a sua cooperação com o Instituto fora de início teoricamente baseada. Certamente, no momento não existia lugar no seu espírito para tais considerações. Estava totalmente ocupado com o conflito entre a sua decisão de não confiar naqueles homens, de nunca mais voltar a ser induzido por qualquer chamariz a uma cooperação autêntica, e a força terrível, como a maré arrastando os seixos da praia quando vaza, de uma emoção oposta. Pois ali, ali seguramente, por fim (era assim que lhe segredava o seu desejo), encontrava-se o verdadeiro círculo interior, entre todos, o círculo cujo centro se situava fora da raça humana, o último segredo, o poder supremo, a última iniciação. O fato que isso era quase totalmente horrível não diminuía minimamente a sua atração. Nada a que faltasse o travo do horror teria sido em absoluto suficientemente forte para satisfazer a excitação delirante que no momento lhe fazia latejar as têmporas. Vinha-lhe à mente que Frost sabia tudo a respeito daquela excitação, e também a respeito da determinação oposta, e confiava seguramente na excitação como alguma coisa que era certo vencer a batalha

no es

pírito da sua vítima.

Um matraquear e um bater que fora obscuramente audível há já algum tempo tornou-se na

altura tão forte que Frost se voltou para a porta. — Vá-se embora — disse ele, erguendo a voz.

— Que significa esta impertinência?

Do outro lado da porta ouvia-se o ruído indistinto de alguém gritando, e o bater continuo. O

sorriso de Frost alargou quando se virou e abriu a porta. Instantaneamente foi-lhe posto na mão um pedaço de papel. Quando o leu, sobressaltou-se violentamente. Sem olhar para Mark, abandonou a cela. Mark ouviu a porta fechar-se de novo atrás dele.

## V

— Que amigos são esses dois! — disse Ivy Maggs. Referia-se à gata Pinch e ao Sr. Bultitude, o urso. O último estava sentado direito com as costas contra a parede quente, junto ao lume da cozinha. As bochechas dele eram tão gordas e os olhos tão pequenos que parecia estar sorrindo. A gata, depois de passear para cá e para lá, com a cauda levantada e esfregando-se contra a barriga do urso, tinha finalmente se enroscado e começado a dormir no meio das pernas dele. A gralha, ainda em cima do ombro do diretor, tinha há muito enfiado a cabeça debaixo da asa.

A Sra. Dimble, que se sentava mais ao fundo da cozinha, remendando como para salvar a vida, apertou os lábios um pouco quando Ivy Maggs falou. Ela não podia ir para a cama. Desejava que todos estivessem calados. A sua ansiedade tinha atingido o ponto em que quase qualquer coisa, embora pequena, que acontecesse, ameaçaria tornar-se uma irritação. Mas depois, se alguém tivesse estado a observar a sua expressão, teria visto a pequena careta desvanecer-se logo. A sua vontade tinha muitos anos de prática atrás dela.

— Quando usamos a palavra «amigos» a respeito dessas duas criaturas — disse MacPhee —, duvido que estejamos a ser meramente

antropomórficos. E difícil evitar a ilusão de que eles têm personalidades no sentido humano. Mas não há provas disso.

— Para que então ela se está a meter com ele? — perguntou Ivy.

— Bem — disse MacPhee —, talvez exista o desejo de calor; ali, ela está fora da corrente de ar. E haveria ainda uma sensação de segurança por estar perto de qualquer coisa familiar. E, bastante possivelmente, alguns obscuros impulsos sexuais, por transferência.

— Realmente, Sr. MacPhee — disse Ivy com grande indignação —, é uma vergonha o senhor dizer coisas dessas a respeito de dois animais que não podem falar. Tenho a certeza de nunca ter visto Pinch, nem o Sr. Bultitude, o pobrezinho...

— Eu disse por transferência — interrompeu secamente MacPhee. — E de qualquer maneira, gostam da fricção mútua das respectivas peles como meio de retificar irritações causadas por parasitas. Então, há de observar...

— Se quer dizer que têm pulgas — disse Ivy —, sabe tão bem como outra pessoa qualquer que não têm tais coisas. — Ela tinha a razão do seu lado, pois era o próprio MacPhee quem vestia um macacão uma vez por mês e ensaboava solenemente o Sr. Bultitude, do rabo ao focinho, no banheiro e lhe despejava por cima baldes de água morna, e finalmente o secava, um dia de trabalho no qual não autorizava ninguém a ajudá-lo.

— Que pensa disso, Sr. Diretor? — disse Ivy, olhando para este.

— Eu? — disse Ransom. — Penso que MacPhee está a introduzir na vida animal uma diferença que lá não existe, e depois a tentar determinar de que lado dessa diferença é que se situam os sentimentos de Pinch e Bultitude. Um ser tem de se tornar humano antes dos desejos físicos serem distinguíveis da afeição, tal e qual como tem de se tornar espiritual antes das afeições serem distinguíveis da caridade. O que se passa com a gata e o urso não é uma das duas coisas: é uma única coisa indiferenciada na qual se pode encontrar o germe daquilo a que se chama amizade e daquilo a que se chama necessidade física. Mas não existe a nenhum desses níveis. É uma das «antigas unidades» de Barfield.

— Eu nunca neguei que eles gostassem de estar juntos — disse MacPhee.

— Bem, foi isso mesmo que eu disse — retorquiu a Sra. Maggs.

— Vale a pena levantar a questão, Sr. Diretor — disse MacPhee —, porque sou de opinião que indica uma falsidade essencial de todo o sistema deste lugar.

Grace Ironwood, que tinha estado sentada, com os olhos semicerrados,

escancarou-os subitamente e fixou-os no homem do Ulter, e a Sra. Dimble inclinou a cabeça para Camilla e disse num murmúrio:

— Bem desejaria que o Sr. MacPhee pudesse ser persuadido a ir para a cama. É totalmente insuportável num momento como este.

— O que quer dizer, MacPhee? — perguntou o diretor.

— Quero dizer que existe uma meia tentativa para adotar uma atitude para com as criaturas irracionais que não pode ser coerentemente mantida. E far-lhe-ei a justiça de dizer que o senhor nunca tentou. O urso é conservado dentro de casa e dão-lhe maçãs e xarope até estar quase a rebentar...

— Muito bem, gosto disso! — disse a Sra. Maggs. — Quem é que está sempre a dar-lhe maçãs? É isso que eu gostaria de saber.

— O urso, como eu estava a comentar — disse MacPhee —, é conservado em casa e paparicado. Os porcos são mantidos na pocilga e mortos para fazer presunto. Estaria interessado em conhecer a razão filosófica da diferença.

Ivy Maggs olhava com espanto do rosto sorridente do diretor para a cara séria de MacPhee.

— Penso que isso é simplesmente uma tolice — disse ela. — Quem é que já ouviu falar em se tentar fazer presunto com um urso?

MacPhee bateu levemente com o pé no chão, de impaciência, e disse qualquer coisa que foi abafada primeiro pelo riso de Ransom, e depois por uma grande lufada de vento que fez tremer a janela.

— Que noite horrorosa para eles! — disse a Sra. Dimble.

— Gosto dela assim — disse Camilla. — Gostaria imenso de estar lá fora assim. Lá fora num monte alto. Oh, quem me dera que tivesse me deixado ir com eles, Sr. Diretor.

— Gosta dela? — disse Ivy. — Pois eu não! Ouça-a na esquina da casa. Me faria sentir um certo medo se estivesse sozinha. Ou mesmo se o senhor estivesse lá em cima, Sr. Diretor. Penso sempre que é em noites como estas que eles, sabe o que quero dizer, vêm ter consigo.

— Eles não se importam com o tempo, qualquer que seja, Ivy — disse Ransom.

— Sabe — disse Ivy em voz baixa —, essa é uma coisa que eu não entendo lá muito bem. São tão assustadores, esses tais que vêm visitá-lo. Eu não me aproximaria desse lado da casa se pensasse que lá estava alguma coisa, nem que me pagasse uma centena de libras. Mas não sinto dessa forma a respeito de Deus. Mas Ele ainda havia de ser pior, se está a ver o que quero dizer.

— Ele foi, uma vez — disse o diretor. — Tem toda a razão no que respeita aos poderes. Os anjos em geral não são boa companhia para os homens em geral, mesmo quando se trata de anjos bons e de homens bons. Está tudo dito em S. Paulo. Mas quanto ao próprio Maleldil, tudo isso mudou: foi mudado pelo que aconteceu em Belém.

— Estamos já tão perto do Natal — disse Ivy, dirigindo-se à assistência, em geral.

— Teremos o Sr. Maggs conosco antes disso — disse Ransom.

— Dentro de um dia ou dois — disse Ivy.

— Aquilo foi só o vento? — disse Grace Ironwood.

— A mim soou como um cavalo — disse a Sra. Dimble.

— Vá — disse MacPhee, pondo-se em pé de um salto. — Saia da frente, Sr. Bultitude, até eu enfiar as botas de borracha. Devem ser aqueles dois cavalos de Broad outra vez, a espezinhar os meus canteiros de aipo todos. Se ao menos tivesse me deixado ir à polícia da primeira vez. Porque é que um homem não é capaz de os manter fechados... — Estava a enfiar-se na capa de Inverno enquanto falava e o resto das palavras foi inaudível.

— A minha muleta por favor, Camilla — disse Ransom. — Volte para cá, MacPhee. Iremos à porta juntos, você e eu. Senhoras, fiquem onde estão.

Havia no seu rosto um ar que alguns dos presentes não tinham visto antes. As quatro mulheres ficaram sentadas como se tivessem sido transformadas em pedra, com os olhos muito abertos, fixos. Um momento mais tarde Ransom e MacPhee estavam os dois de pé, sozinhos, na copa. A porta do fundo tremia tanto nas dobradiças, com o vento, que não sabiam se alguém estava batendo nela ou não.

— Agora — disse Ransom — abra a porta. E fique atrás dela. Por um segundo MacPhee mexeu nos fechos. Depois, quer tivesse ou não a intenção de desobedecer (um ponto que deve manter-se em dúvida), o temporal atirou a porta contra a parede e ele ficou momentaneamente entalado por trás dela. Ransom, de pé e imóvel, inclinado para a frente apoiado na muleta, viu à luz da copa, recortado sobre a escuridão, um enorme cavalo, todo coberto de espuma e suor, os dentes amarelos à mostra, as narinas abertas e vermelhas, as orelhas caídas contra a cabeça e os olhos flamejantes. Tinham-no trazido tão perto da porta que os cascos da frente estavam em cima do degrau da entrada. Não trazia sela, estribos nem rédeas; mas nesse mesmo momento um homem saltou de cima dele. Parecia ao mesmo tempo muito alto e muito gordo, quase um gigante. O cabelo

cinzento avermelhado e a barba, remexidos pelo vento, espalhavam-se pela cara toda, de forma que esta era dificilmente visível; e foi só depois de ele dar um passo em frente que Ransom reparou nas suas roupas, o casaco de caqui esfarrapado e mal ajustado, as calças largas como um saco e as botas que tinham ficado sem a biqueira.

## VI

Numa grande sala em Belbury, onde ardia o lume e o vinho e as pratas cintilavam em mesas pequenas e uma cama grande ocupava o centro do pavimento, o diretor-adjunto observava em silêncio profundo, enquanto quatro jovens, com cuidados reverenciais ou de médicos, transportavam para o interior um fardo numa maca. Quando removeram os cobertores e transferiram para a cama o ocupante da maca, a boca de Wither abriu-se ainda mais. O seu interesse tornou-se tão intenso que por um momento a confusão do seu rosto pareceu ordenar-se e ele assemelhava-se a um homem normal. O que viu foi um corpo humano nu, vivo, mas aparentemente inconsciente. Mandou os assistentes colocar botijas de água quente nos pés e levantar-lhe a cabeça com almofadas; quando acabaram de o fazer e se foram embora, puxou uma cadeira para os pés da cama e sentou-se a estudar a cara do homem adormecido. A cabeça era muito grande, embora talvez parecesse maior do que era devido à barba cinzenta e não cuidada e ao cabelo cinzento, comprido e emaranhado. O rosto estava extremamente marcado pelo tempo e o pescoço, onde visível, magro e enrugado pela idade. Os olhos estavam fechados e os lábios mostravam um sorriso muito ligeiro. O efeito total era ambíguo. Wither contemplou-o durante muito tempo e por vezes moveu a cabeça para ver como ele parecia visto de um ângulo diferente, quase como se estivesse à procura de algum traço que não havia meio de encontrar e ficasse desapontado. Durante cerca de um quarto de hora esteve sentado assim; depois a porta abriu-se e o Prof. Frost entrou suavemente na sala.

Foi até o lado da cama, curvou-se sobre ela e olhou com toda a atenção para a cara do estranho. Depois deu a volta para o outro lado da cama e fez o mesmo.

— Está dormindo? — murmurou Wither.

— Penso que não. Parece mais uma espécie de transe. Que espécie, não sei.



— Não tem dúvida nenhuma, confio?

— Onde é que o encontraram?

— Num vale estreito a cerca de um quarto de milha da entrada para o subterrâneo. Havia rastros de pés descalços na distância quase toda.

— O próprio subterrâneo estava vazio?

— Sim. Recebi uma comunicação sobre isso, de Stone, pouco depois de você me ter deixado.

— Vai tomar providências a respeito de Stone?

— Sim. Mas o que é que você pensa? — apontou com os olhos para a cama.

— Penso que é ele — disse Frost. — O lugar está certo. A nudez é difícil de explicar em qualquer outra hipótese. O crânio é do tipo que eu esperava.

— Mas a cara.

— Sim. Há certos traços que são um pouco inquietantes.

— Eu seria capaz de jurar — disse Wither — que conhecia o aspecto de um mestre, mesmo o aspecto de alguém que pudesse tornar-se num mestre. Está a entender-me... vê-se logo que Straik ou Studdock podiam servir; e que Miss Hardcastle, com todas as suas excelentes qualidades, não serviria.

— Sim. Talvez devamos estar preparados para grandes imperfeições da parte... dele. Quem é que sabe como era realmente a técnica do Círculo Atlanteano?

— Com certeza, não se deve ser, ahn, de visão curta. Pode supor-se que os mestres daquela era não estavam tão completamente e tão nitidamente separados das pessoas comuns como nós estamos. Todo o tipo de elementos emocionais e até instintivos eram talvez ainda tolerados no Grande Atlanteano, coisas que nós tivemos que abandonar.

— Não só se pode supor isso, como temos de fazê-lo. Não devemos esquecer que o plano todo consiste na reunião dos diferentes gêneros da arte.

— Exatamente. Talvez a associação de uma pessoa com os poderes, a sua escala diferente do tempo e tudo isso, tenda a fazê-la esquecer-se de quão enorme é o intervalo de tempo pelos nossos padrões humanos.

— O que temos aqui — disse Frost, apontando para o homem que dormia — não é alguma coisa do século v, está vendo? É o último vestígio, que sobreviveu até ao século v, de alguma coisa muito mais remota. Alguma coisa que foi ficando desde muito antes do Grande Desastre, antes mesmo do primitivo culto dos druidas; alguma coisa que nos faz retroceder até

Numenor, para os períodos pré-glaciares.

— A experiência toda é talvez mais arriscada do que nós pensávamos.

— Já tive antes ocasião — disse Frost — de exprimir o desejo de que não continuasse a introduzir essas pseudo-declarações emocionais nas nossas discussões científicas.

— Meu caro amigo — disse Wither, sem olhar para ele —, tenho perfeita consciência de que o assunto que refere foi discutido entre si e os próprios poderes. Perfeita consciência. E não duvido de que você tem também perfeito conhecimento de certas discussões que eles têm tido comigo a respeito dos seus próprios métodos, que são passíveis de crítica. Nada seria mais fútil, eu poderia dizer até, mais perigoso, do que tentar introduzir entre nós esses métodos de disciplina indireta que apropriadamente aplicamos aos nossos inferiores. É no seu próprio interesse que me atrevo a tocar nesse ponto.

Em vez de replicar, Frost fez um sinal ao seu companheiro. Ambos se tornaram silenciosos, o olhar fixo na cama, pois o homem que dormia tinha aberto os olhos.

O abrir dos olhos inundara de expressão o rosto todo, mas era uma expressão que não eram capazes de interpretar. O homem que dormia parecia estar olhando para eles, mas não tinham certeza absoluta de que os via. À medida que os segundos passavam, a principal impressão de Wither quanto ao rosto era a de que exprimia cautela. Mas nada havia de intenso ou de embaraço nela. Era uma defensiva habitual e não enfática, que parecia ter atrás de si anos de experiência dura, suportada calmamente, talvez mesmo com humor.

Wither pôs-se de pé e limpou a garganta.

— Magister Merline — disse ele — Sapiëntissime Britonum, secreti secretorum possessor, incredibili quodam gáudio aficimur quod te in domun nostram accipere nobis (ah) contigit. Scito nos [etiam haudimperitosessemagnaeartis \(et\) utitadicam...](#)<sup>2</sup> — Mas a sua voz desvaneceu-se. Era óbvio demais que o homem que dormia não estava dando atenção alguma ao que ele dizia. Era impossível que um homem instruído do século v não soubesse latim. Havia, então, qualquer erro na sua própria pronúncia? Mas não estava de forma alguma certo de que aquele homem não fosse capaz de o entender. A total falta de curiosidade, ou mesmo interesse, na sua cara, sugeria antes que ele não estava a escutar.

Frost pegou uma garrafa de cima da mesa e encheu um copo de vinho tinto.

Depois voltou para o lado da cama, curvou-se profundamente, e entregou-o ao estrangeiro. Este último olhou para ele com uma expressão que podia ser (ou podia não ser) interpretada como de astúcia; depois sentou-se subitamente na cama, revelando um peito enorme e peludo e braços magros e musculosos. Os olhos dele viraram-se para a mesa e apontou. Frost foi outra vez lá e tocou numa garrafa diferente. O estrangeiro sacudiu a cabeça e apontou outra vez.

— Penso — disse Wither — que o nosso muito distinto hóspede está tentando indicar o jarro. Não sei lá muito bem o que foi providenciado. Talvez...

— Contém cerveja — disse Frost.

— Bem, dificilmente será apropriado, contudo, talvez, sabemos tão pouco dos usos daquela época...

Enquanto ele estava ainda falando, Frost tinha enchido uma caneca de estanho com cerveja e oferecera-a ao convidado. Pela primeira vez um lampejo de interesse passou naquela face enigmática. O homem pegou a caneca avidamente, afastou dos lábios os bigodes mal ajeitados e começou a beber. A cabeça cinzenta foi indo cada vez mais para trás, e o fundo da caneca cada vez mais para cima; os músculos que se moviam na garganta magra tornavam visível o ato de beber. Por fim o homem, tendo invertido completamente a caneca, pousou-a, limpou os lábios molhados com as costas das mãos, e soltou um demorado suspiro, o primeiro som que pronunciava desde a sua chegada. Então voltou mais uma vez a sua atenção para a mesa.

Durante cerca de vinte minutos os dois velhos deram-lhe de comer: Wither com uma deferência trêmula e palaciana, Frost com os movimentos destros e sem ruído de um criado bem treinado. Todas as espécies de manjares tinham sido fornecidos, mas o estrangeiro dedicou a sua atenção inteiramente a carne de vaca fria, galinha, pickles, pão, queijo e manteiga. A manteiga comia-a diretamente, da ponta da faca. Aparentemente não estava habituado a garfos e pegava nos ossos da galinha com ambas as mãos para ir comendo a carne, colocando-os debaixo da almofada quando tinha acabado. A forma de comer era ruidosa e animal. Quando acabou de comer, fez sinal para mais um litro de cerveja, bebeu-o em dois longos sorvos, limpou a boca no lençol e o nariz com as mãos e pareceu preparar-se para dormir mais.

— Ah, err, domine — disse Wither com urgência desaprovadora — nihil

magis mihi displiceret quam ut tibi ullo modo, ahn, molestior essem.  
Attamen, venia tua<sup>3</sup>.

Mas o homem não estava a prestar nenhuma atenção. Não podiam dizer se os olhos dele estavam fechados ou se estava ainda a olhar para eles, sob as pálpebras semi-cerradas; mas era evidente que não tinha intenção de conversar. Frost e Wither trocaram olhadelas inquiridoras.

— Não há entrada para esta sala — disse Frost —, exceto através da sala contígua?

— Não — disse Wither.

— Vamos ali para fora discutir a situação. Podemos deixar a porta aberta para trás. Teremos possibilidades de ouvir se ele se mexer.

<sup>2</sup> Mestre Merlin, mais sábio dos britânicos, possuidor dos segredos, é com inexprimível prazer que aproveitamos a oportunidade de, ahn, lhe dar as boas-vindas a nossa casa. Compreenderá que também não somos inexperientes na grande arte, e, se o posso dizer... (N. do A.)

<sup>3</sup> Ah, err, senhor, nada estaria mais longe do meu desejo do que causar-vos de qualquer forma, ahn, algum incômodo. Ao mesmo tempo, com vossa licença... (N. do A.)

## VII

Quando Mark se percebeu deixado só por Frost, a sua primeira sensação foi uma inesperada leveza no coração. Não é que tivesse ficado livre de receios quanto ao futuro. De fato, mesmo no meio desses medos, tinha brotado uma estranha sensação de libertação. O alívio de não mais tentar conquistar a confiança daqueles homens. A luta direta, depois da longa série de insucessos diplomáticos, era estimulante. Podia perder a luta direta. Mas pelo menos agora era o seu lado contra o deles. E podia falar do «seu lado» agora. Já estava com Jane e com tudo o que ela simbolizava. Na verdade, era ele quem estava na linha da frente: Jane era quase uma não combatente...

A aprovação da própria consciência é um remédio muito potente, em especial para aqueles que não estão habituados a ela. Em dois minutos Mark passou daquela primeira e involuntária sensação de libertação para uma atitude consciente de coragem e daí para a heroicidade sem limites. A imagem de si próprio como herói e mártir, como Jack, o matador de

gigantes, jogando calmamente as suas cartas na cozinha do próprio gigante, ergueu-se perante ele, prometendo que podia apagar para sempre aquelas outras e insuportáveis imagens dele próprio que o tinham perseguido durante as últimas horas. Não era qualquer um, afinal, que seria capaz de resistir a um convite como o de Frost. Um convite que fazia apelo à pessoa do lado de lá das fronteiras da vida humana... para dentro de alguma coisa que as pessoas tinham tentado descobrir desde o princípio do mundo... um toque nesse cordão infinitamente secreto que era o nervo real de toda a história. Como isso o teria seduzido em outros tempos!

Tê-lo-ia seduzido em outros tempos... Subitamente, como uma coisa que saltava até ele através de distâncias infinitas com a velocidade da luz, desejo (um desejo salgado, negro, feroz, irrespondível) apanhou-o pela garganta. O mais tênue indício transmitirá, àqueles que já a sentiram, a emoção que agora o sacudia, como um cão sacode um rato; para os outros nenhuma descrição, possivelmente, servirá de nada. Muitos escritores falam dela em termos de lascívia: uma descrição que é admiravelmente esclarecedora no interior, e totalmente enganadora vista de fora. Nada tem a ver com o corpo. Mas é, em dois aspectos, como a lascívia, na medida em que a lascívia mostra estar no mais profundo e obscuro cofre da sua casa-labirinto. Pois, como a lascívia, desencanta todo o universo. Tudo o mais que Mark jamais sentira, amor, ambição, fome, a própria lascívia, parecia ter sido meros leite e água, brinquedos para crianças, que não mereciam um palpitar dos nervos. A atração infinita daquela coisa sinistra sugava para dentro de si todas as outras paixões: o resto do mundo parecia pálido, anêmico, insípido, um mundo de casamentos brancos e massas brancas, pratos sem sal, jogar feijões. Não podia pensar em Jane a não ser em termos de apetite: e o apetite ali não exercia qualquer apelo. Essa serpente, face a um dragão autêntico, tornava-se uma minhoca desdentada. Mas era como a lascívia também em outro aspecto. É inútil mostrar ao perverso o horror da sua perversidade: enquanto dura o ataque de fúria, esse horror é o próprio condimento da sua ânsia. É a própria fealdade que se torna, no fim, o objetivo da sua luxúria; a beleza há muito tempo que ficou um estimulante muito fraco. E ali era também assim. Aquelas criaturas de que falara Frost, e não duvidava agora que elas estavam presentes localmente com ele na cela, respiravam morte para a raça humana e para toda a alegria. Não a despeito disso, mas por causa disso, a terrível gravitação aspirava-o e puxava-o e fascinava-o em direção a elas. Nunca até ali tinha conhecido a

força prolífica do movimento oposto à Natureza que agora o tinha apertado na mão, o impulso para inverter todas as relutâncias e para traçar todos os círculos em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. O sentido de certas imagens, do que Frost dissera sobre a «objetividade», das coisas feitas por feiticeiras em tempos antigos, tornou-se claro para ele. A imagem do rosto de Wither surgiu na sua memória, e desta vez não a abominava simplesmente. Notou, com satisfação arrepiante, os sinais que continha de uma experiência partilhada entre ambos. Wither também sabia. Wither compreendia...

No mesmo momento, veio-lhe à idéia de novo que provavelmente seria morto. E logo que pensou nisso, tomou mais uma vez consciência da cela, o pequeno espaço vazio, branco e áspero, com a luz ofuscante, no qual ele se encontrava sentado no chão. Abriu e fechou os olhos. Não era capaz de se lembrar de que ela tinha estado visível durante os últimos minutos. Onde ele tinha estado? De qualquer modo, o seu espírito agora estava claro. Aquela idéia de existir alguma coisa em comum entre ele e Wither era tudo uma insensatez. É claro que tencionavam matá-lo no fim, a não ser que ele pudesse salvar-se pelas seus próprios meios. O que é que ele tinha estado a pensar e a sentir enquanto se esquecia disto?

Gradualmente compreendeu que fora submetido a uma espécie de ataque qualquer e não opusera resistência nenhuma, e com essa compreensão, um novo tipo de pavor penetrou no seu espírito. Embora teoricamente fosse um materialista, tinha toda a sua vida acreditado muito incoerentemente, e até mesmo descuidadamente, na liberdade da sua própria vontade. Raramente tinha formado uma resolução de ordem moral, e quando resolvera, algumas horas atrás, nunca mais confiar nos de Belbury, partira do princípio de que seria capaz de fazer aquilo que resolvera. Sabia, com certeza, que podia «mudar de idéias», mas até o fazer, é claro que executaria o seu plano. Nunca lhe ocorrera que as suas idéias podiam mudar sem ele intervir, tudo num instante, mudar a ponto de ficarem irreconhecíveis. Se esse tipo de coisas podia acontecer... Era injusto! Ali estava um homem tentando (pela primeira vez na sua vida) fazer aquilo que era, obviamente, a coisa certa, a coisa que Jane, e os Dimbles e a tia Gilly teriam aprovado. Seria de esperar que quando um homem se comportasse dessa maneira o universo o apoiasse. Pois os restos de tal versão semi-selvagem do teísmo, como Mark os tinha absorvido no decurso da sua vida, eram mais fortes nele do que pensava, e sentia,

conquanto não o pusesse em palavras, que «cabia» ao universo recompensá-lo pelas suas boas resoluções. Porém, logo na primeira vez em que tentamos ser bons, o universo nos deixa cair. Revela falhas com que nunca sonhamos. Inventa novas leis com o propósito expresso de nos deixar cair. Isso é o que recebemos pelos nossos esforços.

Os cínicos tinham, portanto, razão. Mas com este pensamento, parou bruscamente. Um certo odor que vinha com ele obrigou-o a fazer uma pausa. Estaria aquela outra disposição a começar outra vez? Oh, isso não, a qualquer preço. Cerrou as mãos. Não, não e não. Não conseguia agüentar aquilo muito mais tempo. Queria Jane, queria a Sra. Dimble, queria Denniston. Queria alguém ou alguma coisa.

«Oh, não, não me deixem cair outra vez naquilo», disse ele; e depois mais alto: «Não me deixem, não me deixem.»

Tudo o que podia, em algum sentido, chamar-se «ele próprio» ia naquele grito; e a tremenda consciência de ter jogado a sua última carta começou a tornar-se lentamente numa espécie de paz. Nada mais havia a fazer. Inconscientemente deixou os músculos descontraírem-se. O seu corpo jovem estava muito cansado por essa altura e mesmo o chão duro lhe era grato. A cela também parecia estar de certo modo vazia e expurgada, como se estivesse também cansada depois dos conflitos que tinha testemunhado: vazia como o céu, depois da chuva, cansada como uma criança depois de chorar. Uma consciência difusa de que a noite devia estar quase acabada caiu sem ser percebida sobre ele, e adormeceu.

## **CAPÍTULO XIII FIZERAM DESCER O CÉU DISTANTE SOBRE AS SUAS CABEÇAS**

### **I**

— Pare! Fique onde está e diga-me o seu nome e a que vem — disse Ransom.

A figura esfarrapada à entrada da porta inclinou a cabeça um pouco para o lado como alguém que não consegue ouvir bem. No mesmo momento o vento que entrava pela porta aberta levou vantagem em relação à casa. A porta interna, entre a copa e a cozinha, fechou-se com forte estrondo, isolando os três homens das mulheres, e uma grande bacia de metal caiu no lava-louças com enorme estardalhaço. O estrangeiro deu mais um passo

para dentro de casa.

— Sta — disse Ransom, em voz alta. — In [nomine Patri et Filli et Spiritus Sancti, die mihi qui](#) sis et quam ob causam veneris<sup>4</sup>.

O estrangeiro ergueu a mão e atirou da testa para trás o cabelo que pingava. A luz bateu-lhe na cara, da qual Ransom teve a impressão de uma imensa calma. Cada músculo do corpo daquele homem parecia tão descontraído como se ele estivesse a dormir, e ele estava de pé absolutamente imóvel. Cada pingo da chuva do casaco de caqui batia no pavimento de mosaico exatamente no mesmo ponto em que caíra o pingo anterior.

Os olhos dele pousaram em Ransom por um segundo ou dois sem nenhum interesse particular. Depois voltou a cabeça para a esquerda onde a porta fora atirada para trás, quase contra a parede. MacPhee estava oculto por detrás dela.

— Sai — disse o estrangeiro em latim. As palavras foram ditas quase num murmúrio, mas tão profundo que mesmo naquela sala sacudida pelo vento causavam uma espécie de vibração. Mas o que surpreendeu Ransom muito mais foi o fato de MacPhee obedecer imediatamente. Não olhava para Ransom mas para o estrangeiro. Então, inesperadamente, bocejou intensamente. O estrangeiro olhou-o de alto a baixo e depois virou-se para o diretor.

— Companheiro — disse ele em latim —, diz ao dono desta casa que eu cheguei. — Enquanto falava, o vento vindo por detrás dele estava a bater-lhe com o casaco nas pernas e a soprar-lhe o cabelo por cima da testa, mas a grande massa estava de pé como se tivesse sido plantada como uma árvore e não parecia ter pressa nenhuma. E a voz, também, era como se podia imaginar que fosse a voz de uma árvore: grande, lenta e paciente, arrancada das profundas da terra, através de raízes, barro e cascalho.

— Eu sou o senhor aqui — disse Ransom, na mesma língua.

— Com certeza! — respondeu o estrangeiro. — E aquele rapazinho é sem dúvida o vosso bispo. — Não sorriu realmente, mas um ar de inquietante divertimento apareceu nos seus olhos vivos. Subitamente atirou a cabeça para a frente, de forma a pôr a cara muito mais perto da do diretor.

— Diz ao teu senhor que cheguei — repetiu na mesma voz que antes.

Ransom olhou para ele sem pestanejar.

— Quereis realmente — disse, por fim — que eu vá ter com os meus mestres?

— Um simplório que viva na cela de um eremita aprendeu até agora a



tagarelar no latim dos livros — disse o outro. — Vamos lá ouvir como os chamas, homúnculo.

— Para isso tenho de usar outra língua — disse Ransom.

— Um simplório podia também ter o grego na sua lista.

— Não é grego.

— Vamos então ouvir o teu hebreu.

— Não é hebreu.

— Ha — respondeu o outro com algo parecido com um riso entre dentes, profundamente escondido no seu peito enorme e traído apenas por um ligeiro movimento dos ombros —, se vens com algaraviada dos bárbaros será mais difícil mas hei de tagarelar mais do que tu. Aí está um desporto excelente.

— Pode ser que vos pareça a fala dos bárbaros — disse Ransom —, pois já lá vai muito tempo desde que foi ouvida. Nem mesmo em Numenor se ouvia nas ruas.

O estrangeiro não teve sobressalto algum e a cara dele manteve-se tão calma como anteriormente, se não mais calma. Falou, porém, com outro interesse.

— Os teus mestres deixam-te brincar com brinquedos perigosos — disse ele. — Conta-me lá, escravo, o que é Numenor?

— O verdadeiro Oeste — disse Ransom.

— Bem — disse o outro. Então, após uma pausa, acrescentou:

— Tendes pouca cortesia para com os hóspedes nesta casa. Está um vento frio nas minhas costas e estive muito tempo na cama. Vede, já passei a entrada da porta.

— Dou-lhe o valor devido — disse Ransom. — Feche a porta, MacPhee — acrescentou em inglês. Mas não houve resposta alguma; e ao olhar em volta pela primeira vez, viu que MacPhee se tinha sentado numa das cadeiras da copa e estava dormindo profundamente.

— Qual é o significado desta tolice? — disse Ransom, olhando vivamente para o estrangeiro.

— Se sois na verdade o senhor desta casa, não precisais de que vos diga. Se não, por que havia eu de prestar contas a alguém como vós? Não receai; o vosso moço de estrebaria não ficará pior por isso.

— Disso trataremos em breve — disse Ransom. — Entretanto, não receio que entreis na casa. Tenho mais razão para recear que vos escapeis. Fechai a porta, se quiserdes, pois bem vedes que o meu pé está ferido.

O estrangeiro sem jamais tirar os olhos de Ransom passou com a mão por trás dele, encontrou o puxador da porta, e fechou a porta com força. MacPhee nem se mexeu.

— Agora — disse ele — o que temos desses tais mestres de vós?

— Os meus mestres são o Oyéresu.

— Onde é que ouvistes esse nome? — perguntou o estrangeiro. — Ou, se sois realmente do colégio, por que é que vos vestem como um escravo?

— As vossas roupas — disse Ransom — não são as de um druida.

— Esse toque foi bem dado — respondeu o outro. — Uma vez que tendes conhecimentos, respondi-me a três perguntas, se vos atreveis.

— Responderei a elas, se puder. Mas quanto a atrever-me, veremos.

O estrangeiro meditou durante uns segundos, depois, falando numa voz ligeiramente cantante, como se estivesse a repetir uma velha lição, perguntou, em dois hexâmetros latinos, o seguinte:

— Quem é chamada Sulva? Em que estrada caminha ela? Por que é o ventre estéril num dos lados? Onde são os casamentos frios?

Ransom replicou:

— Sulva é aquela a quem os mortais chamam a Lua. Ela caminha na mais baixa esfera. A borda do mundo que foi devastado atravessa-a. Metade da órbita dela está virada para nós e compartilha da nossa maldição. A sua outra metade dá para o Céu Distante; feliz seria o que pudesse atravessar essa fronteira e ver os campos no seu lado mais afastado. Nesse lado, o ventre é estéril e os casamentos frios. Aí habita um povo amaldiçoado, cheio de orgulho e de lascívia. Aí quando um jovem toma uma moça em casamento, não se deitam juntos, mas cada um deles deita-se com uma imagem do outro, astuciosamente talhada, feita mexer e ser quente por artes do demônio, pois a carne autêntica não lhes agradará, por serem tão esquisitos nos seus sonhos de luxúria. Fabricam as suas crianças autênticas em lugar secreto e através de artes perversas.

— Respondestes bem — disse o estrangeiro. — Julgava que só havia três homens no mundo que conheciam esta pergunta. Mas a minha segunda pode ser mais difícil. Onde está o anel de Arthur, o rei? Que senhor tem tal tesouro em sua casa?

— O anel do rei — disse Ransom — está no dedo de Arthur onde ele se senta na Casa dos Reis na terra em forma de taça, de Abhalljin, para lá dos mares de Lur em Perelandra. Pois que Arthur não morreu, mas Nosso Senhor levou-o, para ficar no corpo até o fim dos tempos, até Sulva se

despedaçar, com Enoch e Elias e Moisés e o Rei Melchidesee é aquele em cuja sala de entrada refulge o anel de pedras preciosas no indicador do chefe supremo.

— Bem respondido — disse o estrangeiro. — No meu colégio pensava-se que só dois homens no mundo sabiam isso. Mas quanto à minha terceira pergunta, homem algum a não ser eu próprio. Quem será o chefe supremo na altura em que Saturno descer na sua esfera? Em que mundo é que ele aprendeu a guerra?

— Na esfera de Vênus aprendi a guerra — disse Ransom. — Nessa fase Lurga descerá. Eu sou o chefe supremo.

Quando ele acabara de dizer isto, deu um passo para trás, pois o homem grande tinha começado a mexer-se e havia nos seus olhos uma nova expressão. Quem quer que os tivesse visto enquanto estavam de pé cara a cara teria pensado que podia haver luta a qualquer momento. Mas o estrangeiro não se tinha mexido com propósito hostil. Lentamente, ponderadamente, e, contudo, sem embaraço, como se uma montanha se afundasse como uma vaga, caiu sobre um joelho, e mesmo assim a sua cara estava quase ao nível da do diretor.

*<sup>4</sup> Ficai onde estais. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, dizeime quem sois e a que vindes. (N. do T.)*

## II

— Isto lança um fardo absolutamente inesperado sobre os nossos recursos — disse Wither a Frost, onde ambos se encontravam, na sala exterior, com a porta aberta de par em par. — Tenho de confessar que não tinha antecipado qualquer dificuldade séria quanto à língua.

— Temos de arranjar de imediato um estudioso celta — disse Frost. — Estamos lamentavelmente fracos no sector filológico. Não conheço de momento quem descobriu mais coisas acerca dos antigos britânicos. Ransom seria o homem para nos aconselhar se estivesse disponível. Suponho que nada foi ouvido a respeito dele no seu departamento?

— Dificilmente necessito de salientar — disse Wither — que os talentos filológicos do Dr. Ransom não são, de forma alguma, o único terreno a respeito do qual estamos ansiosos por encontrá-lo. Se o menor indício

tivesse sido descoberto, pode ficar certo de que há muito tempo teria a, ahn, satisfação de o ver aqui em pessoa.

— É claro. Ele pode não estar na Terra. — Encontrei-o uma vez — disse Wither, semicerrando os olhos. — Era à sua maneira um homem muito brilhante. Um homem cujas penetrações e intuições podiam ter sido de infinito valor, não tivesse ele abraçado a causa da reação. É uma reflexão entristecedora...

— E claro — disse Frost, interrompendo-o. — Starik conhece o galês moderno. A mãe dele era uma mulher galesa.

— Seria decerto muito mais satisfatório — disse Wither — se pudéssemos, por assim dizer, manter a questão toda em família. Seria muito desagradável para mim, e estou certo de que sentiria, você mesmo, da mesma maneira, em introduzir um perito celta do exterior.

— Resolveríamos o problema do perito assim que pudéssemos dispensar os seus serviços, é claro — replicou Frost. — É na perda de tempo que está o problema. Que progresso fez com Straik?

— Oh, excelente, realmente — disse o diretor-adjunto. — Na verdade estou até um pouco desapontado. Quero dizer, o meu pupilo está avançando tão rapidamente que pode ser necessário abandonar uma idéia que, confesso, me atrai bastante. Estava pensando, enquanto você esteve ausente desta sala, que seria especialmente adequado e, ahn, apropriado e gratificante se o seu pupilo e o meu pudessem ser iniciados juntos. Devíamos ambos, estou certo, sentir-nos... Mas, é claro, se Straik estiver pronto algum tempo antes de Studdock, não me sentiria com direito de impedir o seu caminho. Compreenda, caro companheiro, que não estou procurando fazer disto qualquer coisa como mera prova experimental quanto à eficácia comparativa dos nossos métodos tão diferentes.

— Seria impossível fazê-lo — disse Frost — dado que eu apenas entrevistei Studdock uma vez, e essa única entrevista teve todo o sucesso que se podia esperar. Mencionei Straik somente para saber se ele estava já tão comprometido que pudesse ser convenientemente apresentado ao nosso hóspede.

— Oh... quanto a estar comprometido — disse Wither — num certo sentido... ignorando de momento certas variantes leves ao mesmo tempo que reconhecendo inteiramente a sua importância final... eu não hesitaria... estaríamos perfeitamente justificados.

— Estava pensando — disse Frost — que deveria haver alguém de serviço

lá. Ele pode acordar a qualquer momento. Os nossos pupilos, Straik e Studdock, podiam fazê-lo, em turnos. Não existe razão alguma para que eles não devam ser úteis, mesmo antes da sua iniciação plena. Estariam, é evidente, sob ordens para nos chamarem no instante em que alguma coisa acontecesse.

— Pensa que o Sr., ahn, Studdock está suficientemente adiantado?

— Não importa — disse Frost. — Que mal ele pode fazer? Não pode sair. E, entretanto, apenas queremos alguém para estar de vigia. Seria uma prova útil.

### III

MacPhee, que tinha acabado de refutar tanto Ransom como a cabeça de Alcasan através de um argumento de duplo efeito que parecia irrefutável no sonho, mas de qual não se lembrou mais depois, deu por si a ser violentamente acordado por alguém que lhe sacudia os ombros. Subitamente percebeu que estava frio e que tinha o pé esquerdo dormente. Depois viu a cara de Denniston a olhar para a sua. A copa parecia cheia de gente: Denniston e Dimble e Jane. Pareciam extremamente cheios de manchas, rasgados, enlameados e molhados.

— Você está bem? — estava Denniston a perguntar. — Estou tentando acordá-lo há vários minutos.

— Bem? — disse MacPhee, engolindo uma ou duas vezes e lambendo os lábios. — Sim. Estou bem. Estou perfeitamente bem. — Então sentou-se muito direito. — Havia um, um homem aqui — disse ele.

— Que espécie de homem?.

— Bem — disse MacPhee. — Quanto a isso... não é assim tão fácil... para falar a verdade, adormeci quando estava falando com ele. Não consigo lembrar o que nós estávamos a dizer.

Os outros trocaram olhares de relance. Embora MacPhee fosse apreciador de um pouco de ponche quente nas noites de Inverno, era um homem sóbrio: nunca antes o tinham visto daquela maneira. No momento seguinte pôs-se em pé de um salto.

— O Senhor nos salve! — exclamou. — Ele estava com o diretor aqui. Depressa! Temos de fazer uma busca na casa e no jardim. Era um tipo qualquer de impostor ou espião. Agora sei. Sei agora o que me aconteceu. Fui hipnotizado. Havia também um cavalo. Eu trato do cavalo.

Este último detalhe teve imediato efeito nos seus ouvintes, Denniston escancarou a porta da cozinha e o grupo todo foi atrás dele. Por um segundo viram formas indistintas à luz vermelha, profunda, de um grande lume do qual há algumas horas ninguém cuidava; então, quando Denniston encontrou o interruptor e acendeu a luz, todos respiraram fundo. As quatro mulheres estavam sentadas profundamente adormecidas. A gralha dormia, empoleirada nas costas de uma cadeira vazia. O Sr. Bultitude, estendido sobre um lado junto à lareira, dormia também; o seu ressonar ténue, como o de uma criança, tão desproporcionado com o seu volume, era audível no silêncio momentâneo. A Sra. Dimble, enrolada no que parecia uma posição desconfortável, estava dormindo com a cabeça em cima da mesa, com uma meia semi-passada ainda apertada nos joelhos. Dimble olhou para ela com aquela piedade incurável que os homens sentem por quem dorme, mas em especial pela esposa. Camilla, que estivera na cadeira de balanço, estava aninhada numa atitude que era cheia de graça, como a de um animal acostumado a dormir em qualquer parte. A Sra. Maggs dormia com a boca, bondosa e comum, toda aberta; e Grace Ironwood, direita como um espeto, como se estivesse acordada, mas com a cabeça ligeiramente caída para um lado, parecia submeter-se com austera paciência à humilhação da inconsciência.

— Estão todas bem — disse MacPhee lá de trás. — É exatamente o mesmo que fez comigo. Não temos tempo para as acordar. Vamos.

Passaram da cozinha ao corredor lajeado. Para todos eles, exceto MacPhee, o silêncio da casa parecia intenso, depois de batidos pelo vento e pela chuva. As luzes, à medida que as acendiam, revelavam sucessivamente salas e corredores vazios que ostentavam o ar abandonado da meia-noite dentro de casa, lumes apagados nas lareiras, um jornal da noite num sofá, um relógio que tinha parado. Mas ninguém tinha realmente esperado encontrar muito mais no andar térreo.

— Agora lá para cima — disse Dimble.

— As luzes estão acesas lá em cima — disse Jane, quando todos chegaram ao fundo da escada.

— Fomos nós que as acendemos do corredor — disse Dimble.

— Não acho que as acendemos — disse Denniston.

— Desculpe-me — disse Dimble a MacPhee —, acho que talvez seja melhor eu ir na frente.

Até o primeiro patamar estavam na escuridão; no segundo e último caía a

luz do primeiro andar. A cada patamar a escada fazia um ângulo reto, de forma que até se chegar ao segundo não se conseguia ver o vestíbulo do andar de cima. Jane e Denniston, que eram os últimos, viram MacPhee e Dimble estacarem no segundo patamar, as caras, de perfil, iluminadas, a parte de trás das cabeças na escuridão. A boca do homem do Ulster estava fechada como um alçapão, a sua expressão hostil e receosa. Dimble estava de boca aberta. Então, forçando as pernas cansadas a correr, Jane chegou junto deles e viu o que eles viam.

Olhando para eles de trás da balaustrada, estavam dois homens, um trajando vestimentas largas em vermelho e o outro em azul. Era o diretor quem usava o azul, e por um instante um pensamento que era puro pesadelo cruzou o espírito de Jane. As duas figuras de túnica pareciam ser do mesmo tipo... e o que, afinal, conhecia ela do diretor: que a tinha aliciado a entrar na casa dele e feito sonhar e ensinado o temor do Inferno naquela mesma noite. E ali estavam eles, a dupla deles, conversando sobre os seus segredos e fazendo o que quer que seja que tal gente faz, depois de terem esvaziado a casa ou posto os seus habitantes a dormir. O homem que fora extraído da terra e o homem que estivera no espaço exterior... e este tinha-lhes dito que o outro era um inimigo, e agora, no instante em que se encontravam, ali estavam os dois, feitos iguais como dois pingos de mercúrio. Durante todo este tempo mal tinha olhado para o estrangeiro. O diretor parecia ter posto de lado a sua muleta, e Jane nunca o tinha visto antes de pé tão direito e imóvel. A luz caía sobre a sua barba de maneira que ela se tornara uma espécie de halo; e também no alto da cabeça dele notou um reflexo de ouro. Subitamente, enquanto pensava nestas coisas, verificou que os seus olhos estavam fixos nos olhos do estrangeiro. No momento seguinte notou o seu tamanho. O homem era monstruoso. E os dois homens eram aliados. E o estrangeiro estava falando e apontando para ela enquanto falava.

Ela não compreendia as palavras, mas Dimble compreendia, e ouviu Merlin no que lhe parecia ser um tipo estranho de latim:

— Senhor, tendes em vossa casa a mais falsa das damas de todas que nesta data estão vivas.

E Dimble ouviu o diretor responder-lhe na mesma língua: — Senhor, estais enganado. Ela é, sem dúvida, como todos nós, uma pecadora, mas a mulher é casta.

— Senhor, sabeis bem que ela fez em Logres uma coisa da qual advirão não menores dores, do que as provenientes do golpe desferido por Balinus.

Porque, senhor, era propósito de Deus que ela e o seu senhor, entre os dois, tivessem concebido uma criança por meio da qual o inimigo teria sido posto fora de Logres por um milhar de anos.

— Ela só se casou a pouco tempo — disse Ransom. — A criança pode nascer ainda.

— Senhor, certifiquei-vos de que a criança nunca venha a nascer, porque a hora da concepção já passou. De sua livre vontade eles são estéreis: não sabia até agora que os usos de Sulva tão comuns entre vós. Durante cem gerações, em duas linhas, foi preparada a concepção desta criança, e, a não ser que Deus venha a rasgar a obra do tempo, tal semente e tal momento, em tal terra, nunca mais acontecerão.

— Já foi dito o que baste — respondeu Ransom. — A mulher percebe que estamos a falar dela.

— Seria uma grande caridade — disse Merlin — se désseis ordem para lhe cortarem a cabeça de cima dos ombros; pois é um cansaço olhar para ela.

Jane, embora tivesse uma luzes de latim, não tinha entendido a conversa deles. O sotaque não era familiar, e o velho druida usava vocabulário que estava muito além das suas leituras: o latim de um homem para quem Apuleius e Martianus Capella eram os clássicos primeiros e cuja elegância se assemelhava à da *Hisperica Famina*. Mas Dimble tinha-a seguido. Puxou Jane para trás de si e bradou bem alto:

— Ransom! Qual é, em nome dos Céus, o significado disto?

Merlin falou outra vez em latim e Ransom ia virar-se justamente para lhe responder, quando Dimble interrompeu:

— Responda-nos — disse ele. — O que é que aconteceu? Por que está vestido dessa maneira? Que está a fazer com esse velho sedento de sangue? MacPhee, que tinha seguido o latim ainda menos do que Jane, mas que tinha estado a olhar para Merlin como um terrier furioso fita um cão Terra Nova que tenha invadido o seu jardim, meteu-se na conversa:

— Dr. Ransom — disse ele. — Não sei quem é esse homenzarrão e não sou latinista. Mas sei muito bem que me manteve debaixo de olho esta noite toda, contra a minha vontade expressa, e permitiu que eu fosse drogado e hipnotizado. Eu lhe garanto que me dá pouca satisfação vê-lo vestido como uma coisa qualquer saída de uma pantomima e aí de pé, de mãos dadas com esse faquir, feiticeiro, sacerdote ou sei lá o que ele é. E pode dizer-lhe que não precisa olhar para mim da forma que ele está fazendo. Eu não tenho medo dele. E quanto à minha vida e corpo, se o senhor, Dr. Ransom, mudou



de lado depois de tudo o que já se passou, não creio que tenha muito uso a dar a uma ou outro. Mas embora possa ser morto, não fazem pouco de mim. Estamos à espera de uma explicação.

O diretor baixou os olhos para eles em silêncio durante uns segundos.

— Já chegou realmente nesse ponto? — disse ele. — Nenhum de vocês confia em mim.

— Eu confio, senhor — disse Jane subitamente.

— Esses apelos às paixões e emoções — disse MacPhee — não vêm nada a propósito. Eu seria capaz de chorar tão bem como qualquer um neste momento se me dispusesse a isso.

— Bem — disse o diretor depois de uma pausa —, há uma certa desculpa para todos nós, pois estávamos enganados. E também o inimigo estava. Este homem é Merlinus Ambrosius. Eles pensavam que se ele viesse de volta ficaria do lado deles. Mas ele está do nosso. Você, Dimble, deveria perceber que haveria esta possibilidade.

— Isso é verdade — disse Dimble. — Suponho que era, bem, o aspecto da coisa, o senhor e ele aí de pé, juntos, assim. E a sede de sangue aterradora dele.

— Isso também me sobressaltou — disse Ransom. — Mas, afinal, não tínhamos direito algum de esperar que o código penal dele fosse o do século XIX. Também acho difícil fazê-lo compreender que eu não sou um monarca absoluto.

— Ele é, ele é cristão? — perguntou Dimble.

— Sim — disse Ransom. — Quanto às minhas roupas, pus desta vez as vestes próprias do meu cargo, em sua honra, e porque estava envergonhado. Julgou-nos por engano, a MacPhee e a mim, por servos de cozinha ou de estrebaria. Nos seus tempos, os homens não andavam por aí, exceto por necessidade, enfiados em sacos de tecido sem forma, e castanho-claro não era a cor favorita.

Nesta altura Merlin falou outra vez. Dimble e o diretor, que eram os únicos a entender as suas palavras, ouviram-no dizer:

— Quem é essa gente? Se são vossos escravos, por que é que não vos fazem as devidas reverências? Se são inimigos, por que é que não os destruíis?

— São meus amigos — começou Ransom em latim, mas MacPhee interrompeu.

— Devo entender, Dr. Ransom — disse ele —, que nos está a pedir para

aceitar esta pessoa como membro da nossa organização?

— Receio — disse o diretor — não poder pôr a questão dessa maneira. Ele é um membro da nossa organização. E devo ordenar a todos que o aceitem.

— E em segundo lugar — continuou MacPhee — devo perguntar que investigações foram feitas quanto às credenciais dele.

— Estou inteiramente satisfeito — respondeu o diretor. — Estou tão seguro da boa-fé dele como da sua.

— Mas as bases da sua confiança? — persistiu MacPhee. — Não vamos ouvi-las?

— Seria difícil — disse o diretor — explicar-lhe as minhas razões para confiar em Merlinus Ambrosius; mas não mais difícil do que explicar a ele por que, a despeito de muitas aparências que podiam ser mal compreendidas, eu confio em si. — Havia só a sombra de um sorriso nos seus lábios quando disse isto. Então Merlin falou-lhe outra vez em latim e ele replicou. Depois disso Merlin dirigiu-se a Dimble.

— O chefe supremo diz-me — disse na sua voz inalterável — que me acusais de ser um homem feroz e cruel. É uma acusação que nunca ouvira antes. Dei um terço do que tinha às viúvas e aos homens pobres. Nunca procurei a morte de ninguém salvo criminosos e saxões pagãos. Quanto à mulher, por mim pode viver. Não sou o senhor desta casa. Mas seria assim uma coisa tão séria se lhe fosse cortada a cabeça? Não vão para a fogueira, por menos, rainha e damas que desdenhariam de a ter como serva de toucador? Mesmo esse pássaro de força que está a vosso lado, é a ti que me refiro, companheiro, embora não fales senão na tua própria língua bárbara, tu que tens cara de leite talhado e a voz como uma serra num tronco duro e as pernas como as de uma cegonha, mesmo esse pobretanas, embora eu o pusesse na masmorra, a corda devia, porém, ser usada nas costas dele e não no pescoço.

MacPhee, que compreendia, embora sem entender as palavras, que estava a ser objeto de alguns comentários menos favoráveis, ficou ouvindo com aquela expressão de opinião inteiramente em suspenso, que é mais comum na Irlanda do Norte e nas terras baixas escocesas do que na Inglaterra.

— Sr. Diretor — disse ele depois de Merlin ter acabado —, ficaria muito obrigado se...

— Vamos — disse o diretor subitamente —, nenhum de nós dormiu esta noite. Arthur, você vem acender o lume para os nossos hóspedes na sala grande ao fundo deste corredor? E alguém é capaz de acordar as mulheres?

Peçam-lhe para trazerem a ele alguma coisa fresca. Uma garrafa de Borgonha ou o que tiverem frio. E depois, todos para a cama. Não precisamos nos mexer de manhã cedo. Tudo vai estar muito bem.

## IV

— Vamos ter dificuldade com este nosso colega — disse Dimble. Estava sozinho com a mulher, no quarto de ambos em St. Anne's, no dia seguinte, já tarde. — Sim — repetiu, depois de uma pausa. — Aquilo a que se chamaria um forte colega.

— Parece muito cansado, Cecil — disse a Sra.

Dimble.

— Bem, foi uma conferência bastante esta fante — disse Dimble. — Ele é, ele é um homem cansativo. Oh, bem sei que fomos todos uns tolos. Quero dizer, todos nos pusemos a imaginar que, porque ele voltou a si no século xx, havia de ser um homem do século xx. O tempo é mais importante do que nós pensávamos, aí está tudo.

— Senti isso ao almoço, sabe — disse a esposa. — Fui tão tola por não ter compreendido que

ele não deveria saber nada quanto a garfos. Mas o que me surpreendeu ainda mais (depois do primeiro choque) foi como, bem, como ele era elegante sem os usar. Quero dizer, podia-se ver que não era um caso de não ter boas maneiras, mas sim de as ter diferentes.

— Oh, o velho é um cavalheiro à sua maneira, qualquer um pode ver. Mas... bem, não sei. Suponho que está tudo bem.

— O que aconteceu na reunião?

— Bem, veja, tudo teve de ser explicado em ambos os lados. Foi o maior dos trabalhos fazê-lo perceber que Ransom não é o rei do país nem está tentando ser rei. E depois tivemos de lhe anunciar que não éramos os tais britânicos, mas ingleses, aqueles a quem chamaria saxões. Levou algum tempo para aceitar essa idéia.

— Entendo.

— E então, MacPhee foi escolher esse momento para se lançar numa explicação interminável das relações entre a Escócia, a Irlanda e a Inglaterra. Tudo isso, é claro, tinha de ser traduzido. E tudo era também uma insensatez. Como muita gente, MacPhee imagina que é um celta quando, à parte o nome, nada há de celta nele, não mais do que no Sr. Bultitude. A propósito, Merlinus Ambrosius fez uma profecia a respeito do Sr. Bultitude.

— Oh, e o que foi?

— Disse que antes do Natal, este urso praticará o maior feito que urso algum jamais praticou na Grã-Bretanha, com exceção de um outro urso qualquer de que nenhum de nós tinha ouvido falar. Está sempre dizendo coisas assim. Saltam simplesmente cá para fora, quando estamos a falar de outra coisa qualquer, e numa voz bastante diferente. Como se não dependesse dele. Ele não parece saber mais nada além do pedaço que diz no momento, se entende o que quero dizer. Como se uma coisa, como o obturador de uma máquina fotográfica, se abrisse na parte de trás do seu espírito e se fechasse outra vez imediatamente, e só uma pequena frase passasse. Tem um efeito bem desagradável. — Ele e MacPhee não questionaram outra vez, espero.

— Não, exatamente. Receio que Merlinus Ambrosius não estivesse levando MacPhee muito a sério. Do fato de que MacPhee está sempre sendo obstrutivo e bastante rude e, contudo, nunca é maltratado, acho que concluiu que ele é o bo-bo-da-corte do diretor. Parece ter-lhe passado a sua aversão por ele. Mas não acho que MacPhee venha a gostar de Merlinus.

— Chegaram a tratar de assuntos sérios? — perguntou a Sra. Dimble.

— Bem, de certa maneira — disse Dimble, franzindo a testa. — Não havia meio de nos entendermos. Levantou-se o caso do marido de Ivy estar na prisão, e Merlinus queria saber porque é que não o tínhamos salvo. Parecia imaginar que era só ir a cavalo até lá e tomar a prisão do condado de assalto. Era contra este tipo de coisas que estávamos o tempo todo.

— Cecil — disse a Sra. Dimble subitamente.

— Ele vai servir de alguma coisa.

— Ele vai ser capaz de fazer coisas, se é isso que quer dizer. Nesse sentido há mais perigo de ele servir de mais do que de menos.

— Que tipo de coisas? — perguntou a esposa.

— O universo é tão complicado — disse o Dr. Dimble.

— Já disse isso antes muitas vezes, querido

— replicou a Sra. Dimble.

— Disse? — disse ele com um sorriso. —

Quantas vezes, imagino eu? Tantas quantas você contou a história do cavalinho e da armadilha em Dawlish?

— Cecil! Há anos que não a conto.

— Minha querida, ouvi contá-la a Camilla na noite de anteontem.

— Oh, Camilla. Isso é completamente diferente. Ela nunca a tinha ouvido antes.

— Não sei se podemos estar certos disso...

sendo o universo tão complicado e tudo o mais. —

Durante uns minutos fez-se silêncio entre os dois. — Mas, a respeito de Merlin? — perguntou então a Sra. Dimble.

— Nunca notou — disse Dimble — que o universo, e cada pequeno pedaço do universo, estão sempre ficando mais duro e menor e tornando-se num ponto?

A esposa esperou, como esperam aqueles que

conhecem de longa experiência o processo mental da pessoa que está a falar com eles.

— Queria dizer isto — disse Dimble em resposta à pergunta que ela não tinha feito. — Se penetrar numa faculdade, ou escola, ou paróquia, ou família, o que quiser, numa certa altura da sua história, vai sempre verificar que houve um tempo, antes dessa altura, em que havia mais espaço livre e os contrastes não eram tão nítidos, e que vai haver um tempo depois dessa altura em que há menos lugar para indecisão e as escolhas são ainda mais momentosas. O bom está sempre ficando melhor, e o mau está sempre ficando pior: as possibilidades de uma neutralidade, ainda que aparente, estão sempre diminuindo. A coisa toda está-se definindo o tempo todo, convergindo num ponto, tornando-se mais nítida e mais dura. Como no poema acerca do Céu e do Inferno comendo a Terra no meio, vindos de lados opostos... como é que ele diz? Qualquer coisa como «come todos os dias...» «até que tudo seja algo completamente...» Não podia ser «comido, porque não tinha a métrica certa.» A minha memória nestes últimos anos está falhando horrivelmente. Conhece este poema, Margery?

— O que está dizendo me lembra da passagem da Bíblia a respeito da peneira de cirandar.

Separando o trigo do joio. Ou como aquela linha de Browning: «Sendo o assunto da vida só a escolha terrível.»

— Exatamente! Talvez todo o processo do tempo queira dizer isso mesmo e mais nada. Mas não é só em questão de escolha moral. Cada coisa está se tornando mais ela própria e mais diferente de todas as outras coisas, e isto sempre. A evolução significa as espécies tornarem-se cada vez menos parecidas umas com as outras. A mente torna-se cada vez mais espiritual, a matéria cada vez mais material. Mesmo na literatura, a poesia e a prosa se afastam cada vez mais.

A Sra. Dimble com a facilidade nascida da longa prática evitou o perigo, sempre presente na sua casa, de ser dada uma volta meramente literária à conversa.

— Sim — disse ela. — Espírito e matéria, certamente. Isso explica porque é que as pessoas como os Studdocks acham tão difícil ser casados e felizes.

— Os Studdocks? — disse Dimble, olhando para ela com ar um tanto vago. Os problemas caseiros desse jovem casal tinham ocupado o seu espírito um bocado menos do que tinham ocupado o da sua mulher. — Oh, sim. Creio que tem alguma coisa a ver com isso. Mas a respeito de Merlin. Aquilo a que chegamos, tanto quanto posso saber, é isto. Havia ainda possibilidades para um homem daquela época que não existem para um homem da nossa. A própria Terra era mais como um animal naqueles dias. E os processos mentais eram muito mais como os processos físicos. E havia, bem, neutros, por aqui e por ali.

— Neutros?

— Não quero dizer, é claro, que alguma coisa possa ser autenticamente neutra. Um ser consciente está obedecendo ou desobedecendo a Deus. Mas pode haver coisas neutra em relação a nós. — Queres dizer eldils, anjos?

— Bem, a palavra anjo levanta uma questão.

Mesmo os Oyéresu não são exatamente anjos, no mesmo sentido do que são os nossos anjos da guarda. Tecnicamente são inteligentes. O ponto é que, conquanto seja verdade no fim do mundo descrever cada eldil ou como um anjo ou como um demônio, e pode até ser verdade agora, isso era muito menos verdadeiro no tempo de Merlin.

Costumava haver coisas nesta nossa Terra tratando dos seus próprios interesses, por assim dizer. Não eram espíritos apostólicos enviados para ajudar a Humanidade caída, mas também não eram inimigos tratando-nos como presas. Mesmo em S. Paulo colhemos vislumbres de uma população que não se encaixa exatamente nas nossas duas colunas de anjos e demônios. E se formos ainda mais para

trás... todos os deuses, duendes, anões, gente das águas, fadas, longevos. Sabemos demais para pensar que são só ilusões.

— Pensa que há coisas como essas? — Penso que havia. Penso que havia lugar

para elas, então, mas o universo avançou. Talvez nem tudo coisas racionais. Algumas serão meras vontades inerentes à matéria, dificilmente conscientes. Mais como animais. Outras... mas eu não sei

realmente. De qualquer modo, este é o tipo de situação na qual um homem como Merlin vai se encontrar.

— Tudo isso me soa bastante horrível. — Era bastante horrível. Quero dizer mesmo

no tempo de Merlin (ele apareceu no extremo desse período) embora se pudesse usar esse tipo de vida inocentemente no universo, não se podia fazê-lo

com segurança. As coisas não eram más em si próprias, mas já não eram más para nós. Elas mais ou

menos faziam mirrar o homem que lidava com elas.

Não de propósito. Não podiam deixar de o fazer.

Merlinus está mirrado. Ele é muito piedoso e humilde e tudo isso, mas alguma coisa foi retirada de

dentro dele. Essa calma dele é assim um pouco mortal, como a calma de um edifício destruído por dentro. É o resultado de ter exposto o seu espírito a algo que expande o ambiente um tanto demais.

Como a poligamia. Não estava errado para Abraão, mas não podemos deixar de sentir que mesmo ele perdeu alguma coisa com isso.

— Cecil — disse a Sra. Dimble. — Se sente absolutamente satisfeito com o fato de o diretor usar um homem como este? Quero dizer, não parece um pouco ir lutar contra Belbury com as próprias armas dele?

— Não. Eu tinha pensado nisso. Merlin é o inverso de Belbury. Ele está no extremo oposto. É o último vestígio de uma velha ordem na qual a matéria e o espírito estavam,



do nosso moderno ponto de vista, confundidos. Para ele, cada operação da Natureza é uma espécie de contacto pessoal, como persuadir uma criança ou bater no próprio cavalo. Depois dele veio o homem moderno, para quem a Natureza é qualquer coisa morta, uma máquina para funcionar, ou para desmontar em pedaços se não trabalhar da forma que lhe agrada. Finalmente, veio o pessoal de Belbury, que retoma esse modo de ver do homem moderno, sem alteração, e quer simplesmente aumentar o seu poder, usando para isso o auxílio de espíritos, espíritos extranaturais e antinaturais. Claro que queriam ganhar pelos dois lados. Pensavam que a velha magia de Merlin, que funcionava de acordo com as qualidades espirituais da Natureza, amando-as e respeitando-as e conhecendo-as por dentro, podia ser combinada com a nova e brutal cirurgia praticada do exterior. Não. Em certo sentido Merlin representa aquilo a que temos de regressar, de uma forma diferente. Sabe que é proibido pelas regras da sua ordem usar qualquer instrumento cortante em qualquer coisa que cresça?

— Santo Deus! — disse a Sra. Dimble. — Já são 6 horas. Prometi a Ivy estar na cozinha às 5 horas e 45 minutos. Não precisa se levantar, Cecil. — Sabe — disse Dimble —, acho que é uma mulher maravilhosa.

— Porque?

— Quantas mulheres, que tivessem tido a sua casa própria durante trinta anos, seriam capazes de se adaptar a este pequeno jardim zoológico? — Isso não é nada — disse a Sra. Dimble. —

Ivy também tinha a sua própria casa, sabe. E para ela é muito pior. Afinal eu não tenho o meu marido na prisão.

— Vais tê-lo em breve — disse Dimble — se

metade dos planos de Merlinus Ambrosius forem postos em prática.

## V

Entretanto, Merlin e o diretor estavam conversando na Sala Azul. O diretor tinha tirado a túnica e o anel e se estendera no sofá. O druida estava sentado numa cadeira de frente para ele, as pernas direitas, as mãos grandes e brancas imóveis nos joelhos, parecendo aos olhos modernos como uma velha e convencional escultura de um rei. Estava ainda com a túnica e debaixo dela, como Ransom sabia, tinha surpreendentemente pouca roupa, pois o calor da casa era excessivo para ele e achava as calças desconfortáveis. As suas sonoras exigências de óleo depois do banho tinham acarretado apressadas compras na aldeia, que tinham produzido finalmente, devido às diligências de Denniston, uma lata de brilhantina. Merlinus usara-a com liberalidade, de forma que o cabelo e a barba rebrilhavam e o cheiro doce e persistente enchia a sala. Era por isso que o Sr. Bultitude tinha se fincado na porta com tanta insistência que fora finalmente admitido e se sentava agora tão perto do mágico quanto lhe era possível estar, com as narinas frementes. Nunca antes tinha cheirado um homem tão interessante.

— Senhor — disse Merlin em resposta à pergunta que o diretor tinha acabado de lhe fazer. — Dou-vos muitos agradecimentos. Na verdade não consigo compreender a forma como viveis e a vossa casa é estranha para mim. Dais-me um banho que o próprio imperador invejaria, mas ninguém me auxilia a tomá-lo; uma cama mais macia que o próprio sono, mas quando me levanto vejo que tenho de vestir as minhas roupas com as minhas próprias mãos como se fosse um camponês. Deito-me num quarto com janelas de cristal puro de tal maneira que se pode ver o céu tão claramente quando estão fechadas como quando estão abertas, e não há vento suficiente dentro do quarto para apagar um pavio sem resguardo, mas fico lá sozinho sem mais honras do que um preso numa masmorra. A vossa gente come carne seca e sem sabor mas servida em pratos tão lisos como o marfim e tão redondos como o sol. Em toda a casa há calor, suavidade e silêncio que podia pôr um homem em espírito no paraíso terrestre; mas nada pendurado, nenhuns pavimentos belos, nenhuns músicos, nenhuns perfumes, nada de cadeirões altos, nem um lampejo de ouro, nem um

falcão, nem um cão de caça. A mim parece-me que não viveis nem como um homem rico nem como um pobre: nem como um senhor nem como um eremita. Senhor, digo-vos estas coisas porque me haveis pedido. Não têm qualquer importância. Agora que ninguém nos ouve, salvo o último dos sete ursos de Logres, é tempo de nos abirmos um com o outro.

Deitou um olhar de relance ao rosto do diretor enquanto falava e então, como se em sobressalto pelo que nele via, inclinou-se vivamente para diante.

— A vossa ferida faz-vos doer? — perguntou.

Ransom sacudiu a cabeça.

— Não — disse —, não é a ferida. Temos coisas horríveis para falar.

O homem corpulento remexeu-se, desasossegado.

— Senhor — disse Merlinus numa voz mais profunda e mais doce —, eu podia tirar todo o sofrimento do vosso calcanhar como se o estivesse a lavar com uma esponja. Dai-me só sete dias para andar por aí, de um lado para o outro, e renovar velhos conhecimentos. Estes campos e eu, este bosque e eu, temos muito para dizer um ao outro. Ao dizer isto, estava inclinado para a frente

de forma que a cara e o focinho do urso estavam quase lado a lado, e chegava a parecer que os dois estavam empenhados numa espécie qualquer de conversa, cheia de pêlos e grunhidos. A cara do druida tinha uma aparência estranhamente animal, não sensual ou feroz, mas cheia de sagacidade paciente e não argumentativa de um animal. A de

Ransom, entretanto, estava cheia de tormento. — Sereis capaz de achar o país muito mudado — disse ele, forçando um sorriso.

— Não — disse Merlin —, não calculo ir encontrá-lo muito mudado. — A distância entre os dois homens aumentava a todo o momento. Merlin era como qualquer coisa que não devia estar dentro de casa. Banhado e perfumado como estava, desprendia-se dele uma sensação de musgo, cascalho,

folhas molhadas, água cheia de ervas.

— Nada mudado — repetiu em voz quase inaudível. E naquele silêncio interior que se aprofundava e do qual o seu rosto dava testemunho, poderia se acreditar que ele escutava continuamente um murmúrio de sons fugidios: o sussurro dos ratos e dos esquilos, a progressão sonora das rãs, o pequeno choque das avelãs ao cair, o estalar dos ramos, os regatos correndo suavemente, o próprio crescer da erva. O urso tinha fechado os olhos. A sala toda estava ficando pesada com uma espécie de anestesia flutuante.

— Por meu intermédio — disse Merlin — podeis sugar da terra o esquecimento de todas as dores.

— Silêncio — disse o diretor severamente.

Tinha se afundando nas almofadas do seu sofá com a cabeça um pouco caída sobre o peito. Nessa altura subitamente sentou-se muito direito. O mágico sobressaltou-se e endireitou-se da mesma maneira. O ar na sala ficou claro. Até o urso abriu outra vez os olhos.

— Não — disse o diretor. — Pela glória de Deus, julgais que fostes desenterrado para me dar um emplastro para o meu calcanhar? Temos medicamentos que podiam enganar a dor tão bem quanto a vossa magia da Terra ou melhor, se não fosse meu encargo suportá-la até ao fim. Não ouvirei mais nada desse estilo. Compreendeis?

— Ouço-vos e obedeço — disse o mágico.

— Mas não tinha má intenção. Senão para sarar a vossa própria ferida, então para a cura de Logres, ides precisar do meu comércio com o campo e a água. Terá de ser que eu ande dentro e fora, para a frente e para trás, renovando velhos conhecimentos. Não estará mudado, sabeis. Não aquilo a que chamais mudado.

De novo aquele ar doce e pesado, como o cheiro do espinheiro branco,

parecia fluir de novo  
sobre a Sala Azul.

— Não — disse o diretor numa voz ainda  
mais alta —, isso já não pode ser feito. A alma abandonou o bosque e a  
água. Oh, ousou dizer que  
podeis acordá-los, um pouco. Mas não seria suficiente. Uma tempestade, ou  
mesmo a cheia de um rio,  
seriam de pequeno proveito contra o nosso inimigo  
presente. A vossa arma quebrar-se-ia nas vossas  
mãos. Pois confronta-nos a Força Medonha e é  
como nos dias em que Nimrode construiu uma torre  
para chegar ao Céu.

— Escondida pode estar — disse Merlinus.

— Mas não mudada. Deixai-me trabalhar, senhor.  
Eu acordá-la-ei. Porei uma espada em cada folha de  
erva para os ferir e os próprios torrões de terra serão  
veneno para os pés deles. Hei-de...

— Não — disse o diretor. — Proíbo-vos de  
falar nisso. Se fosse possível, seria ilícito. Que parcela de espírito possa  
ainda sobreviver na Terra  
recuou quinze centenas de anos em relação a nós  
desde os vossos tempos. Não deveis dizer uma palavra para ela. Não ireis  
erguer um dedo para a  
conjurar. Ordeno-vos. Nesta época é absolutamente  
ilícito. — Até aqui, tinha estado a falar severamente  
e friamente. Nesta altura inclinou-se para a frente e  
disse numa voz diferente: — Nunca foi muito lícito,  
mesmo no vosso tempo. Lembrai-vos, quando  
primeiro soubemos que iríeis acordar, pensávamos  
que estaríeis do lado do inimigo. E porque Nosso  
Senhor faz todas as coisas para cada um, um dos  
propósitos do vosso redespertar foi que a vossa  
própria alma se salvasse.

Merlin encostou-se para trás na sua cadeira  
como um homem transtornado. O urso lambeu-lhe  
a mão pendente, pálida e descontraída, sobre o  
braço da cadeira.

— Senhor — disse Merlin então —, se não vou trabalhar para vós dessa maneira, então trouxestes para vossa casa um monte de carne tolo. Pois

já não sou grande coisa como guerreiro. Se se chegar a espada e gume, pouco posso ser útil.

— Também não é dessa maneira — disse

Ransom, hesitando como um homem que está relutante em atacar o problema. — Nenhum poder

que seja meramente terreno — continuou por fim

— servirá contra a Força Medonha.

— Então vamos todos orar — disse Merlinus.

— Mas aí também... Eu não seria considerado de muito proveito... alguns deles chamavam-me um filho do Diabo. Era uma mentira. Mas não sei por que fui trazido de volta.

— Certamente, vamos agarrar-nos às nossas orações — disse Ransom. — Agora e sempre. Mas não era isso aquilo que eu queria dizer. Existem poderes celestiais: poderes criados, não nesta Terra, mas nos Céus.

Merlinus olhou para ele em silêncio. — Sabeis bem de que é que estou a falar —

disse Ransom. — Não vos disse eu, quando nos encontramos pela primeira vez que os Oyéresu eram os mestres?

— É claro — disse Merlin. — E foi assim que eu soube que éreis do Colégio. Não é essa a senha em toda a Terra?

— Uma senha? — exclamou Ransom com um olhar de surpresa. — Não sabia isso.

— Mas... mas — disse Merlinus —, se não sabíeis a senha, como é que a dissestes?

— Disse-a porque era a verdade.

O mágico lambeu os lábios que se tinham tornado muito pálidos.

— Verdadeira como são verdadeiras as coisas mais simples — repetiu Ransom. — Verdade como

é a verdade que estais aqui sentado com o meu urso ao vosso lado.

Merlin estendeu as mãos abertas.

— Vós sois o meu pai e a minha mãe — disse ele. Os olhos, cravados em Ransom, eram grandes como os de uma criança pasmada, mas quanto ao resto parecia um homem mais pequeno do que Ransom a princípio tinha achado.

— Permitti-me que eu fale — disse ele por fim

— ou matai-me se quiserdes, pois estou na palma da vossa mão. Ouvi falar disso nos meus tempos, que alguns tinham falado com os deuses. O meu mestre, Blaise, conhecia algumas palavras dessa fala. Contudo, esses eram, apesar de tudo, poderes da Terra.

Pois, não é preciso que eu vos diga, conheceis mais do que eu, não são os próprios Oyéresu, os verdadeiros poderes do Céu, com quem os maiores da nossa arte se reúnem, mas os seus espectros terrenos, as suas sombras. Somente a Vênus-Terra, o Mercúrio-Terra, não a própria Perelandra, não o próprio Viritribia. E apenas...

— Não estou a falar de espectros — disse Ransom. — Estive perante o próprio Marte, na esfera de Marte, e perante a própria Vênus, na esfera de Vênus. É a força deles, e a força de alguns maiores do que eles, que destruirá os nossos inimigos. — Mas, senhor — disse Merlin —, como é

que isso pode ser? Então não é contra a Lei Sétima? — Que lei é essa?

— Não estabeleceu Deus Nosso Senhor uma lei para Ele próprio, segundo a qual não enviaria cá abaixo as forças para emendarem ou destruírem nesta Terra até ao final de todas as coisas? Ou isto é o fim que se está agora a passar?

— Pode ser o princípio do fim — disse

Ransom. — Mas disso nada sei. Maleldil pode ter feito uma lei em que não enviaria as forças aqui embaixo. Mas se os homens, por engenharia e filosofia natural, aprendem a voar até aos céus, e aparecem, em carne e osso, entre os poderes celestes

e neles lançam a perturbação, Ele não proibiu os poderes de reagirem. Pois tudo isto está na ordem natural. Um homem maléfico aprendeu a tal fazer. Veio a voar, por meio de um engenho astuto, até onde Marte habita no Céu e onde Vênus habita, e levou-me a mim com ele, como cativo. E aí falei com os verdadeiros Oyéresu cara a cara. Compreendeis? Merlin inclinou a cabeça.

— E assim o homem perverso produzira, tal como Judas tinha produzido, a coisa que menos tencionava. Pois agora existia um homem no mundo, que era eu, que era conhecido dos Oyéresu e falava a sua língua, sem ser por milagre de Deus nem por magia de Numenor, mas naturalmente, como quando dois homens se encontram na estrada. Os nossos inimigos tinham retirado a si próprios a proteção da Sétima Lei. Tinham quebrado por filosofia natural a barreira que Deus, de Sua própria iniciativa, não quebraria. Mesmo assim eles procuraram em vós um amigo e fizeram erguer um flagelo para eles mesmos. E é por isso que as forças do Céu têm descido a esta casa, e neste quarto em que estamos discorrendo agora, Malacandra e Perelandra têm falado comigo.

A cara de Merlin tornou-se um pouco mais pálida. O urso roçava o focinho na mão dele, sem ele o notar.

— Tornei-me uma ponte — disse Ransom. — Senhor — disse Merlin —, o que vai sair disto? Se eles aplicarem o seu poder, desfarão toda a Terra do Meio.

— O seu poder em bruto, sim — disse Ransom. — É por isso que vão operar apenas através de um homem. O mágico passou uma grande mão pela testa. — Através de um homem cujo espírito se abriu para assim ser invadido — disse Ransom —, alguém que, de sua livre vontade, uma vez o abriu. Tomo Deus Nosso Senhor por testemunha em como, se essa fosse a minha tarefa, eu não a recusaria. Mas Ele não admite que um espírito que ainda



guarde a sua virgindade seja dessa forma violado. E através do espírito de um praticante de magia negra a pureza deles não pode ou não quer operar. Alguém que se tenha metido... nos tempos em que o meter-se a experimentar ainda não tinha começado a ser um mal, ou estava mesmo no começo... e ao mesmo tempo um cristão e um penitente. Um instrumento (tenho de falar claramente) bom o bastante para assim ser usado e não demasiado bom. Em todas estas partes ocidentais do mundo havia somente um homem que tivesse vivido naqueles tempos e que podia ainda ser chamado de novo. Vós...

Parou, chocado com o que estava acontecendo. O enorme homem erguerase da cadeira, e de pé se elevava altaneiro sobre ele. Da sua boca horrivelmente aberta saiu um berro que pareceu a Ransom absolutamente animalesco, embora fosse, de fato, apenas o grito primitivo de lamentação celta. Era horripilante ver aquele rosto consumido e barbudo todo desfeito em lágrimas não disfarçadas, como uma criança. Toda a superfície romana de Merlinus tinha sido arrancada. Tornara-se uma monstruosidade arcaica balbuciando súplicas que soavam como uma mistura de galês e de espanhol. — Silêncio — bradou Ransom. — Sentai-vos.

Estais a envergonhar-nos a ambos.

Tão subitamente como tinha começado, o frenesi acabou. Merlin retornou a sua cadeira. Para uma pessoa moderna parecia estranho que, tendo se recuperado, não mostrasse o mais ligeiro embaraço pela temporária perda do autocontrole. O caráter completo da sociedade bilateral na qual aquele homem devia ter vivido tornou-se mais claro para Ransom do que páginas de história o teriam feito. — Não penseis — disse Ransom — que para mim seja também brincadeira de criança encontrar aqueles que hão de vir cá abaixo para vos conferir o poder.

— Senhor — gaguejou Merlin —, vós estivestes no Céu. Eu não sou mais do que um homem.

Não sou o filho de um dos homens Airish. Isso era uma história falsa. Como posso eu?... Vós não sois como eu. Vós haveis já olhado para o rosto deles. — Não deles todos — disse Ransom. —

Espíritos maiores do que Malacandra e Perelandra descerão desta vez. Estamos na mão de Deus. Isto poderá desfazer-nos a ambos. Não há promessa alguma de que vós ou eu havemos de salvar as nossas vidas ou a nossa razão. Não sei como podemos ousar olhar para as caras deles; mas sei que não podemos ousar olhar para a de Deus se recusarmos este empreendimento.

Subitamente o mágico bateu com a mão no joelho.

— Valha-me Deus! — gritou. — Não estamos a ir depressa demais? Se sois vós o chefe supremo, eu sou o alto conselho de Logres e aconselhar-vos-ei. Se as Forças tiverem de me fazer em pedaços para destroçar os nossos inimigos, seja feita a vontade de Deus. Mas já chegamos aí? Esse tal vosso rei saxão que está em Windsor, agora. Não podemos ter o auxílio dele?

— Ele não tem poder algum nesta matéria. — Então não é suficientemente fraco para ser derrubado?

— Não tenho qualquer desejo de o derrubar.

Ele é o rei. Foi coroado e ungido pelo arcebispo. No ordenamento de Logres eu posso ser o chefe supremo, mas no ordenamento da Grã-Bretanha sou homem do rei.

— São então os seus grandes homens, os condes e legados e os bispos, que fazem o mal e ele não sabe?

— É isso — embora eles não sejam exatamente o tipo de grandes homens que tendes em mente.

— E não somos suficientemente grandes para os enfrentar numa batalha frontal?

— Somos quatro homens, algumas mulheres e um urso.

— Eu vi a ocasião em que Logres era apenas eu próprio e um homem e dois rapazes, e um destes era um rústico. E, contudo, vencemos.

— Isso não poderia ser feito agora. Têm um mecanismo chamado imprensa por meio do qual o povo é enganado. Morreríamos sem sequer terem ouvido falar de nós.

— Mas o que há com os verdadeiros clérigos? Não há auxílio da parte deles? Não pode ser que todos os nossos párocos e bispos sejam corruptos. — A própria fé está feita em pedaços, depois

dos vossos dias, e fala com uma voz dividida.

Mesmo que fosse possível fazê-la una, os cristãos são apenas uma décima parte do povo. Desse lado não há auxílio.

— Então vamos procurar auxílio do outro lado do mar. Não há nenhum príncipe cristão em Neustria ou Irlanda ou Benwick que possa vir limpar a Grã-Bretanha se for chamado?

— Não resta príncipe cristão nenhum. Esses outros países estão como a Grã-Bretanha, ou então afundaram-se ainda mais na doença.

— Então temos de ir ainda mais acima. Temos de ir ter com aquele cujo cargo é destituir os tiranos e dar vida aos reinos que estão a morrer.

Temos de ir ter com o imperador.

— Não há imperador algum.

— Imperador nenhum... — começou Merlin, e depois a sua voz desvaneceu-se. Ficou sentado imóvel durante alguns minutos, lutando com um mundo que nunca concebera. Por fim disse: — Veio-me à idéia um pensamento e não sei se é bom ou mau. Mas porque sou o alto conselho de Logres

não o esconderei de vós. Esta época em que acordei é fria. Se toda esta parte oeste do mundo apostatou, não seria lícito, devido à nossa extrema necessidade, olhar para mais longe... para lá da Cristandade? Não encontraríamos alguns, mesmo entre os pagãos, que não fossem totalmente corruptos? Havia muitas lendas no meu tempo de alguns assim: homens que não conheciam os artigos da nossa santíssima fé, mas que adoravam a Deus como podiam e reconheciam a lei da Natureza. Senhor, acredito que seria lícito procurar auxílio mesmo aí. Para além de Bizâncio. Corriam rumores também de que existiam conhecimentos nessas terras, um círculo oriental e sabedoria que veio de Numenor para ocidente. Não sei onde: Babilônia, Arábia ou Cathay. Haveis dito que os vossos navios deram volta à Terra, por cima e por baixo.

Ransom sacudiu a cabeça

— Não compreendeis — disse ele. — O veneno foi fermentado nestas terras do Ocidente mas espalhou-se hoje por toda a parte. Por muito longe que se vá encontram-se as máquinas, as cidades atulhadas, os tronos vazios, os escritos falsos, as camas estéreis: homens enlouquecidos com falsas promessas e amargurados com desgraças verdadeiras, adorando as obras de ferro das suas próprias mãos, desligados da Terra, sua mãe, e do Pai que está no Céu. Pode-se ir para Leste até tão longe que o Leste passa a Oeste e voltar à Grã-Bretanha atravessando o grande oceano, mas mesmo assim sem nunca se encontrar, em parte alguma, a luz. A sombra de uma asa escura está em cima de toda Tellus.

— Então é o fim? — perguntou Merlin. — E é por isto — disse Ransom, ignorando a pergunta — que não temos nenhum outro caminho salvo aquele que eu vos disse. A Força Medonha

mantém toda esta Terra no seu punho, para espremer como desejar. Não fosse o seu único erro, e não haveria esperança alguma. Se pela sua própria maléfica vontade não tivessem rompido a fronteira e deixado entrar os poderes celestes, este seria o seu momento de vitória. A própria força deles os traiu. Foram eles que foram até aos deuses que não teriam vindo até eles, e puxaram o Céu Distante para cima das suas cabeças. Por isso morrerão. Pois embora procureis todas as gretas para escapar, agora que vedes todas as gretas fechadas, não me ireis desobedecer. E então, muito lentamente, penetrou sinuosamente no rosto branco de Merlin, primeiro cerrando a sua boca desanimada e finalmente cintilando nos seus olhos, aquela expressão quase animal, terrestre e saudável e com um lampejo de astúcia meio bem-humorada.

— Bem — disse ele —, se as terras estão paradas, a raposa enfrenta os cães. Mas tivesse eu sabido quem vós éreis no nosso primeiro encontro, acho que vos teria posto a dormir como fiz ao vosso bobo-da-corte.

— Tenho o sono muito leve desde que viajei nos céus — disse Ransom.

## **CAPÍTULO XIV A VIDA REAL ENCONTRA-SE I**

Como o dia e a noite do mundo exterior não faziam diferença alguma na cela de Mark, ele não sabia se eram minutos ou horas mais tarde que se encontrou uma vez mais acordado, uma vez mais confrontando Frost, e ainda em jejum. O professor veio perguntar se tinha pensado na recente conversa entre os dois. Mark, que julgava que uma certa demonstração decente de relutância tornaria a sua rendição final mais convincente, replicou que somente uma coisa ainda continuava a perturbá-lo. Não percebia inteiramente aquilo que ele em particular ou a Humanidade em geral teriam a ganhar com a cooperação com os macróbios. Via claramente

que os motivos pelos quais a maior parte dos homens agem, e que eles dignificam com o nome de patriotismo ou de dever para com a Humanidade, são meros produtos do organismo animal, variando de acordo com o esquema de comportamento de diferentes comunidades. Mas ainda não via o que iria substituir estes motivos irracionais. Em que base por conseguinte iriam as ações ser justificadas ou condenadas?

— Se insiste em pôr a questão nesses termos — disse Frost —, acho que Waddington deu a melhor resposta. A existência é a sua própria justificação. A tendência para a alteração de desenvolvimento a que chamamos evolução é justificada pelo fato de que é uma característica geral das entidades biológicas. O presente estabelecimento de contato entre as entidades biológicas mais elevadas e os macróbios é justificado pelo fato de que está ocorrendo e deve ser incrementado porque está tendo lugar um incremento.

— Pensa, então — disse Mark —, que não haverá sentido algum em perguntar se a tendência geral do universo podia ser na direção a que chamaríamos má?

— Podia não haver sentido nenhum — disse Frost. — O juízo que está tentando fazer revela-se, quando o inspecionamos, ser simplesmente uma expressão de emoção. O próprio Huxley apenas foi capaz de exprimi-lo utilizando termos emotivos como «gladiatório» e «implacável». Estou me referindo à famosa conferência «Romanes». Quando a chamada luta pela existência é vista simplesmente como um teorema atuarial, temos, nas palavras de Waddington, «um conceito tão pouco emocional como um integral definido» e a emoção desaparece. Com ela desaparece essa idéia absurda de um padrão externo de valor, que a emoção produziu.

— E a atual tendência dos acontecimentos — disse Mark — seria ainda justificada em si mesma e nesse sentido «boa» quando estava trabalhando para a extinção de toda a vida orgânica, como efetivamente vai estar?

— É claro — replicou Frost — se insistir em formular o problema nesses termos. Na realidade, a questão não tem sentido. Pressupõe um esquema de pensamento de meios e fins, que descende de Aristóteles, que, por sua vez, estava meramente a unificar elementos da experiência de uma comunidade agrícola da idade do ferro. Os motivos não eram as causas da ação mas os seus subprodutos. Está simplesmente perdendo o seu tempo ao considerá-los. Quando tiver atingido a objetividade autêntica, vai reconhecer, não que alguns motivos, mas que todos os motivos são

meramente epifenômenos subjetivos, animais. Não terá então motivos nenhuns e verificará que não precisa deles. O seu lugar será desempenhado por alguma coisa mais, que compreenderá então melhor do que faz agora. Por isso, longe de ser empobrecida, a sua ação se tornará muito mais eficiente.

— Percebo — disse Mark. A filosofia que Frost estava expondo não deixava de forma alguma de lhe ser familiar. Reconheceu-a de imediato como a conclusão lógica de pensamentos que ele tinha sempre aceitado até ali e que naquele momento se via rejeitando irrevogavelmente. O conhecimento de que as suas próprias suposições conduziam à posição de Frost, combinado com aquilo que ele via na cara de Frost e com o que experimentara naquela mesma cela, efetuou uma conversão completa. Todos os filósofos e evangelistas do mundo não podiam ter feito trabalho tão perfeito.

— E é por isso — continuou Frost — que tem de lhe ser ministrado um treinamento sistemático em objetividade. O seu propósito é eliminar do seu espírito, uma por uma, as coisas que considerou até aqui como bases para ação. É como matar um nervo. Todo esse sistema de preferências instintivas, qualquer que seja o disfarce, ético, estético, ou lógico, que envergar, é para ser simplesmente destruído.

— Peguei a idéia — disse Mark, embora com uma reserva íntima de que o seu atual desejo instintivo, de esmurrar a cara do professor até virar geléia, daria um grande trabalho para destruir.

Depois disso, Frost tirou Mark da cela e deu-lhe uma refeição numa sala qualquer das redondezas. Também estava iluminada com luz artificial e não tinha janela alguma. O professor manteve-se perfeitamente imóvel e observava-o enquanto ele comia. Mark não sabia o que era a comida e não gostou muito dela, mas estava com muita fome para recusá-la, mesmo que a recusa tivesse sido possível. Quando a refeição chegou ao fim, Frost conduziu-o à antecâmara da Cabeça e uma vez mais foi despido e vestido com um macacão cirúrgico e uma máscara. Depois foi introduzido na presença da Cabeça que escancarava a boca e se babava. Para sua surpresa, Frost não lhe deu a menor importância. O fez atravessar a sala até uma pequena porta mais estreita com um arco em ponta, na parede mais afastada. Aí fez uma pausa e disse:

— Entre. Não falará com ninguém sobre aquilo que encontrar aqui. Eu volto já. — Então abriu a porta e Mark entrou.

A sala, à primeira vista, era um anticlímax. Parecia ser uma sala de reuniões vazia, com uma mesa comprida, oito ou nove cadeiras, alguns quadros, e (por estranho que pareça) uma grande escadaria num dos cantos. Também ali não havia janela alguma; era iluminada por uma luz elétrica que reproduzia a ilusão da luz do dia, melhor do que Mark já vira antes, de um lugar frio e cinzento no exterior. Isso, combinado com a ausência de uma lareira na sala, fazia-a parecer gelada, embora a temperatura não fosse de fato muito baixa.

Um homem de sensibilidade treinada teria visto logo que a sala era mal proporcionada, não grotescamente, mas suficientemente para produzir desagrado. Era alta demais e estreita demais. Mark sentiu o efeito sem analisar a causa, e o efeito cresceu dentro dele à medida que o tempo passava. Sentado e olhando em volta, notou a porta, e pensou, no início, que estava sendo vítima de uma ilusão de ótica qualquer. Levou bastante tempo convencendo a si mesmo de que não estava. A ponta do arco não estava no centro: a coisa toda era desviada para um lado. Mais uma vez, o erro não era grosseiro. A coisa era suficientemente próxima da verdade para enganar uma pessoa por um momento e continuar a importunar o espírito depois da ilusão ter sido desfeita. Involuntariamente a pessoa continuava a desviar a cabeça para encontrar posições nas quais acabasse por parecer estar afinal correta. Virou-se e ficou de costas para ela... não devia deixá-la se tornar uma obsessão.

Então percebeu as malhas do teto. Não eram meras nódoas de sujidade ou descoloração. Tinham sido pintadas deliberadamente lá: pequenas malhas redondas pretas colocadas a intervalos irregulares na superfície pálida, cor de mostarda. Não havia uma grande quantidade delas: talvez trinta... ou seriam uma centena? Decidiu que não cairia na armadilha de tentar contá-las. Seriam difíceis de contar, estando colocadas tão irregularmente. Ou não estavam? Agora que os olhos estavam ficando habituados a elas (e não era possível deixar de notar que havia cinco naquele pequeno grupo à direita), a sua disposição começou a sugerir alguma regularidade. Sugeriam um tipo qualquer de esquema. A sua especial feiúra consistia no próprio fato de continuarem a sugerir isso e depois frustrarem as expectativas que assim se levantavam. Subitamente percebeu que esta era outra armadilha. Fixou os olhos na mesa.

Havia também malhas na mesa: brancas. Malhas brancas brilhantes, não totalmente redondas. E dispostas, aparentemente, de forma a



corresponderem às malhas do teto. Ou estavam mesmo? Não, é claro que não... ah, agora percebera. O esquema (se podia ser chamado de esquema) da mesa era o inverso exato do teto. Mas com certas exceções. Verificou que estava relanceando os olhos rapidamente de um para o outro lado, tentando entender a charada. Pela terceira vez conteve-se. Pôs-se de pé e começou a andar por ali. Lançou uma olhadela aos quadros.

Alguns deles pertenciam a uma escola artística com a qual estava familiarizado. Havia o retrato de uma mulher jovem que tinha a boca toda aberta para revelar o fato de que o seu interior estava coberto de cabelo espesso. Estava muito bem pintado à maneira fotográfica, de tal forma que quase se podia sentir o cabelo; na verdade não se conseguia evitar senti-lo, por mais que se tentasse. Havia um louva-a-Deus gigante tocando violino ao mesmo tempo que era comido por outro louva-a-Deus; e um homem com saca-rolhas em vez de braços tomando banho num mar tristonhamente colorido, sob um pôr-do-sol de Verão. Mas a maior parte dos quadros não era deste tipo. A princípio, a maior parte parecia bastante comum, embora Mark ficasse um pouco surpreendido com a predominância dos temas das Escrituras. Só ao segundo ou terceiro olhar é que se descobria certos detalhes inexplicáveis, qualquer coisa esquisita nas posições dos pés das figuras ou a disposição dos dedos ou o agrupamento. [E quem era a pessoa que estava de pé entre Cristo e Lázaro? E por que é que havia tantas carochas](#) \* debaixo da mesa da Última Ceia? Qual era o curioso artifício de iluminação que fazia cada quadro parecer qualquer coisa vista num delírio? Quando se levantavam estas questões, o aspecto aparentemente comum dos quadros tornava-se na sua ameaça suprema, como a ominosa inocência superficial no campo de certos sonhos. Cada dobra dos reposteiros, cada pedaço de arquitetura, tinha um significado que se não podia abarcar mas que consumia o espírito. Comparados com estes, os outros quadros surrealistas eram simples maluquice.

Há muito tempo Mark tinha lido sobre «coisas de uma extrema maldade que parecem inocentes aos iniciados», e perguntara a si próprio que espécie de coisas podiam ser. Agora sentia que sabia.

\* *Carochas: Insetos coleópteros carniceiros; escaravelhos. (Nota da revisora).*

Virou as costas aos quadros e sentou-se. Compreendia agora a situação toda. Frost não estava tentando deixá-lo maluco; pelo menos não no sentido que Mark dera até aí à palavra «maluquice». Frost queria dizer exatamente o que dissera. Sentar-se na sala era o primeiro passo no caminho daquilo a

que Frost chamava objetividade, o processo através do qual todas as reações especificamente humanas eram mortas num homem, de forma que ele pudesse tornar-se adequado à sociedade fastidiosa dos macróbios. Graus mais altos de asotismo contra a Natureza se seguiriam indubitavelmente: comer comida abominável; chafurdando na porcaria e no sangue, a execução ritual de obscenidades calculadas. Estavam de certa maneira fazendo jogo limpo com ele, oferecendo-lhe a mesma iniciação através da qual eles próprios tinham passado e que os tinha separado da Humanidade, distendendo e dissipando Wither numa ruína disforme, enquanto condensava e aguçava Frost tornando-o a pequena agulha rija e brilhante que era agora.

Mas depois de mais ou menos uma hora, aquela sala que não era mais do que um caixão alto e comprido, começou a produzir em Mark um efeito que o seu instrutor provavelmente não tinha previsto. Não houve nenhuma recaída do ataque que tinha sofrido na cela na noite anterior. Fosse porque já tinha sobrevivido a esse ataque, ou porque a iminência da morte tinha arrancado a atração pelo esotérico que sempre tivera, ou porque tinha (de certo modo) pedido intensamente auxílio, a perversidade construída e pintada daquela sala tinha o efeito de o tornar consciente, como nunca estivera antes, do inverso daquela sala. Assim como o deserto ensina os homens a amarem a água, ou como a ausência revela a afeição, erguia-se contra aquele fundo do azedo e do desonesto uma espécie de visão do doce e do correto. Aparentemente existia alguma coisa mais, alguma coisa a que chamava vagamente de «normal». Nunca tinha antes pensado nisso. Mas ali estava, sólido, maciço, com uma forma própria, quase como alguma coisa que se podia tocar, ou comer, ou por ela se apaixonar. Estava tudo misturado com Jane e os ovos estrelados e sabão e luz de sol, e os corvos grasnando em Cure Hardy e o pensamento de que, em algum lugar no exterior, havia a luz do dia nesse momento. Não estava de forma alguma pensando em termos morais; ou antes (o que é a mesma coisa) estava tendo a sua primeira experiência profundamente moral. Estava escolhendo um lado: o normal. Tudo isso, como ele o chamava, era o que ele escolhia. Se o ponto de vista científico o afastava de «tudo isso», então que fosse para o diabo o ponto de vista científico! A veemência da sua escolha quase o deixou sem fôlego; nunca tinha tido tal sensação antes. Na altura pouco lhe importava que Frost e Wither o matassem.

Não sei quanto tempo este estado de espírito durou; mas quando se encontrava ainda no seu ponto mais elevado, Frost voltou. Conduziu Mark a um dormitório onde ardia um lume e um velho estava estendido na cama. A luz refletindo nos copos e nas pratas e o luxo suave do quarto levantaram de tal forma o ânimo de Mark que teve dificuldade em escutar enquanto Frost lhe dizia que tinha de ficar ali de serviço até ser substituído e devia ligar para o diretor-adjunto se o paciente falasse ou se mexesse. Ele mesmo não deveria dizer nada: na verdade, seria inútil, pois o paciente não compreendia o inglês.

Frost retirou-se. Mark olhou em redor do quarto. Estava atrevido agora. Não via possibilidade de deixar Belbury vivo, a não ser que permitisse que o transformassem num serventuário\* desumanizado dos macróbios. Entretanto, morresse ou não por causa disso, ia comer uma refeição. Havia na mesa toda espécie de coisas deliciosas. Talvez fumar qualquer coisa primeiro, com os pés no guarda-fogo.

— Raios! — disse ele quando enfiou a mão no bolso e verificou que estava vazio. Ao mesmo tempo, o homem na cama tinha aberto os olhos e estava olhando para ele. — Desculpe — disse Mark — não tinha a intenção... — e depois parou.

O homem sentou-se na cama e fez com a cabeça um sinal em direção à porta.

— Ah? — disse ele de forma inquisitiva.

— O quê? — disse Mark.

— Ah? — disse o homem outra vez. E então: — Estrangeiros, hein?

— Mas então você fala inglês? — disse Mark.

— Ah — disse o homem. Depois de uma pausa de vários segundos, disse:

— Patrão. — Mark olhou para ele. — Patrão — repetiu o paciente com grande energia — não tem consigo qualquer coisa como um pouco de tabaco? Ah?

\* Serventuário: aquele que desempenha provisoriamente um cargo na falta do proprietário. (Nota da revisora).

## II

— Penso que é tudo que podemos fazer no momento — disse Mãe Dimble. — Vamos tratar das flores esta tarde. — Estava falando com Jane e ambas estavam no que era chamado a «cabana», uma pequena casa de pedra ao lado da porta do jardim pela qual Jane fora pela primeira vez admitida no Solar. A Sra. Dimble e Jane tinham estado preparando-a para a família Maggs. Pois a sentença do Sr. Maggs terminava naquele dia e Ivy tinha ido de trem, na tarde anterior, para passar a noite com uma tia, na cidade onde ele estava preso e para encontrá-lo na saída da prisão.

Quando a Sra. Dimble tinha dito ao marido como ia estar ocupada naquela manhã, ele dissera.

— Bem, isso não deve levar muito tempo, é só acender o lume e fazer a cama.

Como eu sou do mesmo sexo do Dr. Dimble e partilho das suas limitações, não faço a mínima idéia do que as duas mulheres acharam para fazer na cabana durante tantas horas que lá ficaram. Mesmo Jane dificilmente o tinha previsto. Nas mãos da Sra. Dimble, a tarefa de arejar a pequena casa e fazer a cama para Ivy Maggs e seu marido, tornava-se qualquer coisa entre um jogo e um ritual. Despertou em Jane memórias vagas de ajudar nas decorações do Natal ou da Páscoa na igreja, quando era criança pequena. Mas também sugeria à sua memória literária recordações de todos os tipos de coisas do [epitalâmico\\* do século xvi, superstições de épocas](#) antigas, graças, e sentimentalismos a respeito de camas de noivado e caramanchões de casamento, com agouros à entrada e fadas em cima da lareira. Era uma atmosfera extraordinariamente diferente daquela na qual tinha crescido. Algumas semanas atrás a teria desagradado. Não havia qualquer coisa de absurdo a respeito daquele mundo arcaico, afetado e cintilante, a mistura de puritanismo e sensualidade, os ardores estilizados do noivo e o acanhamento convencional da noiva, a sanção religiosa, as licenciosidades permitidas da canção Frescennine, e a sugestão de que todos, exceto as figuras principais, estivessem um tanto ébrios? Como é que a raça humana se metera a aprisionar numa tal cerimônia a coisa menos cerimoniosa do mundo? Mas já não estava segura da sua reação. Aquilo de que tinha a certeza era da linha divisória que incluía a Mãe Dimble naquele mundo e deixava a ela mesma de fora. A Mãe Dimble, apesar de toda a sua correção

estilo século xix, ou talvez por causa dela, tinha feito sentir naquela tarde ser ela própria uma pessoa arcaica. A cada momento parecia dar as mãos a alguma companhia de solenes embora velhacas velhas senhoras atarefadas, que vinham metendo jovens amantes na cama desde que o mundo começou, com uma mistura incongruente de acenos e piscadelas e bênçãos e lágrimas, velhas mulheres absolutamente impossíveis, de golinhas altas e lenço na cabeça, que eram capazes de dizer gracejos shakespearianos sobre maridos enganados e outros num dado momento e ajoelhar devotadamente em frente aos altares no seguinte. Era muito estranho; pois, é claro, naquilo que respeitava à sua conversação, a diferença entre elas invertia-se.

Jane, numa discussão literária, era capaz de falar em órgãos sexuais com grande sangue frio, enquanto a Mãe Dimble era uma senhora eduardiana que teria simplesmente ignorado tal assunto como se não existisse, se algum idiota modernista tivesse tido a pouca sorte de o levantar na sua presença. Talvez o tempo tivesse alguma influência nas curiosas sensações de Jane. A geada terminara e estava um daqueles dias de doce suavidade quase penetrante que por vezes ocorrem no início do Inverno.

Ivy tinha conversado sobre sua própria história com Jane apenas no dia anterior. O Sr. Maggs tinha roubado algum dinheiro da lavanderia onde trabalhava. Tinha feito isso antes de conhecer Ivy e numa época em que se metera com más companhias. Desde que ele e Ivy tinham começado a sair juntos tinha andado direito; mas o pequeno crime tinha sido desenterrado e viera do passado para o agarrar, e ele fora preso cerca de seis semanas depois do seu casamento. Jane tinha falado muito pouco enquanto a história era contada. Ivy não parecera consciente do estigma puramente social que está ligado ao furto e a um período de prisão, de forma que Jane não teria tido oportunidade alguma para exercer, mesmo que quisesse, essa «amabilidade» quase técnica que algumas pessoas reservam para os infortúnios dos pobres. Por outro lado, não lhe foi dada possibilidade de ser revolucionária ou especulativa, de sugerir que o furto não era mais criminoso do que toda a riqueza era criminosa. Ivy parecia ter a moralidade tradicional como coisa indiscutível. Ela ficara «tão indisposta» com aquilo. Parecia ser de muita importância em certo sentido, e não ter importância em nenhum outro. Nunca lhe tinha ocorrido que pudesse alterar as suas relações com o marido, como se o furto, como a falta de saúde, fosse um dos riscos normais que se correm quando se casa.

— Eu digo sempre, não se pode esperar saber tudo a respeito de um rapaz

até se estar casada, realmente não — tinha ela dito.

— Suponho que não — disse Jane.

— E claro, é o mesmo com eles — acrescentou Ivy. — O meu velho pai costumava dizer muitas vezes que nunca teria casado com minha mãe se tivesse sabido como ela ressonava. E ela tinha dito: — Não, isso não teria mesmo!.

— É um tanto diferente, suponho — disse Jane.

— Bem, o que eu digo é: se não fosse uma coisa seria outra qualquer. É assim que eu vejo as coisas. E não é que eles não tenham também de suportar muito. Porque têm mesmo de se casar se forem desse tipo, os coitados, mas, seja o que for que nós digamos, Jane, é difícil viver com uma mulher. Não me refiro àquilo a que se chamaria uma mulher má. Lembrome um dia, foi antes de você vir para cá, em que a Mãe Dimble estava dizendo qualquer coisa ao doutor; e ali estava ele sentado lendo qualquer coisa, sabe como ele faz, com os dedos debaixo de algumas páginas e o lápis na mão, não da forma que você ou eu leríamos, e ele só disse: «Sim, querida» e nós sabíamos que ele não tinha ouvido nada. E eu disse: «Aí está. Mãe Dimble» disse eu «é assim que nos tratam depois que estão casados. Nem sequer ouvem o que dizemos.» E sabe o que ela disse? «Ivy Maggs, alguma vez já tentou se perguntar se alguém poderia ouvir tudo o que nós dizemos?» Foram estas as suas palavras. Claro que eu não ia desistir, na frente dele é que não, por isso disse «Sim, poderia. Mas foi em cheio. Sabe que muitas vezes tenho estado a falar com o meu marido durante muito tempo e ele levanta os olhos e pergunta o que é que eu tinha dito e, quer saber? Eu mesma não tenho sido capaz de me lembrar!»

— Oh, isso é diferente — disse Jane. — É quando as pessoas vão cada uma para seu lado, têm opiniões absolutamente diferentes, alinham em lados diferentes...

— Deve estar sempre tão ansiosa a respeito do Sr. Studdock — replicou Ivy. — Eu não seria capaz de dormir se estivesse no seu lugar. Mas o diretor no fim vai trazê-lo de volta e bem. Vai ver se não o faz.

A Sra. Dimble voltou nessa altura para a casa a fim de buscar um pequeno enfeite qualquer que havia de dar o toque final ao quarto da cabana. Jane, sentindo-se um pouco cansada, ajoelhou no assento da janela e apoiou os cotovelos no peitoril e o queixo nas mãos. O sol estava quente. A idéia de voltar para Mark, se Mark chegasse a ser salvo de Belbury, era uma coisa que o seu espírito já tinha aceiteado; a idéia não era horripilante, mas

insípida e vazia. Naquele momento também aceitava a idéia de perdoá-lo totalmente pelo crime conjugal de por vezes aparentemente preferir a sua pessoa à sua conversa e outras vezes os seus próprios pensamentos a ambas. Por que é que alguém estaria particularmente interessada no que ela dizia? Esta nova humildade lhe teria sido até agradável se tivesse sido dirigida a alguém mais excitante do que Mark. Ela tinha, é claro, de ser muito diferente para com ele quando se encontrassem outra vez. Mas era este «outra vez» que tanto tirava o sabor da sua boa resolução, como voltar a uma conta de somar que tinha sido feita errada e fazê-la de novo na mesma página rabiscada do caderno de exercícios. «Se eles voltassem a se encontrar outra vez...», sentiu culpa pela sua falta de ansiedade. Quase ao mesmo tempo notou estar um pouco ansiosa. Pois até ali sempre partira de certo modo do princípio de que Mark haveria de voltar. A possibilidade da morte dele se apresentava agora. Não sentia emoções diretas acerca de si mesma vivendo depois disso; apenas via a imagem de Mark morto, aquele rosto morto, no meio de uma almofada, aquele corpo todo rígido, aquelas mãos e braços (para o bem e para o mal tão diferentes de todas as outras mãos e braços) esticados e inúteis como as de uma boneca. Sentiu-se com muito frio. Todavia, o sol estava mais quente do que nunca, quase impossivelmente quente para aquela época do ano. Estava também tudo muito silencioso, tão silencioso que podia ouvir os movimentos de um passarinho que ia saltitando ao longo do carreiro do lado de fora da janela. Este carreiro ia até a porta no muro do jardim pela qual tinha entrado da primeira vez. O pássaro saltou para o portal e depois para o pé de alguém. Pois Jane via agora que alguém estava sentado num pequeno banco mesmo ao lado da porta. Esta pessoa estava a apenas algumas jardas, e devia ter estado sentada muito quieta para Jane não ter dado por ela.

Uma túnica cor de fogo, onde as mãos estavam escondidas, cobria esta pessoa dos pés até onde se erguia atrás do pescoço numa espécie de gola redonda, mas à frente era tão baixa ou aberta que expunha os seus grandes seios. A pele era escura e meridional e resplandecente, quase da cor do mel. Jane vira um traje assim usado por uma sacerdotisa minoana num vaso do velho Cnosso. A cabeça, assentada imóvel no pilar musculoso do pescoço, olhava diretamente para Jane. Era um rosto de faces vermelhas e lábios úmidos, com olhos negros, quase os olhos de uma vaca, e uma expressão enigmática. Não era, pelos padrões normais, nada parecido com o rosto da Mãe Dimble; mas Jane reconheceu-o logo. Era, para falar como os músicos,

o desenvolvimento completo daquele tema que, nas últimas horas, tinha perseguido ilusivamente o rosto da Mãe Dimble. Era o rosto da Mãe Dimble mas em que faltava qualquer coisa, e o que faltava chocava Jane. «É brutal», pensou ela, pois a sua energia a esmagava; mas depois interrompeu as suas idéias e pensou: «Sou eu que sou fraca, uma ninharia. Está fazendo troça de mim», mas depois mais uma vez mudou de idéia e pensou: «Ela está me ignorando. Não me vê.» Embora houvesse um júbilo quase de ogro no rosto, Jane não parecia ser convidada a participar do gracejo. Tentou afastar os olhos do rosto, conseguiu, e viu pela primeira vez que havia outras criaturas presentes, quatro ou cinco delas, não, mais, uma multidão inteira de homenzinhos ridículos, anões gordos com bonés vermelhos com borlas, homenzinhos gorduchos, como gnomos, e, de uma forma absolutamente insuportável, familiares, frívolos e irreprimíveis. Pois não havia dúvida que eles, de qualquer maneira, estavam troçando dela. Estavam apontando para ela, acenando com a cabeça, imitando-a, fazendo o pino e dando saltos mortais. Jane não estava ainda assustada, em parte porque a extrema tepidez do ar na sua janela aberta a fazia sentir sonolenta. Era realmente perfeitamente ridículo naquela época do ano. Uma suspeita, que lhe cruzara antes o espírito uma ou duas vezes, voltava-lhe agora com força irresistível, a suspeita de que o universo real fosse simplesmente tolo. Estava intimamente ligada com as memórias daquelas gargalhadas das pessoas crescidas, gargalhadas ruidosas, descuidadas, masculinas nos lábios dos tios solteiros, que muitas vezes a tinham enfurecido na sua infância e das quais a intensa seriedade da associação de debates da sua escola tinha facultado um tão grato escape.

Mas um momento mais tarde estava realmente muito assustada. A gigante ergueu-se. Todos caminhavam em direção a ela. Com um grande clarão e um barulho como de fogo, a mulher vestida de cor de fogo e os anões desatinados tinham todos entrado na casa. Estavam no quarto com ela. A mulher esquisita tinha um archote na mão. Ardia com um brilho terrível, estalado e que cegava e soltava uma nuvem de fumaça negra e densa e encheu o quarto com um cheiro resinoso e pegajoso. «Se não tiverem cuidado», pensou Jane, «põem fogo na casa.» Mas mal teve tempo de pensar nisso pois toda a sua atenção estava fixada no comportamento afrontoso dos homenzinhos. Começaram a virar o quarto de pernas para o ar. Em poucos segundos a cama estava simplesmente um caos, os lençóis no chão, os cobertores surrupiadados e utilizados pelos anões para atirar ao ar o



mais gordo do grupo, as almofadas girando pelo ar, penas voando por toda a parte. «Cuidado! Cuidado, não façam isso!» gritou Jane, pois a gigante estava tocando em várias partes do quarto com o archote. Tocou numa jarra em cima da pedra do fogão de sala. Instantaneamente ergueu-se dela uma torrente de cor que Jane tomou por fogo. Tinha começado a mexer-se para tentar apagá-lo quando viu que a mesma coisa acontecera a um quadro na parede. E que acontecia cada vez mais depressa em toda a sua volta. Os próprios anões estavam agora em fogo. Mas, mesmo quando o terror de tudo isto se tornava insuportável, Jane notou que o que se estava a rolar em tudo aquilo em que a tocha tocava não era chama afinal, mas vegetação. Hera e madressilva estavam crescendo dos pés da cama, rosas vermelhas despontavam dos bonés dos homúnculos e em todas as direções enormes lírios chegavam até os joelhos e à cintura, deitando as línguas amarelas na sua direção. Os cheiros, o calor, a multidão e o que ali havia de estranho fizeram-na sentir-se desmaiando. Não lhe ocorreu que estava a sonhar. As pessoas confundem sonhos com visões: ninguém nunca confundiu uma visão com um sonho.

— Jane! Jane! — disse subitamente a voz da Sra. Dimble. — O que, em nome dos céus, está se passando?

Jane sentou-se. O quarto estava vazio, mas a cama fora desfeita. Sentia-se com frio e muito cansada.

— O que aconteceu? — repetia a Sra. Dimble.

— Não sei — disse Jane.

— Está doente, minha filha? — perguntou a Mãe Dimble.

— Tenho de ver imediatamente o diretor — disse Jane. — Está tudo bem. Não se incomode. Eu posso lá ir sozinha... realmente. Mas gostaria de ver o diretor agora mesmo.

\* Epitalâmico: relativo ao canto em que se celebram bodas (casamentos). (Nota da revisora).

### III

A mente do Sr. Bultitude era tão felpuda e tão pouco humana na forma como o seu corpo. Não se lembrava, como um homem na sua situação se teria lembrado, do jardim zoológico provincial do qual tinha fugido durante um incêndio, nem a sua primeira chegada, rosnando aterrorizado, ao Solar, nem as lentas fases através das quais tinha aprendido a amar e confiar nos seus habitantes. Não sabia que eram gente nem que ele era um urso. Na

realidade, não sabia sequer que existia: tudo o que é representado pelas palavras «eu» e «mim» e «tu» estava ausente da sua mente. Quando a Sra. Maggs lhe dava uma lata de mel dourado, como fazia todos os domingos de manhã, ele não reconhecia alguém que dava e alguém que recebia. Acontecia uma coisa boa e ele a apreciava. E era tudo. Daí que os seus amores pudessem, se se quisesse, ser todos descritos como amores de trazer por casa: comida e calor, mãos que acariciavam, vozes que sossegavam, eram os seus objetos. Mas se por amor de trazer por casa se quisesse significar qualquer coisa fria ou calculista, se estaria compreendendo completamente errado a qualidade real das sensações do animal. Ele não se parecia mais com um egoísta humano do que se parecia com um altruísta humano. Na vida dele não havia prosa alguma. Os apetites que o espírito humano podia desdenhar como amores de segunda classe eram para ele aspirações frementes e extáticas que absorviam todo o seu ser, anelos infinitos, varados pela ameaça de tragédia e atravessados pelas cores do paraíso. Um dos da nossa raça, se mergulhado por um momento na lagoa quente, trêmula e iridescente daquela consciência pré-humana, teria emergido acreditando que tinha atingido o absoluto: pois os estados abaixo do nível da razão e os estados acima têm, pelo seu contraste comum com a vida que conhecemos, uma certa semelhança superficial. Por vezes regressa até nós, vinda da infância, a memória de um encanto sem nome ou de um terror, sem ligação com qualquer coisa encantadora ou terrífica, um adjetivo potente a flutuar num vazio sem substantivos, uma qualidade pura. Em momentos assim temos a experiência do fundo dessa lagoa. Mas braços mais fundo do que alguma memória o pode levar, lá em baixo na meia luz e tepidez, o urso vivia toda a sua vida.

Naquele dia tinha lhe acontecido uma coisa incomum, tinha saído para o jardim sem estar açaimado. Andava sempre açaimado no exterior, não porque houvesse qualquer receio de se tornar perigoso mas devido à sua inclinação para as frutas e para as espécies mais doces de vegetais. «Não é que ele não seja manso» como Ivy Maggs tinha explicado a Jane Studdock, «mas é que ele não é honesto. Não nos sobraria coisa nenhuma se o deixássemos com os dentes à solta.» Mas naquele dia a precaução fora esquecida e o urso tinha passado uma manhã muito agradável a investigar os nabos. Agora, no princípio da tarde, tinha-se aproximado do muro do jardim. Do lado de dentro do muro havia um castanheiro pelo qual o urso podia com facilidade trepar, e dos seus ramos podia deixar-se cair do outro

lado. Estava de pé olhando para cima para a árvore. A Sra. Maggs teria descrito o seu estado de espírito dizendo: «Ele sabe perfeitamente bem que não está autorizado a sair do jardim.» Não era assim que as coisas se apresentavam ao Sr. Bultitude. Ele não tinha moral; mas o diretor instalara nele certas inibições. Erguia-se uma relutância misteriosa, um encher de nuvens no tempo emocional, quando o muro estava demasiado perto; mas misturado com isto havia um impulso oposto, no sentido de ir além do muro. Ele não sabia, é claro, porquê, e era até incapaz de levantar a questão. Se a pressão por detrás deste impulso pudesse alguma vez ser traduzida em termos humanos, apareceria mais como alguma coisa mais semelhante a mitologia do que a pensamento. Encontram-se abelhas no jardim, mas nunca se encontra a colméia. As abelhas foram todas embora, por cima do muro. E a coisa óbvia a fazer é ir atrás das abelhas. Acho que existia na mente do urso uma sensação, dificilmente se poderia chamar uma imagem, de terras verdes sem fim para lá do muro, e inumeráveis colméias, e abelhas do tamanho de pardais, e lá à espera, ou então a andar, pingando, fluindo, para alguém o encontrar, algo ou alguém mais pegajoso, mais doce, mais dourado que o próprio mel.

Naquele dia, esta inquietação estava com ele em grau pouco usual. Sentia a falta de Ivy Maggs. Ele não sabia que existia tal pessoa e não a recordava como nós entendemos recordar, mas havia uma falta não especificada na sua experiência. Ela e o diretor eram, nas suas diferentes formas, os dois fatores principais na sua existência. Sentia, à sua própria maneira, a supremacia do diretor. Os encontros com ele eram para o urso aquilo que as experiências místicas são para os homens, pois o diretor tinha trazido com ele, de Vênus, uma certa sombra de prerrogativa perdida do homem de enobrecer os animais. Na sua presença, o Sr. Bultitude trepidava nas fronteiras da personalidade, pensava o impensável e fazia o impossível, ficava perturbado e arrebatado por fulgores vindos de mais longe que o seu próprio mundo vago, e regressava cansado. Mas com Ivy sentia-se perfeitamente em casa, como um selvagem, que acredita numa alta divindade qualquer, bastante remota, mas se sente mais à vontade com as pequenas divindades do bosque e da água. Era Ivy quem lhe dava de comer, o expulsava dos lugares proibidos, lhe dava palmadas, e falava com ele todo dia. Era sua firme convicção que a criatura «compreendia cada palavra que ela dizia». Tomado à risca, não era verdade, mas em outro sentido não estava assim tão longe da verdade. Pois muito da conversa de Ivy era a

expressão, não do pensamento, mas de sentimentos e de sentimentos que o Sr. Bultitude quase partilhava, sentimentos de alacridade, aconchego e afeição física. À sua própria maneira entendiam-se um ao outro bastante bem.

Por três vezes o Sr. Bultitude se afastou da árvore e do muro, de cada vez, porém, voltou atrás. Então, muito cauteloso e silenciosamente, começou a trepar na árvore. Quando chegou lá em cima, na primeira forquilha, sentou-se durante muito tempo. Viu por baixo dele uma encosta íngreme e relvada que descia até uma estrada. O desejo e a inibição eram agora ambos muito fortes. Esteve ali sentado quase meia hora. Por vezes a sua mente vagueava para longe e uma vez quase adormeceu. Por fim desceu na parte exterior do muro. Quando verificou que a coisa tinha realmente acontecido, ficou tão assustado que se sentou imóvel no fundo da encosta relvada, na borda da estrada. Então ouviu um ruído.

Apareceu à vista um carro. Era guiado por um homem com a farda do NICE e sentado ao seu lado vinha outro homem com a mesma farda.

— E esta agora! — disse o segundo homem. — Pára aí, Sid. Que tal aquilo?

— O quê? — disse o motorista.

— Não tem olhos na cara? — disse o outro.

— Deus — disse Sid, parando o carro. — Um danado de um urso grande. Digo, não podia ser o nosso urso, pois não?

— Vá lá — disse o companheiro. — Ela estava na jaula esta manhã.

— Pensa que ela possa ter fugido? Nós é que íamos pagar...

— Se tivesse fugido ela não poderia ter chegado aqui. Os ursos não andam a quarenta milhas por hora. Não é esse o ponto. Mas não seria bom pegarmos este?

— Não temos nenhuma ordem — disse Sid.

— Não. E não conseguimos apanhar aquele amaldiçoado lobo também, certo?

— Não foi culpa nossa. A velha não vendeu o que disse que venderia, e você estava lá para testemunhar, jovem Len. Fizemos o nosso melhor. Lhe dissemos que as experiências em Belbury não eram o que ela pensava. Dissemos que o bicho ia ter o melhor tempo da sua vida e seria um animal doméstico de estimação para sempre. Nunca disse tantas mentiras numa única manhã na minha vida. Alguém acabou por pegá-lo.

— É claro que não foi culpa nossa. Mas o patrão não deu a mínima para

isso. Estamos com um pé dentro e um pé fora de Belbury.

— Pé fora? — disse Sid. — Queria como o diabo saber como é isso.

Len cuspiu para o lado e houve silêncio por um momento.

— De qualquer maneira — disse Sid então —, qual é a vantagem de levar um urso para lá?

— Bem, não é melhor do que voltar sem nada? — disse Len. — E os ursos custam dinheiro. Sei que querem mais um. E aqui está ele, de graça.

— Muito bem — disse Sid, ironicamente —, se está tão interessado nisso, trate de saltar lá para fora e peça-lhe para entrar.

— Droga — disse Len.

— Não com a minha parte do jantar, isso não — disse Sid.

— Que grande companheiro você é — disse Len, pegando na mão um embrulho gorduroso. — É uma boa coisa que eu não seja o tipo de fulano para lhe enrascar.

— Já o fez — disse o motorista. — Conheço todas as suas pequenas jogadas.

Por esta altura Len preparara um grosso sanduíche e estava a untá-lo com um líquido de cheiro forte, de uma garrafa. Quando estava completamente saturado, abriu a porta e deu um passo em frente, mantendo sempre a porta segura com a mão. Estava agora a cerca de seis jardas do urso, que se tinha mantido perfeitamente imóvel desde que os tinha visto. Atirou-lhe o sanduíche.

Quinze minutos depois o Sr. Bultitude estava deitado de lado, inconsciente e respirando pesadamente. Não tiveram dificuldade alguma em amarrar-lhe a boca e as quatro patas, mas encontraram grandes dificuldades em levantá-lo para colocá-lo no carro.

— Isto me fez mal ao coração — disse Sid, apertando o seu lado esquerdo.

— Bolas para seu coração — disse Len, limpando o suor dos olhos. — Anda.

Sid tornou a subir para o lugar do motorista, ficou sentado durante uns segundos imóvel, ofegante e murmurando «Cristo» a intervalos. Depois pôs o motor em marcha e saíram dali.

## IV

Já há algum tempo a vida de Mark, quando acordado, era dividida entre períodos junto à cama do homem que dormia e períodos na sala com o teto

malhado. O treino em objetividade que tinha lugar nesta última não pode ser inteiramente descrito. A inversão da inclinação natural que Frost inculcava não era espetacular ou dramática, mas os detalhes não podiam ser postos em letra de forma e tinham, na realidade, uma espécie de fatuidade de jardim de infância que é melhor ignorar. Muitas vezes Mark sentiu que uma boa explosão de grosseira gargalhada teria arrastado consigo toda aquela atmosfera, mas o riso estava infelizmente fora de questão. Ali residia efetivamente o horror, executar pequenas obscenidades que uma criança muito tola podia ter achado engraçadas, tudo sob inspeção inalteravelmente séria de Frost, com um cronômetro e um bloco de notas e todo o ritual de uma experiência científica. Algumas das coisas que tinha de fazer eram meramente desprovidas de sentido. Num exercício tinha de subir a escadaria e tocar numa certa malha do teto, escolhida por Frost: tocar apenas com o indicador e depois descer outra vez. Mas, quer por associação com outros exercícios ou porque realmente escondia algum significado, este procedimento sempre parecia a Mark ser o mais indecente e mesmo desumano de todas as tarefas. E dia a dia, à medida que o processo prosseguia, aquela idéia do correto e do normal, que lhe ocorrera durante a sua primeira visita àquela sala, tornou-se mais forte e mais sólida no seu espírito até virar uma espécie de montanha. Nunca soubera antes o que uma idéia significava: até aquele momento sempre tinha pensado que idéias eram coisas dentro da cabeça de cada um. Mas agora, quando a sua cabeça estava sendo continuamente atacada e muitas vezes completamente cheia da aderente corrupção do treino, esta idéia erguia-se sobranceira à sua pessoa, algo que, obviamente, existia em absoluto, independente dele próprio e tinha superfícies de rocha dura que não cederiam, superfícies a que se podia agarrar.

A outra coisa que ajudou a salvá-lo era o homem na cama. A descoberta de Mark de que ele sabia realmente falar inglês tinha conduzido a uma curiosa relação com ele. Dificilmente poderia dizer que conversavam. Ambos falavam mas o resultado mal era uma conversa, como Mark entendia o termo. O homem era tão cheio de alusões e usava tão largamente os gestos, que os modos menos sofisticados de comunicação de Mark eram quase inúteis. Assim quando Mark explicara que não tinha tabaco, o homem tinha batido no joelho pelo menos seis vezes com uma bolsa de tabaco imaginária e acendido um fósforo imaginário quase outras tantas vezes, sacudindo de cada uma a cabeça para o lado com um ar de tal satisfação

como Mark raramente tinha visto num rosto humano. Depois Mark continuara, explicando que embora «eles não fossem estrangeiros», eram gente extremamente perigosa, e que provavelmente o melhor procedimento para o estranho seria manter o silêncio.

— Ah — disse o estranho, sacudindo outra vez a cabeça. — Ah. Eh? — E depois, sem exatamente pôr o dedo nos lábios, levou a efeito uma pantomima tão esmerada que claramente queria dizer a mesma coisa. E durante muito tempo foi impossível afastá-lo deste assunto, e trazê-lo de volta para o tema do segredo. — Ah — disse ele — De mim não tiram nada. É o que lhe digo. Não tiram nada de mim. Eh? E o que lhe digo. Eu e você, a gente sabe. Ah — e o seu ar envolvia Mark numa tal aparentemente jovial conspiração que aquecia o coração. Acreditando que este assunto estava agora suficientemente claro, Mark começou:

— Mas, no que respeita ao futuro... — apenas para ser confrontado por outra pantomima a indicar segredo, seguida da palavra «Eh?» num tom que pedia uma resposta.

— Sim, é claro — disse Mark. — Estamos ambos em considerável perigo. E...

— Ah — disse o homem. — Estrangeiros. Eh?

— Não, não — disse Mark. — Eu lhe disse que não eram. Eles parecem pensar, porém, que você é. E é por isso...

— Está certo — interrompeu o homem. — Eu bem sei. Estrangeiros é o que lhes chamo. Eu sei. De mim não tiram nada. Você e eu somos fixes. Ah.

— Tenho tentado imaginar uma espécie de plano qualquer — disse Mark.

— Ah — disse o homem aprovadamente.

— E estava a pensar — começou Mark, quando o homem subitamente se inclinou para a frente e disse com extraordinária energia. — Eu lhe digo.

— O quê? — disse Mark.

— Tenho um plano.

— Qual é?

— Ah — disse o homem, piscando um olho para Mark com esperteza infinita e esfregando a barriga.

— Continue. Qual é? — disse Mark.

— Como seria — disse o homem, sentando-se e aplicando o polegar esquerdo ao indicador direito como se prestes a avançar com o primeiro passo numa discussão filosófica —, como seria agora se você e eu fizéssemos para nós um belo pedaço de queijo tostado?

— Eu queria dizer um plano para fugir — disse Mark.

— Ah, replicou o homem. — Agora o meu velho pai. Nunca teve um dia de doença na vida. Eh? Que tal isso como coisa boa? Eh?

— É um triunfo notável — disse Mark.

— Ah. Bem pode dizê-lo — replicou o outro. — Andou na estrada toda a sua vida. Nunca teve uma dor de estômago. Eh? — E aqui, como se Mark pudesse não conhecer tal moléstia, meteu-se a representar um espetáculo mudo cheio de vivacidade.

— O ar livre lhe faria bem, suponho eu — disse Mark.

— E a que é que ele atribuía a sua saúde? — perguntou o homem. Pronunciou a palavra atribuía com grande gosto, colocando o acento na primeira sílaba. — Perguntei a toda gente, a que é que ele atribuía a sua saúde?

Mark estava prestes a replicar quando o homem indicou, por um gesto, que a questão era puramente retórica e que não desejava ser interrompido.

— Ele atribuía a sua saúde — continuou ele com grande solenidade — a comer queijo tostado. Mantém a água fora do estômago. É isso que ele faz. Eh? Faz um forro. É fácil de compreender. Ah!

Em diversas entrevistas posteriores, Mark procurou descobrir alguma coisa da história do próprio estrangeiro, e em particular como é que ele tinha sido trazido para Belbury. Isto não foi fácil de conseguir, pois embora a conversa do vagabundo fosse muito autobiográfica, era cheia quase inteiramente com relatos de conversas nas quais tinha dado réplicas surpreendentes cujos pontos se conservavam completamente obscuros. Mesmo quando eram de carácter menos intelectual, as alusões eram demasiado difíceis para Mark, que era de uma absoluta ignorância quanto à vida nas estradas, embora tivesse uma vez escrito um artigo cheio de autoridade sobre a vagabundagem. Mas, através de repetidas e (à medida que vinha a conhecer o seu homem) de um interrogatório mais cauteloso, não podia de deixar firmar a idéia de que o vagabundo tinha sido obrigado a dar as suas roupas a um completo estranho e depois posto a dormir. Nunca obteve a história com todas as palavras. O vagabundo insistia em falar como se Mark já a conhecesse, e qualquer pressão no sentido de um relato mais rigoroso produzia apenas uma série de acenos de cabeça, piscadelas de olho e gestos altamente confidenciais. Quanto à identidade ou aparência da pessoa que lhe tinha tirado a roupa, não se conseguia decifrar absolutamente nada. O mais próximo que Mark conseguiu chegar, depois de horas de conversa e



copiosas bebidas, era alguma declaração como: «Ah, era um tipo!» ou «era uma espécie de... eh? Sabe?» ou «aquilo é que é um freguês, isso é que era». Estas declarações eram feitas com enorme entusiasmo como se o roubo das roupas de um vagabundo tivessem despertado a sua mais profunda admiração. Na verdade, através da conversa do homem, este entusiasmo era a característica mais impressionante. Nunca passava qualquer espécie de julgamento moral quanto às várias coisas que lhe tinham feito ao longo da sua carreira, nem sequer tentava explicá-las. Muito do que era injusto e ainda mais aquilo que era simplesmente incompreensível parecia ser aceite, não apenas sem ressentimento, mas com uma certa satisfação, com a condição apenas de ser notável. Mesmo a respeito da sua situação presente, mostrava muito menos curiosidade do que Mark teria pensado possível. Não fazia sentido, mas o homem também não esperava que as coisas fizessem sentido. Deplorava a ausência do tabaco e tinha os «estrangeiros» na conta de gente muito perigosa; mas o principal, obviamente, era comer e beber o máximo possível enquanto durassem as condições presentes. E gradualmente Mark foi acertando o passo. O hálito do homem, e o seu corpo na verdade, cheiravam mal e as suas maneiras de comer eram grosseiras. Mas a espécie de piquenique contínuo que os dois partilhavam levava Mark de volta ao reino da infância, que todos nós desfrutamos antes de começar a educação. Cada um compreendia talvez a oitava parte do que o outro dizia, mas entre eles desenvolveu-se uma espécie de intimidade. Mark nunca notou, até anos mais tarde, que ali, onde não havia lugar algum para a vaidade e não existia mais poder ou segurança do que a da «criança a brincar na cozinha de um gigante», tinha sem notar, se tornado membro de um «círculo», tão secreto e tão fortemente protegido contra os que estavam de fora como qualquer outro com que tivesse sonhado.

De vez em quando o tête-à-tête deles era interrompido. Frost ou Wither ou ambos apareciam apresentando algum estranho que se dirigia ao vagabundo numa linguagem desconhecida, falhava completamente em obter qualquer resposta e era outra vez conduzido ao exterior. O hábito do vagabundo de se submeter ao incompreensível, misturado com uma espécie de astúcia animal, manteve-o em boa posição durante essas entrevistas. Mesmo sem o conselho de Mark, nunca lhe teria ocorrido deixar de iludir os seus captos replicando em inglês. Não iludir era uma atividade totalmente estranha ao seu espírito. Quanto ao resto, a sua expressão de tranqüila indiferença,

alterada ocasionalmente por olhares extremamente agudos mas nunca pelo menor sinal de ansiedade ou confusão, deixava mistificados os que o interrogavam. Wither nunca era capaz de encontrar no seu rosto o mal que procurava, mas também não era capaz de encontrar qualquer dessas virtudes que teriam sido, para ele, o sinal de perigo. O vagabundo era um tipo de homem que ele nunca tinha encontrado. O trouxa, a vítima aterrorizada, o adulator, o possível cúmplice, o rival, o homem honesto com asco e ódio nos olhos, eram-lhes todos familiares. Mas este não. E então, um dia, chegou uma entrevista que foi diferente.

## V

— Soa um tanto como um quadro mitológico de Ticiano que adquirisse vida — disse o diretor com um sorriso quando Jane descrevera a sua experiência na cabana.

— Sim, mas... — disse Jane; e depois parou. — Veja — começou ela outra vez —, era muito parecido com isso. Não apenas a mulher e os... os anões... mas também a vermelhidão. Como se o ar estivesse pegando fogo. Mas sempre pensei que gostava de Ticiano. Suponho que realmente não estava a tomar as imagens suficientemente a sério. Só estava a tagarelar a respeito da «renascença» da forma que se faz.

— Não gostou quando apareceu na vida real? Jane sacudiu a cabeça.

— Era real, senhor? — perguntou ela então.

— Há coisas assim?

— Sim — disse o diretor —, era bastante real.

Oh, existem milhares de coisas dentro desta milha quadrada das quais ainda nada sei. E me atrevo a dizer que a presença de Merlinus faz surgir certas coisas. Não estaremos vivendo exatamente no século xx enquanto ele estiver aqui. Sobrepomo-nos

um bocado; o foco está tremido. E você mesma...

você é uma vidente. Estava talvez destinada a encontrá-la. Ela é a que você vai ter, se quiser ter a outra.

— O que quer dizer, senhor? — disse Jane. — Disse que ela era um pouco como a Mãe Dimble. E é mesmo. Mas a Mãe Dimble com qualquer coisa a menos. A Mãe Dimble é amiga de todo esse mundo, como Merlinus é

amigo dos bosques e dos rios. Mas ele próprio não é bosque nem rio. Ela não o rejeitou, mas batizou-o. É uma esposa cristã. E você, bem sabe, não é. Nem é uma virgem. Você colocou-se onde tinha de encontrar a velha e rejeitou tudo que lhe aconteceu desde que Maleldil veio à Terra. Assim encontrou-a em bruto, não mais forte do que a Mãe Dimble a encontraria, mas sem transformação, demoníaca. E você não gosta disso. Não tem sido esta a história da sua vida? — Quer dizer — disse Jane, lentamente —

que tenho estado recalçando alguma coisa? O diretor riu, aquela mesma gargalhada sonora, seguro de si, de um homem solteiro que tantas vezes a enfurecera, em outros lábios.

— Sim — disse ele. — Mas não pense que estou falando de recaimentos freudianos. Ele só sabia de metade dos fatos. Não é uma questão de inibições, vergonha inculcada, contra o desejo natural. Receio que não haja nicho algum no mundo

para as pessoas que não sejam pagãs ou cristãs.

Imagine só um homem que fosse demasiado delicado para comer com os dedos mas que não usasse garfo!

O seu riso, mais do que as suas palavras, tinham posto vermelhas as faces de Jane e ela fitava-o

de boca aberta. Seguramente, o diretor não era de forma alguma como a Mãe Dimble; mas uma odiosa compreensão de que ele estava, neste assunto, do lado da Mãe Dimble, de que também ele, embora não pertencesse àquele mundo arcaico, de cores quentes, se encontrava de certa maneira em boas relações diplomáticas com ele, das quais ela era excluída, atingiu-a como uma pancada. Um certo sonho feminino antigo de encontrar um homem que «realmente compreendia» estava sendo insultado. Aceitara como garantido, meio inconscientemente, que o diretor era a pessoa mais virginal do seu sexo; mas não percebera que isto deixaria a masculinidade dele ainda separada dela por uma corrente de água, e ainda mais a pique, mais marcada, do que a dos homens comuns. Já tinha obtido, pelo fato de viver na casa dele, um certo conhecimento de um mundo além da Natureza, e mais do medo da morte, naquela noite no vale estreito. Mas tinha vindo a conceber este mundo como «espiritual» no sentido negativo, como um

vácuo neutro, ou democrático, onde as diferenças desapareciam, onde o sexo e sentidos não eram transcendidos mas simplesmente retirados. Agora raiava nela a suspeita de que podiam haver diferenças e contrastes por ali acima, mais ricos, mais agudos, mais ferozes mesmo, a cada degrau da subida. E então, se esta invasão do seu próprio ser num casamento do qual tinha se afastado, muitas vezes por cima do instinto, não fosse, como supusera, meramente uma relíquia da vida animal ou de barbarismo patriarcal, mas antes a mais baixa, a primeira e a forma mais fácil de um certo contacto chocante com a realidade, que teria de ser repetida, mas numa escala ainda maior e em modalidades mais perturbadoras, ao mais alto de todos os níveis?

— Sim — disse o diretor. — Não há por onde escapar. Se fosse uma rejeição virginal do macho, Ele ia permiti-lo. Tais almas podem deixar o macho de lado e seguir a encontrar algo de longe mais masculino, mais acima, ao qual têm de apresentar uma rendição ainda mais profunda. Mas o seu problema tem sido aquilo a que os velhos poetas chamavam Daungier. Nós o chamamos de orgulho. Você se ofende com aquilo que é propriamente masculino: a coisa possessiva, ruidosa, irrompante, o não dourado, o macho barbado, que rompe barreiras e dispersa o pequeno reino da sua afetação, como os anões desmancharam a cama cuidadosamente feita. Você podia ter escapado ao macho, pois ele existe apenas a nível biológico. Mas nenhum de nós pode escapar ao masculino. Aquilo que está acima e para além de todas as coisas é tão masculino que em relação a ele todos nós somos femininos. O melhor que tem a fazer é concordar rapidamente com o seu adversário.

— Quer dizer que tenho de me tornar cristã?

— disse Jane.

— Parece que sim — disse o diretor. — Mas... ainda não vejo o que isso tem a ver

com... com Mark — disse Jane. Isto talvez não fosse perfeitamente verdade. A visão do universo que ela

começara a ter nos últimos minutos tinha uma curiosa qualidade tempestuosa. Era brilhante, movia-se rapidamente e oprimia. Imagens de olhos e

rodas do Velho Testamento, pela primeira vez na sua vida, adquiriam possibilidade de terem algum significado. E misturada com isto estava a sensação de que tinha sido manobrada para ficar numa posição falsa. Deveria ter sido ela quem diria aquelas coisas aos cristãos. Seu mundo deveria ser o perigoso, vívido, opondo-se ao deles, cinzento e formalista; seus movimentos rápidos, cheios de vitalidade e seriam deles as atitudes de vitral. Essa era a antítese a que estava habituada. Desta vez, num relâmpago súbito de púrpura e escarlate, lembrou-se como eram realmente os vitrais. E onde é que Mark se situava em todo este mundo novo, ela não sabia. Decerto não inteiramente no seu antigo lugar. Alguma coisa que ela gostava de pensar como o inverso de Mark fora retirada. Alguma coisa civilizada, ou moderna, ou estudiosa, ou (isto ultimamente) «espiritual», que não a quisesse possuir, que lhe desse valor pela estranha coleção de qualidades que designava por «ela própria», alguma coisa sem mãos que agarravam e sem exigências sobre ela. Mas se não houvesse coisa alguma assim? Procurando ganhar tempo, perguntou:

— Quem era aquela mulher enorme? — Não tenho certeza — disse o diretor. —

Mas creio que posso calcular. Sabia que todos os planetas estão representados em cada um deles? — Não, senhor. Não sabia. — Aparentemente estão. Não há Oyarsa algum no Céu que não tenha o seu representante na

Terra. E não existe nenhum modo onde não se possa encontrar um pequeno associado não caído do nosso próprio Arconte Negro, uma espécie de outra via. É por isso que havia um Saturno italiano, bem como um no Céu, e um Júpiter de Creta bem como um no Olimpo. Eram estes espectros terrenos das altas inteligências que os homens encontravam em tempos antigos quando relatavam que tinham visto os deuses. Era com esses que um homem como Merlin tinha (por vezes) contacto. Nada vindo de mais longe do que a Lua jamais descia na realidade. Aquilo que mais lhe interessa, existe uma Vênus terrestre, bem como uma celeste, o espectro

de Perelandra bem como uma Perelandra.

— E pensa...

— Penso: há muito que sei que esta casa está profundamente sob a influência dela. Há até cobre no solo. Além disso, a Vênus terrena estará especialmente ativa aqui, presentemente. Pois é esta noite que o seu arquétipo celeste descerá realmente. — Tinha-me esquecido — disse Jane. — Não esquecerá, uma vez que tenha acontecido. O melhor é todos vocês ficarem juntos, talvez na cozinha. Não subam aqui em cima. Esta noite vou trazer Merlin perante os meus senhores, todos os cinco: Viritribia, Perelandra, Malacandra, Glund e Lurga. Ele será aberto. Passarão poderes para dentro dele.

— O que ele vai fazer, senhor?

O diretor riu.

— O primeiro passo é fácil. Os inimigos em Belbury estão já à procura de peritos em dialetos ocidentais arcaicos, preferivelmente celtas. Lhes mandaremos um intérprete! Sim, pela glória de Cristo, mandaremos um. «Sobre eles um espírito de frenesi enviado para chamar com pressa o seu destruidor.» Eles têm posto anúncios nos jornais pedindo um! E depois do primeiro passo... bem, sabe, vai ser fácil. Ao combater os que servem demônios temos isto do nosso lado: os senhores deles os odeiam tanto quanto a nós. No momento em que inutilizarmos os peões humanos o bastante para os tornar inúteis para o Inferno, os seus próprios senhores acabam o serviço por nós. Quebram os seus instrumentos.

Houve uma súbita pancada na porta e Grace Ironwood entrou.

— Ivy está de volta, senhor — disse ela. —

Acho que é melhor vê-la. Está só. Não chegou a ver o marido. A sentença chegou ao fim mas não o soltaram. Foi mandado para Belbury para tratamento reparador. Ao abrigo de uma nova regra qualquer. Aparentemente não exige uma sentença do

tribunal... mas ela não está muito coerente. Está numa grande aflição.

## VI

Jane tinha ido para o jardim para pensar. Aceitava o que o diretor tinha dito; contudo parecia-lhe não fazer sentido. A sua comparação entre o amor a Mark e a Deus (considerando que aparentemente havia um Deus) feria a sua espiritualidade incipiente por indecente e irrelevante. «Religião» devia significar um domínio no qual o seu temor feminino e persecutivo de ser tratada como uma coisa, um objeto de troca, de desejo e de posse seria posto permanentemente de lado, e aquilo a que ela chamava o seu «verdadeiro eu» ascenderia por aí acima e se expandiria em um mundo qualquer mais livre e mais puro. Pois continuava a pensar que «religião» era uma espécie de exalação ou uma nuvem de incenso, alguma coisa que se vaporizava de almas especialmente dotadas em direção a um Céu receptivo. Então, de uma forma muito nítida, ocorreu-lhe que o diretor nunca falava acerca da religião; nem os Dimbles o faziam, nem Camilla. Falavam de Deus. Não tinham no seu espírito nenhuma imagem de uma névoa qualquer vaporizando-se para as alturas: antes sim de mãos fortes e hábeis enfiadas para baixo, para fazer, e emendar, talvez mesmo para destruir. Suponhamos que afinal somos uma coisa, uma coisa concebida e inventada por alguém mais e avaliada por qualidades absolutamente diferentes daquilo que tínhamos decidido considerar como a nossa verdadeira entidade? Suponhamos que toda essa gente que, desde os tios solteirões até Mark e a Mãe Dimble, tinha, enfurecedoramente, achado que ela era agradável e fresca quando ela queria que a achassem também interessante e importante, tinha simplesmente tido sempre razão e percebido a espécie de coisa que ela era? Suponhamos que neste assunto Maleldil concordava com eles e não com ela? Por um momento teve a visão ridícula e cálida de um mundo no qual Deus, Ele próprio, nunca a compreenderia, nunca a levaria inteiramente a sério. Então, numa certa esquina do carreiro de groselhas, veio a mudança.

Aquilo que lá a esperava era sério ao ponto do desgosto e para lá disso. Não houve forma ou som. A turfa sob os arbustos, o musgo no carreiro, e a pequena bordadura de tijolos, não estavam visivelmente mudados. Mas tinham mudado. Uma fronteira tinha sido atravessada. Ela tinha entrado

num mundo, ou numa pessoa, ou chegado à presença de uma pessoa. Alguma coisa que a esperava, paciente e inexorável, encontrara-a sem véu ou proteção entre ambos. Na intimidade desse contacto, percebeu de imediato que as palavras do diretor a tinham induzido inteiramente em erro. Aquela exigência que agora pesava sobre ela não era, nem sequer por analogia, semelhante a qualquer outra exigência. Era a origem de todas as exigências corretas e continha-as todas. À sua própria luz se podiam compreender estas, mas a partir destas não se chegava ao conhecimento da primeira. Não havia nada, e nunca houvera coisa alguma, como aquilo. E agora não havia nada a não ser aquilo. Contudo, também, tudo fora como aquilo; só sendo como aquilo alguma coisa existira. Naquela altitude, e profundidade e vastidão, a pequena idéia dela própria a que até ali chamara «eu» tombou e desapareceu, sem se agitar, numa distância sem fundo, como um pássaro num espaço sem ar. A palavra «eu» era o nome de um ser de cuja existência nunca suspeitara, um ser que ainda não existia inteiramente mas que era exigido. Era uma pessoa (não a pessoa que tinha pensado), porém, era também uma coisa, uma coisa feita naquele mesmo momento, sem ser por sua escolha, com uma forma com que nunca sonhara. E o ato de fazer prosseguia no meio de uma espécie de esplendor, ou pesar, ou ambos, pelo que não podia dizer se estava nas mãos que a moldavam, se na massa informe.

As palavras levam tempo demais. Ter a consciência de tudo isto e saber que já tinha passado constituíram uma experiência única. Só a sua partida a revelou. A coisa maior que jamais lhe acontecera tinha, aparentemente, arranjado lugar para caber num lapso de tempo curto demais para sequer ser chamado tempo. A sua mão fechara-se em nada mais do que uma memória. E quando se fechara, sem um instante de pausa, as vozes dos que não têm alegria ergueram-se uivando e tagarelado de cada canto do seu ser.

«Tome cuidado. Volte atrás. Mantenha a calma. Não se comprometas», diziam elas. E depois, mais sutilmente, de um outro setor: «Tiveste uma experiência religiosa. Isso é muito interessante. Nem todos têm. Como vais compreender melhor agora os poetas do século xvii !» Ou de uma terceira direção, mais docemente: «Avance. Tente chegar lá outra vez. Agradará ao diretor.»

Mas as defesas dela tinham sido capturadas e estes contra-ataques não tiveram êxito.



## CAPÍTULO XV A DESCIDA DOS DEUSES

### I

Em St. Anne's a casa toda estava vazia, menos duas salas. Na cozinha, um pouco mais juntos do que o usual à roda e com as janelas fechadas, sentavam-se Dimble e MacPhee e Denniston e as mulheres. Afastados deles por muitos e compridos corredores e lances de escada, o chefe supremo e Merlin estavam juntos na Sala Azul.

Se alguém tivesse subido as escadas e chegado ao vestíbulo antes da Sala Azul, teria encontrado alguma coisa mais além do medo a barrar-lhe o caminho: uma resistência quase física. Se tivesse êxito na tentativa de forçar a sua passagem contra ela, entraria numa região de sons como zumbidos que claramente não eram vozes embora fossem articulados; e se o corredor estivesse bastante escuro teria provavelmente visto uma luz tênue, não como o fogo ou a lua, por baixo da porta do diretor. Não creio que conseguisse chegar à própria porta sem ser convidado. Já toda a casa lhe teria parecido adernar e mergulhar como um navio num temporal da baía da Biscaia. Teria sido horrivelmente compelido a sentir esta nossa Terra não como a base do universo mas como uma bola girando e rolando para a frente, ambas as coisas a uma velocidade delirante e isso não através do vazio, mas através de um meio qualquer densamente habitado e complexamente estruturado. Teria sabido sensorialmente, até os seus sentidos ultrajados o desampararem, que os visitantes daquela sala estavam lá, não porque estivessem descansando mas porque olhavam e rodavam através da compacta realidade do céu (a que os homens chamam espaço vazio), para conservar os seus raios luminosos sobre aquele ponto da superfície da Terra móvel.

O druida e Ransom tinham ficado à espera destes visitantes logo a seguir ao pôr-do-sol. Ransom estava no seu sofá. Merlin estava sentado ao lado, as mãos apertadas uma na outra, o corpo um pouco inclinado para a frente. Por vezes uma gota de suor escorria-lhe, fria, pela face acinzentada. Tinha no início começado a pôr-se de joelhos, mas Ransom proibira-o. «Não o façais!» dissera «Esqueceste-vos de que eles são nossos companheiros, servidores como nós?» As janelas não tinham cortinas e toda a luz que havia na sala vinha através delas: um vermelho gelado quando começaram a espera, mas mais tarde iluminado pelas estrelas.

Muito antes de alguma coisa ter acontecido na Sala Azul, o grupo na cozinha tinha feito o seu chá das 10 horas. Foi enquanto eles estavam sentados a tomá-lo que a mudança ocorreu. Até aquela altura tinham estado instintivamente falando em voz baixa, como falam as crianças numa sala onde os adultos se ocupam com algum assunto incompreensível e de suprema importância, um funeral ou a leitura de um testamento. Então, de súbito, todos se puseram a falar em voz alta ao mesmo tempo, cada um interrompendo os outros, não em disputa mas muito satisfeito. Um estranho que entrasse na cozinha teria pensado que estavam embriagados, não estupidamente mas alegremente embriagados; teria visto as cabeças inclinadas a ficarem juntas, os olhos a dançar e uma riqueza excitada de gestos. O que diziam, nenhum dos do grupo conseguiria lembrar-se depois. Dimble mantinha que tinham principalmente estado ocupados a fazer trocadilhos. MacPhee negava que jamais tivesse, mesmo naquela noite, feito um trocadilho, mas todos concordavam que tinham estado extraordinariamente espirituosos. Se não jogos de palavras, contudo, certamente jogos de idéias, paradoxos, fantasias, anedotas, teorias risonhamente avançadas e, todavia (depois de consideradas), bem merecedoras de serem tomadas a sério, tinham fluído deles e por cima deles com deslumbrante prodigalidade. Até mesmo Ivy esqueceu o seu grande desgosto. A Mãe Dimble sempre se lembraria de Denniston e a mulher, os dois de pé, um de cada lado da chaminé, num alegre duelo intelectual, cada um cobrindo o outro, cada um erguendo-se acima do outro, cada vez mais alto, como pássaros ou aeroplanos em combate. Se ao menos uma pessoa se pudesse lembrar do que eles tinham dito! Pois nunca na sua vida ela tinha ouvido uma conversa assim, uma tal eloquência, uma tal melodia (um cântico nada lhe teria acrescentado), tais estruturas de duplo sentido a desenrolar-se, tais foguetes celestes de metáfora e de alusão.

Um momento depois disso estavam todos em silêncio. Caiu a calma, tão subitamente como quando se deixa de sentir o vento ao passar para trás de uma parede. Ficaram sentados a olhar uns para os outros, cansados e um pouco embaraçados.

No andar de cima a primeira mudança operava-se de modo diferente. Chegou um instante no qual ambos os homens ficaram tensos. Ransom apertou o lado do sofá; Merlin agarrou os próprios joelhos e cerrou os dentes. Uma haste de luz colorida, cuja cor homem algum pode designar ou descrever, dardejou entre ambos: nada mais que se visse além disso, mas

ver era a parte menor da experiência por que passavam. Foram tomados por uma agitação rápida: uma espécie de ferver e borbulhar na mente e no coração que também lhes sacudia o corpo. Atingiu um ritmo de tão violenta velocidade que tiveram receio de que a sua sanidade mental tivesse sido despedaçada em mil fragmentos. E então parecia que isso realmente acontecera. Mas não tinha importância: pois todos os fragmentos, desejos pontiagudos, alegrias animadas, pensamentos com a agudez do olhar do lince, rolaram para cá e para lá como gotas cintilantes e reuniram-se no fim. Foi bom que ambos os homens tivessem um certo conhecimento da poesia. O dobrar, a divisão e a recombinação dos pensamentos que agora se verificava neles teriam sido insuportáveis para alguém a quem essa arte não tivesse já instruído no contraponto do espírito, no domínio da visão dupla ou tripla. Para Ransom, cujo estudo fora durante tantos anos no reino das palavras, era um prazer celestial. Encontrava-se sentado dentro do verdadeiro coração da linguagem, na fornalha ao rubro-branco da oração. Todo o fato era quebrado, atirado em cãscatas, apanhado, virado do avesso, amassado, morto e renascia como sentido. Pois o próprio senhor do sentido, o arauto, o mensageiro, que tinha morto Argus, estava com eles: o anjo que gira mais próximo do sol. Viritribia, ao qual os homens chamam Mercúrio ou Thoth.

Lá em baixo, na cozinha, a sonolência caía sobre eles depois da orgia de falar ter chegado ao fim. Jane, quase tendo adormecido, foi sobressaltada pelo livro a cair-lhe da mão, e olhou em redor. Como estava quente... como era confortável e familiar. Sempre tinha gostado do lume de madeira, mas aquela noite o cheiro da lenha parecia mais doce do que o comum. Começou a pensar que era mais doce do que podia possivelmente ser, que o aroma do cedro ou do incenso a arder invadia a sala. Tornou-se mais espesso. Nomes fragantes pairavam-lhe no espírito, o odor aromático do nardo e da cássia e toda a Arábia exalada de uma caixa; alguma coisa mesmo de uma doçura mais sutil, talvez enlouquecedora, porque proibida?, mas que ela sabia que fora ordenada. Estava demasiado sonolenta para pensar profundamente como é que isto podia ser. Os Dimbles estavam falando um com o outro, mas em voz tão baixa que os outros não podiam ouvir. Os rostos deles pareciam-lhe transfigurados. Já não era capaz de ver que eram velhos, apenas amadurecidos, como os campos em Agosto, serenos e dourados com a tranqüilidade do desejo satisfeito. No outro lado dela, Arthur dizia qualquer coisa ao ouvido de Camilla. Ali também... mas à

medida que o calor e a doçura daquele ar tão rico agora lhe dominava completamente o cérebro, mal podia suportar olhar para eles: não por inveja (esse pensamento estava muito longe), mas porque uma espécie de brilho se derramava deles e a deslumbrava, como se deus e deusa dentro deles queimassem através dos corpos e das roupas brilhassem na sua frente numa nudez jovem e de dupla natureza de um espírito cor de rosa vermelha que a dominava. E tudo em volta dela dançava, não os grosseiros e ridículos anões que vira naquela tarde, mas espíritos ardentes e graves, de asas brilhantes, as suas formas juvenis suaves e finas como hastes de marfim.

Na Sala Azul, também Ransom e Merlin sentiam por esta altura que a temperatura tinha subido. As janelas, não viram como nem quando, tinham-se aberto de par em par; com a sua abertura a temperatura não descera, pois era de fora que vinha o calor. Através dos ramos nus, através do terreno que uma vez mais endurecia com a geada, soprava para dentro da sala uma brisa de Verão, mas uma brisa de um Verão como a Inglaterra nunca tem. Carregada com pesadas barcaças que deslizam quase com a borda debaixo de água, carregadas tão pesadamente que se teria pensado que não se poderiam mexer, carregadas com a poderosa fragrância de flores de perfume noturno, gomas viscosas, pequenos bosques que pingam odores, e com o fresco paladar do fruto à meia-noite, fazia mexer as cortinas, levantou uma carta que estava em cima da mesa, levantou o cabelo que um momento antes estava colado à testa de Merlin. A sala balançava. Estavam flutuando. Deslizava-lhes sobre a carne um suave latejar e tremura, como se fosse espuma e bolhas a rebentar. Corriam lágrimas pelas faces de Ransom. Só ele sabia de que mares e de que ilhas soprava aquela brisa. Merlin não sabia, mas também nele a ferida inconsolável com que nasce o homem despertava e doía àquele toque. Os seus lábios murmuravam sílabas surdas de pena de si próprio em celta pré-histórico. Estes anelos e carícias eram, contudo, apenas o que procedia a deusa. À medida que a totalidade da sua virtude tomava, se focava e mantinha no seu comprido feixe aquele ponto da Terra que rolava, alguma coisa mais dura, de som mais agudo, mais perigosamente extasiante, saiu vinda do centro de toda a suavidade. Ambos os humanos tremeram, Merlin porque não sabia o que estava para vir, Ransom porque sabia. E então chegou. Era ferosa, aguda, brilhante e implacável, pronta para matar, pronta para morrer, ultrapassando a velocidade da luz: era a caridade, não como os mortais a imaginam, nem mesmo como para eles tem sido humanizada desde a Encarnação do Verbo,

mas a virtude translunar, caindo sobre eles diretamente do terceiro céu, sem atenuação. Ficaram cegos, chamuscados, surdos. Pensaram que lhes incendiaria os ossos. Não podiam suportar que continuasse. Não podiam suportar que terminasse. E assim Perelandra, triunfante entre os planetas, a quem os homens chamam Vênus, chegou e estava com eles na sala.

Lá em baixo, na cozinha, MacPhee afastou bruscamente para trás a sua cadeira de forma que ela raspou no chão de mosaico, como um lápis guinchando na ardósia.

— Homem! — exclamou — é uma vergonha estarmos aqui a olhar para o lume. Se o diretor não tivesse ele próprio uma perna coxa, aposto convosco que teria encontrado outra forma qualquer de nos metermos ao trabalho. — Os olhos de Camilla relampejaram em direção a ele.

— Vá, continue! — disse ela — continue! — Que é que quer dizer, MacPhee? — disse

Dimble.

— Ele quer dizer lutar — disse Camilla. — Seriam muitos para nós, receio — disse

Arthur Denniston.

— Pode ser isso! — disse MacPhee. — Mas pode ser que venham a ser muitos também desta maneira. Mas seria grandioso irmos a eles uma vez, antes do fim. Para lhes dizer a verdade, por vezes sinto que não me importa muito o que aconteça. Mas não me sentiria bem na minha sepultura se soubesse que eles tinham ganho sem que eu nunca tivesse tentado lutar com eles. Gostaria de ser capaz de dizer como um velho sargento me disse na primeira guerra, a respeito de uma incursão que fizemos perto de Monchy. A nossa gente fez tudo com o lado da coronha, sabem. «Senhor», disse ele, «já alguma vez ouviu alguma coisa parecida com a forma como as cabeças deles estalavam?»

— Acho isso repugnante — disse a Mãe

Dimble.

— Essa parte é, suponho eu — disse Camilla.

— Mas... se uma pessoa pudesse fazer uma carga ao estilo antigo. Não me importa coisa nenhuma, uma vez em cima de um cavalo.

— Não compreendo isso — disse Dimble.

— Não sou como você, MacPhee. Não sou bravo.

Mas estava justamente pensando, quando você falava, que não sinto medo de ser morto e ferido como

costumava acontecer. Esta noite, não.

— Podemos ser, suponho — disse Jane. — Enquanto estivermos unidos — disse a

Mãe Dimble. — Podia ser... não. Não quero dizer nada de heróico... podia ser uma bonita maneira de morrer.

E, subitamente, as caras de todos e as vozes estavam modificadas. Estavam outra vez a rir, mas era um tipo diferente de riso. O amor deles uns pelos outros tornou-se intenso. Cada um, olhando para o resto todo, pensava: «Tenho sorte em estar aqui. Com estes era capaz de morrer.» Mas MacPhee estava a entoar para consigo mesmo: «O rei Guilherme disse. Não ficai desanimados por causa da perda de um comandante.» No andar de cima, no início, foi muito semelhante. Merlin viu na sua memória a relva invernosa de Badon Hill, a comprida bandeira da Virgem flutuando por cima dos pesados baluartes romano-britânicas, os bárbaros de cabelos amarelos. Ouviu a chicotada dos arcos, o click-click das pontas de aço nos escudos de madeira, os aplausos, os uivos e o ressoar da malha de ferro sob as pancadas. Recordava também a noite, fogos cintilando ao longo das colinas, a geada fazendo doer as feridas, a luz das estrelas num charco sujo de sangue, águias voando juntas no céu pálido. E Ransom, pode bem ser, recordava a sua longa luta nas cavernas de Perelandra. Mas tudo isso passara. Alguma coisa vivificante e lasciva e animadamente fria, como a brisa do mar, corria sobre eles. Não havia medo em parte alguma: o sangue dentro deles fluía como se ao som de uma marcha. Sentiam-se a tomar o seu lugar no ritmo ordenado do universo, lado a lado com as estações pontuais e átomos ordenados dos fiéis Serafins. Sob o peso imenso da sua [obediência, a vontade deles erguia-se direita e incansável como uma cariátide\\*](#).

Aliviados de toda a inconstância e de todos os protestos, estavam de pé: alegres, leves, ágeis e alertas. Tinham vivido mais do que todas as ansiedades; preocupação era uma palavra sem sentido. Viver significava tomar parte nesta pompa procissional. Ransom conhecia, como um homem conhece quando toca no ferro, o claro, tenso, esplendor daquele espírito celestial que agora fulgurava entre eles: o vigilante Malacandra, o capitão numa orbe fria, à qual os homens chamam Marte e Mavorte, e Tyr, que meteu a mão na boca do lobo. Ransom cumprimentou os seus hóspedes na língua do Céu. Mas preveniu Merlin de que agora estava a chegar a altura em que ele tinha de representar o homem. Os três deuses que já tinham encontrado na Sala Azul eram menos diferentes da Humanidade do que os dois que ainda esperavam. Em Viritribia e Venus e Malacandra estavam representados aqueles dois dos Sete Gêneros que contêm uma certa analogia com os sexos biológicos e podem, por conseguinte, ser, em certa medida, compreendidos pelos homens. Não seria assim com aqueles que se estavam agora a preparar para descer. Esses também indubitavelmente tinham os seus gêneros, mas não temos qualquer indicação quanto a eles. Esses seriam energias mais poderosas; antigos eldils, timoneiros de mundos gigantescos que nunca foram, desde o início, submetidos à humilhação da vida orgânica.

\* Cariátide: Estátua de homem ou mulher que sustenta algum peso e desempenha o papel de pilastra ou coluna. (Nota da Revisora).

— Avive o fogo, Denniston, pela sua saúde.

Está uma noite fria — disse MacPhee.

— Deve fazer frio lá fora — disse Dimble.

Todos pensaram nisso: em relva inteiriçada, poleiros, lugares escuros no meio dos bosques, sepulturas.

Depois na morte do Sol, a Terra apertada, sufocada, no frio sem ar, o céu negro iluminado apenas pelas estrelas. E depois, nem estrelas sequer: a morte do calor do universo, absoluto e final negrume da não existência, do qual a Natureza não conhece regresso algum. Uma outra vida? «Possivelmente», pensou MacPhee. «Eu creio», pensou Denniston. Mas a velha vida desaparecida, todos os seus tempos, todas as suas horas e dias, desaparecidos. Será que mesmo a onipotência pode trazer de volta? Para onde vão os

anos e porquê? O homem nunca o entenderia. A desconfiança tornava-se mais profunda. Talvez nada houvesse para entender.

Saturno, cujo nome nos céus é Lurga, encontrava-se na Sala Azul. O seu espírito estendia-se sobre a casa, ou mesmo sobre a Terra toda, com uma pressão fria capaz de achatar a própria órbita de Tellus ao tamanho de uma bolacha. Defrontados com o plúmbeo fardo da sua antigüidade, os próprios outros deuses sentiam-se talvez jovens e efêmeros. Era uma montanha de séculos alcantilados desde a mais remota antigüidade que podemos conceber, cada vez mais alto, como uma montanha cujo cume nunca fica à vista, não para a eternidade onde o pensamento pode repousar, mas cada vez para mais tempo, para regiões desérticas geladas e o silêncio de números inomináveis. Era, além disso, forte como uma montanha; a sua idade não era um mero atoleiro de tempo onde a imaginação pode afundar-se em devaneio, mas uma duração viva e com recordação própria que repelia da sua estrutura as inteligências mais leves como o granito reflete as ondas, ele próprio sem nunca definir nem se decompor mas capaz de fazer definir quem quer que se aproxime dele sem pensar. Ransom e Merlin experimentaram uma sensação de frio insuportável; e tudo o que em Lurga era força tornou-se em pesar à medida que penetrava neles. Todavia, Lurga foi superado naquela sala. Subitamente chegou um espírito maior, um cuja influência temperava e quase transformava na sua própria qualidade a destreza de Mercúrio que salta, a clareza de Marte, a vibração mais subtil de Vênus, e até o peso entorpecedor de Saturno.

Na cozinha foi sentida a sua chegada. Ninguém sabia, depois disso, como é que acontecera, mas de alguma maneira a chaleira foi posta no fogo, e o ponche quente foi preparado. Arthur, o único músico entre eles, foi convidado a ir buscar o seu violino. As cadeiras foram afastadas para trás, um espaço foi deixado livre. Dançaram. Aquilo que dançaram ninguém era capaz de se recordar. Era uma dança qualquer em roda, não o moderno arrastar dos pés: envolvia dar pancadas no chão, bater palmas e dar grandes pulos. E ninguém, enquanto aquilo durou, sentiu-se ridículo ou aos seus companheiros. Pode ter havido, de fato, uma certa dimensão de aldeia, não inadequada à cozinha do mosaico: o espírito com que dançaram não era assim. A cada um parecia que a sala estava cheia de reis e de rainhas, e que a impetuosidade da sua dança expressava uma energia heróica e os seus



movimentos mais lentos tinham absorvido o próprio espírito por trás de todas as cerimônias nobres.

No andar de cima, o seu feixe poderoso, transformara a Sala Azul num incêndio de luzes. Diante dos outros anjos um homem podia afundar-se; diante daquele podia morrer, mas se conseguisse viver, riria. Se alguém apanhasse uma lufada do ar que dele vinha, se sentiria mais alto do que antes. Mesmo que fosse aleijado, o seu andar passaria a ser majestoso, embora fosse um pedinte, usaria os andrajos com magnanimidade. A natureza real e o poder e a pompa festiva e a cortesia saltavam dele como as faíscas voam da bigorna. O repicar dos sinos, o soar das trombetas, o desfraldar das bandeiras, são meios usados na Terra para fazer um tênue símbolo da sua categoria. Era como uma comprida onda iluminada pelo sol, com a crista de creme e arqueada em cor esmeralda, que se aproxima com nove pés de altura, com um rugido e com terror e riso insufocável. Era como o primeiro andamento de música de algum rei tão alto e em algum festival tão solene que um tremor aparentado com o medo atravessa os corações mais jovens quando o ouvem. Pois este era o grande Oyarsa de Glund, rei dos reis, através do qual a alegria da criação sopra principalmente através daqueles Campos da Árvore, conhecidos dos homens em tempos antigos como Júpiter e sob esse nome, por fatal mas não inexplicável delíto, confundido com o seu autor, tão pouco eles sabiam de quantos degraus a escada, mesmo dos seres criados, se ergue acima dele.

Com a sua vinda houve feriado na Sala Azul. Os dois mortais, apanhados momentaneamente na Glória que aquelas cinco excelentes naturezas cantam perpetuamente, esqueceram por uns tempos o propósito mais baixo e mais imediato do seu encontro. Então procederam à operação. Merlin recebeu em si o poder.

No dia seguinte parecia diferente. Em parte porque a barba tinha sido rapada, mas também porque já não era dono de si próprio. Ninguém duvidava que a sua separação final do corpo estava próxima. Mais tarde, nesse dia, MacPhee levou-o de carro e deixou-o nas vizinhanças de Belbury.

## II

Mark tinha começado a cochilar no quarto do vagabundo nesse dia, quando foi sobressaltado, e levado subitamente a ficar bem atento, pela

chegada de visitantes. Frost entrou em primeiro e segurou a porta aberta. Dois outros seguiram. Um era o diretor-adjunto; o outro era um homem que Mark não tinha visto antes.

Esta pessoa estava vestida com uma batina grosseira e trazia na mão um chapéu preto de aba larga como os párocos usam em muitas partes do continente. Era um homem muito grande e a batina o fazia talvez parecer maior. Tinha a cara raspada, revelando um rosto largo com pesadas e complicadas dobras, e caminhava com a cabeça um pouco inclinada para baixo. Mark decidiu que ele era uma alma simples, provavelmente um membro obscuro de alguma ordem religiosa que acontecesse ser uma autoridade em qualquer língua ainda mais obscura. E era para Mark bastante odioso vê-lo ali de pé entre aquelas duas aves de rapina, Wither, efusivo e lisonjeiro, à sua direita e Frost, à sua esquerda, hirto como uma vareta de uma espingarda, esperando com atenção científica mas também, como Mark podia ver agora, com um certo desagrado frio, pelo resultado da nova experiência.

Wither falou ao estrangeiro por alguns momentos numa linguagem que Mark não era capaz de acompanhar mas que reconhecia como latim. «Um pároco, obviamente», pensou Mark. «Mas me pergunto de onde? Wither conhece a maior parte das línguas comuns. Seria o velho grego? Não parece levantino. Mais provavelmente russo.» Mas neste ponto a atenção de Mark foi distraída. O vagabundo, que tinha fechado os olhos quando ouvira o puxador da porta girando, tinha-os subitamente aberto, visto o estrangeiro, e depois tinha-os fechado ainda com mais força do que antes. Depois disso o seu comportamento foi peculiar. Começou a emitir uma série de ressonadelas muito exageradas e virou as costas à assistência. O estrangeiro deu um passo para mais perto da cama e pronunciou duas sílabas em voz baixa. Por um segundo ou dois o vagabundo ficou estendido como estava mas parecia afetado por um ataque de tremores; depois, lentamente mas com um movimento contínuo, como quando a proa de um navio roda em obediência ao leme, rolou por completo e ficou olhando diretamente para a cara do outro. A boca e os olhos estavam, todos, escancarados. Por certos movimentos convulsivos da cabeça e das mãos dele e de certas tentativas horríveis de sorrir, Mark concluiu que ele estava tentando dizer alguma coisa, provavelmente de um tipo rogatório e insinuante. O que veio a seguir tirou-lhe a respiração. O estrangeiro falou outra vez; e então, com muitas contorções faciais, misturadas com tosses, gaguejos, balbucios e

expectoração, saíram da voz do vagabundo, num tom alto e pouco natural, sílabas, palavras, uma frase inteira, numa linguagem que não era nem inglês nem latim. Durante todo este tempo o estrangeiro manteve os olhos fixos nos do vagabundo.

O estrangeiro falou outra vez. Desta vez o vagabundo replicou com muito maior extensão e parecia dominar a língua desconhecida um pouco mais facilmente, embora a sua voz continuasse a ser absolutamente diferente daquela na qual Mark o ouvira falar durante os últimos dias. No final das suas palavras, sentou-se na cama e apontou para onde Wither e Frost estavam de pé. Então o estrangeiro pareceu fazer-lhe uma pergunta. O vagabundo falou pela terceira vez.

A esta réplica, o estrangeiro recuou, persignou-se diversas vezes e exibiu todos os sinais de terror. Virou-se e falou rapidamente em latim com os outros dois. Algo aconteceu aos rostos deles quando ele falou. Pareciam mesmo cães quando farejam uma pista. Então, com uma sonora exclamação, o estrangeiro arregaçou as vestes e deu uma corrida para a porta. Mas os cientistas foram mais rápidos do que ele. Durante uns minutos ali estiveram os três altercando, os dentes de Frost à mostra como os de um animal e a máscara solta do rosto de Wither ostentando, por uma vez, uma expressão que nada tinha de ambígua. O velho pároco estava sendo ameaçado. Mark verificou que ele próprio tinha dado um passo em frente. Mas, antes de ter tomado uma decisão de como agir, o estrangeiro, sacudindo a cabeça e de mãos estendidas, voltara timidamente para junto da cama. Era uma coisa esquisita que o vagabundo, que se tinha descontraído durante a luta junto à porta, tivesse subitamente ficado outra vez tenso e fixasse os olhos no velho como se estivesse à espera de ordens.

Seguiram-se mais palavras na língua desconhecida. O vagabundo apontou uma vez mais para Wither e Frost. O estrangeiro virou-se e falou-lhes em latim, aparentemente traduzido. Wither e Frost olharam um para o outro como se cada um estivesse à espera que o seu companheiro agisse. O que se seguiu foi pura loucura. Com cuidado infinito, arfando e estalando, toda a trêmula senilidade do diretor-adjunto foi abaixo, abaixo até ficar de joelhos; meio segundo mais tarde, com um movimento espasmódico, metálico, Frost ajoelhou ao lado dele. Quando estava ajoelhado, olhou subitamente por cima do ombro para onde Mark estava de pé. O relâmpago de ódio puro no seu rosto, mas ódio, como se fosse cristalizado, de forma que já não era uma paixão e não tinha em si qualquer calor, era como tocar metal no

Ártico, onde o metal queima. «Ajoelhe», baliu ele, e voltou a cabeça no mesmo instante. Mark não foi capaz de se lembrar, mais tarde, se simplesmente se esqueceu de obedecer ou se a sua rebelião real datava desse momento.

O vagabundo falou de novo, sempre com os olhos fixos nos do homem de batina. E de novo este último traduziu, e depois afastou-se para o lado. Wither e Frost começaram a avançar de joelhos até chegarem ao lado da cama. A mão suja e cabeluda do vagabundo, com as unhas roídas, foi-lhes estendida. Beijaram-na. Depois pareceu que mais alguma ordem lhes era dada. Levantaram-se e Mark percebeu que Wither estava argumentando em latim contra essa ordem. Indicava repetidas vezes Frost. As palavras *venia tua*<sup>5</sup> (de cada vez emendada para *venia vestra*) repetiam-se tantas vezes que Mark pôde apanhá-las. Mas aparentemente a queixa foi infrutífera: alguns momentos mais tarde Frost e Wither tinham ambos deixado a sala.

Quando a porta se fechou, o vagabundo tombou como um balão que se esvazia. Rebolou-se na cama para cá e para lá, murmurando: «Deus me abençoe. Nunca seria capaz de o acreditar. Foi uma vitória completa. Uma vitória limpa.» Mas Mark teve pouca oportunidade de se ocupar disso. Percebeu que o estrangeiro se dirigia a ele e embora não conseguisse entender as palavras, olhou para ele. No mesmo instante, desejou olhar outra vez para outro lado mas verificou que não podia. Podia ter afirmado com alguma razão que era, nessa altura, um perito em suportar com paciência rostos alarmantes. Mas isso não alterava o fato de que, quando olhou para aquele, se sentiu com medo. Quase antes de ter tido tempo para ter consciência disto sentiu-se sonolento. Um momento mais tarde caiu na cadeira e dormiu.

<sup>5</sup> Em latim no texto: «com sua licença» ou «com a devida vênia».

### III

— Bem? — disse Frost logo que se encontraram do outro lado da porta.  
— É... err ... profundamente complicado — disse o diretor-adjunto.  
Caminharam pelo corredor abaixo, conversando em voz baixa à medida que seguiam.

— Certamente parecia, eu disse parecia — continuou Frost —, como se o homem na cama estivesse hipnotizado e o pároco basco estivesse senhor da

situação.

— Oh, seguramente, meu caro amigo, essa seria a idéia mais inquietante das hipóteses.

— Desculpe-me. Eu não fiz qualquer hipótese. Estou a descrever o que parecia.

— E como, na sua hipótese, desculpe-me, mas isso é o que ela é, viria um pároco basco a inventar a história de que o nosso hóspede era Merlinus Ambrosius?

— Essa é a questão. Se o homem na cama não é Merlinus, então alguém mais, e alguém absolutamente fora dos nossos cálculos, nomeadamente, conhece todo o nosso plano de campanha.

— E isso, meu caro amigo, é a razão por que a retenção de ambas essas pessoas e uma certa delicadeza extrema na nossa atitude para com ambos são exigidas, pelo menos até termos mais alguma luz.

— Têm, é claro de ser detidos.

— Eu dificilmente diria detidos. Tem implicações... Não me aventuro a exprimir presentemente qualquer dúvida quanto à identidade do nosso distinto hóspede. Não se põe questão nenhuma de detenção. Pelo contrário, a recepção mais cordial, a mais meticulosa cortesia...

— Devo compreender que sempre imaginou Merlinus entrando no Instituto como um ditador mais do que um colega?

— Quanto a isso — disse Wither — a minha concepção das relações pessoais ou até oficiais entre nós tem sido sempre elástica e pronta para todas as necessárias adaptações. Seria um pesar real para mim se pensasse que você estava permitindo qualquer idéia incorreta da sua própria dignidade... ah, para ser breve, desde que ele seja Merlinus... está me compreendendo?

— Para onde é que estamos indo neste momento?

— Aos meus aposentos. Se bem se lembra, o pedido foi que providenciássemos algumas roupas para o nosso hóspede.

— Não houve pedido algum. Foi-nos ordenado.

A isto o diretor-adjunto não deu qualquer réplica. Quando ambos os homens estavam no seu quarto e com a porta fechada, Frost disse:

— Não estou satisfeito. Você não parece ter consciência dos perigos da situação. Temos de levar em conta a possibilidade de que o homem não seja Merlinus. E se ele não é Merlinus, então o pároco sabe coisas que não devia saber. Permitir que um impostor e um espião conversem à solta no Instituto

está fora de questão. Temos de descobrir de imediato de onde é que o pároco obtém os seus conhecimentos. E onde é que foi arranjar o pároco?

— Acho que é o tipo de camisa que seria mais adequado — disse Wither, estendendo-a em cima da cama. — Os ternos estão aqui. O... ahn... personagem clerical disse que tinha vindo em resposta ao nosso anúncio. Desejo prestar toda a justiça ao ponto de vista que exprimiui, meu caro Frost. Por outro lado, rejeitar o Merlinus autêntico... alienar um poder que é um fator essencial no nosso plano... seria pelo menos igualmente perigoso. Não é sequer certo que o pároco seja, de qualquer modo, um inimigo. Pode ter estabelecido contacto independente com os macróbios. Pode ser um aliado potencial.

— Acha que ele parecia isso? A sua condição de pároco é contra ele.

— Tudo o que queremos agora — disse Wither — é um colarinho e uma gravata. Perdoe-me por dizer que nunca fui capaz de partilhar a sua atitude intransigente para com a religião. Não estou a falar do Cristianismo dogmático na sua forma primitiva. Mas no interior de círculos religiosos, círculos eclesiásticos, surgem de tempos em tempos tipos de espiritualidade de valor muito real. Quando isso acontece, revelam por vezes uma grande energia. O pároco Doyle, embora não muito talentoso, é um dos nossos colegas de mais confiança; e o Sr. Straik tem em si os germes daquela dedicação total (objetividade é, creio eu, o termo que prefere) que é tão rara. Não serve de nada ser, de qualquer forma, de espírito estreito.

— O que realmente se propõe fazer?

— Vamos, é claro, consultar imediatamente a Cabeça. Uso este termo, compreende, por mera questão de conveniência.

— Mas como é que o pode fazer? Já se esqueceu que esta é a noite do banquete inaugural, e que Jules vem aqui? É capaz de estar aqui dentro de uma hora. Vai ter de andar à volta dele até à meia-noite.

Por um momento, o rosto de Wither ficou imóvel, a boca escancarada. Tinha na verdade esquecido de que o diretor fantoche, o vigarizado do Instituto por meio do qual este vigarizava o público, era para vir nessa noite. Mas a percepção de que se tinha esquecido perturbava-o mais do que teria perturbado outra pessoa. Era como o primeiro sopro frio do Inverno, o primeiro indício de uma fenda no seu grande «eu» secundário ou máquina mental que tinha construído para executar a missão de viver enquanto ele, o Wither real, flutuava muito longe nas fronteiras indeterminadas do fantasmagórico.

— Deus valha à minha alma! — disse ele.

— Tem, por conseguinte, de considerar de imediato — disse Frost — o que fazer com esses dois homens, nesta noite mesmo. Está fora de questão que estejam presentes no banquete. Seria loucura deixá-los entregues a si próprios.

— O que me lembra que já os deixamos sozinhos, e com Studdock também, por mais de dez minutos. Temos de voltar com as roupas imediatamente.

— E sem um plano? — inquiriu Frost, embora saindo do quarto atrás de Wither enquanto dizia isso.

— Temos de nos guiar pelas circunstâncias — disse Wither. Foram recebidos do seu regresso por um balbuciar implorativo em latim por parte do homem da sotaina.

— Deixem-me ir embora — disse ele —, imploro-vos, pela saúde das vossas mães, que não exerçam violências sobre um pobre e inofensivo velho. Não contarei nada, Deus me perdoe, mas não posso ficar aqui. Este homem que diz que é Merlinus, regressado do reino dos mortos, é um diabolista, um obreiro de milagres infernais. Olhem! Olhem para o que ele fez ao pobre jovem no momento em que abandonastes o quarto. — Apontou para onde Mark se encontrava inconsciente na cadeira. — Fez isto com os olhos, só de olhar para ele. O mau olhado, o mau olhado!

— Silêncio! — disse Frost na mesma língua. — Escute. Se fizer o que lhe for dito, nada de mal lhe acontecerá. Se não fizer, será destruído. Penso que se causar problemas pode perder a alma além da vida, pois não me soa como sendo um mártir.

O homem choramingou, cobrindo a cara com as mãos. Subitamente, não como se o quisesse mas como se fosse uma máquina que tivesse sido posta a trabalhar, Frost deu-lhe um pontapé.

— Ande lá — disse. — Diga-lhe que trouxemos roupas como os homens usam agora. — O homem não estremeceu quando levou o pontapé.

O fim daquilo foi que o vagabundo foi lavado e vestido. Quando isto tinha sido feito, o homem da sotaina disse:

— Ele estava dizendo que agora o devem levar a dar uma volta por toda a vossa casa e mostrar os segredos.

— Diga-lhe — disse Wither — que isso será um grande prazer e privilégio... — Mas aí o vagabundo falou outra vez.

— Ele disse — traduziu o homem de grande estatura — que primeiro tem de ver a Cabeça e os bichos e os criminosos que estão a ser atormentados.

Segundo que irá com um de vós, sozinho. Consigo, senhor — e aqui virou-se para Wither.

— Não consentirei numa combinação dessas — disse Frost, em inglês.

— Meu caro Frost — disse Wither —, dificilmente é este o momento... e um de nós tem de estar livre para receber Jules.

O vagabundo falara de novo.

— Desculpai — disse o homem da sotaina —, tenho de seguir o que ele diz. As palavras não são minhas. Ele proíbe-nos de falar na sua presença numa língua que ele não pode, mesmo através de mim, entender. E diz que é um hábito antigo seu ser obedecido. Está agora perguntando se desejais tê-lo como amigo ou como inimigo.

Frost tomou um lugar mais próximo do pseudo-Merlin, de forma que o seu ombro tocou na grosseira sotaina do verdadeiro. Wither pensou que Frost tinha tencionado dizer qualquer coisa mas tinha tido medo. Na verdade, Frost achara impossível lembrar-se de quaisquer palavras. Pode ser que fosse devido às rápidas mudanças de latim para inglês que tinham acontecido. Não era capaz de falar. Nada a não ser sílabas sem sentido lhe vinham à idéia. Há muito sabia que o seu continuado convívio com os seres a que chamava macróbios podia ter efeitos na sua psicologia que não era capaz de prever. De uma certa forma mal definida, a possibilidade de destruição total nunca lhe saía do pensamento. Tinha ensinado a si próprio a não se importar com isso. Agora essa possibilidade parecia estar descendo sobre ele. Recordou a si mesmo que o medo era apenas um fenómeno químico. No momento, nitidamente, devia sair da luta, recuperar-se e começar de novo mais tarde, naquela noite. Porque, é claro, aquilo não podia ser definitivo. Na pior das hipóteses apenas podia ser o primeiro indício do fim. Provavelmente tinha anos de trabalho pela frente. Duraria mais do que Wither. Mataria o pároco. Mesmo Merlin, se é que era Merlin, podia não ficar melhor perante os macróbios do que ele próprio. Desviou-se para o lado, e o vagabundo, acompanhado pelo autêntico Merlin e pelo diretor-adjunto, abandonou o quarto.

Frost tinha tido razão em pensar que a afasia seria apenas temporária. Assim que ficaram sós não experimentou dificuldade nenhuma em dizer, enquanto sacudia o ombro de Mark:

— Levante-se. Que pensa que está fazendo a dormir aqui? Venha comigo à Sala Objetiva.



## IV

Antes de prosseguirem na sua visita de inspeção, Merlin exigiu vestimentas para o vagabundo, e Wither finalmente vestiu-o de doutor da Universidade de Edgestow. Assim ataviado, caminhando com os olhos meio fechados, e tão delicadamente como se estivesse a pisar ovos, o desnorreado hóspede foi conduzido aos andares de cima e de baixo e através do zôo e por dentro das celas. De vez em quando, o seu rosto sofria uma espécie de espasmo como se estivesse tentando dizer alguma coisa, mas nunca tinha êxito em produzir palavras nenhuma exceto quando o autêntico Merlin lhe fazia uma pergunta e fixava nele os olhos. É claro que tudo isto não era para o vagabundo aquilo que teria sido para alguém que dirigisse ao universo as exigências de um homem educado e rico. Era, sem dúvida um «fato estranho», o mais estranho fato que lhe tinha acontecido. A mera sensação de estar todo limpo lhe teria feito ser isso, mesmo sem contar com a túnica escarlata e com o fato de que a sua própria boca continuava a emitir sons que ele não entendia e sem o seu consentimento. Mas isso não era de forma alguma a primeira coisa inexplicável que lhe tinham feito.

Entretanto, na Sala Objetiva, algo semelhante a uma crise tinha estalado entre Mark e o Prof. Frost. Logo que chegaram lá, Mark viu que a mesa tinha sido afastada. No chão estava deitado um grande crucifixo, quase em tamanho natural, uma obra de arte na tradição espanhola, lívido e realista.

— Temos meia hora para prosseguir com os nossos exercícios — disse Frost, olhando para o relógio. Depois deu instruções a Mark para espezinhar e insultar o crucifixo de outras formas.

Ora, enquanto Jane tinha abandonado o Cristianismo na primeira infância, em conjunto com a crença em fadas e no Papai Noel, Mark nunca acreditara em nada. Naquele momento, por conseguinte, cruzou-lhe o espírito, pela primeira vez, a idéia de que podia eventualmente existir alguma coisa realmente naquilo. Frost, que o estava observando cuidadosamente, sabia perfeitamente bem que isso podia ser o resultado da presente experiência. Sabia-o pela muito boa razão de que o seu próprio treino pelos macróbios tinha, em dado ponto, sugerido a mesma idéia a ele próprio. Mas não podia escolher. Quer ele quisesse quer não aquele tipo de coisa fazia parte da iniciação.

— Mas, olhe lá — disse Mark.

— O que é? — disse Frost. — Queira ser rápido. Temos somente um tempo

limitado ao nosso dispor.

— Isto — disse Mark, apontando com uma relutância indefinida para a horrível figura branca na cruz. — Isto é tudo seguramente pura superstição.

— E então?

— Então, se assim é, o que é que há de objetivo em espezinhar-lhe o rosto? Não é exatamente tão subjetivo cuspir numa coisa como esta como é adorá-la? Quero dizer, raios partam isto tudo, se é apenas um pedaço de madeira, por que é que se vai fazer qualquer coisa acerca dele?

— Isso é superficial. Se tivesse sido criado numa sociedade não cristã, não lhe seria pedido que fizesse isto. É claro que é uma superstição; mas é essa superstição particular que tem pesado sobre a nossa sociedade durante muitos séculos. Pode ser demonstrado experimentalmente que ainda forma um sistema dominante no subconsciente de muitos indivíduos cujo pensamento consciente parece ter sido totalmente libertado. Uma ação explícita na direção inversa é por conseguinte um passo necessário no sentido da objetividade completa. Não é uma questão para discussão prévia. Verificamos na prática que não a podemos dispensar.

O próprio Mark estava surpreso com as emoções que estava sentindo. Não olhava para a imagem com nada que se assemelhasse a um sentimento religioso. O mais decididamente possível ela não pertencia àquela idéia do correto ou normal ou sadio que, durante os últimos dias, tinha o seu apoio contra o que ele agora sabia a respeito do círculo mais interior em Belbury. O horrível vigor do seu realismo era, na verdade, à sua própria maneira, tão afastado daquela idéia como qualquer outra coisa dentro da sala. Essa era uma origem da sua relutância. Insultar até mesmo uma imagem entalhada de uma tal agonia parecia um ato abominável. Mas não era a única origem. Com a introdução daquele símbolo cristão toda a situação se tinha de alguma forma alterado. A coisa estava ficando incalculável. A sua antítese simples entre o normal e o doentio tinha, obviamente, deixado de levar em conta qualquer coisa. Por que o crucifixo estava ali? Por que mais de metade dos quadros envenenados (no sentido figurado) eram religiosos? Teve a sensação de novas partes no conflito, aliados e inimigos potenciais, de que antes não suspeitara. «Se dou passo em qualquer direção», pensou, «posso cair num precipício.» Cresceu no seu espírito uma determinação, como a de um burro, de plantar os cascos e manter-se imóvel a todo o custo.

— Queira apressar-se — disse Frost.

A calma urgência da voz, e o fato de anteriormente ter obedecido tantas

vezes, quase o conquistou. Estava em vias de obedecer, e acabar com aquela questão estúpida, quando o caráter indefeso da figura o dissuadiu. O sentimento era extremamente ilógico. Não era pelas mãos estarem pregadas e indefesas, mas porque eram feitas apenas de madeira e, portanto, ainda mais indefesas, porque a coisa, com todo o seu realismo, era inanimada e não podia responder às pancadas. Interrompeu-se. O rosto de uma boneca que não retaliava, uma das bonecas de Myrtle, que ele tinha feito em pedaços quando rapaz, tinha-o impressionado da mesma maneira e a recordação, mesmo agora, despertava ternura nele.

— O que é que está esperando, Sr. Studdock? — disse Frost. Mark tinha bem consciência do perigo crescente. Obviamente, se desobedecesse, a sua última hipótese de sair vivo de Belbury podia desaparecer. Até mesmo de sair daquela sala. A sufocante sensação atacou-o uma vez mais. Ele próprio, sentia, estava tão indefeso como o Cristo de madeira. Quando pensava isto, deu por si a olhar para o crucifixo de uma nova maneira, nem como um pedaço de pau nem um monumento de superstição, mas como um bocado da História. O Cristianismo era uma insensatez, mas uma pessoa não tinha dúvidas de que o homem vivera e fora assim executado pelo Belbury daqueles tempos. E isso, como subitamente viu, explicava porque é que aquela imagem, embora sem ser ela própria a imagem do correto e do normal, estava, contudo, em oposição ao maléfico Belbury. Era o retrato do que acontecia quando o correto encontra o maléfico, o retrato do que o maléfico fazia ao correto, do que lhe faria a ele se mantivesse correto. Era, num sentido mais enfático do que tinha ainda compreendido, uma encruzilhada.

— Tenciona continuar com o treino ou não? — disse Frost. Os seus olhos estavam fixos no tempo. Sabia que os outros estavam dando a sua volta de inspeção e que Jules devia estar muito próximo de chegar a Belbury. Sabia que podia ser interrompido a qualquer momento. Tinha escolhido aquela altura para aquela fase da iniciação de Mark em parte em obediência a um impulso não explicado (tais impulsos estavam a tornar-se nele cada dia mais frequentes), mas em parte porque desejava, na situação incerta que surgira agora, amarrar Mark imediatamente. Ele e Wither, e possivelmente (agora) Straik, eram os únicos iniciados completos no NICE. Sobre eles recaía o perigo de darem qualquer passo em falso ao tratar com o homem que afirmava ser Merlin e com o seu misterioso intérprete. Para aquele que desse os passos certos havia a possibilidade de desalojar todos os outros, de

ser em relação a eles o que eles eram para o resto do Instituto e o que este era para o resto da Inglaterra. Sabia que Wither estava ansiosamente à espera de alguma escorregadela da sua própria parte. Daí que lhe parecesse da maior importância levar Mark, tão cedo quanto possível, para além daquele ponto depois do qual não há regresso e a fidelidade do discípulo, tanto em relação aos macróbios como ao professor que o iniciou, torna-se uma questão de necessidade psicológica, ou mesmo física.

— Não ouviu o que eu estou dizendo? — perguntou outra vez a Mark.

Mark não deu resposta alguma. Estava pensando, e pensando com toda a força porque sabia que se parasse, nem que fosse por um momento, o simples terror da morte retiraria a decisão das suas mãos. O cristianismo era uma fábula. Seria ridículo morrer por uma religião em que se não acreditava. Aquele mesmo homem, naquela mesma cruz, tinha descoberto que era uma fábula, e tinha morrido lamentando-se que o Deus em quem confiava o tinha abandonado; tinha, na realidade, descoberto que o universo era uma fraude. Mas isto levantava uma questão em que Mark nunca tinha pensado antes. Era aquele o momento para se virar contra o homem? Se o universo era uma fraude, era isso uma boa razão para se juntar ao seu lado? Supondo que o correto era inteiramente impotente, sempre e em toda a parte certo de ser troçado, torturado e por fim morto pelo maléfico, e então? Por que não ir para o fundo com o navio? Começou a ficar aterrorizado pelo próprio fato de os seus receios parecerem ter momentaneamente desaparecido. Tinham constituído uma salvaguarda... tinham-no impedido, de tomar decisões loucas, como aquela que estava agora a tomar quando se voltou para Frost e disse:

— É tudo uma insensatez miserável, e raios me partam se faço uma coisa dessas.

Quando disse isto não tinha idéia alguma do que podia acontecer a seguir. Não sabia se Frost ia tocar uma campainha ou sacar de um revólver ou repetir a sua exigência. Na verdade, Frost continuou simplesmente a fitá-lo e ele a fitar Frost. Então viu que Frost estava a escutar, e começou ele próprio a escutar também. Um momento mais tarde a porta abriu-se. A sala pareceu subitamente estar cheia de gente, um homem numa túnica vermelha (Mark não reconheceu imediatamente o vagabundo) e o homem enorme vestido de preto, e Wither.

V

Na grande sala de visitas de Belbury está agora reunido um grupo singularmente desconfortável. Horace Jules, diretor do NICE chegara cerca de meia hora antes. Tinham-no conduzido ao gabinete do diretor-adjunto, mas o diretor-adjunto não estava lá. Depois tinham-no conduzido aos seus próprios aposentos e esperado que levasse um longo tempo a instalar-se. Porém levou muito pouco tempo. Em cinco minutos estava outra vez no andar de baixo e nas mãos deles, e era ainda muito cedo para alguém ir se vestir. Estava agora de pé, de costas para o lume, bebendo um copo de xerez, e os membros principais do Instituto estavam de pé em torno dele. A conversa seguia a meio gás.

A conversa com o Sr. Jules era sempre difícil porque ele insistia em considerar-se não como uma figura decorativa mas como o real diretor do Instituto, assim como a origem da maior parte das suas idéias. E uma vez que, de fato, qualquer ciência que soubesse era a que lhe fora ensinada na Universidade de Londres, havia mais de cinqüenta anos, como qualquer filosofia que soubesse tinha sido adquirida de escritores como Haeckel e Joseph McCabe e Winwood Reade, não era, na realidade, possível falar com ele a respeito da maior parte das coisas que o Instituto estava fazendo. Uma pessoa andava sempre empenhada em inventar respostas a perguntas que não tinham realmente sentido nenhum e em exprimir entusiasmo por idéias que estavam ultrapassadas e que tinham sido toscas mesmo na sua melhor altura. Era por isso que a ausência do diretor-adjunto em tais entrevistas era tão desastrosa, pois só Wither era senhor de um estilo de conversa que servia exatamente para Jules. Jules era londrino. Era um homem muito pequeno, cujas pernas eram tão curtas que o tinham comparado, pouco amavelmente, com um pato. Tinha o nariz arrebitado e um rosto onde alguma bonomia original tinha sofrido muita interferência de anos de boa vida e de presunção. As suas novelas tinham-no levado primeiro à fama e à afluência; mais tarde, como editor de um semanário chamado Nós Queremos Saber, tinha-se tornado num tal poder dentro do país que o seu nome era realmente necessário para o NICE.

— E, como eu disse ao arcebispo — observou Jules —, talvez não saiba V. Exa. Rev., disse eu, que a investigação moderna mostra que o templo de Jerusalém era mais ou menos do tamanho de uma igreja de aldeia inglesa.

— Deus meu! — disse Feverstone para consigo, na orla do grupo, onde se encontrava.

— Tome um pouco mais de xerez, diretor — disse Miss Hardcastle.

— Pois bem, não me importo nada de tomar — disse Jules. — Não é de todo mau este xerez, embora pense que lhe podia dizer de um lugar onde podemos encontrar coisa melhor. E como é que vai avançando, Miss Hardcastle, com as suas reformas do sistema penal?

— Estamos a progredir bem — replicou ela. — Penso que uma certa modificação do método Pellotoff...

— Aquilo que sempre digo — observou Jules, interrompendo-a — é, por que não se há de tratar o crime como qualquer outra doença? Não reconheço utilidade à punição. O que se pretende fazer é colocar um homem no caminho correto, dar-lhe um novo ponto de partida, dar-lhe um interesse na vida. Tudo fica perfeitamente simples se encarado sob esse ponto de vista. Atrevo-me a dizer que terá lido uma pequena conferência que fiz em Northampton sobre o assunto.

— Concordo consigo — disse Miss Hardcastle.

— Está certo — disse Jules. — Mas eu digo-lhe que não concordava. O velho Hingest, a propósito, foi um caso esquisito. Não apanhou o assassino, pois não? Mas embora eu tivesse pena do velhote, nunca vimos as coisas pelos mesmos olhos. Mesmo na última vez que o encontrei, um ou dois de nós estávamos a falar acerca de delinquentes juvenis, e sabe o que ele disse? Disse ele: «O problema com estes tribunais para jovens criminosos hoje em dia é que estão sempre a obrigá-los moralmente quando deviam era obrigá-los à força.» Nada mau, pois não? Contudo, como dizia Wither... a propósito, onde está Wither?

— Acho que deve estar aqui a qualquer momento — disse Miss Hardcastle. Não posso imaginar porque está demorando.

— Penso — disse Filostrato — que ele deve ter uma avaria no carro. Deve estar muito desolado, Sr. Diretor, de não lhe ter dado as boas-vindas.

— Oh, ele não precisa se preocupar com isso — disse Jules —, nunca fui pessoa para formalidades, embora pensasse que ele estaria aqui quando eu chegasse. Está com muito bom aspecto, Filostrato. Estou acompanhando o seu trabalho com grande interesse. Olho para si como um dos construtores da Humanidade.

— Sim, sim — disse Filostrato —, essa é a questão fulcral. Começamos já...

— Procuo ajudá-lo em tudo o que posso, na parte não técnica — disse Jules. — É uma batalha que venho travando há anos. Todo o problema da nossa vida sexual. O que digo sempre é que, uma vez que se ponha a coisa toda a céu aberto, não se têm quaisquer problemas mais. É todo este

secretismo vitoriano que causa o mal. Fazer dela um mistério. Quero cada rapaz e moça do país...

— Meu Deus! — disse Feverstone para consigo.

— Perdoe-me — disse Filostrato que, sendo um estrangeiro, não tinha ainda desanimado de esclarecer Jules. — Mas esse não é precisamente o ponto.

— Agora sei o que vai dizer — interrompeu Jules, pousando um gordo indicador na manga do professor. — E me atrevo a dizer que não lê o meu pequeno jornal. Mas acredite-me, se procurasse o primeiro número do mês passado encontraria um modesto pequeno editorial que um fulano como você podia não notar porque não utiliza termos técnicos nenhuns. Mas peço-lhe só para ler e ver se não põe a coisa toda em poucas palavras. E de uma maneira que o homem da rua pode entender.

Nesta altura o relógio bateu o quarto de hora.

— A que horas — perguntou Jules — é afinal este jantar? — Gostava de banquetes, e especialmente banquetes nos quais tinha de falar. Além disso desagradava-lhe que o fizessem esperar.

— Às quinze para as oito — disse Miss Hardcastle.

— Sabe — disse Jules —, este tipo, o Wither, realmente devia aqui estar. Eu quero dizer que não sou muito exigente, mas não me importo de lhes dizer, aqui entre nós, que estou um tanto magoado. Não é o tipo de coisa que uma pessoa espera, pois não?

— Espero que nada de mal lhe tenha sucedido — disse Miss Hardcastle.

— Ei-lo — disse Filostrato. — Alguém está a chegar.

Foi mesmo Wither que entrou na sala, seguido de uma companhia que Jules não tinha esperado ver, e a cara de Wither tinha certamente boa razão para parecer ainda mais caótica do que o usual. Tinham-no feito andar por todo o seu próprio Instituto como se fosse uma espécie de lacaio. Não tinha sido sequer autorizado a que fosse estabelecido o fornecimento de sangue e ar à Cabeça quando o tinham feito levá-los à sala da Cabeça. E «Merlin» (se é que era Merlin) tinha-a ignorado. Pior do que tudo, para ele se tinha gradualmente tornado claro que aquele intolerável aborto e o seu intérprete tinham toda a intenção de estar presentes ao jantar. Ninguém melhor do que Wither podia estar consciente do absurdo de apresentar a Jules um velho pároco mal acabado que não sabia falar inglês, tendo a seu cargo o que parecia um chimpanzé sonâmbulo, vestido de doutor. Contar a Jules a explicação autêntica, mesmo que soubesse qual era ela, estava fora de questão. Pois que Jules era um homem simples para quem a palavra

«medieval» significava apenas «selvagem» e em quem a palavra «magia» fazia surgir recordações de The Golden Bough. Era uma maçada menor que, desde a sua visita à Sala Objetiva, tivesse sido obrigado a ter Frost e Studdock na comitiva. E não melhorou as coisas que, quando se aproximavam de Jules e todos os olhares estavam pousados neles, o pseudo-Merlin se deixasse cair numa cadeira, balbuciando, e fechasse os olhos. — Meu caro diretor — começou Wither, um pouco sem fôlego.

— Este é um dos momentos mais felizes da minha vida. Espero que tenham cuidado do seu conforto por todas as formas. Foi extremamente infeliz que eu tivesse sido chamado no preciso momento em que esperava a sua chegada. Uma coincidência notável... outra personalidade muito distinta chegou à nossa companhia nesse mesmo momento. Um estrangeiro...

— Oh — interrompeu Jules numa voz ligeiramente estridente. — Quem é ele?

— Permita-me — disse Wither, dando um pequeno passo para o lado.

— Quer dizer aquele? — disse Jules. O suposto Merlin estava sentado com os braços pendentes de cada lado da cadeira, os olhos fechados, a cabeça inclinada para um lado, e um fraco sorriso no rosto. — Está bêbado? Ou doente? E quem é ele, afinal?

— Ele é, como eu estava a dizer, um estrangeiro — começou Wither.

— Bem, isso não o faz adormecer no momento em que me é apresentado, pois não?

— Ssh! — disse Wither, conduzindo Jules um pouco para fora do grupo e abaixando a voz. — Foram circunstâncias, seria muito difícil entrarmos em pormenores aqui, fui apanhado de surpresa e o teria, se já não estivesse cá, consultado no primeiro momento possível. O nosso distinto convidado tinha acabado de empreender uma viagem muito longa e tem, admito, certas excentricidades, e...

— Mas quem é ele? — persistiu Jules.

— O seu nome é... err ... Ambrosius. Dr. Ambrosius, sabe.

— Nunca ouvi falar nele — cortou Jules. Noutra altura podia não ter admitido isso, mas a noite toda estava saindo diferente do que ele esperava e estava já perdendo a paciência.

— Muitos poucos de nós ouviram falar dele ainda, — disse Wither. — Mas todos terão ouvido falar dele em breve. E por isso que, sem no mínimo...

— Quem é aquele? — perguntou Jules, indicando o autêntico Merlin. — Parece que está a divertir-se.



— Oh, esse é meramente o intérprete do Dr. Ambrosius.

— Intérprete? Então ele não sabe falar inglês?

— Infelizmente, não. Ele vive um tanto num mundo só dele.

— E não consegue arranjar alguém a não ser um pároco que o substitua? Não gosto do ar daquele fulano. Não queremos aqui nada dessas coisas. Olá! E quem é você?

A última pergunta era dirigida a Straik, que tinha nesse momento aberto caminho até ao diretor

— Sr. Jules — disse ele, fixando neste último um olhar profético —, sou o portador de uma mensagem para si, que tem de ouvir. Eu...

— Cale-se — disse Frost a Straik.

— Realmente, Sr. Straik, realmente — disse Wither. E os dois o empurraram para o lado.

— Olhe lá, Sr. Wither — disse Jules —, digo-lhe diretamente que estou muito longe de estar satisfeito. Temos aqui mais outro pároco. Não me recordo do nome de tal pessoa ter aparecido na minha frente, e se tivesse não tinha ido mais longe, está a ver? Você e eu teremos de ter uma conversa muito séria. Está me parecendo que tem andado a fazer nomeações nas minhas costas e a transformar o local numa espécie de seminário. E isso é uma coisa que eu não suporto. Nem o fará o povo britânico.

— Bem sei. Bem sei — disse Wither. — Compreendo exatamente os seus sentimentos. Pode contar realmente com a minha completa simpatia. Estou ansioso, à espera de lhe explicar a situação. Entretanto, talvez, como o Dr. Ambrosius parece levemente abatido e a campainha para nos irmos vestir acaba de soar... oh, peço perdão. Este é o Dr. Ambrosius.

O vagabundo, para quem o autêntico mágico se tinha recentemente virado, estava agora a levantar-se da cadeira e a aproximar-se. Jules estendeu a mão de mau humor. O outro, olhando por cima do ombro de Jules e mostrando os dentes num sorriso forçado, de uma forma inexplicável, agarrou-a e sacudiu-a, como se estivesse distraído, umas dez ou quinze vezes. O seu hálito, notou Jules, era forte e a mão calejada. Não estava gostando do Dr. Ambrosius. E ainda gostava menos da forma maciça do intérprete que se erguia, altaneira, sobre eles ambos.

## **CAPÍTULO XVI BANQUETE EM BELBURY**

### **I**

Foi com grande prazer que Mark se encontrou mais uma vez vestindo-se para o jantar e para o que parecia ser provavelmente um excelente jantar. Coube-lhe um lugar com Filostrato à sua direita e um recém-chegado, algo inconspícuo, à sua esquerda. Mesmo Filostrato parecia humano e amistoso, comparado com os dois iniciados, e para com o recém-chegado o seu coração positivamente derretia-se. Notou com surpresa que o vagabundo estava sentado na mesa alta, entre Jules e Wither, mas não olhava muitas vezes naquela direção pois o vagabundo, notando seu olhar, tinha imprudentemente erguido o copo e piscado o olho. O estranho pároco estava de pé, pacientemente, atrás da cadeira do vagabundo. Quanto ao resto, nada de importante aconteceu até se ter brindado à saúde do rei e Jules se levantar para fazer o seu discurso.

Durante os primeiros minutos, quem quer que passasse os olhos pelas longas mesas teria visto o que sempre se vê em tais ocasiões. Havia os rostos plácidos dos bons viveurs mais velhos, aos quais a comida e o vinho tinham posto num contentamento que quantidade alguma de discursos podia violar. Havia as caras pacientes dos papa-jantares responsáveis mas sérios que desde há muito tinham aprendido como entregar-se aos seus próprios pensamentos, prestando, entretanto, ao discurso a suficiente atenção para responder sempre que um riso ou um surdo rumor de sério assentimento fossem obrigatórios. Havia a habitual expressão impaciente nas caras dos mais novos que não apreciavam o Porto e estavam famintos de tabaco. Havia uma atenção brilhante e exagerada nos rostos empoados das mulheres que sabiam o seu dever para com a sociedade. Mas quem tivesse continuado a olhar pelas mesas afora teria visto a certa altura uma alteração. Teria visto cara após cara erguer os olhos e virar-se na direção do orador. Teria visto primeiro curiosidade, depois uma atenção fixa, e então incredulidade. Finalmente teria notado que a sala estava absolutamente silenciosa, sem uma tosse ou estalido, que todos os olhos estavam fixos em Jules e em breve todas as bocas se abriram com qualquer coisa entre fascinação e horror.

Para os diferentes membros da assistência, a alteração veio de forma diferente. Para Frost veio no momento em que ouviu Jules concluir uma frase com as palavras «um anacronismo tão grosseiro como confiar no Calvário para a salvação na guerra moderna». «Cavalaria», pensou Frost quase em voz alta. «Por que é que o tolo não conseguia ter cuidado naquilo que dizia?» O disparate deixou-o extremamente irritado. Talvez, mas olá!

Que era isto? Estaria a ouvir mal? Pois Jules parecia estar a dizer que a futura densidade da espécie humana dependia da implosão dos cavalos da Natureza. «Está bêbado», pensou Frost. Então, numa articulação cristalina, para lá de todas as possibilidades de engano, veio o poema da acidez dos frutos que tem de ser taltibianizado.

Wither foi mais lento a notar o que estava se passando. Nunca tinha esperado que o discurso no seu conjunto tivesse sentido algum, e durante muito tempo os chavões familiares foram rolando de uma forma que não alterava a expectativa do seu ouvido. Achou, na verdade, que Jules estava a navegar muito encostado ao vento, e que um passo em falso muito pequeno retiraria tanto ao orador como à audiência o poder de pretender sequer que ele estivesse a dizer qualquer coisa em particular. Mas enquanto essa fronteira não fosse transposta, ele até admirava bastante o discurso; seguia muito a sua própria linha. Depois pensou: «Vamos! Isso é ir longe demais.» Mesmo eles têm de ver que não se pode falar de aceitar o desafio do passado, atirando para o chão a luva do futuro. Olhou cautelosamente pela sala fora. Tudo estava bem. Mas não estaria, se Jules não se sentasse bem depressa. Que diabo queria ele dizer com aholibata? Olhou outra vez pela sala toda. Estavam com demasiada atenção, sempre um mau sinal. Então veio a frase: «Os substitutos implantados num contínuo de variações porosas.»

Mark ao princípio não prestara atenção alguma ao discurso. Tinha muitas outras coisas em que pensar. A aparição daquele peralvilho volúvel justamente na crise da sua própria história era uma mera interrupção. Estava demasiadamente em perigo e, todavia, também, de certa maneira precária, demasiado feliz para se incomodar a respeito de Jules. Uma ou duas vezes, alguma frase feriu-lhe o ouvido e o fez querer sorrir. O que primeiro o alertou para a situação real foi o comportamento daqueles que sentavam perto dele. Tinha a consciência da sua crescente imobilidade. Notou que todos, exceto ele próprio, tinham começado a prestar atenção. Levantou os olhos e viu as suas caras. E então, pela primeira vez, realmente escutou. «Não havemos», estava Jules a dizer, «não havemos, até podermos garantir a erebação de todos os initems prostundiários.» Por muito pouco que se importasse com Jules, uma súbita sensação de alarme atravessou-o. Olhou outra vez em redor. Obviamente não era ele que estava louco, todos tinham ouvido as patacoadas. Exceto, possivelmente, o vagabundo que parecia tão solene como um juiz. Nunca tinha ouvido antes um discurso de um

daqueles janotas autênticos e teria ficado desapontado se o conseguisse entender. Nem tinha nunca bebido Porto de qualidade, e embora não gostasse muito do sabor tinha estado a labutar nesse campo como um homem.

Wither não se tinha esquecido nem por um momento de que havia jornalistas presentes. Isso em si mesmo não interessava muito. Se alguma coisa inconveniente aparecesse nos jornais do dia seguinte, seria para ele uma brincadeira de crianças dizer que os jornalistas estavam bêbados ou loucos, e dominá-los. Por outro lado era capaz de deixar sair a história. Jules era em muitos aspectos um incômodo, e esta podia ser uma oportunidade tão boa como qualquer outra para terminar a sua carreira. Mas esta não era a questão imediata. Wither estava considerando se devia esperar até Jules se sentar ou se devia levantar-se e interrompê-lo com umas tantas palavras judiciosas. Não queria uma cena. Seria melhor se Jules se sentasse por sua livre iniciativa. Ao mesmo tempo, havia naquela altura uma atmosfera naquela sala cheia de gente que avisava Wither para não demorar muito tempo. Olhando de relance para o ponteiro dos segundos do seu relógio, decidiu esperar mais dois minutos. Quase a seguir a tê-lo feito reconheceu que tinha calculado mal. Uma intolerável gargalhada em voz de falsete ecoou, vinda do fundo da mesa, e não havia maneira de parar. Uma maluca de uma mulher qualquer tinha ficado histérica. Imediatamente Wither tocou no braço de Jules, fez-lhe um sinal com um aceno de cabeça, e ergueu-se.

— Eh? Borrador buldu? — balbuciou Jules. Mas Wither, pousando a mão no ombro do homem baixo, silenciosamente, mas com todo o seu peso, forçou-o a sentar-se. Depois Wither limpou a garganta. Sabia como fazer isso de forma a que todos os olhos na sala se virassem imediatamente para ele. A mulher parou de gritar. As pessoas que tinham estado sentadas imóveis como mortas em posições forçadas, mexeram-se e descontraíram-se. Wither olhou ao longo da sala por um segundo ou dois em silêncio, avaliando o seu domínio sobre a assistência. Viu que já os tinha na mão. Não haveria mais histerismos. Então começou a falar.

Deviam todos ter parecido cada vez mais confortáveis à medida que prosseguia; e devia ter havido em breve murmúrios de grave lástima pela tragédia de que tinham acabado de ser testemunhas. Isso era o que Wither esperava. O que efetivamente viu deixou-o desnordeado. O mesmo silêncio demasiado atento que prevaleceu durante o discurso de Jules tinha

regressado. Olhos brilhantes e que não pestanejavam e bocas abertas acolhiam-no em todas as direções. A mulher começou outra vez a rir, não, desta vez eram duas mulheres. Cosser, depois de uma olhadela aterrada, pôs-se em pé de um salto, derrubando a cadeira, e fugiu da sala a correr.

O diretor-adjunto não era capaz de perceber aquilo, pois para ele a sua própria voz parecia estar pronunciando o discurso que tinha resolvido fazer. Mas a assistência ouviu-o dizer «elegantes e chefes de fila» sentira que todos nós, err, refutamos da forma mais precipitosa a defensável, embora, assim espero, lavatório. Aspasia que fulge ter escolhido o nosso redimido inspetor este enganar. Seria, ahn, tubarão, muito tubarão, das títulos de bolsa de alguém...

A mulher que tinha rido, ergueu-se apressada da cadeira. O homem sentado ao lado dela ouviu-a murmurar-lhe ao ouvido «vood wooloo». No primeiro momento aceitou as sílabas sem sentido e a expressão não natural dela. Ambas as coisas, por qualquer razão, o enfureceram. Levantou-se para a ajudar a afastar a cadeira com um desses gestos de delicadeza brutal que muitas vezes, na sociedade moderna, servem em vez de pancadas. De fato, arrancou-lhe a cadeira das mãos. Ela gritou, tropeçou numa ruga de carpete e caiu. O homem, que estava do outro lado dela, viu-a cair e viu a expressão de fúria do primeiro homem. «Estão loucos, rios perto?» rugiu, inclinándose para ele com um movimento ameaçador. Quatro ou cinco pessoas naquela parte da sala estavam agora de pé. Estavam agora aos gritos. Ao mesmo tempo havia movimento por toda a parte. Vários dos homens mais novos iam a caminho da porta. «Vacalheiros, vacalheiros», disse Wither severamente numa voz muito mais alta. Tinha muitas vezes antes, meramente levantado a voz e dizendo uma palavra autoritária, mantido a ordem em reuniões indisciplinadas.

Mas desta vez não chegou sequer a ser ouvido. Pelo menos vinte das pessoas presentes estavam nesse preciso momento a tentar fazer a mesma coisa. A cada um deles parecia claro que as coisas estavam exatamente naquela fase em que uma palavra, ou coisa assim, de simples bom senso, dita numa voz nova, restituiria a sanidade mental a toda a sala. Uma pensava numa palavra incisiva, uma numa piada, uma ainda alguma coisa muito calma e significativa. Como resultado novas patacoadas sem sentido, numa grande variedade de tons, soaram em vários lugares ao mesmo tempo. Frost foi o único dos dirigentes que não tentou dizer nada. Em vez disso escrevera a lápis umas tantas palavras num pedaço de papel, chamara um

criado e fizera-o compreender por sinais que era para ser dado a Miss Hardcastle.

Na altura em que a mensagem lhe chegou às mãos, o clamor era universal. Nos ouvidos de Mark soava como o ruído de um restaurante cheio de gente num país estrangeiro. Miss Hardcastle alisou o papel e inclinou a cabeça para baixo para o ler. A mensagem dizia: «Ponte metar estontaneamente vorulho parde. Purgente. Cost.» Amassou o papel na mão.

Miss Hardcastle sabia, antes de receber a mensagem, que estava três partes bêbada. Esperava e tencionava assim estar: sabia que mais tarde, durante a noite, ia descer até às celas e fazer umas coisas. Havia lá uma nova presa, uma moça pequena e penugenta, do tipo de que a Fada apreciava, com a qual podia passar uma hora agradável. O tumulto do palavreado incoerente não a alarmava, achava-o excitante. Aparentemente, Frost queria que ela tomasse qualquer ação. Levantou-se e percorreu todo o comprimento da sala até à porta, fechou-a, meteu a chave no bolso, e depois virou-se para inspecionar a assistência. Notou pela primeira vez que nem o suposto Merlin nem o pároco basco estavam à vista em parte alguma. Wither e Jules, ambos de pé, lutavam um contra o outro. Dirigiu-se para eles.

Tanta gente se tinha por esta altura levantado que levou muito tempo para alcançá-los. Toda a aparência de um jantar de festa tinha desaparecido: era mais como a cena de um terminal de Londres num dia de feriado bancário. Todos estavam tentando restaurar a ordem, mas todos eram ininteligíveis, e todos, no esforço de serem entendidos, estavam falando cada vez mais alto. Ela própria várias vezes berrou. Teve até de lutar um bocado antes de atingir o seu objetivo.

Houve um ruído de estouro e depois disso, finalmente, uns segundos de silêncio de morte. Mark primeiro notou que Jules tinha sido morto: e apenas em segundo lugar, que Miss Hardcastle lhe tinha dado um tiro. Depois disso era difícil estar certo do que acontecera. A correria e os berros podem ter ocultado uma dúzia de planos razoáveis para desarmar a assassina, mas era impossível coordená-los. Nada saiu deles a não ser pontapés, lutas, pulos para cima e para baixo das mesas, empurrões e puxões, gritos, vidros partidos. Ela disparou outra vez e ainda outra. Mais do que qualquer outra coisa, seria o cheiro que Mark recordaria da cena, pelo resto da vida: o cheiro dos tiros misturado com a combinação pegajosa de sangue e Porto e Madeira.

Subitamente, à confusão dos gritos juntou-se um fino e prolongado ruído de terror. Todos ficaram mais aterrorizados. Alguma coisa tinha corrido como uma flecha através do pavimento entre as duas longas mesas e desaparecido debaixo de uma delas. Talvez metade das pessoas presentes não tenha visto o que era, tinham apenas vislumbrado um fulgor negro e ruivo. Aqueles que o tinham visto claramente não eram capazes de dizer aos outros: podiam apenas apontar e gritar sílabas sem sentido. Mas Mark tinha-o reconhecido. Era um tigre.

Pela primeira vez naquela noite todos perceberam quantos esconderijos havia na sala. O tigre podia estar debaixo de qualquer das mesas. Podia estar em qualquer dos fundos vãos de janela, por detrás dos cortinados. Havia também um biombo contra um dos cantos da sala.

Não devemos supor que, mesmo agora, ninguém na assistência mantinha o sangue frio. Com sonoros apelos a toda a sala ou com os murmúrios urgentes para os seus vizinhos imediatos tentavam estancar o pânico, organizar uma retirada ordeira da sala, indicar como a fera podia ser atraída ou assustada de modo a aparecer à vista e levar um tiro. Mas a praga das palavras sem nexos frustrava todos os seus esforços. Não conseguiam estancar os dois movimentos que estavam acontecendo. A maioria não tinha visto Miss Hardcastle fechar a porta: comprimiam-se em direção a ela, para sair a todo o custo: lutariam, matariam se pudessem. Uma minoria, por outro lado, sabia que a porta estava fechada. Tinha de haver outra porta, aquela que os criados utilizavam, aquela por onde o tigre entrara. Comprimiam-se para o extremo oposto da sala para a encontrar. Todo o centro da sala estava ocupado pelo encontro destas duas vagas, uma imensa contenda futebolista, no princípio ruidosa com esforços frenéticos de explicação, mas em breve, à medida que a luta engrossava, quase silenciosa, exceto pelo som da respiração ofegante, pés que batiam ou espezinhavam, e murmúrios sem sentido.

Quatro ou cinco destes combatentes inclinaram-se repentina e pesadamente contra uma mesa, arrancando a toalha na sua queda e com ela todas as fruteiras, garrafas, copos, pratos. Para fora dessa confusão, com um uivo de terror, rompeu o tigre. Aconteceu tão depressa que Mark dificilmente deu por isso. Viu a cabeça medonha, o arreganhar da boca do gato, os olhos flamejantes. Ouviu um tiro, o último. Depois o tigre tinha desaparecido outra vez. Alguma coisa gorda e branca ensangüentada estava no chão, entre os pés dos contendores. Mark não foi capaz de a reconhecer

no início, pois que a cara, de onde ele estava, encontrava-se virada para o outro lado e as caretas disfarçaram-na até estar mesmo morta. Então reconheceu Miss Hardcastle.

Wither e Frost tinham deixado de ser vistos. Houve um rosnar próximo ao seu pé. Mark virou-se, pensando ter localizado o tigre. Então, pelo canto do olho, apanhou um vislumbre de alguma coisa mais pequena e mais cinzenta. Pensou que era um lobo de Alsacia. O cão estava danado. Corria ao longo da mesa, com a cauda entre as pernas, babando. Uma mulher, de pé com as costas para a mesa, voltou-se, tentou gritar, e no momento seguinte estava no chão, pois o animal se lhe atirara à garganta. Era um lobo autêntico. «Ai! ai!!», guinchou Filostrato e saltou para cima da mesa. Alguma coisa mais tinha passado como uma flecha entre os seus pés. Mark viu-a deslizar através do pavimento e entrar na contenda e despertar na massa de terror entrelaçada novas e frenéticas convulsões. Era uma espécie qualquer de serpente.

Acima do caos de sons que agora se erguia, parecia haver um animal na sala a cada minuto, apareceu finalmente um som do qual aqueles capazes ainda de compreender podiam derivar um certo alívio. «Tum, tum, tum», a porta estava sendo derrubada pelo lado de fora. Era uma enorme porta articulada, uma porta pela qual quase podia entrar uma locomotiva pois a sala fora feita de modo a imitar Versalhes. Um ou dois dos painéis já estavam se estilhaçando. O ruído enlouquecia aqueles que faziam da porta o seu objetivo. Parecia também enlouquecer os animais. Não paravam para comer o que matavam, ou não mais do que para dar uma lambidela no sangue. Nesta altura havia corpos mortos e a morrer por toda a parte, pois a violência da confusão, por esta ocasião, estava a matar tantos quanto os bichos. E sempre de todos os lados subiam vozes tentando dizer aos que estavam do lado de lá da porta. «Rápido. Rápido. Depressa», mas berrando apenas coisas sem nexos. O barulho na porta tornou-se cada vez mais forte. Como se a imitar, um grande gorila pulou para cima da mesa onde Jules tinha estado sentado e começou a bater no peito. Depois, com um rugido saltou para o meio da multidão.

Por fim a porta cedeu. Ambos os batentes cederam. O corredor, enquadrado no portal, estava escuro. Dessa escuridão veio uma coisa qualquer cinzenta e serpenteante. Oscilou no ar; depois começou metodicamente a arrancar a madeira em estilhaços de cada lado e a limpar o portal de destroços. A seguir Mark viu distintamente como desceu



rapidamente e se enrolou em volta de um homem: «Steele», pensou ele, mas todos pareciam diferente agora, e levantou-se em peso bem acima do chão. Depois disso, monstruosa, improvável, a enorme forma de um elefante abriu caminho para dentro da sala: os olhos enigmáticos, as orelhas rigidamente destacadas, como as asas do Diabo, de cada lado da cabeça. Ficou por um segundo imóvel, com Steele a estrebuchar na tromba e depois arremessou-o ao chão. Espezinhou-o. Depois disso ergueu outra vez a cabeça e a tromba e bramiu horripelantemente; depois mergulhou direto para dentro da sala, trombeteando e pisando, pisando continuamente como uma moça a pisar uvas, pesadamente pisando o que em breve era uma pasta molhada de sangue e ossos, de carne, vinho, frutos e toalhas de mesa sujas. Alguma coisa mais do que o perigo correu da vista até ao cérebro de Mark. O orgulho e a glória insolente da besta, o descuidado da matança, pareciam esmagar-lhe o espírito ao mesmo tempo que as patas lisas estavam a esmagar mulheres e homens. Ali vinha seguramente o rei do mundo... e então tudo se tornou negro e de nada mais soube.

## II

Quando o Sr. Bultitude recuperou os sentidos encontrou-se num lugar escuro cheio de cheiros não familiares. Isto não o surpreendeu ou perturbou grandemente. Estava imunizado contra o mistério. Enfiar a cabeça em qualquer quarto desocupado em St. Anne's, como por vezes conseguia fazer, era uma aventura não menos notável do que aquela que agora lhe caíra em cima. E os cheiros ali eram, no seu conjunto, prometedores. Percebeu que havia comida na vizinhança e, ainda mais excitante, uma fêmea da sua própria espécie. Havia uma grande quantidade de animais por ali também, aparentemente, mas isso era mais irrelevante do que alarmante. Decidiu sair à procura tanto da urso como da comida; foi então que encontrou paredes em três direções e barras na quarta. Não podia sair. Isto, combinado com o desejo indefinido de companhia humana à qual estava acostumado, mergulhou-o gradualmente em depressão. Um desgosto como só os animais conhecem, mares imensos de emoções desconsolada sem uma única pequena jangada de razão para se flutuar nela, afogou-o em várias braças de profundidade. À sua própria maneira ergueu a voz e chorou.

E, contudo, não muito longe dele, um outro cativo, este humano, estava quase igualmente imerso em pensamentos. O Sr. Maggs, sentado numa

pequena cela branca, mastigava decididamente a sua grande tristeza como só um homem simples é capaz de fazer. Nas suas circunstâncias, um homem educado teria encontrado miséria listrada de reflexão; teria ficado a pensar como esta nova idéia de cura em lugar de punição, tão humana na aparência, tinha de fato privado o criminoso de todos os seus direitos e como ao retirar o nome punição, tinha feito desta, interminável. Mas o Sr. Maggs durante todo o tempo pensava somente numa coisa: que aquele era o dia em que confiara durante toda a sua sentença, que tinha esperado por esta altura estar a tomar chá em casa com Ivy (ela teria arranjado alguma coisa saborosa para ele na primeira noite) e que isso não tinha acontecido. Estava sentado absolutamente imóvel. Cerca de uma vez em cada dois minutos, uma única grande lágrima escorria-lhe pela face abaixo. Não se teria importado tanto se o tivessem deixado ter um maço de cigarros.

Foi Merlin quem trouxe a libertação a ambos. Tinha deixado a sala de jantar logo que a praga de Babel estava bem fixa nos seus inimigos. Ninguém o tinha visto partir. Wither tinha ouvido uma vez a sua voz falando alto e com alegria intolerável, acima do tumulto de coisas sem sentido: «Qui Verbum Dei contempserunt, eis auferetur etiam verbum hominis<sup>6</sup>» .

Depois disso não o viu outra vez, nem tampouco ao vagabundo. Merlin fora e arruinara a sua casa. Pusera em liberdade bichos e homens. Aos animais que já estavam mutilados matara-os com um movimento instantâneo dos poderes que estavam dentro dele, rápido e sem dor, como as hastes macias de Artemis. Ao Sr. Maggs entregara uma mensagem escrita. Dizia o seguinte «Queridíssimo Tom, espero que estejas bem e o diretor aqui é um dos de boa qualidade e diz para vires tão depressa como puderes para o solar de St. Anne's. E não atravesasses Edgestow, Tom, faça o que fizeres, mas vem de qualquer maneira que puderes, tente conseguir carona. Tudo está bem como nunca, agora. Montes de amor da tua Ivy.» Aos outros presos deixou-os ir para onde quisessem. O vagabundo, notando Merlin de costas para ele durante um segundo, e vendo que a casa parecia estar vazia, pôs-se em fuga, primeiro para a cozinha e daí, reforçado com todos os comestíveis que os bolsos podiam conter, para o largo mundo. Nunca mais fui capaz de lhe encontrar a pista.

<sup>6</sup> Em latim no texto: Aqueles que desprezaram a palavra de Deus, a ele será também retirada a palavra do homem.

Aos bichos, exceto um burro que desapareceu mais ou menos ao mesmo tempo do que o vagabundo, Merlin mandou-os para a sala de jantar, enraivecidos pela sua voz e pelo seu contacto. Mas conservou o Sr. Bultitude. Este último reconheceu-o logo como sendo o mesmo homem ao lado do qual tinha estado sentado na Sala Azul: menos doce e pegajoso que nessa ocasião, mas reconhecível. Mesmo sem a brilhantina havia em Merlin aquilo que se ajustava exatamente ao urso, e no seu encontro «deu-lhe todo o ânimo que um bicho pode dar a um homem». Merlin pôs-lhe a mão na cabeça e murmurou-lhe ao ouvido e a sua mente obscura ficou cheia de excitação como se lhe tivesse sido subitamente facultado algum prazer há muito proibido e esquecido. Pelos compridos e vazios corredores de Belbury abaixo, o urso patinhava atrás dele. Pingava-lhe saliva da boca e estava começando a rosnar. Pensava em sabores quentes, salgados, na agradável resistência do osso, de coisas a esmagar, a lamber, a morder.

Mark sentiu-se sacudido; depois o choque frio da água atirada à sua cara. Com dificuldade, sentou-se. A sala estava vazia exceto pelos corpos dos mortos retorcidos. A luz elétrica imperturbável brilhava sobre medonha confusão: comida e imundice, luxo estragado e homens despedaçados, cada coisa mais medonha que a outra. Fora o suposto pároco basco que o acordara. «Surge, miselle» (levanta-te miserável), disse ele, ajudando Mark a pôr-se de pé. Mark levantou-se; tinha alguns golpes e contusões, mas não estava realmente ferido. O homem ofereceu-lhe vinho numa das grandes taças de prata, mas Mark virou a cara com um estremecimento. Olhou com estupefação para a cara do estrangeiro e viu que estava sendo posta uma carta na sua mão. «A sua mulher espera-o», dizia, «no solar de St. Anne-on-the-Hill. Venha depressa pela estrada, da melhor maneira que puder. Não chegue perto de Edgestow. (a) Denniston.» Olhou outra vez para Merlin e pensou que a cara dele era terrível. Mas Merlin encontrou os seus olhos com um ar de autoridade não sorridente, pousou-lhe a mão no ombro e impeliu-o, por cima de toda aquela confusão escorregadia e que retinia, até à porta. Os dedos dele causaram uma sensação de picadas através da pele de Mark. Foi conduzido ao bengaleiro, obrigado a agarrar um casaco e um chapéu (nenhum era dele) e dali lá para fora, sob as estrelas, no frio áspero e às duas da manhã, o verde severo de Sírius, alguns flocos de neve seca a começarem agora a cair. Mark hesitou. O estrangeiro ficou atrás dele, de pé, por um segundo, depois, com a mão aberta, bateu-lhe nas costas; enquanto viveu os ossos de Mark dóiam sempre que se lembrava. No momento

seguinte deu por si a correr como nunca correria desde a sua mocidade; não por medo, mas porque as pernas não paravam. Quando se tornou senhor delas de novo, estava a meia milha de Belbury e ao olhar para trás viu uma luz no céu.

## IV

Wither não estava entre os mortos na sala de jantar. Ele naturalmente conhecia todas as saídas possíveis da sala, e mesmo antes da chegada do tigre tinha-se esgueirado dali para fora. Compreendia o que se estava se passando, se não perfeitamente, melhor, porém, do que qualquer outro. Percebeu que o intérprete basco tinha feito a coisa toda. E, por isso, sabia também que forças mais do que humanas tinham descido para destruir Belbury; só alguém na sela, cuja alma o próprio Mercúrio montava, podia ter desfeito a linguagem. E isto disse-lhe de novo alguma coisa pior. Queria dizer que os seus próprios maléficos senhores estavam completamente errados nos seus cálculos. Tinham falado numa barreira que tornava impossível às forças do Céu Distante alcançarem a superfície da Terra; tinham-lhe garantido que nada do exterior podia passar a órbita da Lua. Toda a política deles era baseada na crença de que Tellus estava bloqueada, fora do alcance de tal assistência e deixada (tanto quanto isso o permitia) à mercê deles e dele. Por conseguinte sabia que estava tudo perdido.

É incrível quão pouco este conhecimento o impressionou. Não podia fazê-lo, pois havia muito que tinha deixado de acreditar no próprio conhecimento. Aquilo que fora na sua distante juventude uma repugnância meramente estética em relação às realidades que eram toscas ou vulgares, tinha-se aprofundado e tornado obsessivo, ano após ano, transformando-se numa recusa firme de tudo aquilo que fosse, em qualquer grau, outra coisa que não ele próprio. Passara de Hegel a Hume, daí através do pragmatismo, e daí através do positivismo lógico para o completo vácuo, finalmente. O modo indicativo não correspondia agora a pensamento algum que o seu espírito pudesse contemplar. Tinha querido com todo o seu coração que não houvesse realidade nenhuma e nenhuma verdade, e agora mesmo a iminência da sua própria ruína não era capaz de o fazer despertar. A última cena do Dr. Fausto, em que o homem se desespera e implora à beira do Inferno é talvez, coisa de teatro. Os últimos momentos antes da eterna condenação não são muitas vezes dramáticos. Muitas vezes o homem sabe

com perfeita clareza que alguma ação ainda possível de sua própria vontade pode ainda salvá-lo. Mas não consegue tornar este conhecimento real para si próprio. Qualquer minúscula sensualidade habitual, algum ressentimento demasiado trivial para desperdiçar numa garrafa azul, a indulgência de qualquer letargia fatal, parece-lhe a ele nesse momento mais importante do que a escolha entre a alegria total e a total destruição. Com os olhos arregalados, vendo que o terror sem fim está mesmo para começar, contudo (de momento) incapaz de se sentir aterrorizado, observa passivamente, sem mexer um dedo para a sua própria salvação, enquanto os últimos elos com a alegria e a razão são cortados, e de forma sonolenta vê o alçapão fechar-se sobre a sua alma. Tão cheios de sono estão eles no momento em que abandonam o caminho correto.

Straik e Filostrato estavam também ainda vivos. Encontraram-se num dos corredores frios e iluminados, tão afastado da sala de jantar que o ruído da carnificina não era senão um tênue murmúrio. Filostrato estava ferido, o seu braço direito severamente maltratado. Não falavam, todos sabiam que a tentativa seria inútil, mas caminhavam lado a lado. Filostrato tinha a intenção de dar a volta até à garagem, pelos fundos: pensava que ainda seria capaz de dirigir o carro, de alguma maneira, pelo menos até Sterk.

Ao virarem uma curva viram ambos aquilo que muitas vezes tinham visto antes mas que tinham esperado nunca ver outra vez, o diretor-adjunto, curvado, rangendo, caminhando a entoar a sua melodia. Filostrato não queria ir com ele, mas Wither, como se tivesse notado a sua condição de ferido, ofereceu-lhe um braço. Filostrato tentou declinar: da sua boca saíram sílabas sem sentido. Wither pegou-lhe com firmeza no braço esquerdo; Straik agarrou o outro, o braço estropiado. Gritando bem alto e estremecendo de dor, Filostrato acompanhou-os à força. Mas aguardava-o pior. Ele não era iniciado, nada sabia dos eldils maléficos. Acreditava que a sua perícia tinha realmente mantido vivo o cérebro de Alcasan. Daí que, mesmo nas suas dores, gritasse de horror quando verificou que os outros dois o arrastavam através da antecâmara da Cabeça e até à presença desta, sem fazer uma pausa para nenhum dos preparativos anti-sépticos que ele tinha sempre imposto aos seus colegas. Tentou em vão dizer-lhes que um momento de falta de cuidado assim podia destruir todo o seu trabalho. Mas desta vez foi na própria sala que aqueles que o conduziam começaram a despir-se. E desta vez tiraram a roupa toda.

Arrancaram também a sua. Quando a manga direita, grudada pelo sangue não se mexia, Wither pegou numa faca na antecâmara e rasgou-a. No fim, os três homens ficaram de pé, nus, em frente da Cabeça, Straik, seco de carnes e de ossos grandes; Filostrato, uma montanha de gordura que se rebojava; Wither, uma senilidade obscena. Então o cume do terror, do qual Filostrato não ia descer nunca mais, foi atingido; pois aquilo que ele pensava impossível começou a acontecer. Ninguém tinha lido os mostradores, ajustado as pressões, ou aberto o ar e a saliva artificial. Contudo, saíram palavras da boca seca e aberta da Cabeça do morto. «Adorai!», disse ela.

Filostrato sentiu os companheiros forçarem-lhe o corpo para a frente, depois outra vez para cima, depois para a frente e para baixo uma segunda vez. Foi obrigado a balançar-se para baixo e para cima em rítmica obediência, fazendo os outros o mesmo, entretanto. A última coisa que quase viu na Terra foram as dobras magras da pele do pescoço de Wither a tremer como o monco de um peru. A última coisa que quase ouviu foi Wither começar a cantar. Depois Straik fez o mesmo. Depois, com horror, verificou que ele próprio estava a cantar:

Ouroborindra! Ouroborindra!

Ouroborindra ba-ba-hee!

Mas não por muito tempo. «Mais uma», disse a voz, «dêem-lhe mais uma cabeça. Filostrato soube imediatamente que o estavam a levar à força para um certo lugar na parede. Ele próprio tinha concebido tudo. Na parede que separava a sala da Cabeça da antecâmara havia uma porta de janela. Quando aberta para trás, revelava uma janela na parede, e uma vidraça corrediça que podia descer rápida e pesadamente. Mas a vidraça era uma lâmina. A pequena guilhotina não tinha sido concebida para ser usada assim. Iam-no assassinar inutilmente, não cientificamente. Se fosse ele a fazê-lo a um deles tudo teria sido diferente; tudo teria sido preparado com semanas de antecedência, a temperatura de ambas as salas exatamente certa, a lâmina esterilizada, as ligações todas prontas para serem feitas quase antes da cabeça ser cortada. Tinha até calculado que alterações o terror da vítima introduzia provavelmente na sua pressão sangüínea; a circulação artificial de sangue seria ajustada de acordo, de forma a poder desempenhar a sua tarefa com a menor solução de continuidade possível. O seu último pensamento foi que tinha subestimado o terror.

Os dois iniciados, vermelhos da cabeça aos pés, olhavam esgazeados um para o outro, respirando pesadamente. Quase antes das gordas pernas e nádegas mortas do italiano terem cessado de estremecer, foram obrigados a começar outra vez o ritual:

Ouroborindra! Ouroborindra! Ouroborindra ba-ba-hee!

O mesmo pensamento surgiu a ambos no mesmo momento: «Vai pedir outra cabeça.» E Straik lembrou-se que Wither tinha aquela faca. Libertou-se do ritmo com terrível esforço: parecia que garras lhe rasgavam o peito por dentro. Wither viu o que ele pretendia fazer. Quando Straik se pôs a fugir, Wither já ia atrás dele. Straik alcançou a antecâmara, escorregou no sangue de Filostrato. Wither golpeou repetidamente com a sua faca. Não tinha força para cortar o pescoço, mas tinha morto o homem. Pôs-se de pé, com dores a roerem-lhe o seu coração de velho. Então viu a cabeça do italiano caída no chão. Pareceu-lhe bem apanhá-la e levá-la para a sala interior: mostrá-la à Cabeça original. Assim fez. Percebeu então que alguma coisa se movia na antecâmara. Poderia ser que eles não tivessem fechado a porta de fora? Não conseguia lembrar-se. Tinham entrado obrigando Filostrato a acompanhá-los, entre ambos; era possível... tudo tinha sido tão anormal. Pousou o seu fardo, cuidadosamente, quase cortesmente, mesmo agora, e deu uns passos em direção à porta entre as duas salas. No momento seguinte recuava. Um enorme urso, que se ergueu nas patas traseiras quando ele chegou à vista do animal, encontrara-o à entrada da porta, a boca aberta, os olhos flamejantes, as patas dianteiras abertas como para dar um abraço. Fora nisto que Straik se tornara? Sabia (embora agora não pudesse tratar disso) que estava na fronteira mesmo de um mundo onde tais coisas podiam acontecer.

## V

Ninguém em Belbury nessa noite estivera mais calmo do que Feverstone. Não era um iniciado como Wither nem um tolo como Filostrato. Sabia dos macróbios, mas não era o tipo de coisa em que estava interessado. Sabia que o plano de Belbury podia não funcionar, mas sabia que se não funcionasse ele sairia a tempo. Tinha uma dúzia de linhas de retirada que mantinha abertas. Tinha também uma consciência perfeitamente clara e não se tinha metido a brincar com a sua mente. Nunca tinha difamado qualquer outro homem exceto para lhe tomar o lugar, nunca

tinha feito batota exceto quando queria o dinheiro, nunca realmente tinha aversão às pessoas a não ser que o maçassem. Tinha de se imaginar até que ponto isso acontecia. Seria aquilo o fim de Belbury? Se assim era, tinha de regressar a Edgestow e melhorar a posição que já tinha preparado para si, como protetor da Universidade contra o NICE. Por outro lado, se houvesse alguma hipótese de figurar como o homem que tinha salvo Belbury num momento de crise, essa seria definitivamente a melhor linha de conduta. Esperaria tanto quanto fosse seguro esperar. E esperara muito tempo. Encontrou uma abertura através da qual os pratos quentes eram passados do corredor da cozinha para a sala de jantar. Atravessou-a e ficou a observar a cena. Os seus nervos eram excelentes e podia puxar e trancar a porta da abertura a tempo, se algum animal perigoso se dirigisse para lá. Ficou lá durante todo o massacre, os olhos brilhantes, algo semelhante a um sorriso no rosto, fumando cigarros uns atrás dos outros e batendo o compasso com os dedos rijos no parapeito da abertura. Quando tudo estava acabado disse para consigo: «Bem, estou lixado!» Fora certamente o mais extraordinário espetáculo. Os bichos tinham todos marchado para fora. Sabia que havia a possibilidade de encontrar um ou dois deles nos corredores, mas tinha de correr esse risco. O perigo, em dose moderada, atuava nele como um estimulante. Encaminhou-se para os fundos da casa e até à garagem; parecia que tinha de ir de imediato para Edgestow. Não conseguiu encontrar o carro na garagem, na verdade, havia muito menos carros do que tinha esperado. Aparentemente diversas outras pessoas tinham tido a idéia de se porem a andar enquanto as coisas corriam bem, e o seu carro fora roubado. Não sentiu qualquer ressentimento, e pôs-se à procura de outro da mesma marca. Levou longo tempo e quando encontrou um teve considerável dificuldade em fazê-lo funcionar. A noite estava fria; «vai nevar», pensou. Fez um ar carrancudo, pela primeira vez naquela noite: odiava a neve. Já passava das 2 horas quando começou a andar.

Mesmo antes de arrancar teve a estranha impressão de que alguém tinha entrado na parte traseira do carro, nas costas dele. «Quem é?», perguntou com aspereza. Decidiu sair e ir ver. Mas para sua surpresa o corpo não obedeceu à sua decisão; em vez disso dirigiu o carro para fora da garagem e deu a volta pela frente e depois seguiu para a estrada. A neve estava agora definitivamente caindo. Verificou que não podia virar a cabeça e não podia deixar de guiar. Estava dirigindo também ridiculamente depressa, naquela danada neve. Não tinha qualquer escolha. Tinha muitas vezes ouvido falar



em carros conduzidos do banco traseiro, mas agora isso parecia estar realmente acontecendo. Então, para seu desânimo, verificou que tinha deixado a estrada. O carro, ainda a uma velocidade temerária, ia aos saltos e solavancos ao longo do que era chamada a Gypsy Lane (pelos educados) por Wayland Street, a velha estrada romana de Belbury a Edgestow, toda ela erva e sulcos. «Olha aqui! Que diabo estou eu a fazer?» pensou Feverstone. «Estou bêbado? Se não tenho cuidado, parto o pescoço neste jogo!» Mas o carro prosseguia como se conduzido por alguém que considerasse aquele carreiro uma estrada excelente e a rota óbvia para Edgestow.

## VI

Frost tinha deixado a sala de jantar alguns minutos depois de Wither. Não sabia para onde iria nem o que iria fazer. Durante muitos anos tinha acreditado teoricamente que tudo o que aparece no espírito como motivo ou intenção é meramente um subproduto daquilo que o corpo está a fazer. Mas durante o último ano ou coisa assim, desde que recebera a iniciação, tinha começado a apreciar como fato o que há muito sustentava como teoria. De uma forma crescente, os seus atos tinham sido sem motivo. Fazia isto e aquilo, dizia assim e assado, e não sabia porquê. O seu espírito era um mero espectador. Não conseguia entender porque é que esse espectador existia. Se ressentia da sua existência, mesmo enquanto garantia a si próprio que o ressentimento era meramente um fenómeno químico. A coisa mais próxima de uma paixão humana que ainda existia nele era uma espécie de fúria fria contra todos os que acreditavam no espírito. Não tolerava tal ilusão. Não existiam, e não deviam existir coisas tais como homens. Mas, nunca até aquela noite, tinha uma consciência tão vívida de que o seu corpo e os seus movimentos eram a única realidade, que o ser que parecia observar o corpo a abandonar a sala de jantar e a pôr-se a caminho da câmara da Cabeça era uma não entidade. Como era enfurecedor que o corpo pudesse ter o poder de projetar um fantasma de si próprio!

Assim o Frost, cuja existência Frost negava, observou o seu corpo entrar na antecâmara, viu-o sobressaltar-se à vista de um cadáver nu e ensangüentado. Ocorreu a reação química chamada choque. Frost parou, virou o corpo e reconheceu Straik. Um momento mais tarde as suas lentes faiscantes e a barba em bico olhavam para dentro da sala da própria Cabeça. Mal notou que Wither e Filostrato estavam lá estendidos, mortos. A sua

atenção fixou-se em algo mais sério. O suporte onde devia ter estado a Cabeça estava vazio: o anel de metal torcido, os tubos de borracha emaranhados e quebrados. Depois achou uma cabeça no chão; inclinou-se e examinou-a. Era a de Filostrato. Não encontrou traço algum da cabeça de Alcasan, a não ser que uma confusão de ossos partidos junto à de Filostrato fosse ela.

Continuando a não perguntar o que havia de fazer ou porquê, Frost foi à garagem. A casa toda estava em silêncio e vazia; a neve por aquela altura era espessa no terreno. Voltou para cima com tantas latas de gasolina quantas podia carregar. Empilhou na sala Objetiva todas os materiais inflamáveis de que era capaz de pensar. Depois fechou-se lá dentro, fechando a porta da antecâmara. O que quer que estava a ditar as suas ações compeliu-o então a enfiar a chave dentro do tubo de comunicação que se comunicava com o corredor. Quando a tinha empurrado tão longe quanto os dedos alcançavam, tirou do bolso um lápis e empurrou com ele. Finalmente ouviu o tinir da chave a cair no chão do corredor do lado de fora. Aquela cansativa ilusão, a sua percepção interna, estava a gritar protestos; o seu corpo, mesmo que o quisesse, não tinha poder para prestar atenção a esses gritos. Como a figura mecânica que tinha escolhido ser, o seu corpo rígido, agora terrivelmente frio, caminhou de volta à sala Objetiva, despejou a gasolina e atirou um fósforo aceso para dentro da pilha. Só então os que o controlavam lhe permitiram suspeitar que a própria morte podia, afinal, não curar a ilusão de ser uma alma, pelo contrário, podia provar ser a entrada num mundo onde essa ilusão grassava, infinita e desenfreada. Lhe era oferecida a fuga para a alma, se não para o corpo. Tornou-se capaz de saber (e recusou simultaneamente o conhecimento) que tinha estado errado desde o princípio, que as almas e a responsabilidade pessoal existem. Viu pela metade: odiou inteiramente. A tortura física do arder não era mais feroz do que o seu ódio contra aquilo. Com um esforço supremo arrojou-se outra vez para dentro da sua ilusão. Nessa atitude a eternidade alcançou-o como o nascer do sol, nas velhas lendas, alcança os anões perversos e os transforma em pedra imutável.

## **CAPÍTULO XVII VÊNUS EM ST. ANNE'S**

### **I**

A luz do dia chegou sem nenhum nascer do sol visível quando Mark estava escalando para o terreno mais alto da sua jornada. A estrada branca, ainda virgem de trânsito humano, mostrava aqui e além as pegadas de um pássaro e aqui e ali um coelho, pois o aguaceiro de neve estava então chegando ao fim, numa agitação de flocos maiores e mais lentos. Um grande caminhão, parecendo negro e quente naquela paisagem, alcançou-o. O homem pôs a cabeça de fora.

— A caminho de Birmingham, companheiro? — perguntou ele.

— Mais ou menos — disse Mark. — Pelo menos vou até St. Anne's.

— Onde é isso? — disse o motorista.

— Lá em cima do monte, por trás de Pennington — disse Mark.

— Ah — disse o homem — posso levá-lo até a esquina. Já lhe poupa um bocado. — Mark entrou ao lado dele.

Ia a meio a manhã quando o homem o deixou em uma esquina ao lado de um pequeno hotel campestre. A neve cobria tudo e no céu havia mais, e o dia estava extremamente silencioso. Mark entrou no pequeno hotel e encontrou a dona da casa simpática e já idosa. Tomou um banho quente e um café da manhã bem servido e depois adormeceu numa cadeira em frente ao lume que rugia. Não acordou até perto das 4 horas. Calculou que estava apenas a umas milhas de St. Anne's e decidiu tomar chá antes de se meter a caminho. Tomou chá. Por sugestão da dona da casa, comeu um ovo escaldado com o chá. Duas prateleiras na pequena sala de estar estavam cheias de volumes encadernados de *The Strand*. Num deles encontrou uma história para crianças, em episódios, que tinha começado a ler quando criança, mas abandonara porque o seu décimo aniversário chegou quando ia a meio e tinha vergonha de a ler depois disso. Agora, foi atrás dela de volume em volume até a ter acabado. Era boa. As histórias de adultos para as quais, depois do seu décimo aniversário, se voltara em vez dela, pareciam-lhe agora, exceto *Sherlock Holmes*, ser uma porcaria. «Suponho que em breve tenho de me pôr a caminho», disse para consigo.

A sua ligeira relutância em fazê-lo não provinha de cansaço, sentia-se, na verdade, perfeitamente repousado e melhor do que se tinha sentido em várias semanas, mas de uma espécie de acanhamento. Ia se encontrar com Jane, e Denniston e (provavelmente) os Dimbles também. De fato, ia ter com Jane naquilo que agora sentia que era o verdadeiro mundo dela. Mas não o seu. Pois agora pensava que com toda a sua ansiedade de uma vida inteira para atingir um círculo interior, tinha escolhido o círculo errado. Jane

estava onde ela pertencia. Ele ia ser admitido apenas por amabilidade, porque Jane tinha sido suficiente louca para casar com ele. Não se indignava com isso, mas sentia-se acanhado. Via-se a si próprio como este novo círculo devia vê-lo, mais um pequeno ser comum, exatamente como os Steels e os Cossers, maçador, inconspícuo, assustado, calculista, frio. Perguntou-se vagamente porque é que ele era assim. Como é que as outras pessoas como Denniston ou Dimble, achavam tão fácil saltitar através do mundo com todos os músculos descontraídos e os olhos descuidados correndo o horizonte, borbulhando de fantasia e humor, sensíveis à beleza, sem estar continuamente em guarda e sem precisar estar? Qual era o segredo desse magnífico e fácil riso que ele não era capaz de imitar, por quaisquer esforços que fizesse? Tudo neles era diferente. Não podiam sequer arrojarse sobre cadeiras sem sugerir pela própria postura dos seus membros um certo ar senhoril, uma indolência leonina. Havia espaço de manobra na vida deles, como nunca tinha havido na dele. Eles eram copas; ele era apenas uma espada. Contudo, tinha de seguir... E claro, Jane era uma copa. Ele tinha de lhe dar a sua liberdade. Seria absolutamente injusto pensar que o seu amor por ela tinha sido baixamente sensual. «O amor», diz Platão, «é filho da necessidade.» O corpo de Mark sabia melhor do que o seu espírito tinha sabido até há pouco tempo, e até os seus desejos sexuais eram o índice verdadeiro de alguma coisa que a ele falta e Jane tinha para dar. Quando ela pela primeira vez atravessara o mundo seco e poeirento que o seu espírito habitava, ela tinha sido como um aguaceiro de Primavera: ao abrir-se a isso não se tinha enganado. Tinha errado apenas ao assumir que o casamento em si próprio, lhe dava quer o poder quer o direito de se apropriar dessa frescura. Como agora via, uma pessoa podia de mesma forma ter pensado que podia comprar o pôr do sol ao comprar o campo do qual o tinha visto.

Tocou a campainha e pediu a conta.

## II

Nessa mesma tarde, a Mãe Dimble e as três moças estavam no andar de cima, na sala grande que ocupava quase a totalidade do andar superior de uma das alas do solar, e à qual o diretor chamava de guarda-roupa. Se espreitasse lá para dentro, teria pensado por um momento que não estavam numa sala mas numa espécie de floresta qualquer, uma floresta tropical

resplandecente de cores brilhantes. Uma segunda olhada e pensaria estar num desses deliciosos andares de cima de uma grande loja onde os carpetes postos ao alto e tecidos ricos pendentes do teto constituem uma espécie de floresta tecida própria deles. De fato, estavam de pé no meio de uma coleção de túnicas de cerimônia, dezenas de túnicas que pendiam, cada uma em separado, do seu pequeno pilar de madeira.

— Esse seria lindo para si, Ivy — disse a Mãe Dimble, levantando com uma mão a dobra de um manto vividamente verde, sobre o qual tranças e espirais de ouro competiam num desenho festivo. — Vá lá, Ivy — continuou ela — não gosta dele? Não está aflita ainda por causa do Tom, está? O diretor não lhe disse que ele estaria aqui esta noite ou amanhã a meio do dia, o mais tardar?

Ivy olhou para ela com olhar preocupado.

— Não é isso — disse. — Onde estará o próprio diretor?

— Mas você não pode querer que ele fique, Ivy — disse Camilla —, em permanente sofrimento, não. E o seu trabalho estará feito, se tudo correr bem em Edgestow.

— Ele tem suspirado por voltar a Perelandra — disse a Mãe Dimble. — Ele está, como se estivesse com saudades. Sempre, sempre... pode se ver em seus olhos.

— Esse tal Merlin vai voltar aqui? — perguntou Ivy.

— Não creio que volte — disse Jane. — Penso que tanto ele como o diretor não esperassem por isso. E depois há o meu sonho, a noite passada. Parecia que ele estava em fogo... não a arder, sabe, mas luz, todo o tipo de luzes, das mais curiosas cores, saindo dele e correndo nele para cima e para baixo. Isso foi a última coisa que vi: Merlin ali de pé como uma espécie de pilar e todas aquelas coisas horrorosas a acontecerem a toda a volta dele. E podia ver na sua cara que era um homem consumido até a última gota, se entendem o que quero dizer, que ele cairia em pedaços no momento em que os poderes o abandonassem.

— Não avançamos com a escolha das nossas roupas para esta noite.

— De que este é feito? — disse Camilla, tocando com os dedos e depois cheirando o manto verde. Era uma pergunta que merecia ser feita. Não era minimamente transparente e, contudo, todo o tipo de luzes e sombras residiam nas suas dobras ondeantes e corria através das mãos de Camilla como uma cascata. Ivy ficou interessada.

— Senhor! — disse ela. — Quanto custará uma jarda?

— Aqui está — disse a Mãe Dimble enquanto a enrolava habilmente em torno de Ivy. Depois disse — Oh! — genuinamente espantada. As três afastaram-se de Ivy, fitando-a encantadas. Ainda era uma mulher comum, no corpo e no rosto, mas a túnica tinha pegado nela, como um grande compositor pega numa melodia popular, a faz saltar através da sua sinfonia e faz dela uma maravilha, e, contudo, deixa-a no fim ainda ela mesma. Uma «bonita fada» ou «elegante duende», uma pequena embora perfeita vivacidade, erguia-se na frente delas, mas ainda, de forma reconhecível, Ivy Maggs.

A Sra. Dimble exclamou: — Não há um espelho na sala!

— Não creio que houvesse intenção de que nos víssemos a nós próprias. — Ele disse qualquer coisa a respeito de sermos espelhos suficientes umas para as outras.

— Eu só gostaria de ver como é que fico, do lado de trás — disse Ivy.

— Agora a Camilla — disse a Mãe Dimble. — Consigo não há problema nenhum. Esta é, obviamente, a sua.

— Oh, pensa naquela ali? — disse Camilla.

— Sim, é claro — disse Jane.

— Vai ficar tão bem com essa — disse Ivy. Era uma coisa comprida e esguia que parecia aço pela cor embora fosse macia como espuma ao toque. Ficava-lhe justa nos rins e descia em cauda até os pés. «Como uma sereia», pensou Jane; e depois «como uma valquíria.»

— Receio — disse a Mãe Dimble — que tenha de usar uma tiara como essa.

— Isso não seria um tanto...

Mas a Mãe Dimble já estava a colocá-la na sua cabeça. Aquela reverência (não precisa ter nada a ver com o valor em dinheiro), que quase todas as mulheres sentem pelas jóias, calou três delas por um momento. Não havia talvez diamantes assim na Inglaterra. O esplendor era fabuloso, absurdo.

— Para o que estão olhando com olhos arregalados? — perguntou Camilla que nada mais vira do que um relâmpago quando a coroa subia nas mãos da Sra. Dimble e não sabia que ela própria estava de pé «Como a luz das estrelas nos despojos das províncias».

— São autênticas? — disse Ivy.

— De onde vieram, Mãe Dimble? — perguntou Jane.

— Tesouro de Logres, queridas, tesouros de Logres — disse a Sra. Dimble. Talvez de mais longe que a Lua ou de antes do dilúvio. Agora Jane.

Jane não era capaz de ver nada especialmente apropriado na túnica que as outras concordavam em lhe vestir. O azul era, na verdade, a cor dela, mas tinha pensado nalguma coisa um pouco mais austera e dignificada. Deixada ao seu próprio julgamento teria chamado aquela um pouco «exagerada». Mas quando viu as outras todas baterem palmas, submeteu-se. Na verdade não lhe ocorreu na altura fazer de outra maneira e o assunto todo foi esquecido um momento mais tarde, na excitação de escolher uma túnica para a Mãe Dimble.

— Qualquer coisa modesta — disse ela. — Sou uma mulher de idade e não quero que me façam ridícula.

— Esta não serviria mesmo nada — disse Camilla, caminhando até ao fim da longa fila de esplendores dependurados, ela própria como um meteoro à medida que passava contra aquele fundo de púrpura e ouro e escarlata e neve macia e opala elusiva, de pele, seda, veludo, tafetá e brocado.

— Aquela é adorável. — disse ela. — Mas não para si. E oh, olhem para aquela. Mas não serviria. Não vejo nada...

— Aqui! Oh, venham aqui ver! Venham cá — gritou Ivy como se tivesse medo de que a sua descoberta fugisse a não ser que as outras lhe dessem atenção depressa.

— Oh! Sim, realmente sim — disse Jane.

— Certamente — disse Camilla.

— Vista-o, Mãe Dimble — disse Ivy. — Sabe que tem de fazê-lo. — Era daquela cor de chama quase tirânica que Jane tinha visto na sua visão, na cabana, mas talhada de forma diferente, com pele em torno da grande fivela de cobre que abraçava a garganta, com mangas compridas e largas que pendiam. E mal tinha acabado de apertar a túnica e já estavam todas atônitas, e nenhuma mais do que Jane, embora na verdade ela tivesse as melhores razões para antever os resultados. Pois agora aquela esposa provinciana de um estudioso um tanto obscuro, erguia-se na sua frente, sem margem para engano, como uma espécie de sacerdotisa ou profetisa, a serva de uma qualquer deusa pré-histórica da fertilidade, uma velha matriarca tribal, mãe das mães, grave, formidável e augusta. Uma comprida vara, curiosamente entalhada como se uma cobra se enrolasse por ela acima, fazia aparentemente parte da vestimenta; a puseram na sua mão.

— Estou horrível? — disse a Mãe Dimble, olhando sucessivamente para as três caras silenciosas.

— Está com um aspecto lindo — disse Ivy.

— É exatamente isso — disse Camilla.

Jane pegou na mão da senhora de idade e beijou-a.

— Querida — disse ela —, terrível, no sentido antigo de espantoso, é exatamente o seu aspecto.

— Que é que os homens vão usar? — perguntou subitamente Camilla.

— Não podem aparecer muito bem em trajés caprichosos, não é? — disse Ivy. — Se estiverem a cozinhar e a trazer e a levar coisas a toda a hora, não podem. E devo dizer, se esta é para ser a última noite e tudo isso, penso que devíamos ter, de qualquer maneira, feito o jantar. Deixá-los fazer como gostarem quanto ao vinho. E o que eles irão fazer com aquele ganso é mais do que gosto de pensar, porque não acredito que o Sr. MacPhee alguma vez tenha assado uma ave na sua vida, diga ele o que disser.

— De qualquer forma não vão conseguir estragar as ostras — disse Camilla.

— Está certo — disse Ivy. — Nem o pudim de ameixa, realmente não. Contudo, gostaria de ir lá embaixo dar uma olhadela.

— É melhor não — disse Jane, com uma risada. — Sabe como é quando ele está encarregado da cozinha.

— Não tenho receio dele — disse Ivy, quase colocando a língua de fora, mas sem chegar a tal. E no seu atual vestuário o gesto não seria desprovido de um certo donaire.

— Não precisam se preocupar nada com o jantar, meninas — disse a Mãe Dimble. — Ele vai sair-se muito bem. Desde que ele e o meu marido não se metam numa discussão filosófica exatamente quando estiver na altura de servir as travessas. Vamos mais é nos divertir. Que quente está aqui.

— Está agradável — disse Ivy.

Nesse momento a sala toda tremeu de ponta a ponta.

— Que diabo foi isto? — disse Jane.

— Se ainda houvesse guerra, teria dito que foi uma bomba — disse Ivy.

— Venham ver — disse Camilla que reconquistara a sua compostura mais cedo do que qualquer das outras e estava agora à janela que dava para oeste, em direção ao vale do Wind. — Oh, vejamos! — disse ela outra vez. — Não. Não é o fogo. E não são os projetores. E não são raios. Uf! ... Temos outro abalo. E ali... olhem para aquilo. Para lá daquela igreja está tão claro como de dia. Que bobagem estou dizendo, são só 3 horas. Há mais luz do que de dia. E o calor!

— Começou — disse a Mãe Dimble.



Mais ou menos à mesma hora nessa manhã em que Mark subira no caminhão, Feverstone, não muito magoado mas um bocado abalado, saía do carro roubado. O carro tinha acabado a sua corrida de pernas para o ar, numa vala profunda, e Feverstone, sempre pronto a ver o lado favorável, refletia, enquanto se extraía para fora, que as coisas podiam ter sido piores, podia ter sido o seu próprio carro. Havia muita neve na vala e tinha ficado muito molhado. Quando se pôs de pé e olhou à sua volta, viu que não estava só. Uma figura alta e maciça, numa sotaina preta, estava na frente dele, a cerca de cinco jardas. Estava de costas para ele e já a afastar-se, caminhando firmemente.

— Hei! — berrou Feverstone. O outro virou-se e olhou para ele em silêncio durante um segundo ou dois; depois retomou a marcha. Feverstone sentiu de imediato que aquele não era o tipo de homem com o qual se pudesse dar bem, de fato nunca tinha gostado menos do aspecto de ninguém. Nem podia, com os escarpins que tinha calçados e que estavam encharcados e rebentados, seguir a passada daqueles pés calçados de botas que iam a quatro milhas à hora. Não tentou fazê-lo. A figura de preto chegou a uma cancela, aí parou e fez um ruído de relincho. Estava aparentemente a falar com um cavalo do lado de lá da cancela. No momento seguinte (Feverstone não viu muito bem como aquilo aconteceu) o homem passava por cima da cancela e estava montado no cavalo e a meio galope, através de um largo campo que subia branco como o leite até à linha do horizonte.

Feverstone não tinha idéia alguma onde estava, mas era evidente que a primeira coisa a fazer era chegar a uma estrada. Levou muito mais tempo do que ele esperava. O tempo já não estava a ponto de gelar, e em muitos locais havia profundas poças de água escondidas debaixo da neve. Ao fundo da primeira colina chegou a um lamaceiro tal que foi obrigado a abandonar o carreiro da estrada romana e tentar procurar caminho através dos campos. A decisão foi fatal. Manteve-o por duas horas à procura de aberturas nas sebes e a tentar alcançar coisas que pareciam estradas à distância mas que se revelavam não ser nada disso quando lá se chegava. Sempre detestara o campo e sempre detestara o tempo e não era dado a caminhadas, em tempo algum.

Cerca das 12 horas encontrou uma estrada sem nenhum poste de sinais, que o levou, uma hora mais tarde, à estrada principal. Aí, graças aos céus, havia uma razoável quantidade de trânsito, tanto de carros como de peões, todos a irem no mesmo sentido. Os primeiros três carros não deram qualquer

importância aos seus sinais. O quarto parou.

— Rápido. Salte cá para dentro — disse o motorista.

— Vai para Edgestow? — perguntou Feverstone, com a mão na porta.

— Santo Deus, não! — disse o outro. — Ali está Edgestow! — (e apontou para trás dele) — se quiser ir para lá. — O homem parecia surpreendido e consideravelmente excitado.

Afinal nada mais havia a fazer senão seguir a pé. Todos os veículos se afastavam de Edgestow, nenhum ia para lá. Feverstone estava um pouco surpreso. Sabia tudo acerca do êxodo (na verdade, tinha sido uma parte do seu plano esvaziar a cidade tanto quanto possível), mas supusera que já teria terminado naquela altura. Mas toda essa tarde, enquanto chapinhava e escorregava através da neve remexida, os fugitivos continuavam ainda a passar por ele. Dificilmente temos (naturalmente) algumas provas em primeira mão do que aconteceu em Edgestow naquela tarde e noite. Mas temos muitas histórias de como tanta gente veio a deixá-la no último momento. Durante semanas encheram os jornais e demoraram-se nas conversas particulares durante meses, e no fim tornou-se um gracejo. «Não, não quero ouvir como é que você saiu de Edgestow» acabou por ser uma frase feita. Mas por trás de todos os exageros mantém-se a verdade indubitável que um número absolutamente espantoso de cidadãos deixou a cidade ao mesmo tempo. Um tinha recebido a mensagem de um pai a morrer; outro tinha resolvido absolutamente de repente tomar umas pequenas férias, e não era capaz sequer de dizer porquê; um outro foi porque os canos da casa tinham rebentado com o gelo e pensou que bem podia ir-se embora até serem consertados. Não poucos tinham ido por causa de algum acontecimento trivial que lhes tinha parecido um agouro, um sonho, um espelho quebrado, folhas de chá numa xícara. Presságios de um tipo mais antigo tinham também revivido durante aquela crise. Uma tinha ouvido o seu burro, outro o seu gato, dizer: «Tão claro como o que é claro, vai-te embora.» E centenas estavam ainda a abandonar pela velha razão, porque as suas casas lhes tinham sido tiradas, os seus meios de vida destruídos, e as suas liberdades ameaçadas pela Polícia Institucional.

Foi cerca das 4 horas que Feverstone deu por si atirado de cara para o chão. Esse foi o primeiro abalo. Continuaram, aumentando de frequência, durante as horas que se seguiram, horríveis tremores, e em breve, crescimentos de terra, e um crescente murmúrio de ruídos subterrâneos vastamente espalhados. A temperatura começou a subir. A neve estava desaparecendo

em todas as direções e por vezes estava metido na água até ao joelho. A névoa causada pela neve a derreter enchia o ar. Quando chegou ao cimo da última descida íngreme para Edgestow, nada podia ver da cidade: apenas nevoeiro, através do qual chegavam até ele extraordinárias cintilações de luz. Outro abalo estendeu-o no chão. Decidiu então não descer: iria virar e seguir o trânsito, caminhar até a estação do trem e tentar chegar a Londres. A imagem de um banho a ferver no seu clube, e dele próprio junto ao quebra-fogo da sala de fumo contando a sua história toda, ergueu-se no seu espírito. Seria qualquer coisa ter sobrevivido tanto a Belbury como a Bracton. Tinha sobrevivido a muita coisa nos seus tempos e acreditava na sua sorte.

Já tinha descido uns passos pelo monte abaixo quando mudou sua decisão e voltou para trás imediatamente. Mas em vez de subir verificou que ainda estava descendo. Como se estivesse na argila da encosta de uma montanha, em vez de numa estrada empedrada, o chão escorregava-lhe para trás onde quer que ele pisasse. Quando parou a sua descida, estava trinta jardas mais abaixo.

Começou outra vez. Desta vez foi atirado ao chão, enrolou os pés pela cabeça, pedras, terra, erva e água caindo por cima e à roda dele numa tumultuada confusão. Era como quando uma grande vaga nos ultrapassa quando estamos a tomar banho, mas desta vez era uma vaga de terra. Pôs-se mais uma vez de pé e pôs a cara no monte. Por trás, o vale parecia ter-se tornado no Inferno. O poço de nevoeiro tinha sido incendiado e ardia com uma chama violeta que cegava, a água estava a rugir algures, edifícios a cair, multidões a berrar. O monte na frente dele estava em ruínas, traço algum de estrada, sebe ou campo lavrado, apenas uma cascata de terra solta e em bruto. Era além disso de longe mais íngreme à medida que olhava para ela. O cimo era cada vez mais alto. Depois toda a vaga de terra subiu, arqueou, tremeu e com todo o seu peso e ruído desabou sobre ele.

## IV

— Porquê Logres, senhor? — disse Camilla. O jantar tinha acabado em St. Anne's e todos estavam sentados com as suas bebidas em círculo em torno do lume da sala de jantar. Como a Sra. Dimble tinha profetizado, os homens tinham cozinhado muito bem; só depois do serviço deles estar terminado e tudo arrumado tinham envergado o seu vestuário festivo. Agora

todos se sentavam à vontade e todos esplêndidos de forma diversa: Ransom, coroadado, à direita da lareira; Grace Ironwood, em negro e prata, do lado oposto a ele. Estava tão quente que tinham deixado apagar o lume, e à luz das velas os trajes de cerimônia pareciam resplandecer por si.

— Conte-lhes, Dimble — disse Ransom. —

Eu não vou falar muito daqui em diante.

— Está cansado, senhor? — disse Grace. —

A dor é forte?

— Não, Grace — replicou ele. — Não é isso.

Mas agora que está tão próxima a hora de eu me ir embora, tudo isto começa a parecer um sonho. Um sonho feliz, entendam: todo ele, até a dor. Quero saborear cada gota. Sinto como pudesse dissolver-se se eu falasse demais.

— Tem mesmo de ir, senhor? — disse Ivy. — Minha querida — disse ele — que mais há

a fazer? Não me tornei um dia ou uma hora mais velho desde que regressei de Perelandra. Não existe morte natural que eu possa esperar. A ferida só se curará no mundo onde foi sofrida.

— Tudo isto tem o inconveniente de ser contrário às leis da Natureza observadas — comentou MacPhee. O diretor sorriu sem falar, como um homem que se recusa a ser arrastado para a discussão.

— Não é contrário às leis da Natureza —

disse uma voz vinda do canto onde Grace Ironwood estava sentada, quase invisível no meio das sombras. — Tem toda a razão.

As leis do universo

nunca são quebradas. O seu erro é pensar que as limitadas regularidades que observamos num só planeta durante algumas centenas de anos são as autênticas leis inquebráveis, quando são apenas os resultados remotos que as verdadeiras leis ocasionam mais vezes do que se pensa por uma espécie de acidente.

— Shakespeare nunca quebra as leis reais da

poesia — avançou Dimble. — Mas, ao segui-las, quebra de vez em quando as pequenas regularidades que os críticos tomam pelas autênticas leis, por engano. Então os pequenos críticos chamam-lhe «licença poética». Mas nada há de licencioso no caso, para Shakespeare.

— E é por isso — disse Denniston — que nada na Natureza é absolutamente regular. Existem sempre exceções. Uma boa uniformidade média, mas não total.

— Não muitas exceções à lei da morte têm cruzado o meu caminho — observou MacPhee. — E como — disse Grace com muito ênfase

— como esperaria você estar presente em mais do que uma dessas tais ocasiões? Era amigo de Áthur ou Barbarossa? Conheceu Enoch ou Elijah? — Quer dizer — disse Jane — que o diretor...

o chefe supremo... vai ir para onde eles foram? — Vai estar com Arthur, certamente — disse

Dimble. — Não posso responder quanto ao resto. Existem pessoas que nunca morreram. Ainda não sabemos porquê. Sabemos um pouco mais do que sabíamos, acerca do Como. Há muitos lugares no universo, quero dizer, este mesmo universo físico no qual se move o nosso planeta, onde um organismo pode durar praticamente para sempre. Onde está Arthur, nós sabemos.

— Onde? — disse Camilla.

— No terceiro céu, em Perelandra. Em Aphalljin, a ilha distante que os descendentes de Thor

e Tinidril não encontrarão por uma centena de séculos. Talvez sozinho?...

— hesitou e olhou para

Ransom que abanou a cabeça.

— E é aí que entra Logres, não é? — disse

Camilla. — Por que estará com Arthur?

Dimble ficou em silêncio durante uns minutos, a arranjar e a rearranjar a faca de fruta e o garfo de fruta no seu prato.

— Tudo começou — disse — quando descobrimos que a lenda arturiana é na sua maior parte

história autêntica. Houve um momento no século vi em que alguma coisa que está sempre a tentar vir ao de cima neste país quase conseguiu. Logres era o nosso nome para ela, servirá tão bem como qualquer outra. E então... gradualmente começamos a ver toda a história inglesa de uma nova maneira. Descobrimos a assombração.

— Que assombração? — perguntou Camilla. — Como uma certa coisa, a que se pode

chamar Grã-Bretanha, é sempre assombrada por alguma coisa a que podemos chamar Logres. Não repararam que somos dois países? Depois de cada Arthur, um Mordred; atrás de cada Milton, um Cromwell; uma nação de poetas, e uma nação de lojistas; a pátria de Sidney e de Cecil Rhodes. Será de espantar que nos chamem hipócritas? Mas aquilo que por engano tomam por hipocrisia é realmente a luta entre Logres e a Grã-Bretanha.

Fez uma pausa e tomou um trago de vinho antes de prosseguir.

— Foi muito depois — disse ele —, depois do diretor ter regressado do terceiro Céu, que nos disseram um pouco mais. Esta assombração veio a não existir apenas vinda do outro lado da parede invisível. Ransom foi convocado para junto do leito de um velho então a morrer em Cumberland. O seu nome nada significaria para vocês se eu o dissesse. Esse homem era o chefe supremo, o sucessor de Arhtur e Uther e Cassibelaun. Então soubemos a verdade. Tinha havido um Logres secreto no próprio coração da Grã-Bretanha todos aqueles anos;

uma sucessão ininterrupta de chefes supremos.

Aquele velho era o septuagésimo sétimo a contar de Arthur; o nosso diretor recebeu dele o cargo e as bênçãos; amanhã saberemos, ou até esta noite, quem vai ser o octogésimo. Alguns dos chefes supremos

são bem conhecidos na história, embora sem esse nome. De outros nunca ouvimos falar. Mas em todas as épocas, eles e os pequenos Logres que se reuniram em redor deles foram os dedos que deram o minúsculo empurrão ou o puxão imperceptível, para espicaçar a Inglaterra para fora do sono de bêbado ou para a arrastar para longe do ultraje final, dentro da qual a Grã-Bretanha a tinha tentado a ir. — Desta nova história da Inglaterra — disse

MacPhee — há poucos documentos.

— Tem muitos — disse Dimble com um sorriso. — Mas você não conhece a língua em que estão escritos. Quando a história destes últimos meses vier a ser escrita na sua língua, e impressa e ensinada nas escolas, nela não haverá qualquer menção a si e a mim, nem a Merlin e ao chefe supremo e aos planetas. E, contudo, nestes meses a Grã-Bretanha rebelou-se da forma mais perigosa contra Logres e foi derrotada só mesmo no último momento.

— Sim — disse MacPhee —, e podia ser correta e boa história sem mencionar a si e a mim e à maioria dos presentes. Ficaria muito grato se alguém me dissesse o que é que nós fizemos, além de dar de comer aos porcos e de produzir alguns vegetais muito decentes.

— Você fez o que de si era exigido — disse o diretor. — Obedeceu e esperou. Acontecerá muitas vezes assim. Como nos disse um dos autores modernos, o altar tem de ser muitas vezes construído num local para que o fogo do Céu possa descer noutro ponto qualquer. Mas não tire conclusões apressadas. Pode ter muito trabalho a fazer antes que passe um mês. A Grã-Bretanha perdeu uma batalha, mas levantar-se-á outra vez.

— Assim, entretanto, está a Inglaterra — disse a Mãe Dimble. — Não mais do que esta oscilação para a frente e para trás, entre Logres e a Grã-Bretanha.

— Sim — disse o marido. — Não sente isso?

A qualidade intrínseca de Inglaterra. Se temos cabeça de burro é por andarmos num bosque encantado. Temos ouvido alguma coisa melhor do que o

que podemos fazer, mas não podemos esquecê-la inteiramente... é capaz de ver isso em tudo que é inglês, uma espécie de graça desastrada, uma imperfeição humilde e bem disposta? Como tinha

razão Sam Weller, que chamou ao Sr. Pickwick um anjo de polainas! Tudo aqui é ou melhor ou pior do que...

— Dimble! — disse Ransom. Dimble, cujo tom se tinha tornado um pouco apaixonado, parou e olhou para ele, hesitou e (julgou Jane) quase corou antes de começar de novo.

— Tem razão, senhor — disse com um sorriso. — Estava a esquecer-me do que me preveniu

para me lembrar sempre. Esta assombração não é exclusividade nossa. Cada povo tem o seu fantasma próprio. Não há um privilégio especial para a Inglaterra, nenhuma insensatez de ser a nação escolhida. Falamos de Logres porque é o nosso fantasma,

aquele que conhecemos.

— Mas isso — disse MacPhee — parece uma forma muito indireta de dizer que há homens bons e maus por toda a parte.

— Não é uma maneira de dizer — respondeu Dimble. — Veja, MacPhee, se estiver a pensar simplesmente em bondade, em abstrato, depressa se chega à idéia fatal de uma coisa qualquer padronizada, algum tipo de vida comum, para o qual todas as nações têm de tender. É claro que existem regras universais de bondade com as quais toda a bondade deve conformar-se. Mas isso é apenas a gramática da virtude. Não é aí que está o buraco. Ele não faz duas folhas de erva iguais: muito menos dois santos, duas nações, dois anjos. Todo o trabalho de curar Tellus depende de se cuidar dessa pequena centelha, de encarnar esse fantasma, que está ainda vivo em toda as pessoas, e diferente em cada uma. Quando Logres realmente dominar a Grã-Bretanha, quando a deusa Razão, a clareza divina, estiver realmente no



trono na França, quando a ordem do Céu for realmente seguida na China, ah, então será Primavera. Mas, entretanto, a nossa preocupação é com Logres. Temos a Grã-Bretanha em baixo, mas quem sabe por quanto tempo a podemos manter em baixo. Edgestow não se recuperará do que acontecendo

esta noite. Mas haverá outras Edgestows.

— Queria perguntar a respeito de Edgestow

— disse a Mãe Dimble — Merlin e os eldils não estão a ser um tanto... bem, exagerados? Toda Edgestow merecia ser aniquilada?

— A quem está lamentando? — disse MacPhee. — Aos comerciantes da câmara municipal,

que teriam vendido as próprias mulheres e filhas para trazer o NICE para Edgestow?

— Bem, não sei muito acerca deles — disse

ela. — Mas na Universidade. Até em Bracton, mesmo. Todos nós sabíamos que era uma faculdade horrível, é claro. Mas eles realmente, com as suas pequenas intrigas barulhentas, queriam causar assim tanto mal? Não era mais tolo do que qualquer outra coisa?

— Pois é — disse MacPhee. — Estavam

apenas jogando. Gatinhos fingindo que eram tigres.

Mas havia por lá um tigre verdadeiro e a brincadeira deles acabou por deixá-lo entrar. Não têm motivo de queixa se, quando o caçador vai atrás do bicho, mandar uma chumbada nas tripas deles também.

Isso os ensinará a não andar com más companhias. — Bem, e então os assistentes das outras

faculdades. O que há quanto a Northumberland e Duke's?

— Eu sei — disse Denniston. — Uma pessoa

como Churchwood causa pena. Eu o conhecia bem, era um velho querido. Todas as suas lições eram dedicadas a demonstrar a impossibilidade da ética, embora na vida privada fosse capaz de andar dez milhas para não deixar por pagar uma dívida de um

penny. Mas mesmo assim... havia uma única doutrina praticada em Belbury

que não tivesse sido  
pregada por um conferencista qualquer em Edgestow? Oh, é claro que  
nunca pensaram que alguém  
atuasse com base nas suas teorias! Ninguém ficou  
mais atônito do que eles quando aquilo de que tinham estado falando  
durante anos subitamente  
tomou ares de realidade. Mas era o seu próprio filho  
que vinha ter com eles: crescido e irreconhecível,  
mas o seu próprio filho.

— Receio que tudo isto seja verdade, minha querida — disse Dimble. — A  
traição dos funcionários. Nenhum de nós está absolutamente ino-  
cente.

— Isso é tolice, Cecil — disse a Sra. Dimble. — Todos vós estão  
esquecendo — disse

Grace — que quase todos, exceto os muitos bons  
(que estavam prontos para ser despedidos) e os  
muito maus, já deixaram Edgestow. Concordo,  
porém, com Arthur. Aqueles que esqueceram Logres afundaram-se na Grã-  
Bretanha. Àqueles que  
chamam pela insensatez verificarão que ela vem. Nesse momento foi  
interrompida. Um ruído  
de arranhar e de gemer tornara-se audível à porta. — Abra a porta, Arthur  
— disse Ransom.

Um momento mais tarde, o grupo inteiro pôs-se de  
pé com gritos de boas-vindas, pois quem chegava  
era o Sr. Bultitude.

— Oh, eu nunca pensei — disse Ivy. — O  
pobrezinho! E todo cheio de neve, além de tudo.

Vou já levá-lo para baixo, para a cozinha, e arranjar-lhe alguma coisa para  
comer. Onde é que tens  
estado, meu malandro? Eh? Olha só para o estado  
em que estás.

## V

Pela terceira vez em dez minutos, o trem deu um violento solavanco e  
parou. Desta vez o choque apagou todas as lâmpadas.

— Isto está realmente um bocado ruim demais — disse uma voz na escuridão. Os outros quatro passageiros do compartimento de primeira classe reconheceram-na como pertencendo ao homem corpulento, bem criado, de traje castanho; o homem bem informado que em fases anteriores da viagem tinha dito às outras pessoas onde é que deviam trocar de trem e porque é que agora se chegava a Sterk sem passar através de Stratford e quem era na verdade que controlava a linha.

— Para mim isto é grave — disse a mesma voz. — A esta hora já deveria estar em Edgestow. — Pôs-se de pé, abriu a janela, e olhou fixamente para fora, para a escuridão. Por fim, um dos outros passageiros queixou-se do frio. Ele fechou a janela e sentou-se.

— Já estamos aqui há dez minutos — disse ele então.

— Desculpe. Doze — disse outro passageiro.

O passageiro continuava a não se mexer. O barulho de dois homens a questionar num compartimento vizinho tornou-se audível.

Depois seguiu-se outra vez o silêncio.

Subitamente, um choque atirou-os a todos ao chão, na escuridão. Era como se o trem, seguindo a toda a velocidade, tivesse sido parado de forma incompetente.

— Que diabo é isto? — disse um.

— Abram as portas.

— Houve uma colisão?

— Está tudo bem — disse o homem bem informado em voz alta e calma. Estão a pôr outra máquina. E a fazê-lo muito mal feito. São todos esses novos motorneiros que arranjam ultimamente.

— Olá! — disse alguém. — Estamos andando.

Devagar e resmungando, o trem começou a andar.

— Leva tempo para ganhar velocidade — disse alguém.

— Oh, vai ver que vai começar a compensar o tempo perdido, daqui a um minuto.

— O que eu queria era que acendessem outra vez as luzes — disse uma voz de mulher.

— Não estamos ganhando velocidade — disse uma outra.

— Estamos é diminuindo. Raios os partam! Iremos parar outra vez?

— Não. Continuamos a andar... Oh! — uma vez mais um choque violento atingiu-os. Era pior do que o anterior. Durante quase um minuto tudo parecia abanar e matraquear.

— Isto é afrontoso — exclamou o homem bem informado, abrindo mais uma vez a janela. Desta vez foi mais afortunado. Uma figura escura acenando com uma lanterna passava por debaixo do lugar onde ele estava.

— Ai! Carregador! Guarda! — bradou.

— Está tudo bem, damas e cavalheiros, está tudo bem, conservem os seus lugares — berrou a figura escura, continuando a andar e ignorando-o.

— Não se ganha nada em deixar entrar todo esse ar frio, senhor — disse o passageiro junto à janela.

— Há um outro tipo de luz lá à frente — disse o homem bem informado.

— Um sinal contra nós? — perguntou um outro.

— Não. Nada disso, nem um pouco. O céu todo está iluminado. Como um fogo ou como se fossem holofotes.

— Não me interessa com que é que se parece — disse o homem cheio de frio. — Se ao menos, oh!

Um outro choque. E depois, muito longe na escuridão, um ruído vago e desastrosos. O trem começou a andar outra vez, ainda lentamente, como se estivesse a apalpar o caminho.

— Vou fazer um grande barulho a respeito disto — disse o homem bem informado. — Isto é um escândalo.

— Cerca de meia hora mais tarde a plataforma iluminada de Sterk assomou ao lado do trem.

— Chamada do Serviço de Comunicações Pública — disse uma voz. — Por favor conservem-se nos seus lugares para um aviso importante. Um ligeiro tremor de terra e inundações tornaram impraticável a linha para Edgestow. Não há pormenores disponíveis. Aconselha-se aos passageiros para Edgestow...

O homem bem informado, que era Curry, saiu. Um homem como ele conhece sempre todos os funcionários de uma linha férrea, e em poucos minutos estava em pé junto ao lume no compartimento do cobrador de bilhetes recebendo um relatório suplementar e particular do desastre.

— Bem, não sabemos ainda exatamente, Sr. Curry — dizia o homem. — Há cerca de uma hora que não chega nada. É muito mau, sabe. Estão a mostrar a melhor cara que podem. Nunca houve um abalo de terra como este na Inglaterra, pelo que sei. E há também as inundações. Não, senhor, receio que não vá encontrar nada da Faculdade de Bracton. Toda essa parte da cidade desapareceu quase logo. Começou lá, entendo eu. Não sei que baixas vai haver. Estou satisfeito por ter tirado o meu velho de lá na semana

passada.

Em anos posteriores Curry sempre considerou este como um dos pontos de virada da sua vida. Até aí não fora um homem religioso. Mas a palavra que na altura instantaneamente lhe ocorrera ao espírito foi «providencial». Não se podia realmente olhar para aquilo de outra maneira. Tinha estado a um passo de apanhar o trem anterior, e se o tivesse... então seria agora um homem morto. Faz uma pessoa pensar. Toda a Faculdade liquidada! Teria de ser reconstruída. Ia haver um completo (ou quase completo) conjunto novo de assistentes, um novo diretor. Era providencial, outra vez, que alguma pessoa responsável tivesse sido poupada para tratar de uma tão tremenda crise. Não podia haver uma eleição comum, é claro. O visitador da Faculdade (que era o Lord Chancellor) teria provavelmente de nomear um novo diretor, e depois, em colaboração com ele, um núcleo de novos assistentes. Quanto mais pensava naquilo, mais completamente Curry compreendia que a configuração inteira da futura faculdade assentava no único sobrevivente. Via já na imaginação o retrato desse segundo fundador no átrio reconstruído, a sua estátua no quadrilátero, o comprido capítulo a ele consagrado na história da Faculdade. Durante todo este tempo, sem um mínimo de hipocrisia, o hábito e o instinto tinham dado aos seus ombros exatamente uma tal inclinação, aos seus olhos uma tal austeridade solene, à sua testa uma tal gravidade nobre, como um homem de bons sentimentos seria de esperar que exhibisse ao ouvir notícias assim. O cobrador sentia-se altamente edificado

— Podia se ver como lhe custava — como ele dizia depois. — Mas era capaz de agüentar. É um tipo fixe.

— Quando é o próximo trem para Londres? — perguntou Curry. — Tenho de estar na cidade às primeiras horas da manhã.

## VI

Ivy Maggs, como estamos lembrados, deixara a sala de jantar com o propósito de tratar do conforto do Sr. Bultitude. Por isso, todos ficaram surpreendidos quando ela voltou em menos de um minuto com uma expressão ansiosa no rosto.

— Oh, alguém venha depressa. Venha depressa! — arfou ela. — Está um urso na cozinha.

— Um urso, Ivy? — disse o diretor. — Mas, é claro...

— Oh, eu não quero dizer o Sr. Bultitude, senhor. Há um urso estranho, um outro.

— Realmente!

— E comeu tudo o que sobrou do ganso e metade do presunto e todo o requeijão e agora está estendido ao longo da mesa a comer tudo à medida que vai andando e deslocando-se de um prato para o outro e quebrando a louça de barro toda. Oh, venha depressa! Não vai sobrar nada.

— E que atitude está o Sr. Bultitude a tomar a respeito disso tudo, Ivy? — perguntou Ransom.

— Ora bem, era por isso que eu quero que alguém venha ver. Está a portar-se de uma maneira horrível, senhor. Nunca vi nada parecido. Primeiro de tudo tratou de se pôr em pé levantando as pernas de uma forma esquisita, como se pensasse que podia dançar, o que todos nós sabemos que não pode. Mas agora pôs-se de pé no armário da cozinha, nas patas traseiras e lá está assim de modos que a balançar-se para cima e para baixo, fazendo o barulho mais horroroso, parecido com grunhidos, e já pôs um pé em cima do pudim de ameixa e tem a cabeça toda metida na trança de cebolas e não sou capaz de fazer nada com ele, realmente não sou.

— Esse é um comportamento muito estranho para o Sr. Bultitude. Não pensa, minha querida, que o estrangeiro possa ser uma urso?

— Oh, não diga isso, senhor! — exclamou Ivy com extremo desânimo.

— Penso que é a verdade, Ivy. Suspeito fortemente que esta é a futura Sra. Bultitude.

— Será a atual Sra. Bultitude, se estivermos aqui sentados muito mais tempo a conversar — disse MacPhee, pondo-se de pé.

— Oh, meu Deus, que faremos? — disse Ivy.

— Tenho a certeza de que o Sr. Bultitude é perfeitamente capaz de fazer face à situação — [replicou o diretor. — Presentemente, a dama está a refrescar-se. Sine Cerere et Bacho<sup>7</sup>, Dimble. Podemos confiar neles para resolverem os seus próprios assuntos.](#)

— Sem dúvida, sem dúvida — disse MacPhee. — Mas não na nossa cozinha.

— Ivy, minha querida — disse Ransom. — Tem de ser muito firme. Vá à cozinha e diga à urso estranha que quero vê-la. Não tem medo, não é?

— Medo? Eu não. Eu vou mostrar-lhe quem é aqui o diretor. Não que para ela aquilo não seja apenas natural.

— Que se passa com essa gralha? — disse o Dr. Dimble.

— Penso que está tentando sair — disse Denniston. — Devo abrir a janela?  
— De qualquer forma está quente bastante para termos a janela aberta — disse o diretor. E assim que abriram a janela o Barão Corvo pulou lá para fora e houve uma rixa e um pairar do lado de fora.

— Outro caso de amor — disse a Sra. Dimble. — O som é de que o Jack encontrou uma Jill... Que noite deliciosa! — acrescentou. Pois, enquanto as cortinas inchavam e subiam sobre a janela aberta, toda a frescura de uma noite de meio do Verão parecia soprar para dentro da sala. Nesse momento, um pouco mais afastado, veio o som de relincho.

— Olá! — disse Denniston. — O velho macho também está excitado.

— Sh! Ouçam! — disse Jane.

— Esse é um cavalo diferente — disse Denniston.

— É um garanhão — disse Camilla.

— Isto — disse MacPhee, com grande ênfase, está a tornar-se indecente.

— Pelo contrário — disse Ransom —, decente, no sentido antigo, decens, adequado, é só o que isto é. A própria Vênus está sobre St. Anne's.

— Vem mais perto da Terra do que é costume — citou Dimble — para pôr os homens loucos.

— Ela está mais próxima do que nenhum astrônomo sabe — disse Ransom.

— O trabalho em Edgestow está feito, os outros deuses retiraram-se já. Ela espera imóvel e quando se retirar para a sua esfera, viajarei com ela.

Subitamente, na semi-escuridão, a voz da Sra. Dimble gritou, aguda: «Cuidado! Cuidado! Cecil! Desculpem. Não suporto morcegos. Vão meter-se no meu cabelo!», «chip, chip», faziam as vozes dos dois morcegos quando tremulavam para cá e para lá por cima das velas. Por causa das sombras pareciam ser quatro morcegos em vez de dois.

— É melhor ir, Margaret — disse o diretor. — Você e Cecil é melhor irem. Eu devo ir-me embora muito em breve. Não são necessárias longas despedidas.

— Penso que realmente tenho de ir — disse a Mãe Dimble. — Não consigo suportar morcegos.

— Conforte Margaret, Cecil — disse Ransom. — Não. Não fique. Não estou morrendo. Nos despedirmos das pessoas é sempre uma tolice. Não é nem boa alegria nem bom pesar.

— Quer que vamos embora, senhor? — disse Dimble.

— Vão, queridos amigos. Urendi Maleldil.

Pôs-lhes as mãos em cima da cabeça; Cecil deu o braço à mulher e foram-se

embora.

— Aqui está ela, senhor — disse Ivy Maggs, entrando de novo na sala um momento mais tarde, corada e radiante. Uma urso patinhava ao lado dela, o focinho branco de requeijão e as faces pegajosas de doce de groselha. — E ... oh, senhor — acrescentou.

— O que é, Ivy? — disse o diretor.

— Por favor, senhor, é o pobre do Tom. É meu marido. Esse não se importa...

— Espero que lhe tenha dado alguma coisa para comer e beber.

— Bem, sim, dei. Não haveria mais nada se esses ursos lá tivessem ficado muito mais tempo.

— Que é que coube ao Tom, Ivy?

— Dei-lhe a empada fria e os pickles (ele está sempre pronto para os pickles) e o resto do queijo e uma garrafa de cerveja preta e pus a chaleira ao lume para fazermos para nós, para ele fazer para ele uma boa xícara de chá. E ele está satisfeito com tudo, senhor, e disse se não se importava que ele não viesse aqui perguntar como estava, porque nunca foi grande coisa como companhia, se está a ver o que quero dizer.

Todo este tempo o urso estranho tinha estado perfeitamente imóvel com os olhos fixos no diretor. Então este pôs-lhe a mão na sua cabeça chata.

— Urendi Maleldil — disse ele. — És um urso bom. Vai ter com o teu companheiro, mas ele já aqui está. — Neste momento a porta que já estava meio aberta foi aberta para trás para admitir a cara interrogativa e levemente ansiosa do Sr. Bultitude. — Toma-a, Bultitude. Mas não cá em casa. Jane, abra a outra janela, a janela de sacada. É como se fosse uma noite de Julho. — A janela abriu-se de par em par e os dois ursos saíram a tropeçar, para o calor e umidade. Todos notaram como tudo se tornara iluminado.

— Estarão estes pássaros todos malucos, para se porem a cantar às 11 horas e quarenta e cinco? — perguntou MacPhee.

— Não — disse Ransom. — Estão no seu perfeito juízo. Agora, Ivy, queira ir falar com Tom. A Mãe Dimble os colocou no quarto pequeno, a meio da escada para cima, e não na cabana, afinal.

— Oh, senhor — disse Ivy e parou. O diretor inclinou-se para a frente e pôs-lhe a mão em cima da cabeça. — É claro que quer ir... — disse. — Pois quê, ele mal teve tempo de a ver no seu vestido novo. Não tem beijos a dar-lhe? — disse e beijou-a. — Então dê-lhe os meus, que não são meus senão



por procuração. Não chore. Você é uma boa mulher. Vá e cure esse homem. Urendi Maleldil, nos encontraremos outra vez.

— Que é todo este chiar e grunhir? — disse MacPhee. — Espero que os porcos não estejam à solta. Pois digo-lhe que já há tanta balbúrdia por esta casa e jardim quanto eu posso suportar.

— Creio que são ouriços — disse Grace Ironwood.

— Aquele último som era deveras aqui em casa — disse Jane.

— Ouçam! — disse o diretor, e por um breve intervalo de tempo todos ficaram imóveis. Então o rosto dele descontraíu-se num sorriso. — São os meus amigos atrás do armário — disse ele.

— Também por lá há folia...

<sup>7</sup> Em latim no texto

*Sogecht es in Snützepütz haüse Da singen und tanzen die Mäuse!*<sup>8</sup> Assim se vive na minha casinha querida Aí cantam e dançam os ratinhos

<sup>8</sup> Em alemão no texto (N.T.)

— Suponho — disse MacPhee secamente, extraindo a sua caixa de rapé debaixo da túnica cor de cinza e de aparência levemente monástica com a qual, contrariamente à sua opinião, os outros tinham achado apropriado vesti-lo. — Suponho que nos devemos achar cheios de sorte por nenhuma girafas, hipopótamos, elefantes ou coisa parecida tenham achado adequado... «Deus todo poderoso, o que é isto?» Pois enquanto falava, um tubo cinzento comprido e flexível tinha entrado por entre as cortinas que oscilavam e, passando por cima do ombro de MacPhee, tinha-se servido de um cacho de bananas. — Em nome do Inferno, de onde é que vêm todos estes bichos? — disse.

— São os prisioneiros libertos de Belbury — disse o diretor. — Ela vem para tornar a Terra sã de espírito. Perelandra está em toda a nossa volta e o homem já não está isolado. Estamos agora como devíamos estar, entre os anjos que são os nossos irmãos mais velhos e os bichos que são os nossos bufões, servos e companheiros de jogo.

Fosse o que fosse que MacPhee estivesse a tentar dizer em resposta, foi afogado por um barulho ensurdecador vindo do lado de lá da janela.

— Elefantes! Dois deles — disse Jane, em voz fraca. — Oh, o aipo, e os canteiros das rosas.

— Com sua licença, Sr. Diretor — disse MacPhee severamente. Vou fechar estas cortinas. Parece esquecer que há senhoras presentes.

— Não — disse Grace Ironwood numa voz tão forte como a dele. — Não

haverá nada de impróprio para qualquer pessoa ver. Abra-as para trás. Como está iluminado! Mais brilhante do que a luz da lua; quase mais brilhante do que o dia. Uma grande cúpula de luz ergue-se sobre o jardim todo. Olhem! Os elefantes estão a dançar. Como eles levantam as patas tão alto. E lá vão rodando e rodando. E oh, olhem!, como levantam as trombas. E como são cerimoniais. É como se fosse um minueto de gigantes. Não são como os outros animais. São uma espécie de demônios bons.

— Estão se afastando — disse Camilla.

— Serão tão discretos como amantes humanos — disse o diretor. — Não são bichos comuns.

— Penso — disse MacPhee — que vou lá para baixo para o meu gabinete lançar algumas contas. Me sentiria mais descansado de espírito se estivesse lá dentro e de porta fechada antes que alguns crocodilos e cangurus comecem a cortejar-se no meio dos meus arquivos. É melhor que haja um homem por aqui com a cabeça no lugar esta noite, pois o resto de vocês estão todos malucos. Boa noite, meus senhores.

— Adeus, MacPhee — disse Ransom.

— Não, não — disse MacPhee, chegando-se bem para trás, mas com a mão estendida. — Não vai pronunciar nenhuma das suas bênçãos a meu respeito. Se alguma vez me meter em religião, não será do seu tipo. O meu tio era moderador da assembléia geral das igrejas. Mas aqui está a minha mão. Aquilo que eu e você já vimos os dois... mas não interessa isso. E direi isto, Dr. Ransom, com todas as suas faltas (e não há homem algum vivo que as conheça melhor do que eu), é o melhor homem, considerando tudo, que eu jamais conheci ou de que ouvi falar. É... você e eu... mas há senhoras a chorar. Já não sei bem o que ia dizer. Vou-me embora neste instante. Por que uma pessoa havia de querer prolongá-lo? Deus o abençoe, Dr. Ransom. Senhoras, desejo-vos uma boa noite.

— Abram todas as janelas — disse Ransom. — O veículo no qual hei de seguir está agora quase dentro da atmosfera deste mundo.

— Está ficando mais brilhante a cada minuto — disse Denniston.

— Podemos estar consigo até próximo do fim? — disse Jane.

— Minha filha — disse o diretor — não vai ficar até essa altura.

— Porquê, senhor?

— Há quem esteja à sua espera.

— De mim, senhor?

— Sim. O seu marido está à sua espera na cabana. Foi a sua própria câmara

matrimonial que preparou. Não deveria ir ter com ele?

— Tenho de ir agora ?

— Se deixa a decisão para mim, é agora que eu a mandaria.

— Então irei, senhor. Mas... mas... sou uma urso ou um ouriço-fêmea?

— Mais. Mas não menos. Vá com obediência e encontrará amor. Não terá mais sonhos. Tenha filhos em vez disso. Urendi Maleldil.

## VII

Muito antes de chegar a St. Anne's, Mark viera a compreender que ele próprio ou então o mundo em redor estavam em condições muito estranhas. A viagem levou mais tempo do que esperava, mas isso era talvez inteiramente explicado por um ou dois enganos que cometera. Muito mais difícil de explicar era o horror do clarão a oeste, sobre Edgestow e as pulsações e os saltos da Terra. Então veio um súbito calor e torrentes de neve derretida a rolar pelas encostas abaixo. Tudo se tornou uma névoa, e então, quando desapareceu a luz a oeste, aquela névoa tornou-se suavemente luminosa num local diferente, por cima dele, como se a luz estivesse colocada em cima de St. Anne's. E durante o tempo todo, tinha a curiosa impressão que coisas de diversas formas e tamanhos estavam passando por ele na neblina; «animais», pensou ele. Talvez fosse tudo um sonho, ou talvez fosse o fim do mundo, ou talvez estivesse morto. Mas a despeito de todas as perplexidades, tinha a consciência de um extremo bem-estar. O seu espírito não estava descansado, mas quanto ao corpo: saúde e juventude e prazer e desejo pareciam soprar sobre ele vindos da luz enevoada sobre a colina. Nunca teve dúvidas de que tinha de continuar.

O seu espírito não estava à vontade. Sabia que ia encontrar-se com Jane, e algo estava a suceder-lhe que deveria ter sucedido muito mais cedo. Aquela mesma perspectiva de laboratório sobre o amor que tinha impedido em Jane a humildade de uma esposa, tinha igualmente impedido nele, durante o que passara por ser o namoro, a humildade de um amante. Ou, se alguma vez despertara nele, em algum momento mais sensato, o sentimento da «beleza demasiado rica para usar, cara demais para o mundo», ele tinha-o afastado. Teorias falsas, ao mesmo tempo prosaicas, tinham-no feito ver por ele como um estado de espírito não realista e ultrapassado. Agora, tardiamente, depois de terem sido concedidos todos os favores, a desconfiança inesperada estava a apossar-se dele. Tentou se desfazer dela.

Eram casados, não eram? E eram pessoas de bom senso, modernas? O que é que podia ser mais natural, mais comum?

Mas então, certos momentos de fracasso inesquecível, na sua curta vida de casados erguiam-se na sua imaginação. Tinha pensado bastante vezes naquilo a que chamava as «disposições de Jane». Desta vez finalmente pensava na sua própria desajeitada falta de oportunidade. E o pensamento não se afastava. Polegada a polegada, tudo que nele havia de rústico e de palhaço e de néscio se revelava à sua própria inspeção relutante; o camponês grosseiro, machão, de mãos calejadas e sapatos forrados e mandíbula carnuda, não arrojando-se violentamente, pois isso pode ser desviado, mas errando crassamente, vagueando, andando pesadamente onde os grandes amantes, cavaleiros e poetas teriam tido receio em passar com os pés por cima. Uma imagem da pele de Jane, tão macia, tão branca (ou assim ele a imaginava agora) que um beijo de criança podia marcá-la, flutuava na frente dele. Como é que se tinha atrevido? A sua música, a sua brancura, a sua santidade... o próprio estilo de todos os seus movimentos... como é que ele se tinha atrevido? E atrevido além disso sem qualquer sensação de atrevimento, desinteressadamente, numa estupidez descuidada! Os próprios pensamentos que lhe atravessavam o rosto de momento a momento, todos eles para além do seu alcance, levantavam (tivesse ele tido o engenho de a ver) em torno dela uma barreira tal que ele nunca devia ter sido a temeridade de passar. Sim, sim, é claro, fora ela que o autorizara a passá-la: talvez por caridade mal afortunada e equivocada. E ele aproveitara miseravelmente esse erro nobre no julgamento dela; tinha-se comportado como se fosse oriundo desse jardim gradeado e mesmo o seu possuidor natural.

Tudo isto, que devia ter sido uma alegria inquieta, era um tormento para ele, pois chegara demasiado tarde. Estava a descobrir a sebe depois de ter colhido a rosa, e não apenas colhido mas feito em pedaços e machucado com dedos quentes, grossos como polegares e vorazes. Como é que se tinha atrevido. E quem compreendesse podia perdoá-lo? Sabia agora como é que devia parecer aos olhos dos seus amigos e iguais. Ao ver essa imagem, sentiu a testa quente, ali sozinho no meio da névoa.

A palavra «dama» nunca fizera parte do seu vocabulário, salvo como formalidade ou por troça. Tinha-se rido cedo demais.

Bem, a libertaria. Ela ficaria satisfeita de se ver livre dele. E com toda a razão. Ficaria quase chocado acreditar agora que não fosse assim. Damas

em uma sala qualquer nobre e espaçosa, percorrendo juntas calmamente e de forma senhoril, quer com esquisita gravidade quer com riso de prata, como é que elas não haviam de ficar satisfeitas quando o intruso se fosse embora, a criatura de voz alta e língua atada, todo botas e mãos, cujo verdadeiro lugar era no estábulo. Que havia ele de fazer numa sala assim, onde mesmo a sua admiração podia ser somente um insulto, as suas melhores tentativas para ser sério ou alegre podiam apenas revelar inultrapassável incompreensão? Aquilo a que ele tinha chamado a frieza dela parecia agora ser a sua paciência. Cujas memórias o queimava. Porque agora amava-a. Mas estava tudo estragado: era demasiado tarde para recompor as coisas.

Subitamente, a luz difusa intensificou-se e brilhou. Olhou para cima e deu por uma grande dama de pé na soleira da porta num muro. Não era Jane, não se parecia com Jane. Era maior, quase gigantesca. Não era humana, embora fosse parecida com uma mulher divinamente alta, em parte nua, em parte enrolada numa túnica cor de chama. A luz vinha daí. «O rosto era enigmático, implacável», pensou, «belo de uma forma não humana.» Estava a abrir-lhe a porta para ele entrar. Não se atreveu a desobedecer («Seguramente», pensou «devo ter morrido»), e entrou: encontrou-se num lugar qualquer de aromas suaves e lume brilhante, com comida, vinho e uma cama rica.

## VIII

E Jane saiu da casa grande, com o beijo do diretor nos lábios e as suas palavras nos ouvidos, para dentro da noite líquida e do calor sobrenatural do jardim e, através do relvado úmido (havia pássaros por toda a parte), passando o balouço, e a estufa e as pocilgas, sempre a descer, até à cabana, descendo a escada da humildade. Primeiro pensou no diretor, depois pensou em Maleldil. Depois pensou na sua obediência e pôr um pé à frente do outro tornou-se numa espécie de cerimônia sacrificial. E pensou em filhos e em dor e na morte. E agora estava a meio caminho para a cabana e pensou em Mark e em todos os seus sofrimentos. Quando estava à porta, com a mão na fechadura, um novo pensamento lhe veio à idéia. E se Mark não a quisesse, não naquela noite, nem daquela maneira, nem em qualquer altura, nem de qualquer maneira? E se Mark afinal não estivesse ali? Um grande vazio, de alívio ou de desapontamento, ninguém podia dizer, fez-se no seu espírito

devido a este pensamento. Ainda não movera a fechadura. Então notou que a janela, a janela do quarto, estava aberta. Roupas estavam empilhadas em cima de uma cadeira dentro do quarto, com tanta falta de cuidado que se estendiam pelo peitoril; a manga de uma camisa, da camisa de Mark, estava pendente sobre a parede exterior. E além do mais, tudo úmido. Era exatamente próprio de Mark! Obviamente, eram muito boas horas de ela entrar.

